



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**IVANDRO PINTO DE MENEZES**

**“O MAL ESTÁ NO LADO DE LÁ”:  
SACRALIZAÇÃO DO POLÍTICO E CALVINISMO NO BRASIL**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**MARÇO/2022**

**IVANDRO PINTO DE MENEZES**

**“O MAL ESTÁ NO LADO DE LÁ”:  
SACRALIZAÇÃO DO POLÍTICO E CALVINISMO NO BRASIL**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG – Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de título de doutor em Ciências Sociais.

**Área de concentração:** Sociologia.  
**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento, Ruralidades e Políticas Públicas.

**Orientador:** Prof. Dr. Luís Henrique Cunha

**CAMPINA GRANDE-PB**

**MARÇO/2022**

**IVANDRO PINTO DE MENEZES**

**“O MAL ESTÁ NO LADO DE LÁ”:  
SACRALIZAÇÃO DO POLÍTICO E CALVINISMO NO BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luís Henrique Cunha (Orientador)  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Profa. Dra. Mércia Rangel Batista (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Campina Grande

---

Profa. Dra. Maria Lucia Abaurre Gnerre (Examinadora Externa)  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof. Dr. José Gabriel Silveira Corrêa (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Campina Grande



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

## REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE DOUTOR EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM 16 DE  
MARÇO DE 2022

CANDIDATO: **Ivandro Pinto de Menezes**. COMISSÃO EXAMINADORA: Luis Henrique Hermínio Cunha, Doutor, PPGCS/UFCG, Presidente da Comissão e Orientador; Lemuel Dourado Guerra Sobrinho, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador Interno; Mércia Rejane Rangel Batista, Doutora, PPGCS/UFCG, Examinadora Interna; Maria Lucia Abaurre Gnerre, Doutora, PPGCR/UFPB, Examinadora Externa; José Gabriel Silveira Corrêa, Doutor, UACS/UFCG, Examinador Externo. TÍTULO DA TESE: *"O MAL ESTÁ NO LADO DE LÁ': sacralização do político e calvinismo no Brasil"*. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia. HORA DE INÍCIO: 14h00 – LOCAL: **Sala Virtual (Google Meet), em virtude da suspensão de atividades na UFCG decorrente do corona vírus**. Em sessão pública, após exposição de cerca de 45 minutos, o candidato foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua tese, obtendo conceito APROVADO. Face à aprovação, declara o presidente da Comissão achar-se o examinado legalmente habilitado a receber o Grau de Doutor em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que o mesmo faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, RINALDO RODRIGUES DA SILVA, e os membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 16 de março de 2022.

### Recomendações:

RINALDO RODRIGUES DA SILVA

Secretário

LUIS HENRIQUE HERMÍNIO CUNHA, Doutor, PPGCS/UFCG

Presidente da Comissão e Orientador

LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO, Doutor, PPGCS/UFCG

Examinador Interno

MÉRCIA REJANE RANGEL BATISTA, Doutora, PPGCS/UFCG  
Examinadora Interna

MARIA LUCIA ABAURRE GNERRE, Doutora, PPGCR/UFPB  
Examinadora Externa

JOSÉ GABRIEL SILVEIRA CORRÊA, Doutor, UACS/UFCG  
Examinador Externo

IVANDRO PINTO DE MENEZES  
Candidato

## 2 - APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa de Tese de Doutorado do candidato **IVANDRO PINTO DE MENEZES**, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.

2.2. No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da tese e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **LUIS HENRIQUE HERMINIO CUNHA, PROFESSOR**, em 16/03/2022, às 17:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RINALDO RODRIGUES DA SILVA, SECRETÁRIO (A)**, em 16/03/2022, às 17:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Lucia Abaurre Gnerre, Usuário Externo**, em 16/03/2022, às 18:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivandro Pinto de Menezes, Usuário Externo**, em 17/03/2022, às 10:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/03/2022, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSE GABRIEL SILVEIRA CORREA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 17/03/2022, às 18:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **MERCIA REJANE RANGEL BATISTA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 18/03/2022, às 11:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **2176967** e o código CRC **EFBE1840**.

---

Aos meus pais (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG, por ter possibilitado ganhos de conhecimento e oferecido oportunidades de crescimento profissional.

Ao meu orientador, prof. Luís Henrique Cunha, pela inspiração, pela confiança e por ter me incentivado nos meus momentos de maior aflição e dificuldade.

Aos professores do PPGCS/UFCG, pelas contribuições e trocas durante todo o percurso.

À banca de qualificação, profa. Mércia Rangel Batista e prof. Lemuel Dourado Guerra, que além dos apontamentos feitos, me acolheram em minhas incertezas e trouxeram-me segurança e clareza.

À Universidade do Estado da Bahia, pelo suporte e apoio à qualificação docente. Especialmente ao *Campus VIII*, em Paulo Afonso, a quem lembro pelo nome da diretora Suzana Menezes.

Às pessoas com quem pude conviver no doutorado.

À Secretaria da PPGCS, que me ajudou sempre que solicitado.

Aos meus colegas da UNEB, que me deram apoio quando preciso. Especialmente aos meus amigos, Marcelo Pinto, Marcelo Urani e Ricardo Xavier.

Ao meu querido amigo, Mikelli Lucas, pelo estímulo, encorajamento e por me estender a mão num de meus momentos mais difíceis.

À Dona Renata, pelo imensurável carinho com que me recebeu e auxiliou.

Ao querido casal, Müller e Thaíze, por fazer de seu lar uma extensão do meu.

Ao meu amigo, Carlos Henrique Limeira, pelos muitos quilômetros de conversas, risadas, cansaços e lágrimas. Feliz quem busca um amigo e encontra um irmão.

A Nathan Matos, pelo incentivo e amizade.

A João Matias, pelas conversas, trocas e incentivo.

Aos meus irmãos e irmãs, em especial, na pessoa de Irlane. Amo saber que você está sempre comigo.

A Davi, Maria e Mel, com um pedido de desculpa por tantas horas de ausência.

À minha companheira, Lenice, que me deu apoio e suporte absoluto, que caminhou comigo, segurou sempre em minha mão, chorou e sorriu comigo, e fez e faz parte dessa conquista.



*Escrever: um ato estranho. Quando olhei para a frase que havia acabado de colocar no papel, senti vertigem. Onde estou agora? Entrei em minha história e desapareci nela. Para voltar, afastei meu olhar do manuscrito e deixei-o focar na janela até que eu finalmente estivesse de volta ao aqui e agora. Mas onde é o aqui? E quando é o agora?*

Yoko Tawada

*All your sad and lost apostles  
Hum my name and flare their nostrils  
Choking on the bones you toss to them  
Well, I'm not one to sit and spin  
'Cause living well's the best revenge  
Baby, I am calling you on that*

R.E.M.



## RESUMO

O calvinismo é conhecido como uma orientação teológica centrada na soberania divina, que governa e submete, por meio de predestinação os atos e rumos da vida humana. As primeiras décadas do presente século tem observado a sua expansão. A ressurgência calvinista caracteriza-se pelos deslocamentos internos, uma espécie de conversão ao calvinismo, pelo amplo uso das mídias digitais para comunicação de suas ideias e ideologias, e por sua adesão ao conservadorismo. Nesse sentido, tem se verificado uma mudança na identidade cristã, anteriormente demarcada por aspectos eminentemente religiosos, e agora cada vez mais por elementos políticos, exógenos a fé. A partir dos aportes teóricos e metodológicos da Sociologia Cultural, investigou-se esses elementos e oposições narrativas na formação de comunidades morais limitadas pela sacralização do político. Assim, os cristãos calvinistas passam a se dividir em verdadeiro e falso cristão, sendo considerado verdadeiro aquele que aderiu politicamente à direita e ao conservadorismo, opondo-se ao mal representado pela esquerda, entendida como sinônimo de comunismo, antibíblica e progressista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Calvinismo; Sacralização do político; Evangelicalismo; Sociologia Cultural.

## **ABSTRACT**

Calvinism is known as a theological orientation centered on human life, which governs and submits, means of predestination of the acts and rumors of life. The first decades of the present century has observed its expansion. The Calvinist resurgence is characterized by internal displacements, a kind of conversion to calism, by the widespread use of digital media to communicate their ideas and ideologies, and their adherence to conservatism. In this sense, there has been a change in Christian identity, previously demarcated by relevant religious elements, and now increasingly political elements, exogenous to faith. From the theoretical and methodological contributions of Cultural Sociology, these elements and the narratives in the formation of moral communities limited by the sacralization of the political were investigated. Thus, Calvinists will divide into true and Christian, being considered true who adhered politically and to the right, opposing themselves badly by the left, opposing themselves as being of bad communism by the left, understood as the opposite of true and conservative conservative.

**KEYWORDS:** Calvinism; Sacralization of the political; Evangelicalism; Cultural Sociology.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 SOBRE A SOCIOLOGIA CULTURAL .....	5
1.1.1 O Programa Forte da Sociologia Cultural.....	7
1.2 METODOLOGIA E ESTRUTURA DA TESE .....	22
<b>2 RESSURGÊNCIA CALVINISTA</b> .....	25
<b>3 EVANGELICALISMO, CRISE E BELIGERÂNCIA</b> .....	47
<b>4 “HÁ UM PROBLEMA COM O SEU CRISTIANISMO”</b> .....	89
4.1 FILIAÇÃO FORMAL E FILIAÇÃO SIMBÓLICA .....	90
4.2 UM CRISTÃO PODE SER DE ESQUERDA? .....	103
<b>5 O DIABO É COMUNISTA</b> .....	111
5.1 ONDE HÁ DIABO HÁ SISTEMA.....	114
5.2 O QUE HÁ NO MUNDO NÃO VEM DE DEUS .....	119
5.2.1 O temor a Deus é o princípio da sabedoria.....	119
5.2.2 O conservadorismo é o Evangelho .....	129
5.2.3 Aborto é do diabo.....	137
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	143
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	150
<b>Sociologia Cultural</b> .....	150
<b>Fontes gerais</b> .....	151
<b>Artigos publicados em <i>blogs</i>, portais e jornais</b> .....	156
<b>Vídeos</b> .....	158

## 1 INTRODUÇÃO

*“Os homens e mulheres que estão aqui são do bem. A turma do mal está do lado de lá.”*

Onyx Lorenzoni

Os *evangélicos* têm se consolidado como uma força política relevante nos últimos anos no Brasil. Além do crescimento numérico, segundo Pesquisa Datafolha, representam 31% da população brasileira, o poder de articulação e agregação das novas mídias possibilitou disseminar de modo mais efetivo seus alinhamentos e promover, em certo sentido, mobilizações. Não obstante, a presença crescente, desde os anos 1990, nos meios de comunicação tradicionais (rádio e TV), a inserção da cultura gospel em outras esferas sociais, a ocupação, cada vez mais influente, em cargos públicos e políticos revelam um avanço, em movimento centrífugo, isto é, de dentro para fora do templo; do privado ao público; da moralidade íntima à moralização legiferante, por meio de processos de normatização jurídica, quer por via da criação de leis com conteúdo moral e cristão, quer por meio da adoção de políticas contrárias aos direitos e demandas sociais de grupos identificados como contrário a esses valores ou alçados à condição de inimigos, e; se movendo em direção à vida pública e política brasileira (FRESTON, 2006; ALMEIDA, 2019; BALOUSSIER, 2020; NICOLAU, 2020).

A associação entre evangélicos e a política não é recente. Segundo o último Censo realizado pelo IBGE, no ano de 2010, os evangélicos apresentaram um crescimento de 61,45% em apenas dez anos. Em 2000, os evangélicos correspondiam a apenas 15,4% da população brasileira, perfazendo um número aproximado de 26,2 milhões de pessoas que se declararam evangélicos. Em 2010, o número passou a ser 42,3 milhões, um total de 22,2% dos brasileiros. Um crescimento expressivo, principalmente, se comparado com os números de 1991, quando o percentual de evangélicos era de apenas 9% dos brasileiros, ou ainda, com os dados de 1980, com apenas 6,6% da população brasileira. Estima-se que em pouco mais de uma década, os evangélicos cheguem a ultrapassar em número os católicos no Brasil, totalizando 39,8% contra 38,6% de católicos (ALVES et. al., 2018).

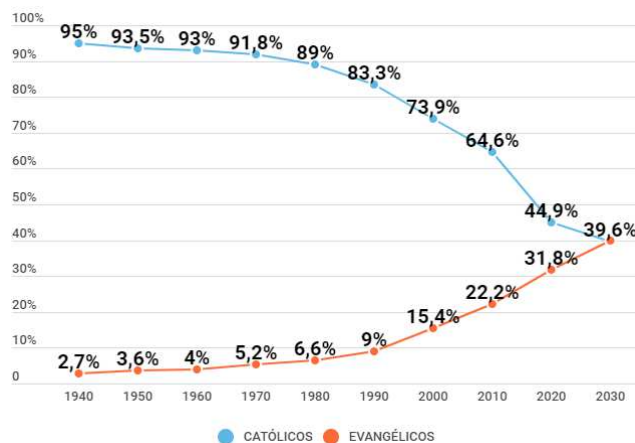


Gráfico 01. O avanço evangélico no Brasil. Fonte: ALVES et. al., 2018.

Há uma transição em curso que aponta para profundas transformações no campo religioso. É certo inferir que nas últimas três décadas a importância dos evangélicos e sua aproximação do campo político são crescentes e demasiado estratégica para a obtenção de votos, tendo sido decisivo para as eleições presidenciais de 2018, e a consequente vitória de Jair Messias Bolsonaro (ALVES, 2018), como demonstra a tabela:

TABELA I – Distribuição do eleitorado por tipo de religião, com correção dos dados do DataFolha

Religião	Votos de Bolsonaro	Votos de Haddad	Diferença
Católica	29.795.232	29.630.786	164.446
Evangélica	<b>21.595.284</b>	<b>10.042.504</b>	<b>11.552.780</b>
Afro-brasileiras	312.975	755.887	- 442.912
Espírita	1.721.363	1.457.783	263.580
Outra religião	709.410	345.549	363.862
Sem religião	3.286.239	4.157.381	-871.142
Ateu e agnóstico	375.570	691.097	-315.527
Total de votos	57.796.074	47.080.987	10.715.087

Fonte: Pesquisa DataFolha divulgada em 25 de outubro de 2018.

Frise-se que o primeiro ato de campanha de Bolsonaro foi o seu batismo no Rio Jordão, em Israel, pelo Pastor Everaldo, à época, presidente do PSC, ao qual Bolsonaro havia se filiado pouco tempo antes (CUNHA, 2019; OUALALOU, 2019). Esse aceno ao eleitorado evangélico, a chave cristã que passou a utilizar na defesa de pautas morais e no jargão de campanha, que atribuía ser inspirado na Bíblia, a performance virulenta e “espontânea” com que defendia esses pontos, bem como a

sua aproximação a líderes evangélicos influentes, em especial, no pentecostalismo e neopentecostalismo, a exemplo de Silas Malafaia e Edir Macedo, são aspectos importantes para a sua aproximação desse eleitorado.

Em eleições anteriores, o apoio político dado por clérigos brasileiros católicos e evangélicos era caracterizado pela *pulverização* em relação aos candidatos. Por exemplo, nas eleições presidenciais de 2010 e 2014, os evangélicos dividiram-se entre os candidatos, em especial, José Serra, Dilma Rousseff e Marina Silva, em 2010, e; em Marina Silva, Dilma Rousseff, Pastor Everaldo, Aécio Neves e outros, nas eleições de 2014 (AMES *et. al.*, 2016). Os dados apontam para a ausência de tendência à centralização. Os votos oscilam entre o que concebem como esquerda e direita.

As eleições de 2018 apresentaram uma mudança, ao passar da *pulverização* ao *consenso*, por meio de amplo apoio político ao candidato Jair Messias Bolsonaro por parte de líderes evangélicos (NICOLAU, 2020), perfazendo um total de 40% (quarenta por cento), contra 20% entre clérigos da Igreja Católica – e pouco mais de 10% entre não religiosos e outras religiões, cada (SMITH, 2020). Esse índice se torna ainda mais evidente quando comparado ao das eleições presidenciais de 2010, quando apenas 5,3% dos pastores evangélicos apoiaram Dilma Rousseff, e ao de 2014, quando o candidato com maior apoio entre os pastores evangélicos, Aécio Neves, obteve apenas 5,9% de apoio contra 5,1% para Dilma Rousseff (AMES *et. al.*, 2016). O voto evangélico, no segundo turno das eleições presidenciais de 2018, conforme pesquisa Datafolha, foi de 70% para Bolsonaro, apontando uma diferença de quarenta pontos percentuais – entre os eleitores católicos essa diferença foi de apenas sete pontos (MARIANO; GERARDI, 2019).

Além do *voto de rebanho*, outro fator pode explicar esse apoio maciço a adesão evangélica é a chamada *onda conservadora* (ALMEIDA, 2017). Segundo Alonso (2019), esse movimento tem por ponto de partida as manifestações públicas de 2011<sup>1</sup>, adquirindo maior grau de organização e mobilização.

---

<sup>1</sup> O texto faz referência a *Marcha contra a Corrupção*, que ocorreu em 07 de setembro de 2011 em algumas cidades brasileiras, como Brasília, Recife, São Paulo e Aparecida. As manifestações contaram com o apoio de entidades como a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), e de um grupo de servidores da UNB, em São Paulo. As manifestações tiveram por alvo deputados e políticos envolvidos nos processos do Mensalão. Apesar desse apoio e de contar com discursos como o do presidente da OAB, à época, caracterizou-se por não ter liderança ou pautas definidas, variando de acordo com cada lugar e com o perfil de participantes, que iam desde crianças, passando por jovens, adultos e idosos. Outras manifestações de mesma natureza ocorreram



A onda conservadora pode ser entendida como um movimento de pressão e revolta das classes médias diante das políticas sociais de empoderamento dos mais vulneráveis, em especial, entre aqueles que não se viram alcançados por políticas sociais e ações afirmativas, assentadas em critérios como cor da pele, gênero, sexualidade etc. (KURLANTZICK, 2016; HOCHSCHILD, 2016; ALMEIDA, 2017; ALMEIDA, 2019). Tais articulações fizeram convergir diferentes atores e interesses, que se alinharam a grupos e partidos identificados como de direita, que se concentraram, em 2018, no *bolsonarismo* (BARREIRA, 2017; ALMEIDA, 2019).

A adesão evangélica a pautas associadas à direita e extrema-direita não surgiu em 2018, tampouco em 2013, como se poderia supor, sem dúvida, encontrou na ascensão do conservadorismo e no bolsonarismo um meio de expressão e de manifestação pública de suas posições. Porém, tal adesão é mera adesão a uma ideologia ou partido político? É possível compreender a adesão evangélica como fenômeno meramente político?

Penso que não se pode reduzi-la a posição ideológico-partidário ou econômica. Político e sagrado parecem convergir. Aliás, convergir talvez não seja a palavra exata para descrever um processo de sacralização do político dentro do campo religioso/evangélico. Se o posicionamento e ideologia política parecia não importar para a construção da identidade evangélica, pondo-se em polos distintos, a partir do processo de sacralização do político, passa a ser para se aferir quem é e quem não é cristão. O político não deixou de ser político, mas se tornou sagrado, passou a incorporar os elementos culturais da sociabilidade evangélica para delimitar moralmente o verdadeiro e o falso cristão, identificar o desviante e confirmar a sobreposição do vínculo simbólico sobre o institucional/formal, como se demonstrará adiante. Desse modo, busco identificar, descrever e interpretar aspectos desse fenômeno de sacralização do político ocorrido entre os evangélicos, com ênfase entre os calvinistas e/ou reformados, em especial, a partir da ressurgência calvinista.

Por ressurgência calvinista entende-se o movimento de expansão experimentado pelo calvinismo em diversos países. Apesar de não haver consenso quanto ao nome, é certo que essas primeiras décadas do século XXI tem testemunhado o avanço do calvinismo na esfera religiosa, mais precisamente, a do

---

em 2012, e culminam com as de 2013. A esse respeito: BRAGA *et. al.* **Manifestantes participam da Marcha contra a Corrupção**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/manifestantes-participam-da-marcha-contracorrupcao-2702393>. Acesso em: 17 fev. 2022.

evangelicalismo. Esse fenômeno se caracteriza pela adesão – ou conversão – ao calvinismo de jovens vindo de outras denominações – como no caso brasileiro, do pentecostalismo e neopentecostalismo –, pelo amplo uso das mídias digitais e por ser conservador (HANSEN, 2009; VERMORLEN, 2020; PEIXOTO, 2021).

Para tanto, lancei mão dos aportes teóricos e metodológicos fornecidos pela Sociologia Cultural, vez que tal abordagem permite transpor aspectos meramente ideológicos dos campos político e religioso, que explicam apenas parcialmente o fenômeno, para adentrar em dinâmicas culturais e de significação que conduzem a ação social dos referidos atores. No mais, fornece conceitos e ferramentas metodológicas que melhor se apropriam e permitem a defesa da tese aqui esboçada de que não se trata de um fenômeno político, não no sentido comum, mas do âmbito do sagrado.

### 1.1 SOBRE A SOCIOLOGIA CULTURAL

A sociologia cultural resulta de um projeto de reflexão, no âmbito teórico, que visa resolver de forma inovadora o embate entre posições centradas na ação ou na ordem social, por um lado, e nas abordagens micro ou macrosociais, por outro (BOTELLO, 2020). Para tanto, considera a cultura como relativamente autônoma em relação às demais esferas da vida social, tais como a economia, política e estrutura social, tendo, ainda, efeitos sobre estas. Nesse sentido, opõe-se à sociologia da cultura, e seu programa fraco, que a sujeita invariavelmente às estruturas sociais, isto é, totalmente dependente deles. Desse modo, consiste num produto da atuação de forças econômicas, políticas, ideológicas sobre a realidade.

Ressalte-se que não se está a tratar do conceito de cultura esboçado por Tylor ([1871], 2016), qual a compreende como “aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. Esse conceito, para além da vagueza, afasta qualquer possibilidade de variedade cultural dentro de um mesmo grupo ou sociedade, haja vista que subentende que cada sociedade tem uma cultura própria, pressupondo “que o limite físico ou institucional naturalmente corresponde ao limite cultural” (SHIMIZU, 2015, p. 9).

A sociologia cultural compreende cultura como o sistema de representação coletiva que serve como base das ações sociais, o que permite ao pesquisador explorar como a cultura enquanto estrutura de significado é estruturada e intervém na

formação da ação social (ALEXANDER, 2004). Desse modo, a cultura fornece a base de compreensão do ator, “que possui agência e atua dentro de constrangimentos culturais bem como extraculturais” (SHIMIZU, 2015, p. 9)<sup>2</sup>. Portanto, um entrelaçamento de significados “que só podem ser buscados na ação social, esta última entendida como todo comportamento dotado de significado intersubjetivo, e no contexto em que ela ocorre” (TALAMONI, 2014, p. 55), implicando, por conseguinte, em sua compreensão.

Tem-se a superação de um conceito de cultura enquanto totalidade por outro de cultura enquanto estrutura simbólica de significado que intervém na formação da ação social. Assim, concebe-se cultura como assentamentos estruturados de significados que conformam um horizonte emotivo e significativo, no qual emerge a ação, que, independentemente de seu caráter instrumental, reflexivo ou coercitivo, em relação aos ambientes externos, materializa-se nesse tipo de horizonte (ALEXANDER, 2003).

Em mesmo sentido, as instituições, quer de caráter impessoal ou tecnocrático, têm fundamentos ideais que compõem sua organização, objetivos e legitimidade (ALEXANDER e SMITH, 2000; ALEXANDER, 2003).

Para se abordar o real, em termos de que “se encontra o que lá está”, faz-se necessária a sua reconstrução hermenêutica, ou seja, só se chega ao real por meio de proposições filosóficas, de teorias formuladas e aptas a produzir um quadro, um contexto, que seja passível de ser mensurado e compreendido. De modo que se trata de reconstruir a realidade de acordo com as ideias teóricas disponíveis, ou seja, qualquer tentativa de acessar o real será feita por meio de alguma teoria que lhe atribua significado (ALEXANDER, 2019b).

Essa nova abordagem sobre as ações sociais pressupõe a existência de um elemento simbólico, cultural ou moral, que atribui a dimensão de cada ação, de cada organização, seja econômica ou religiosa, se fazendo necessária uma abordagem analítica da cultura, pois nada existe sem significado, este, por sua vez, compreendido

---

<sup>2</sup> Esse conceito dialoga com o conceito de cultura de Geertz (2017, s. p.), no qual cultura “[...] denota um padrão historicamente transmitido de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas que são expressas em formas simbólicas por meio do qual homens comunicam, perpetuam e desenvolvem suas compreensões e atitudes em relação à vida”. Elaborado a partir de Weber, concebe a cultura enquanto a teia de significados criada pelos homens e na qual se encontram envolvidos, refutando a ideia de uma forma ideal de homem, decorrente do Iluminismo e presente na Antropologia Clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, visando resolver o paradoxo de uma imensa variedade cultural em contraste a unidade da espécie humana.

como uma dimensão da vida social, e, portanto, passível de análise sociológica, vez que nada existe sem significado (ALEXANDER, 2004; 2019b).

O estudo da *sociologia da cultura* se concentra em certas variáveis – ideologia, classe social, economia, dentre outras – da vida social que podem explicar a cultura. Nesse sentido, os significados resultam da estrutura e da superestrutura e são por elas determinados. Em sentido contrário, a proposta da *sociologia cultural* não a compreende como algo a ser explicado, mas como chave hermenêutica para explicar as ações sociais. É sob essa perspectiva analítica da cultura que descansa o *programa forte* da sociologia cultural.

A contribuição de Jeffrey Alexander para a teoria social contemporânea, em especial, pelo fato de não reconhecer a divisão entre ciências sociais e humanidades, propondo, por meio do programa forte da sociologia cultural, a concepção dos fatos sociais não como coisas, como afirmou Durkheim (2007), mas como textos, cuja análise considera “como os significados culturais se enraízam socialmente e estruturam a vida social” (BOTELHO, 2018, p. 7). Por isso, a melhor forma de análise de dados se dá por meio de método interpretativo, no qual o intérprete reconstrói a partir dos contextos os elementos imperceptíveis para os atores.

### 1.1.1 O Programa Forte da Sociologia Cultural

A noção clássica de um programa forte para ciência considera que as ideias científicas “são convenções tanto quanto invenções, reflexões de processos coletivos e sociais de produção de significados, em vez de um espelho da natureza” (ALEXANDER; SMITH, 2010, p. 4). A ciência é compreendida como uma representação coletiva, um jogo linguístico que reflete um padrão anterior de atividade sensorial. Portanto, o programa forte sugere separar o conteúdo cognitivo da determinação natural (ALEXANDER, 2003). O mesmo deve ser aplicado ao estudo sociológico da cultura, propondo um corte radical entre a cultura e a estrutura social, o que resultaria em autonomia relativa daquela em relação a esta.

O programa forte da sociologia cultural se constitui num ambicioso programa de pesquisa, que lança mão de um conjunto de *recursos transponíveis* (*translating resources*), ou seja, emprega modelos, métodos e ferramentas conceituais que tomadas separada ou conjuntamente possibilitam interpretar e explicar o mundo social (ALEXANDER; SMITH, 2010). Trata-se de um esforço coletivo para a criação de uma nova e diferente compreensão da vida social, no qual cada autor, em seus estudos

individuais, dedica-se a suas expertises, mas se comprometem com um esforço coletivo (JACOBS, 2019).

A ambição tão radical pode ser vista nos programas de Bourdieu, Foucault e da Escola de Birmingham, bem como na teoria do ritual de interação de Randall Collins. Assim, não desenvolve um campo específico, mas abrange a sociologia como um todo (ALEXANDER; SMITH, 2010).

Mesmo diante do panorama da modernidade, que teria expurgado da vida social os elementos percebidos como não racionais, a sociologia cultural defende que continua profundamente “significativa” (*meaningful*), envolta em sentimentos sobre o sagrado, o bom e o mal, além de difusamente simbólica, teatral, e frequentemente, ritualística – e, mais recentemente, performática. Assim, narrativas, performances, trauma cultural, ícones, dramas sociais, dentre outras, são ferramentas incorporadas pelo programa forte da sociologia cultural num esforço para o deslocar o *significado* da periferia para o centro da análise social.

Seu objetivo é compreender como a sociedade funciona e chega a determinados resultados. Para tanto, lança mão de diversas teorias sobre a cultura que considerem úteis. Incorpora, dentre outros, elementos da sociologia clássica de Durkheim e Weber; da linguística de Saussure e Jakobson; da teoria literária de Northrop Frye, Peter Brooks e do formalismo russo; a teoria dramaturgic de Goffman e Schechner; a hermenêutica de Dilthey e Geertz; a antropologia de Turner e Douglas; a semiótica de Barthes e Lévi-Strauss (ALEXANDER; SMITH, 2010; JACOBS, 2019; WEISS, 2019). Essa característica “onívora e promíscua” do programa forte da sociologia cultural permite-lhe adaptar-se e evoluir (ALEXANDER; SMITH, 2010).

Vanderbergue (2018) faz um apanhado interessante do desenvolvimento do programa forte da sociologia cultural. Dividindo-o em *quatro campos de força temáticos* – prefere esta expressão por entender inadequada fases temporais, pois percebe uma continuidade no trabalho teórico da sociologia cultural<sup>3</sup>.

O primeiro destes campos de força temáticos, datado da década de 1970, é o da teoria social e metateoria, que é teórico, interpretativo e reconstrutivo, pois decorre

---

<sup>3</sup> Raquel Weiss (2018) também reconstitui o percurso teórico de Alexander com ênfase ao seu diálogo com a sociologia durkheimiana, reconhecendo em cada fase de seu trabalho teórico as marcas, interpretações e presença de Durkheim, fundamental para a elaboração da Sociologia Cultural, que, a priori, se trata de uma leitura do Durkheim tardio. Weiss (2018) ressalta que a sociologia de Alexander ainda que não preserve a letra, aviva o espírito da sociologia durkheimiana.

de apurada exegese do trabalho de outros teóricos, com destaque para *Theoretical Logic in Sociology*,

[...] que pode ser considerado o quinto volume de seu monumental empreendimento metateórico, ele conclui que Marx e Durkheim falharam em construir uma teoria multidimensional de ação e ordem nas sociedades modernas; que Weber estava correto na teoria, mas falhou na prática; que Parsons teve sucesso, mas somente se alguém o submeter a uma correção rigorosa que incorpore todas as críticas de seu trabalho; que as teorias neo-marxistas do conflito, as teorias pós-estruturalistas do poder, os Estudos Culturais Britânicos e a sociologia da dominação de Bourdieu procedem por meio de uma redução materialista que enfatiza capital, poder e estratégias em detrimento da cultura, símbolos e significados; e que Schütz, Blumer, Goffman e Garfinkel, por outro lado, com ênfase no contexto de ação e interação, têm dificuldade em compreender as dimensões coletivas e estruturais da vida social. (VANDENBERGUE, 2018, p. 18)

A partir disso, recombina e articula elementos teóricos diversos compondo uma síntese apurada e permitindo desenvolver as bases teóricas para o desenvolvimento da sociologia cultural (TOGNATO; BOTELLO, 2019).

O segundo campo de força temático decorre do primeiro, datado da primeira metade dos anos oitenta, e da revisão de Parsons proposta por Alexander, a saber do *neofuncionalismo*. Nesse sentido, empreende

[...] tentativa de desenvolver uma teoria da diferenciação funcional, culturalmente sensível, baseada em ação e politicamente relevante nas sociedades democráticas modernas, e colocá-la em alternativa a Luhmann, Habermas, Eisenstadt ou Münch, fracassou e foi abandonada em meados de 1990 (Alexander, 1998). Embora sua ideia de estender a teoria da diferenciação funcional com uma teoria semiótica da cultura não estivesse errada, a verdade é que Alexander passou por uma crise de meia-idade e não queria mais ser um epígono. Ele queria criar sua própria teoria e trabalhar com materiais empíricos. Evitando os extremos do *continuum* científico (especulação metafísica e observação empirista), ele transformou suas reflexões mais abstratas sobre ação, ordem e sociedade civil em um programa de pesquisa qualitativa de médio alcance sobre cultura, mídia e política. (VANDENBERGUE, 2018, p. 16)

Apesar de Parsons ter se aproximado de desenvolver uma teoria multidimensional da sociedade, segundo Alexander (2003), falhou em duas frentes: primeiro, faltou reconhecer que a cultura não se reduzia simplesmente a normas e valores, e; segundo, sua compreensão da cultura o havia impedido de dar conta da variedade de formas nas quais influi sobre a ação (TOGNATO; BOTELLO, 2019). Por conseguinte, como esforço para resolver tais problemas, e pavimentar o caminho para uma teoria genuinamente multidimensional da sociedade, elabora-se o programa forte da sociologia cultural.

Desse modo, o terceiro campo de força teórico demarcado por Vandenbergue (2018) é a *sociologia cultural*, que marca uma virada do normativo para o simbólico, o narrativo e dimensões culturais expressivas, forjando bases para o desenvolvimento de seu Programa Forte, o qual pode ser compreendido

[...] como um manifesto teórico que traz com força a "virada cultural" das ciências humanas, antropologia e história da sociologia e como um programa de pesquisa com transponíveis e adaptáveis conceitos que permitem a implementação da missão teórica declaração em uma série de investigações empíricas sobre códigos, gêneros, narrativas, rituais e afetos. Mais tarde, na tentativa de complementar a virada cultural com voltas performativas, icônicas e materiais, dramas políticos (Alexander, 2013a e 2017), traumas culturais (Alexander, 2012) e ícones materiais (Alexander, Bartmanski e Giesen, 2012) aparecerão como extensões conceituais de visão original e complementos obrigatórios do repertório em expansão do Escola de Sociologia Cultural de Yale. (VANDENBERGUE, 2018, p. 19)

A priori, o programa forte da sociologia cultural teve um foco marcadamente estrutural, recorrendo, sobretudo, a semiótica e a linguística estrutural. Nesse sentido, seus primeiros esforços reconheceram que as estruturas que articulam a cultura seguem uma lógica autônoma que era preciso dedicar atenção. As estruturas “[...] constituem a base dos entendimentos compartilhados que definem as realidades ontológicas e epistemológicas de uma comunidade e seus limites morais” (SMITH, 2005, p. 14). E, mais, fornecem uma espécie de farol, de ponto fixo, a orientar suas nações. De modo, que operam como um modelo pragmático para organização da informação existente e para assimilação de novas experiências em relação as possíveis formas de ver e atuar (SMITH, 2005). Eis a razão pela qual os códigos e as narrativas se tornaram a preocupação central dos estudos produzidos nesta etapa.

Os códigos binários, em particular, constituem sistemas classificatórias mediante os quais as sociedades distinguem entre o puro e o impuro, entre o legítimo e o ilegítimo; enquanto as narrativas ajudam a organizar o sentido do fluxo da ação, enquadrando atores e eventos em tramas e atribuindo responsabilidade moral, causalidade e agência. (TOGNATO; BOTELLO, 2019, p. 7)

Desde o início, o programa forte da sociologia cultural se comprometeu com uma descrição densa da realidade social.

O processo de construção de uma descrição densa envolve o ordenamento de várias vertentes de dados em uma ordem padronizada. Isoladamente, cada um deles é fraco, mas quando alinhamos citações de intervenções na esfera pública tão variadas quanto discursos, editoriais e cartas, com dados de pesquisas de opinião e ações como manifestações ou posicionamentos políticos objetivos, podemos construir mais do que apenas afirmações

plausíveis sobre as estruturas culturais em jogo em um determinado campo. A subsequente apresentação de apenas uma pequena amostra desse material no ato da escrita permite que os leitores vejam por si mesmos como foi feita a interpretação, como estruturas invisíveis podem ser inferidas a partir de partes e, então, permite que eles se unam ao processo, recriando-o imaginativamente no ato da leitura. Quando reforçada pela citação e invocação da literatura secundária, grande parte dela por historiadores, mas também comentários reflexivos contemporâneos e diagnósticos dos próprios intelectuais orgânicos engajados em guerras de gênero, um caso pode ser feito para cada leitura. (SMITH, 2005)

Assim, a partir da prática de uma hermenêutica estrutural, o programa forte da sociologia cultural buscou, desde os primórdios, identificar o impacto sistemático que certas estruturas culturais têm exercido ao longo do tempo e através de contextos diferentes. Por sua vez, o conceito de cultura do programa forte da sociologia cultural adquirirá uma cristalização específica na noção de *esfera civil* (HESS, 2009; TOGNATO; BOTELLO, 2019).

A teoria da esfera civil consolida o último campo de força teórico, a *sociologia política da sociedade civil*. Para Vandenbergue (2018, p. 24), a esfera civil não corresponde a um subsistema, mas a “uma sociedade comunitária idealizada de indivíduos livres, iguais e solidários”.

O conceito de esfera civil, elaborado por Alexander (2006) no início do século, deriva de uma leitura crítica do conceito parsoniano de comunidade societal. Alexander (1998) entende o conceito de comunidade societal referente a uma esfera de subjetividade na qual pessoas adquirem pertencimento ou reconhecimento pondo em jogo a subjetividade do mundo da vida e, ao mesmo tempo, as formas mais racionalizadas das esferas sistemáticas. Por sua vez, a esfera civil se constitui como um espaço que se rege pela lógica do sentimento de pertencimento e solidariedade, um campo intermediário de subjetividade e moralidade distinto do mercado e do poder, mas que, diferente de Parsons, não resulta numa esfera abstrata de regras e normas, mas em outra de narrativas e símbolos que são postos em movimento na interação, relacionamentos e instituições em momentos e épocas específicos. (ALEXANDER, 2006). São os relatos e formas de explicamos o mundo que expressam como nos damos conta da produção do social. Nesse sentido, o grau de pertencimento e solidariedade é dado pelos códigos culturais profundos que se expressam nas instituições comunicativas – meios de comunicação, pesquisas, discursos da sociedade civil – e reguladoras – partidos políticos, eleições, cargos públicos, sistema



de justiça – da esfera civil. Nelas se expressa a solidariedade na qual os direitos coletivos e as obrigações conformam-se a própria normatividade e lógica moral da esfera civil. “Desse modo, a esfera civil é analiticamente independente, empiricamente diferenciadas e moralmente mais universal que o Estado e o mercado” (TOGNATO; BOTELLO, 2019, p. 9).

A esfera civil também difere da sociedade civil, vez que corresponde as formas de organização social fora do Estado, mas assentada nos mercados capitalistas e suas instituições, como associações e organizações públicas e privadas, e outras formas cooperativas de relações que criam vínculos de confiança. Além disso, é compreendida como mera expressão dos interesses individuais particulares que definem o campo político da luta democrática (ALEXANDER, 2006). Em sentido contrário, a esfera civil constitui-se como “o espaço onde se pode apreciar as ‘estruturas de sentimento’, ‘os hábitos do coração’ e os mundos de sentido moral que dão conta da vida social em seu conjunto” (TOGNATO; BOTELLO, 2019, p. 9).

A própria esfera civil fornece a sua estrutura de análise e interpretação, pois possui um código semiótico específico, e tem um distinto conjunto de narrativas, centradas na possibilidade romântica de um futuro mais justo, sem perder de vista o horizonte pretérito e trágico de injustiça e exclusão. Por conseguinte, são os próprios grupos que estabelecem seus conflitos e acordos mediante as normas e códigos culturais, bem como as estruturas normativas de interpretação provenientes dos meios de comunicação disponíveis entre eles.

Por ser simbólica, a ação se move entre as tensões da organização binária própria da classificação simbólica da esfera. A “a esfera civil opera dentro do meio cultural que define um espaço moral no qual se cristalizam os valores sobre o bem e o mal, o puro e o impuro, o que mercê ser incluído e excluído, quem é amigo ou inimigo” (TOGNATO; BOTELLO, 2019, p. 11). Alexander (2006) destaca que as narrativas binárias se constroem em três esferas que classificam a ação: a) a *esfera dos motivos*, aqui se identifica se as inspirações por trás dos atores derivam de um processo livre e autônomo ou resultam de forças que os controlam e manipulam; b) a *esfera das relações*, onde se classifica os tipos de vínculos construídos pelos atores, identificando em que medida são abertas, críticas e francas, ou fechadas, discricionárias e estratégicas, e; c) a *esfera das instituições*, na qual se classifica o espaço onde os atores estão inseridos – se são regulados por regras e normas, se são includentes e impessoais ou se predomina o uso discricionário do poder, as

lógicas de exclusão e as relações pessoais. Para fins desta tese, isso me permitiu perceber o mesmo *modus operandi* entre pentecostais e neopentecostais e calvinistas no que concerne à batalha espiritual, o que não se aplicaria se observasse apenas os aspectos retóricos e/ou ideológicos quanto ao tema. É a performance desses grupos, que apesar de distintas, possibilitou perceber semelhanças nas ações de seus atores, ainda que os calvinistas se enxerguem mais racionais quando comparados aos pentecostais e neopentecostais.

Há um modo mais simples de classificação das áreas teóricas desenvolvidas pela sociologia cultural. Jacobs (2019), reiterando o caráter colaborativo do esforço teórico realizado por Alexander e colaboradores (WEISS, 2019), divide a sociologia cultural em duas áreas teóricas distintas: a) as *teorias da cultura e do significado*, e; b) as *teorias da sociedade civil e vida pública*. A primeira comporta três estruturas de significado, a saber: a) *códigos e narrativas*, cuja ênfase recai em estruturas de significado profundas, as quais estruturam percepções e avaliações para indivíduos e grupos a nível social. São duráveis e permanecem por longos períodos de tempo, permitindo aos indivíduos agirem de forma estratégica e criativa; b) *teoria do trauma cultural*, cuja ênfase recai sobre as respostas sociais à crises e injustiças, e; c) *teoria das performances culturais* que faz uma análise abrangente da relação entre cultura, agência e o ambiente cultural mais amplo da expressão cultural pública (JACOBS, 2019). A segunda, volta-se ao conceito de esfera civil.

A esfera civil difere de outras formas de organização social por estar relacionada às demandas de reparação civil, isto é, comprometida com a conquista de direitos. Essa demanda por reparação civil é central na teoria de Alexander (2006; 2018) e opera no campo discursivo, visando a mudança de opiniões e narrativas públicas. Assim, quando bem-sucedida, a esfera civil produz avanços (*frontlashes*), e se malsucedida, a sociedade enfrenta períodos de retrocessos e injustiças (*backlash*), que não se limita a impedir novos avanços, mas, sobretudo, em desfazer aqueles conquistados. Lembrando, cada esfera contém uma gama de significados, tensões, solidariedades, narrativas, performances específicas. A priori, suas demandas são apenas internas, mas à medida que conseguem ultrapassar os limites da esfera, por meio de um processo de *societalização*, vai tornando uma demanda intra-esfera em um problema social (ALEXANDER, 2019c). Portanto, a esfera civil oferece sua própria métrica alternativa para avaliar assuntos de interesse comum. É analiticamente autônoma da lógica econômica e da lógica política, possibilitando as pessoas a

pensarem em termos de uma lógica da justiça (reparação civil), ao invés de uma lógica de mercado ou conveniência política (ALEXANDER, 2019a; JACOBS, 2019). Em alguma medida, corresponde a um esforço de aplicação empírica de sua sociologia cultural. Contudo, não se trata de ignorar a lógica de mercado, os interesses e/ou limites econômicos, mas também de seu reconhecimento enquanto seres humanos, vez que os membros dessas esferas experimentam algum nível de exclusão e/ou subalternização (ALEXANDER, 2019c; BUTLER, 2020), tampouco ignora a atuação e embate com esferas não civis.

O Programa Forte compreende o discurso na esfera civil moldado por fortes oposições binárias. Tal análise propõe novas abordagens para diversos campos da vida social. Tome-se como exemplo a política, sua análise não se restringe apenas ao debate e pensamento público, mas alcança a própria ação política, organizada a partir de códigos através do qual motivações sagradas e profanas, relações e instituições são definidas e aplicadas num processo de tipificação. Desse modo, contempla um possível deslocamento de categorias a partir da construção ou desconstrução de narrativas. Alexander (2003) exemplifica com a narrativa do Holocausto, compreendido, a priori, como uma tragédia do povo judeu, porém quando o controle da narrativa passa dos judeus alemães aos judeus nos Estados Unidos, o Holocausto é alçado à tragédia da humanidade. Nesse sentido, incorpora o *mal sagrado*, aquele a ser evitado a todo custo, demandando um esforço coletivo para tanto (ALEXANDER, 2003). Ora, um problema concebido intra-esfera, ou seja, apenas do povo judeu, ultrapassa sua a fronteira e passa a ser percebido e compreendido como um problema social. E esse trauma social é frequentemente rememorado por meio de rituais, filmes, séries de TV, obras de arte, canções, performances, livros etc.

Contudo, é a narrativa desse evento, e não o evento em si, que é percebido como traumático, provocando uma ruptura na consciência social e desencadeando uma reação para que não torne a acontecer (ALEXANDER, 2012). Por exemplo, pode se dizer que há algum consenso que ditaduras são ruins, períodos de predomínio de autoritarismo, cerceamento de direitos, tribunais de exceção, tortura e morte. Porém, há na memória coletiva do Brasil tal consenso? A narrativa que predomina acerca da ditadura militar é traumática a ponto de se perceber o período ditatorial como algo a ser evitado? Não há que se negar que a esfera civil construiu uma narrativa contrária à ditadura, conduzindo a movimentos importantes em favor da democracia e para a criação de um aparato jurídico e institucional democrático, mas insuficiente para

compreendê-la como um trauma. Se se toma o tratamento jurídico conferido pela Lei de Anistia aos militares envolvidos com os crimes praticados pela ditadura, as manifestações recentes com pedidos de intervenção militar e de fechamento de instituições democráticas, a exemplo do Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal<sup>4</sup>, apoio à tortura e práticas de extermínio travestidas de política de segurança pública, com o apoio explícito ou tácito de parcela da população e das mídias de massa, bem como a inércia na atuação dos órgãos jurisdicionais em investigar, processar e julgar, posso supor que a narrativa da esfera civil não prevaleceu ou foi capaz de criar uma ruptura, conduzindo o país a uma série de retrocessos.

Voltando ao exemplo do Holocausto, se percebe que o trauma produziu essa ruptura, por meio da qual emergem organizações internacionais, como a ONU, e, por conseguinte, todo o processo de internacionalização dos direitos humanos, estes percebidos como “um discurso do trauma [...] um argumento que temos uma relação solidária com todos os seres humanos e que não podemos nos distanciar do sofrimento de outras pessoas” (ALEXANDER, 2014, p. 370).

Essas narrativas trágicas se institucionalizaram na memória coletiva das sociedades específicas, como uma série de traumas culturais que exigem reparação civil e ciclos periódicos de reinterpretação. E esse trauma coletivo, a exemplo do individual, se forma a partir da experiência sofrida pelos membros de uma coletividade, submetidos a um acontecimento horrendo que deixa marcas profundas na consciência coletiva, modificando sua identidade futura de maneira fundamental e irrevogável (ALEXANDER, 2016). Trata-se de conceito científico empírico a sugerir novos significados e relações causais entre eventos anteriores, estruturas, percepções e ações. Aponta para a emergência de novo domínio da responsabilidade social e das ações políticas (ALEXANDER, 2016), um esforço para não repetir o passado. Surge como oportunidade de inovação e mudança, impulsionando ao progresso (NEAL, 1998 apud ALEXANDER, 2012).

Como dito, por si só tais eventos não são traumáticos, mas o modo como são percebidos, significados e narrados é diferente para cada grupo e esfera, ou seja,

---

<sup>4</sup> Sobre o tema: “Os atos antidemocráticos que acontecem hoje em cidades brasileiras pedindo o fechamento do STF (Supremo Tribunal Federal) e contra o Congresso usaram faixas e cartazes para expor as pautas do movimento, que também se demonstraram favorável ao governo do presidente Jair Bolsonaro (sem partido). A maioria dos pedidos contidos nas faixas durante as manifestações contém medidas consideradas golpistas, medidas inconstitucionais utilizadas para chegar ou se manter no poder de um estado democrático” (SANTIAGO, 2021, s. p.). Disponível em: <https://abre.ai/uol-manifestacoes-antidemocraticas>. Acesso em: 30 dez. 2021.

aproxima-se de determinados grupos, num processo de apropriação que produz solidariedade e, eventualmente, expande-se para além da comunidade de sofrimento, ultrapassando fronteiras étnicas e/ou geográficas, englobando outros grupos, ampliando significados e sentimentos. É o que ocorre com o Holocausto, passando de tragédia judia a tragédia da humanidade. Portanto, o *trauma cultural* resulta das narrativas construídas, e não do evento em si.

A sociologia cultural amplia a importância dos símbolos e sentidos para a vida social, corroborando a compreensão de que narrativas são capazes de criar, organizar e sintetizar a experiência cotidiana, atuando sobre os modos de pensar e agir, antecipando a ação social ao criar itinerários, formular sentenças, revelar lugares e perigos, demarcando posições delimitadas no espaço, por meio da articulação estruturada de códigos e símbolos compartilhados numa intrigada rede de significados, passível de mudanças de significado, à luz de novas contribuições simbólicas, aptas a alterar outras dimensões da realidade social, através de processos de reformulação simbólica a fatos anteriormente conhecidos (DE CERTAUEU, 1984; LIMA NETO, 2007; ALEXANDER, 2014). Contudo, a eficácia dessas narrativas não se assenta no poder do discurso, tampouco em seus aspectos ideológicos, mas em *performances sociais*.

Em meados da década de noventa, após abordar as estruturas culturais como horizontes morais que modelam a ação, o programa forte da sociologia cultural dirigiu sua atenção aos contextos pragmáticos nos quais ocorre. Assim, o ritual se volta ao centro de suas investigações. É através do ritual que as estruturas culturais adquirem eficácia, e através dele a vida social escapa de sua determinação (TOGNATO; BOTELLO, 2019). Para tanto, aproximou-se da antropologia de Victor Turner, e passou a reconhecer o papel dos dramas na vida social. Isso pavimentou o caminho que levou ao que, no começo dos anos 2000, se chamou de *virada performativa* na sociologia cultural.

Essa virada performativa tem “como ponto de partida a atualização da obra tardia de Durkheim, somada a elementos da virada estética e da teoria do drama” (ALEXANDER, 2017a, s. p.). Desse modo,

[...] cada instância da vida social foi abordada pelos investigadores do programa forte como uma performance cultural na qual as estruturas sociais e culturais, por um lado, e a ação, por outro, se articulariam para coordenar aos participantes em cada processo de interação em torno de um horizonte comum de interpretação e cursos específicos de ação. Quando esses elementos se fundem, a performance alcança

um caráter muito parecido ao do ritual e o sentido logrará imbuir mais poderosamente às estruturas em jogo na vida social. Isto, por sua vez, reproduzirá o estado de encantamento que Durkheim e muitos antropólogos têm encontrado repetidamente nas comunidades tradicionais. Quando, ao contrário, os elementos que concorrem numa interação social não conseguem fundir-se, a performance cultural se dilui e progressivamente surge uma brecha entre a vida social e os sentidos que se lhe atribuem. Nestas circunstâncias, a cultura dissipará parte da sutil influência que pode exercer sobre a vida social. [...] Através de sua virada performativa, o programa forte da sociologia cultural se estabeleceu como programa neodurkheimiano, generalizando, para as sociedades modernas, a perspectiva da sociedade como representação que Durkheim abordou em *As formas elementares da vida religiosa*. [...] nos cenários de interação aos quais [Durkheim] se referiu, os participantes eram relativamente homogêneos e ingressavam ao ritual de maneira relativamente dedicada, permitindo-lhes experimentar em plenitude o sentido que o ritual buscava transmitir. Nas sociedades modernas, por outro lado, a diferenciação estrutural e reflexividade significam que essa plenitude do significado não é o ponto de partida, mas o ponto de chegada do desempenho [...] (TOGNATO; BOTELLO, 2019, p. 12)

Isso quer dizer que na vida social moderna, os participantes dos diferentes cenários rituais não chegam convencidos do significado que tais rituais buscam estabelecer na relação com essas interações. Por conseguinte, a performance precisa convencer, o que se dá quando os elementos desta – a exemplo de livros, atores, audiências, representações coletivas de fundo, encenações, meios de produção simbólica e poder social – se fundem coerentemente, conferindo um efeito autenticidade, quando essa performance adquire o *status* de ritual.

A performance pode ser entendida como o processo pelo qual atores, individual ou coletivamente, exibem ante uma plateia de observadores o significado de sua situação social, e ao exibir ou projetar o significado que consciente ou inconscientemente desejam que a audiência receba e aceite, os atores se apoiam em habilidades de meios materiais como vestimentas e objetos (*meios de produção simbólica*). Por sua vez, a audiência decodifica os significados dos atores acessando ao cenário e, para isso, ambos compartilham a linguagem comum das representações sociais: tradições, narrativas, textos elaborados por especialistas e textos de referência. O roteiro é a pauta imediata das expectativas dos atores (GALLARDO, 2019).

Com a gradativa centralização de poder, ao longo da história humana, os rituais coletivos foram se tornando menos inclusivos e participativos. Certas elites – como reis, faraós, czares, imperadores – tomaram o controle, cabendo aos demais a função

de espectadores (plateia ou audiência). Assim, “pareciam mais performances, como espetáculos inventados para projetar significados ideológicos para uma audiência” (ALEXANDER, 2017c, p. 4), numa dissociação entre ritual e performance, o que se intensifica com o advento da escrita, vez que as narrativas e classificações, a base para a performance simbólica, foram transformadas de mito primordial em roteiros bem ajustados (ALEXANDER, 2017c). Por sua vez, tais roteiros promovem a objetivação do significado social, quer sagrado, quer secular, separado das representações de fundo que informavam as performances sociais tanto de atores quanto da audiência.

Mesmo não desaparecendo completamente, à medida que as sociedades se tornam mais complexas, mais modernas, os rituais tornam-se menos frequentes. Contudo, “se o ritual é suprimido de uma forma, ele aparece inesperadamente em outras, tão mais forte quanto mais intensa for a interação social” (DOUGLAS, 2014, p. 80). No mais, o efeito pedagógico dos rituais assenta-se nessa intermediação simbólica que constitui e estabelece a organização social, qual, por sua vez, dá-se por meio de coletividades – como bandos, clãs, tribos. Em contextos simplificados e íntimos, estes criaram performances capazes de abarcar mitos e um cosmo amplificado para estabelecer uma compreensão do mundo, e promover comunicação eficaz.

Ora, as relações sociais são impossíveis sem atos simbólicos, e, por conseguinte, sem os rituais que ordenam o real (DOUGLAS, 2014). Esse deslocamento retira o ritual do campo restrito da religião ou da magia, trazendo-o para a centralidade no mundo contemporâneo, abarcando desde meras saudações cordiais necessárias a amizade, passando por cultos religiosos, atos cívicos e políticos, processos judiciais e toda sorte de eventos que constituem e expressam a vida social e individual (LANGDOM, 2007). Nesse sentido, é lícito concluir, como o faz Alexander (2017c), que os rituais dramatizam a experiência social.

O conceito de drama social elaborado por Turner (1996; 2015) constitui unidade de descrição e análise social relevante para a sociologia cultural. Dramas sociais emergem da superfície planificada da vida social, revelando

[...] as relações ‘taxonômicas’ entre os atores (laços de parentesco, posições estruturais, classes sociais, status político e assim por diante), seus vínculos contemporâneos e discrepâncias de interesse e afinidade, suas redes de relações pessoais e seus relacionamentos informais. [...] revela o caráter individual, o estilo pessoal, a capacidade retórica, as diferenças morais e estéticas e as escolhas

apresentadas e levadas a cabo. Sobretudo, fazia-me perceber o poder dos símbolos na comunicação humana. (TURNER, 2015, p. 9)

No drama cada ator realiza uma performance, articulando um léxico cultural apto a comunicar e articular sentimentos e sentidos. Assim, intensifica o clima, a tensão, demarcando posições e cismas. “Tal ruptura pode resultar de um sentimento real [...] ou pode ser calculada friamente”, em ambos os casos, “os antagonismos se tornam públicos, os integrantes de um grupo inevitavelmente tomam partidos ou tentam reconciliar as partes” (TURNER, 2015, p. 11). A ruptura evolui para crise, por conseguinte, produz reações e o afloramento de sentimentos intensos, seja nos protagonistas do drama quanto nos coadjuvantes e espectadores, levados a tomar partido, bem como em seus críticos, que buscam restaurar a paz. Nesse jogo entre paz e guerra cria-se, rompe-se e/ou restaura-se laços (TURNER, 2015).

Em sociedades modernas, os dramas sociais apresentam-se desde pequenos conflitos familiares ou locais até crises entre países e guerras, como salienta Turner (2015, p. 12), “mesmo em seus momentos aparentemente de maior quietude, a vida social está ‘grávida’ de dramas sociais”. Enquanto instrumento de análise social, o drama social, independente da forma que assume, revela, como dito, “camadas ‘subcutâneas’ de estrutura social” (TURNER, 2015, p. 12), ativando oposições classificatórias, decorrentes de oposições já conhecidas no âmbito social. Assim, revelam-se facções, movimentos de restauração – política, religiosa, etc. – que ativam antigas formas de rivalidades, tentando articulá-las numa dramatização capaz de produzir transformações e mobilizar séquitos de seguidores contra os que enxergam como antagonistas (TURNER, 2015; ALEXANDER, 2017c).

“O drama social é o modo agonístico primordial e perene” (TURNER, 2015, p. 12) e, com capacidade cada vez maior de articulação simbólica, desenvolve-se modalidades culturais mais aptas para compreender, atribuir significado e lidar com as crises. O teatro é uma dessas modalidades. Alexander (2017c) enfatiza que

O teatro aparece mais ou menos ao mesmo tempo que a esfera pública política - a pólis na Grécia antiga, a cidade-estado no Renascimento. Se o teatro inventa para dramatizar conflitos emocionais compulsivos, os movimentos políticos organizados publicamente se esforçam em dramatizar os conflitos sociais urgentes, para exigir reformas políticas e econômicas. Teatro e movimentos políticos projetam o significado a plateias distantes através de uma performance simbólica cada vez menos artisticamente construída.

O teatro encontra raízes nos dramas sociais. E toda a articulação descrita na Poética, de Aristóteles, sobre criar efeitos dramáticos, tramas, catarses, gatilhos



dramáticos de conexão entre roteiro e plateia, dentre outros aspectos, transcendem o campo da arte e adentram no da vida social, incluindo a esfera pública política, como seus movimentos sociais reconhecidos publicamente e seus atores políticos (SCHECHNER, 1979; TURNER, 2015; ALEXANDER, 2017a, 2017c, 2019a).

Para a sociologia cultural, indivíduos e sociedades permanecem centrados em significados, ao passo que os *dramas sociais* e formas teatrais permanecem no âmago das sociedades modernas (ALEXANDER, 2017c). De modo que as estruturas culturais permanecem ancoradas pelos significados coletivos, sem os quais as vidas social e individual não poderiam ser concebidas, de modo que cada ação – individual, reflexiva ou coagida – está imersa, em certa medida, num ambiente externo de afeto e significado (ALEXANDER, 2003; ALEXANDER, 2013).

Esta perspectiva teórica, vale reforçar, tem início com a obra tardia de Durkheim, precisamente em seu *As formas elementares da vida religiosa*, quando percebeu a sociedade como dependente de rituais emocionalmente intensos, dividida entre símbolos sagrados e profanos e laços de solidariedade moralmente amplos. Durkheim ([1912], 2001) oferece nova possibilidade teórica de interpretação da Modernidade, criando as bases para o desenvolvimento da antropologia e da sociologia de nomes como Erwin Goffman, Edward Shills, Robert Bellah, Randall Collins, dentre outros, e, mais recentemente, do Programa Forte da Sociologia cultural.

A teoria do drama e da performance é bastante utilizada nos estudos políticos realizados pela Sociologia cultural de Alexander. A luta pelo poder tornou-se teatral e os políticos são vistos como *performancers*. A arena é o espaço público e a trama é a disputa pelo poder. Os aspectos ideológicos, partidários, bem como os demográficos (raça, etnia, gênero, religião) são secundários, ou, ao menos, não são decisivos, vez que

É o sucesso dessas performances que determina como brancos, pretos, judeus, católicos, e mulheres distribuem seus preciosos votos, e as opiniões desses grupos supostamente demográficos muda significativamente em resposta aos códigos, narrativa, tom, metáfora, instrumentos, e performance no curso da campanha eleitoral. (ALEXANDER, 2010, p. 10)

Nesse sentido,

A questão cultural não é uma questão de Direita *versus* Esquerda – o interesse da Esquerda na classe social *versus* o da Direita na tradição; tampouco é um produto de um momento histórico em particular – das loucas guerras culturais da virada pós anos sessenta *versus* as

preocupações com o bolso causadas pela Grande Recessão. Significado importa em todo o tempo. Que a posição demográfica e o contexto histórico são significantes, não resta dúvidas. Contudo, numa sociedade democrática é a atribuição de significado que determina quem exerce poder. (ALEXANDER, 2010, p. 10)

A capacidade de mobilizar sentimentos, afetos, produzir significados é o prioritário. É essa camada superficial (no sentido de estar na superfície da vida social), estética, que produz significado, ou seja, atribui um sentido à experiência dos indivíduos, gerando identificação e engajamento.

Outro modo de confirmar seu posicionamento, é voltar-se para os movimentos sociais, relevantes para a esfera civil. Aqui, as performances também são determinantes. Movimentos sociais são bem-sucedidos à medida que conseguem mobilizar aqueles que são caros e alheios as suas pautas, ampliando a sua comunidade de sofrimento. Analisando o movimento negro pelos direitos civis, encabeçado por Martin Luther King Jr., Alexander (2017a) demonstra que para mobilizar a empatia dos americanos brancos, sobretudo, os do Norte, chamando a atenção para sofrimento da comunidade afro-americana. Justifica o sucesso de suas mobilizações a uma “fusão exitosa de fatores” (ALEXANDER, 2017a), a saber: a) *roteirização das mobilizações*, é preciso controlar e construir narrativas que possam criar/gerar empatia, apontar o sofrimento daquele grupo ou comunidade; b) *performance satisfatória dos atores*, e; c) *proeminência de um líder capaz de representar a voz e a cara daquele movimento*. Noutras palavras, em sua capacidade de dramatizar a causa pela qual milita.

Some-se a isso o acesso aos meios de produção simbólica e uma interpretação empática de seus críticos, com relevante influência para evitar ou parar a repressão do Estado. O movimento negro pelos direitos civis contava com a mídia para difusão das imagens dos negros apanhando da polícia, sofrendo com a repressão sem esboçar qualquer reação violenta contrária, sendo tido como pacífico, vez que conta e utiliza a violência produzida pelas forças de repressão para apresentar sua narrativa de sofrimento, operacionalizando códigos e sentidos capazes de ampliar a comunidade de sofrimento, alcançando empatia de membros da sociedade capazes de influenciar setores do Poder Público para o reconhecimento de suas demandas. M certa medida, os evangélicos no Brasil apelam a essas estratégias ao performar e convencer com a narrativa de cristofobia, especialmente quando suas opiniões e posicionamentos são colocados em tom beligerante contra o acesso de direitos e

políticas afirmativas – como se dá com os grupos LGBTQIA+ e o movimento negro, em particular, no que tange ao campo religioso.

Em suma, o Programa Forte da Sociologia Cultural pode ser compreendido como um esforço de reconstituição teórica e metodológica da textura da superfície estética do mundo social.

## 1.2 METODOLOGIA E ESTRUTURA DA TESE

Descrever um percurso metodológico é tarefa objetiva, ainda que oculte outros percursos e percalços vividos ao longo do caminho, em especial, quando bem no meio do caminho surgiu a pandemia da COVID-19, que trouxe dificuldades, impondo uma mudança de rota, ajustes e limitações. Isso posto, realizei pesquisa qualitativa, de tipo exploratório.

Para a coleta de dados, havia planejado entrevistas semiestruturadas, e vendo a impossibilidade de suas realizações, vez que o meio digital não se mostrou satisfatório, vindo a realizar apenas duas entrevistas. Além das dificuldades normais da entrevista, a mediação digital apresentou fatores de dificuldade, desde a estranheza do suporte a interrupções frequentes por familiares e/ou demandas domésticas, o que inviabilizava observar e compreender outros aspectos, como performance, entonações, gestos etc., que ajudam a construir um quadro mais amplo. A suspensão de eventos e atividades presenciais também inviabilizaram meu planejamento para realização de entrevistas em algumas conferências calvinistas, a exemplo da Conferência Fiel, realizada anualmente no interior paulista, e que congrega calvinistas vindos de todas as regiões do país.

Além das entrevistas, empreendi conversas com vários indivíduos em ocasiões formais, como no ambiente e em atividades eclesiais, e informais, como almoços, jantares, passeios, churrascos, dentre outras, que me proporcionaram uma aproximação e conversas que me ajudaram a compreender aspectos relevantes do modo de pensar e compreender o mundo em que vivem. Isso ocorreu majoritariamente com os membros da congregação presbiteriana com que estive envolvido, mas se estendeu a contatos que estabeleci com pessoas de outras denominações e cidades.

Também foi observação participante. Desde 2017, passei a frequentar cultos e participar de atividades eclesiais, na condição de pesquisador e membro, numa congregação da Igreja Presbiteriana do Brasil, cuja localização por questões éticas

manterei em sigilo, pois como se trata de uma cidade pequena os indivíduos seriam facilmente identificados. Para evitar a exposição das pessoas, optei pelo sigilo, e em situações muito peculiares misturei suas histórias com o intuito de descaracterização, com o intuito de dificultar qualquer sorte de identificação. Em tempo, adotei nomes fictícios para aqueles que foram citados. Eventualmente, posso dar a localização, mas apenas quando necessário e sem comprometer o anonimato dos que foram ouvidos.

Senti que precisava entender o cenário mais amplo e recorri a coleta de documentos em redes virtuais. Para tanto, monitorei alguns perfis dos líderes associados à ressurgência calvinista, bem como nos *sites* oficiais de denominações, *blogs*, editoras, canais do *YouTube* e outras mídias de conteúdo reformado/calvinista. Tal esforço justifica-se ante o fato de muitos dos que aderiram ao calvinismo o fizeram por influência dessas mídias.

Por fim, apliquei questionário dividido em duas seções, sendo a primeira mais geral e voltada para qualquer pessoa, e a segunda restrita àqueles que se declararam *Cristão – Evangélico/Protestante*. A primeira seção é composta de doze itens para composição de um perfil socioeconômico do respondente. A segunda seção oitenta e três itens que buscam traçar o perfil religioso e político do respondente. Foram obtidas cento e dezesseis respostas oriundas das regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste do país, e uma do Paraguai. A difusão do formulário na plataforma *Microsoft Forms* foi feita por meio de *link*. Inicialmente, foi enviado para os contatos que realizei ao longo da pesquisa e destes para as suas próprias redes.

A análise dos dados se deu por meio de método interpretativo, segundo o qual se buscou descrever e reconstituir os significados que norteiam as ações dos sujeitos da pesquisa, sob os aportes e ferramentas metodológicas desenvolvidas pela Sociologia Cultural de Jeffrey C. Alexander.

A tese estrutura-se em cinco capítulos, incluindo a Introdução, na qual além dos aspectos formais e metodológicos, inseri apresentação sobre a teoria que norteia e embasa a pesquisa.

O segundo capítulo dediquei atenção a ressurgência calvinista. Foi realizado uma breve apresentação do calvinismo. Em seguida, apresentei características da ressurgência calvinista, destacando marcos e sistematizando evidências que corroborem a existência do fenômeno.

O terceiro capítulo versa sobre a beligerância do campo evangélico. De que modo o conceito de batalha espiritual permeia um modo de atuação dos evangélicos

na vida pública? Busquei trazer um panorama geral para depois dedicar atenção em como se desdobra entre os cristãos calvinistas.

Em seguida, expus questão recorrente no campo de pesquisa a da negação da identidade cristã aos fiéis que se declaram de esquerda ou centro-esquerda. O delineamento de uma comunidade simbólica, forjada a partir de um vínculo cultural, por meio de filiação simbólica, determina a existência de um verdadeiro e um falso cristão, denotando que há algo errado com o cristianismo daqueles que se declaram politicamente de esquerda.

O último capítulo dedica atenção a questão do mal. Comumente associado ao diabo, o mal ocupa um ponto de referência fixo no mundo evangélico, ao ponto que tudo aquilo a que se deseja imputar como mal é facilmente articulado a partir de uma associação ao diabo, ao demoníaco. A esquerda, tratada como sinônimo de comunista, é incorporada ao mal e, por conseguinte, ao diabo. Não se trata, portanto, de algo a ser evitado por mero posicionamento político, mas por uma questão espiritual. Nesse sentido, invoca-se a ideia de conservadorismo como elemento identitário cristão. Dentre uma série de desdobramentos possíveis e verificados pelos dados colhidos, optei por tratar da questão do aborto como forma de ilustrar um possível desdobramento dessa identidade de cristã calcada no ser de direita e conservador.

## 2 RESSURGÊNCIA CALVINISTA

“O Evangelho é o calvinismo.”  
Pr. Tião (nome fictício)

“Os reformados precisam se preparar para receber as centenas e centenas de irmãos pentecostais e neopentecostais que descobriram a fé reformada pela internet e estão vindo cheios de expectativa e esperança para as suas igrejas. Senão a desilusão deles será grande.”

Rev. Augustus Nicodemus Lopes no *Twitter*

O calvinismo corresponde a um sistema de crenças alicerçado no princípio da soberania divina. Isso significa que a salvação não possui participação humana, mas é um ato exclusivamente divino estabelecido antes mesmo da criação do mundo. Assim, aqueles que serão salvos e habitarão a eternidade na presença de Deus, bem como os que foram condenados a habitarem a eternidade fora de sua presença estão determinados por um decreto divino anterior ao da criação. Todos estão predestinados à vida ou à morte eternas. Diante disso, o propósito da humanidade é a glória de Deus, vez que nada na criação existe ou virá a existir a não ser para sua própria glória. Resta aos homens glorificar a Deus (KUYPER, 2003; BIEMA, 2009).

Apesar de remeter ao nome do reformador João Calvino, nascido em 1509, o calvinismo envolve nomes que antecedem ao do reformador, como o do suíço *Ulrich Zwinglio*, nascido em 1484 e morto em 1531. Zwinglio teve grande influência em Zurique e região, e sua teologia, continuada por um de seus seguidores, Heirinch Bullinger, ambos foram importantes para o florescimento da Reforma Protestante. A teologia por eles desenvolvida, apesar de relacionada, difere daquela produzida por Lutero. Como salienta Balserak (2016, s. p.), “[...] esses dois movimentos – Reformado e Luterano – desenvolveram uma relação tensa, caracterizada por suspeita e antagonismo”.

João Calvino, fugindo de perseguições na França, dada a sua ligação com o Luteranismo, considerado heresia à época, acaba se estabelecendo em Genebra, vindo mais tarde, junto a *Theodore Beza*, um de seus compatriotas que chegou a Genebra em 1558, transformam a cidade num grande centro para a Reforma Protestante. Ali pregava cerca de duzentas vezes por ano, e sistematizou a sua teologia com a publicação de sua obra máxima, *As Institutas da Religião Cristã*, em 1536, conferindo maior clareza as doutrinas cristãs. Além disso, ele, Beza e outros

ministros estabelecidos na cidade treinaram e enviaram pastores e missionários para diversos países – como França, Inglaterra e Brasil (BALSERAK, 2016).

Os trabalhos de Calvino, Bullinger – com quem desenvolveu uma relação íntima de amizade –, bem como os de *Martin Bucer*, *Johannes Oecolampadius*, *Leo Jud*, *Peter Martyr Vermigli* e *Wolfgang Musculus* contribuíram para desenvolver um conjunto de doutrinas teológicas que viriam a ser conhecidas como *teologia reformada*, “ou, por razões historicamente complexas e anômalas, Calvinismo” (BALSERAK, 2016, s.p.).

Como dito, a partir de Genebra o calvinismo espalhou-se pela Europa e Novo Mundo. Na França desenvolveu-se entre as décadas de 1530 a 1550, com apoio de Calvino e Beza, grupos de homens e mulheres que abraçaram essa visão da fé cristã. Esses grupos ficaram conhecidos pela alcunha de *huguenotes*. Na Alemanha, por sua vez, concentrou-se, principalmente, no Palatinato, região situada no sudoeste alemão, vindo a se tornar um dos grandes centros do calvinismo. A universidade de Heildeberg teve importante papel nesse desenvolvimento, pois importantes teólogos calvinistas – como *Caspar Olevianus*, *Zacharias Ursinus*, *Bartholomäus Keckermann* e *Jerome Zanch* – atuaram para propagar a teologia reformada para toda a região. Aliás, as universidades tiveram um papel importante para o desenvolvimento do calvinismo na Europa. Fundaram comunidades na Hungria, Polônia e Romênia que sobrevivem até os dias atuais, mesmo tendo experimentado, em algum momento, perseguição política.

O calvinismo chega a Escócia por meio da atuação de *Patrick Hamilton*, que havia estudado em Genebra, e acabou morto na fogueira em 1528, e; *George Wishart*, que estudou na Suíça, lecionou na Universidade de Cambridge e foi condenado por heresia, sendo queimado vivo em 1546. Acaba sendo substituído por *John Knox*, amigo de Calvino, nascido entre 1505 e 1515, e que havia sido guarda-costas de Wishart. O calvinismo teve grande impacto na Escócia, e alcançou significativa expressão através da *Confissão Escocesa* (1560). Também viu florescer o Presbiterianismo Escocês por todo o país, mesmo sob a perseguição da rainha Mary Tudor, que era católica.

É na Inglaterra que o calvinismo alcança a sua mais significativa manifestação de fé, a *Confissão de Fé de Westminster* (1647), que rege o credo das igrejas reformadas até hoje. É esse período que testemunha a ascensão de uma das mais importantes formas do calvinismo, a saber, o *puritanismo*. O puritanismo é importante

para se compreender a ressurgência calvinista no século XXI (PEIXOTO, 2021). Teólogos como *William Twisse*, *Jeremiah Burroughs*, *John Owen*, *Christopher Ness*, *Richard Sibbess*, dentre outros do período, construíram a base para o ressurgimento calvinista no século XIX através da pregação como *Charles Spurgeon* e *J. C. Ryle*.

Outro país europeu relevante para o calvinismo é a Holanda. O calvinismo holandês enfrentou no século XVI um movimento de oposição liderado por *Jacob Arminius* e seus seguidores, que durou mesmo após a morte de Armínio. A controvérsia remonstrante, como ficou conhecido o movimento, foi dissipada após o Sínodo de Dort (1619) quando se estabeleceu os chamados *canônes de Dort*, mais conhecidos como *os cinco pontos do calvinismo*: a) *depravação total*, todos os homens nascem em pecado e destituídos da graça; b) *eleição incondicional*, pois Deus escolhe quem quer segundo os seus critérios, e não por existir nos homens algo de bom ou justo que lhes façam merecer e/ou justificar a eleição; c) *expição limitada*, a morte vicária de Jesus na cruz não alcança a todos, sendo eficaz apenas aos eleitos, isto é, aos que foram predestinados segundo a soberania divina; d) *graça irresistível*, os eleitos não são capazes de resistir ao chamado para salvação e serão alcançados pela graça divina, e; e) *perseverança dos santos*, os eleitos perseverarão até o fim, não desistiram da vida segundo os preceitos de Deus.

Através da Companhia das Índias Ocidentais, o calvinismo holandês chegou a África, em 1652. Espalhou-se, ao longo dos séculos, por diversos países como África do Sul, Gana, Nigéria, Camarões, Zimbábue Malawi e Sudão. Na África do Sul destacou-se pelas diversas igrejas espalhados por todo o país e por seu envolvimento no estabelecimento do *apetheid*, em 1948 (RENICK, 1991; BALSERAK, 2016).

A influência do calvinismo holandês sobre a sociedade holandesa esmoreceu no século XIX, porém ganha novo fôlego com o surgimento do chamado *neocalvinismo* do teólogo e político *Abraham Kuyper*, bem como de *Herman Bavinck*, *Herman Dooyeweerd*, *G. C. Berkouwer*, *Herman Ridderbos* e outros. Esse movimento influenciou o calvinismo estadunidense do século XX, dentre outros, destaque os trabalhos apologéticos de *Cornelius Van Til* e a crítica cultural de *Francis Schaeffer*, que, em 1955, fundou um centro de estudos, o *L'Abri*, nos Alpes Suíços.

O calvinismo chega aos Estados Unidos por esforços dos puritanos, e floresce no país com os escritos e sermões de *Jonathan Edwards* – que serve de inspiração a líderes da ressurgência calvinista no século XXI, como *John Piper* e *Paul Washer*. É nesse período, entre os anos de 1730 e 1750, que ocorre o Grande Despertar, um



movimento de ressurgência religiosa. Também é relevante o trabalho de homens como *Archibald Alexander*, *Charles Hodge* e *B. B. Warfield* que fundam o *Princeton Theological Seminary*, em 1812. No século XX, tem o surgimento de importantes filósofos calvinistas como *Alvin Platinga* e *Nicholas Wolterstorff*. E, recentemente, os Estados Unidos presencia um momento de *ressurgência calvinista* (HANSEN, 2009; BALSERAK, 2016; VERMURLEN, 2020).

Por ressurgência calvinista entende-se o movimento de expansão experimentado pelo calvinismo em diversos países. Apesar de não haver consenso quanto ao nome, é certo que essas primeiras décadas do século XXI tem testemunhado o avanço do calvinismo na esfera religiosa, mais precisamente, a do evangelicalismo. Esse fenômeno se caracteriza pela adesão – ou conversão – ao calvinismo de jovens vindo de outras denominações – como no caso brasileiro, do pentecostalismo e neopentecostalismo –, pelo amplo uso das mídias digitais e por ser conservador (HANSEN, 2009; VERMORLEN, 2020).

Vermolen (2020, s. p.) ressalta que, desde 2006, este movimento tem tomado de assalto o evangelicalismo estadunidense, representando uma virada conservadora para a ortodoxia protestante em meio a turbulências e mudanças mais amplas”. Em 2009, a *Time Magazine* considerou o Novo Calvinismo como uma das “dez ideias que estão mudando o mundo neste momento”:

Nos anos 1700, o pregador puritano Jonathan Edwards investiu no calvinismo de modo arrebatador, quase misticismo. No entanto, logo foi ultrapassado nos EUA. por movimentos como o metodismo, mais impressionados com a vontade humana. Instituições liberais de descendência calvinista como a Igreja Presbiteriana (EUA) descobriram outras ênfases, enquanto a perda de apetite do evangelicalismo por doutrinas rígidas – e o triunfo daquele Jesus amigável e confuso – parecia relegar a pregação reformada *hardcore* (Reformado funciona como sinônimo para calvinistas) para algumas igrejas mal-humoradas do sul. [...] Não mais. Os ministros e autores novo calvinistas não operam exatamente na escala de Rick Warren. Mas, observa Ted Olsen, editor-chefe da [revista] *Christianity Today*, “todo mundo sabe onde estão a energia e a paixão no mundo evangélico” – com o pioneiro novo calvinista John Piper de Minneapolis, o combativo Mark Driscoll de Seattle e Albert Mohler, diretor do *Southern Seminary* da enorme Convenção Batista do Sul. A Bíblia de Estudo ESV com sabor calvinista esgotou em sua primeira impressão, e *blogs* reformados como *Between Two Worlds* estão entre os links mais quentes da cibercristandade. (BIEMA, 2009, s. p.)

Em 2014, foi a vez do *The New York Times* noticiar o que chamou reavivamento calvinista, destacando a relevância de alguns de seus líderes e a jovialidade de seus adeptos:

O evangelicalismo está no meio de um reavivamento calvinista. Um número crescente de pregadores e professores ensina as visões do reformador francês do século XVI. Mark Driscoll, John Piper e Tim Keller – pregadores

de mega igrejas e importantes autores evangélicos – são todos calvinistas. A presença em conferências de adoração influenciadas por Calvino e igrejas aumentou, particularmente entre os adoradores entre 20 e 30 anos. [...] nos últimos 30 anos, os calvinistas ganharam destaque em outros ramos do protestantismo, e em igrejas que costumavam se preocupar pouco com a teologia. [...] Esse foco no pecado difere de muito evangelicalismo popular dos últimos anos. Vai contra os pregadores do “evangelho da prosperidade”, que implicam que a fé pode te fazer rico. Não soa nada como as afirmações de pregadores e autores como Joel Osteen, que tratam a Bíblia como um livro de autoajuda, ou um guia para negócios melhores. [...] “O que você estaria ouvindo em algumas mega igrejas é: ‘Deus quer que você seja um bom pai, e aqui estão sete maneiras de Deus ajudá-lo a ser um bom pai’”, disse Collin Hansen, autor de *Young, Restless, Reformed: A Journalist's Journey With the New Calvinists*. “Ou, ‘Deus quer que você tenha um bom casamento, então aqui estão três maneiras de fazer isso.’ “Em contraste”, disse o Sr. Hansen, “aqueles que frequentam igrejas calvinistas querem que o pregador lhes fale sobre Jesus.” (OPPENHEIMER, 2014, s. p.)

Esse avanço não se restringiu apenas aos Estados Unidos. O jornal britânico *The Guardian*, em matéria publicada em 2009, destaca o florescimento do calvinismo na China, Singapura e Coréia do Sul. Destaca que na China acabou entrando por meio da tradução de obras clássicas, como as de Agostinho e Calvino, e tem se difundido, em grande parte, entre as elites universitárias do país (BROWN, 2009). Outro exemplo é o de sua expansão entre os menonitas, que sempre foram hostis ao calvinismo, no Canadá (PENNER, 2013).

Parte do impacto do calvinismo, segundo Balserek (2016), explica-se por sua influência dispersa em diferentes campos: teológico, econômico, intelectual, artístico, político, dentre outros. Seu foco no pecado e na decadência moral humana conduz a perguntas mais complexas que aquelas feitas pelos não calvinistas, o que desenvolve uma filosofia, um modo de vida, e nem sempre isso conduz a uma relação salutar, haja vista que pode soar provocativo, ofensivo e socialmente disruptivo (OPPENHEIMER, 2014; BALSERAK, 2016). A vontade de Deus comanda todas as coisas, inclusive grandes tragédias como guerras, epidemias, desastres, genocídios, e tudo para a sua própria glória. Frise-se, em todos esses eventos Deus permanece, na concepção calvinista, justo, santo e bom. Você há de convir que nem sempre afirmações dessa natureza são facilmente aceitas. Esse tipo de posição rígida lhe trouxe resistências e mesmo adversários, os quais costumam ser enfrentados diretamente, e calvinistas “não são conhecidos pela gentileza” (BALSERAK, 2016, s. p.).

A ressurgência calvinista também chegou ao Brasil. Por aqui, dois fenômenos chamam a atenção o crescimento dos membros em igrejas calvinistas, seu avanço sobre denominações tradicionalmente não calvinistas – como entre batistas e

pentecostais – e pelo aumento no número de mídias sociais digitais com conteúdo calvinistas e os números crescentes de acesso.

Oportuno destacar que se trata de um fenômeno em curso, e, nesse sentido, ainda pouco repercutido e estudado entre cientistas sociais dedicados à religião, cujos trabalhos se concentram nos grupos pentecostais e neopentecostais, o que se justifica, em parte, por serem a maioria dos evangélicos no país (QUEIROZ, 2019). Além disso, tem sido percebido internamente, ora por membros de denominações declaradamente calvinistas, a exemplo de Augustus Nicodemus Lopes, o maior nome do calvinismo brasileiro; ou pentecostais e neopentecostais que alertam sobre seu avanço em suas denominações (ZIBORDI, 2019; MALAFAIA, 2019) e em mídias evangélicas (DINIZ, 2015, 2016, 2019; BASE TEOLÓGICA, s. d.).

Nesse sentido, a afirmação do reverendo presbiteriano:

O crescimento do interesse pela fé reformada em todo o mundo é um fato que tem sido notado aqui e ali pelos estudiosos de religião. Crescem em toda a parte a publicação de literatura reformada, o ingresso de estudantes em seminários e instituições reformadas, a realização de eventos, o surgimento de novas igrejas e instituições de ensino reformadas e o número de pessoas que se dizem reformadas, especialmente oriundas de denominações pentecostais. [...] Existe, todavia, um grande número de igrejas que são da 'tradição reformada' mas que já não creem de maneira ortodoxa quanto a estas doutrinas. Geralmente essas igrejas não estão experimentando esse crescimento, mas um esvaziamento, como a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e outras denominações historicamente ligadas à Reforma, mas que já não professam seus postulados. Por outro lado, da África, Coréia, China, Indonésia, por exemplo, chegam relatórios do florescimento calvinista. É claro que o calvinismo acaba recebendo diferentes interpretações e expressões em tantas culturas variadas, mas os pontos centrais estão lá. [...] Isso não quer dizer que os reformados são muito numerosos, comparados com pentecostais e arminianos, por exemplo. O que eu quero dizer é que os relativamente poucos reformados têm experimentado um crescimento que já chama a atenção de muitas denominações e tem provocado alertas da parte de seus líderes" (LOPES, 2019).

Por sua vez, entre os líderes pentecostais há reações ponderadas e outros em tom beligerante, a exemplo de vídeo do pastor assembleiano, Silas Malafaia, que afirmou:

Meus irmãos pentecostais, porque nós somos mais de 90% dos evangélicos no Brasil. Não vai ser uma minoria que vai te perturbar a nossa fé e nossos princípios. Esses caras, calvinistas, são cessacionistas. Preste a atenção no que eu vou te falar. Esses caras não creem nos dons espirituais, não creem no batismo com o Espírito Santo, evidência do falar em línguas, não creem em milagres, em cura. Debocham, debocham da nossa teologia. Um deles, lá na América, chegou a dizer que o falar em línguas é possessão demoníaca. E é a essa gente que vocês estão dando ouvidos? Eu fico até com vergonha. Eu vou até perdoar uma garotada, que nem tirou a fralda do evangelho, que é manipulada por informação, não conhecimento, de redes sociais, seguindo esses caras. (MALAFAIA, 2019)

Há uma percepção da ressurgência do calvinismo entre atores da esfera evangélica, que, a meu ver, se traduz em dois movimentos distintos: a) uma “*conversão*” ao calvinismo, por meio de sua descoberta e/ou redescoberta, mormente entre jovens, que se deslocam de outras denominações para igrejas e/ou denominações reconhecidas como calvinistas; b) de um *processo de calvinização entre pentecostais*. Apesar de ambos guardarem relação com a expansão calvinista, esta tese se dedica a lançar luzes sobre o primeiro.

Como dito, os estudos e a produção acadêmica sobre o tema ainda são incipientes. No mais, o calvinismo se trata de orientação teológica, não se confundindo com uma denominação ou organização. Há grupos historicamente associados ao calvinismo, como puritanos, presbiterianos e muitos entre os primeiros batistas (OPPENHEIMER, 2014), e outros que mesmo não estando vinculados ao calvinismo o abraçaram – a exemplo da Igreja Cristã Vida Nova, com sede na capital carioca, que é pentecostal e calvinista. Assim, é difícil mensurar sua expansão, vez que os dados, em geral, são gerados a partir da adesão a denominações evangélicas, desconsiderando-se a orientação teológica de seus membros. Porém, isso não importa na ausência de evidências.

Oportuno reforçar as características da ressurgência calvinista, a saber: a) adesão – ou conversão – ao calvinismo, sobretudo de jovens, vindo de outras denominações – como no caso brasileiro, de denominações pentecostais e neopentecostais; b) o amplo uso das mídias digitais, com a criação de páginas e perfis em redes sociais digitais, *sites*, *blogs*, *vlogs*, *podcasts* de conteúdo calvinista, e; c) por ser conservador (HANSEN, 2009; VERMORLEN, 2020).

Tomando por base o trabalho de Peixoto (2021), elaborei tabela com eventos ocorridos ao longo das últimas décadas que demonstram o crescente interesse pelo calvinismo e o aumento de mídia digitais com produção de conteúdo calvinista, característica da ressurgência calvinista, corroborando o que percebi em campo.

<b>MARCOS DA EXPANSÃO DO CALVINISMO NO BRASIL NAS DÉCADAS DE 2000 E 2010</b>		
<b>Ano</b>	<b>Evento</b>	<b>Algumas considerações</b>
1960	Criação da Editora Fiel.	Primeiras editoras dedicadas à teologia reformada no Brasil.
1962	Criação das <i>Edições Vida Nova</i> .	
1980	Criação da <i>Editora Clássicos Evangélicos</i> .	Novas casas publicadoras reformadas no Brasil.
	Início do <i>Projeto Os Puritanos</i> .	
1999	A editora Cultura Cristã, vinculada a Igreja Presbiteriana do Brasil, lança a <i>Bíblia de Estudo Genebra</i> , mais conhecida como Bíblia de Genebra.	Bíblia clássica entre calvinistas/reformados, cujo primeiro lançamento data de 1560.
	Publicação do artigo <i>O futuro não será protestante</i> , de Ricardo Mariano.	Descarta que possa acontecer uma expansão calvinista no Brasil.
2000	Criação da <i>Faculdade Internacional de Teologia Reformada (FITRef)</i> , sediada em Belém, capital paraense.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Vinculada a nomes como o do presbiteriano Paulo Anglada, que foi bastante atuante na criação do projeto Os Puritanos, na década de 1980, e; Solano Portela, um dos grandes nomes da Igreja Presbiteriana do Brasil.</li> <li>Adotou modelo de ensino EAD, já com o uso de novas tecnologias da informação.</li> </ul>
2001	Criação do <i>blog Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida!</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Criado por Felipe Sabino, que chegou à fé reformada, em meados da década de 1990, por meio da leitura dos livros de Charles Spurgeon publicados no Brasil pela PES.</li> <li>Após ler tudo o que estava disponível em português, aprendeu inglês e começou a traduzir e divulgar obras reformadas em seu <i>blog</i>.</li> </ul>
	Formação de grupo de estudos para refletir sobre o progresso científico e cosmovisão cristã, com inclinação neocalvinista, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Liderado pelo pastor Guilherme de Carvalho.</li> <li>Em 2006, forma a Associação Kuyper para Estudos Transdisciplinares (AKET).</li> </ul>
2002	Ocorre a <i>Youth Evangelicalism Conference</i> , em Montgomey, estado do Alabamas, nos Estados Unidos. Nela foi realizada a pregação intitulada <i>Shocking Message</i> pelo pastor Paul Washer.	<ul style="list-style-type: none"> <li>É a pregação mais conhecida nos Estados Unidos, em 2006, ano de sua divulgação no <i>YouTube</i>.</li> <li>Sua publicação mais antiga no <i>YouTube</i> ultrapassou três milhões quinhentas e vinte quatro mil visualizações (até outubro de 2021).</li> <li>Tornou-se um marco na difusão do calvinismo nos Estados Unidos e em outros países, dentre os quais o Brasil.</li> </ul>
	Fundação do <i>Centro de Literatura Reformada (CLIRE)</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>Trata-se de editora reformada confessional.</li> <li>Publica obras de nomes relevantes do calvinismo como Douglas Wilson, Thomas Goodwin e João Calvino.</li> </ul>
2003	Criação do <i>site Monergismo</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Criado por Felipe Sabino, que em 2001 havia criado o <i>blog Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida!</i></li> <li>O <i>site</i> contém acervo com mais de quatro mil publicações (em texto, áudio e vídeo).</li> <li>Apesar, de prevalecer o conteúdo traduzido da língua inglesa, há sermões e outros trabalhos de nomes do protestantismo reformado brasileiro</li> </ul>

		(como Augustus Nicodemus Lopes e Wandislau Gomes).
2004	Criação da <i>Comunhão Reformada Batista no Brasil</i> , em junho, na cidade de Petrolândia, no sertão pernambucano.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Integra crentes de diferentes igrejas batistas que subscrevem a Confissão de Fé Batista de Londres (1689).</li> <li>• Nos anos seguintes, promovem congressos nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.</li> </ul>
2005	Criação da <i>Igreja Anglicana Reformada do Brasil</i> (IARB), em Bragança Paulista, interior do estado de São Paulo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criada sob a liderança de Francisco Buzzo.</li> <li>• Motivo de sua criação dá-se por divergências com os rumos adotados por parte do anglicanismo inglês e brasileiro.</li> </ul>
	Criação da <i>Faculdade Teológica Reformada de Brasília</i> (FTRB).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vem a ser reinauguradas em 2012, com o apoio do famoso pastor, teólogo e missionário, fundador das Edições Vida Nova, Dr. Russel Shedd.</li> <li>• Em 2017, conseguem autorização do MEC para o funcionamento do curso de Teologia, na modalidade presencial.</li> <li>• Também oferecem, na modalidade EAD, curso livre de Teologia e outros de pós-graduação.</li> </ul>
	Criação da <i>KNOX Publicações</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Editora criada por Paulo Anglada.</li> <li>• O nome da editora faz referência ao reformador escocês, John Knox.</li> </ul>
	Em março, é criado o <i>Blog Monergismo</i> .	O propósito é divulgar as atualizações do <i>site Monergismo</i> e tratar de outros assuntos relacionados.
	Criação do <i>site O Tempora, O Mores</i> .	Tem a frente três grandes nomes do calvinismo brasileiro: Augustus Nicodemus Lopes, Solano Portela e Mauro Meister.
	Criação de <i>sites</i> calvinistas por “pastores sem fama” ou “crentes comuns que não possuem cargos em suas igrejas” (PEIXOTO, 2021, p. 100).	Exemplo: <i>Cristãos Online</i> (que atualmente se chama <i>Internautas Cristãos</i> ).
2006	Criação do <i>blog Bereianos</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criado por dois membros da Igreja Presbiteriana do Brasil.</li> <li>• O <i>site</i>, cujo nome remete a um grupo de cristãos do séc. I d.C. que checava o conteúdo da pregação dos apóstolos com os textos sagrados.</li> <li>• Nesse sentido, disponibiliza uma lista de <i>links</i> que consideram fiéis às doutrinas calvinista/reformada.</li> <li>• A lista é composta de duzentos e noventa e cinco <i>links</i>, distribuídos da seguinte forma: cento e trinta e três <i>blogs</i>; vinte e cinco <i>sites</i>; quatro <i>sites</i> sobre criacionismo; onze editoras; cinquenta e três estudos bíblicos e documentos históricos; dezenove instituições de ensino; dezoito de mídia, incluindo <i>vlogs</i> e <i>podcasts</i>; sete de missões; seis de revistas e jornais; oito <i>sites</i> apologéticos.</li> <li>• Os projetos listados foram criados, em sua maioria, nas décadas de 2000 e 2010, o que, segundo Peixoto (2021), sinaliza o crescimento da produção, difusão e procura por conteúdo calvinista.</li> </ul>
2007	Criação do canal do <i>Ministério Fiel</i> , administrado pela Editora Fiel, no <i>YouTube</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conta com cerca de trezentos e quarenta e nove mil inscritos (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Seus vídeos já ultrapassaram trinta e dois milhões quinhentos e dezesseis mil e oitocentas e trinta e seis visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• O vídeo mais acessado, intitulado <i>Sexo oral é pecado? // John Piper responde (PORTUGUÊS)</i><sup>5</sup>, contava com dois milhões quinhentos e cinquenta e cinco mil quinhentos e quarenta e quatro visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
2008	Criação da <i>Editora Monergismo</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Novo empreendimento de Felipe Sabino, após a criação do <i>site</i> e <i>blog</i> de mesmo nome.</li> <li>• A editora já publicou mais de cem títulos. Anualmente, tem lançada cerca de dez novos títulos de literatura reformada no mercado.</li> </ul>
	Criação do <i>blog Voltemos ao Evangelho</i> (VE).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fundado por Vinícius Musselman Pimentel, que chegou à fé reformada após assistir no <i>YouTube</i> a <i>Shocking Message</i> (Pregação Chocante) do pastor Paul Washer.</li> <li>• O <i>blog</i> é verdadeiro divisor de águas quando se pensa na expansão do calvinismo no Brasil, em especial, entre os jovens: “Divulgando conteúdo reformado, a exemplo de produções de [John] Piper, [Paul] Washer e R. C. Sproul com uma aparência visual jovem e dinâmica, o blog VE de orientação batista calvinista, em pouco tempo se tornou o link mais popular do gênero no Brasil. A partir do VE, jovens evangélicos com crescente acesso à Internet foram apresentados ao evangelho sob o prisma do Calvinismo (PIMENTEL, 2018).” (PEIXOTO, 2021, p. 101-102).</li> </ul>
	A Igreja Batista Vida Nova, fundada em 1986, muda para <i>Igreja Batista Reformada Vida Nova</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A mudança de nome torna explícita seu posicionamento teológico.</li> <li>• No site da instituição passa a divulgar material calvinista/reformado utilizado em seu Centro de Treinamento Bíblico (CTB).</li> </ul>
	A Igreja Pentecostal de Nova Vida (IPNV), sediada no Rio de Janeiro, e fundada na década de 1960 pelo bispo Robert McAlister, passa a se chamar <i>Igreja Cristã Vida Nova</i> (ICVN).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seu fundador, o bispo Robert McAlister, é o pioneiro do neopentecostalismo no Brasil. Foi dela que Edir Macedo e R. R. Soares saíram para fundar a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).</li> <li>• A mudança de nome veio acompanhada de elaboração de declaração de fé de inclinação calvinista, apontando, portanto, para uma mudança teológica, a saber o <i>pentecostalismo reformado</i>.</li> <li>• A igreja é liderada pelo Bispo Primaz Walter McAlister, filho do fundador.</li> </ul>
	Fundação da <i>Igreja Esperança</i> , em Belo Horizonte, Minas Gerais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A igreja é pastoreada por Guilherme de Carvalho.</li> <li>• Identifica-se como uma igreja cristã evangélica de fé reformada e carismática.</li> </ul>
	Fundação do <i>L’Abri Brasil</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trata-se da versão nacional do <i>L’Abri</i>, instituição reformada suíça fundada pelo filósofo calvinista Francis Schaeffer, em 1955.</li> <li>• Define-se como “um centro de estudos que combina vida em comunidade, hospitalidade e reflexão cristã”<sup>6</sup></li> </ul>
2009	Fundação de novas congregações da Igreja Anglicana Reformada do Brasil (IARB).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marca o início de seu processo de expansão.</li> <li>• Também é realizado o primeiro sínodo da denominação.</li> </ul>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://youtu.be/KD6l5xmrJKs>. Acesso em: 14 fev. 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.labri.org.br/sobre>. Acesso em: 14 fev. 2022.

Surgimentos de novos <i>sites</i> calvinistas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>2 Timóteo 3:16.</i></li> <li>• <i>5 Calvinistas.</i></li> <li>• <i>Sim-cessou.</i></li> <li>• <i>Projeto Spurgeon.</i></li> </ul>
Criação da página do teólogo e filósofo calvinista Jonas Madureira no <i>Facebook</i> .	Conta com cerca de sessenta e três mil seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).
Publicação no <i>YouTube</i> da <i>Pregação Chocante</i> , de Paul Washer, legendada em português.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O vídeo foi legendado por Vinícius Musselman Pimentel e amigos.</li> <li>• O vídeo contava com mais de dois milhões de visualizações até 2017.</li> <li>• A versão dublada em português disponível, datado de 2012, ultrapassou três milhões trezentos e cinquenta mil visualizações, número aproximado aos acessos do primeiro vídeo em inglês datado de seis anos antes.</li> </ul>
Criação do canal do <i>Voltemos ao Evangelho</i> no <i>YouTube</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O canal possui cerca de cento e oitenta e sete mil inscritos (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Seus vídeos já ultrapassaram a marca de dezesseis milhões novecentos e sete mil trezentos e dezessete visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• O vídeo com maior número de visualizações é <i>John Piper – Faça Guerra</i><sup>7</sup>, publicado em 01 de setembro de 2010, com seiscentas e quarenta e cinco mil seiscentas e trinta e duas visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Os vídeos foram publicados, em sua maioria, entre os anos de 2009 e 2013. Os mais acessados foram os dos pastores estadunidenses John Piper e Paul Washer, além de dois vídeos do reverendo Augustus Nicodemus Lopes posicionados na segunda e terceira posições, respectivamente, com seiscentas e cinco mil e quarenta e quatro e quatrocentos e dez mil e duzentos e dezessete visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
Criação do canal do pastor Josemar Bessa, da Igreja Congregacional em Jardim da Luz, na cidade do Rio de Janeiro.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O canal conta com oitenta e sete mil e quatrocentos inscritos (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Seus vídeos apresentam cerca dez milhões duzentos e cinquenta e seis mil e trinta visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Os vídeos mais acessados correspondem a versões dubladas em português de textos e sermões de pregadores reformados do passado, a exemplo de John Bunyan, Richard Baxter e John Owen, do séc. XVII; Jonathan Edwards e George Whitefield, do séc. XVIII; Charles Spurgeon e J. C. Ryle, do séc. XIX, e; A. W. Pink e Martin Lloyd-Jones, do séc. XX.</li> <li>• O vídeo mais acessado é o clássico sermão puritano <i>Pecadores nas mãos de um Deus Irado!</i> / <i>Jonathan Edwards (Nova versão)</i><sup>8</sup> com quatrocentos e setenta e um mil quatrocentos e quarenta e uma visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> </ul>

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BOjTyhGsiUI>. Acesso em: 14 fev.2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://youtu.be/vOrC-8K0RF0>. Acesso em: 14 fev. 2022.



	<p>Criação do canal do <i>YouTube</i> da <i>Igreja Presbiteriana de Santo Amaro</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O canal conta com cerca de duzentos e trinta e oito mil inscritos (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Seus vídeos apresentam cerca vinte e quatro milhões quinhentos e setenta mil e oitocentos e catorze visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Os vídeos mais acessados são com o reverendo Augustus Nicodemus Lopes, publicados entre os anos de 2013 e 2015.</li> <li>• O vídeo com o maior número de acessos é <i>Como interpretar a Bíblia – Augustus Nicodemus</i><sup>9</sup>, publicado em 25 de dezembro de 2013, que conta com um milhão quatrocentas e quarenta e uma trezentos e dezessete visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Chamou-me a atenção o segundo vídeo em número de acessos, <i>3 Heresias de Origem Pentecostal (Trecho) – Sérgio Lima</i><sup>10</sup>, com setecentos e trinta e seis duzentas e sessenta e três visualizações (em 14 de fevereiro de 2022), por existir uma tensão entre calvinistas e arminianos (em geral, pentecostais e neopentecostais).</li> </ul>
	<p>Criação do canal <i>Defesa do Evangelho Oficial</i>, do pastor batista Paulo Júnior, no <i>YouTube</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O pastor Paulo Júnior é líder da <i>Igreja Aliança do Calvário</i>, sediada em São Paulo, e inspirada pelo ministério de Paul Washer.</li> <li>• Tornou-se o canal mais popular entre os de inclinação calvinista.</li> <li>• O canal conta com cerca de um milhão e setecentos mil inscritos (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Seus vídeos contavam com duzentas e sete milhões trezentas e noventa e duas mil cento e três visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Dezessete vídeos, publicados entre 2019 e 2016, ultrapassaram a marca de um milhão de visualizações.</li> <li>• Seu vídeo mais acessado, <i>O Que Destrói um Casamento – Paulo Junior (LEGENDADO)</i>, ultrapassa quatro milhões e novecentas mil visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
2010	<p>Criação do canal <i>Spurgeontv</i> no <i>YouTube</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O canal é de iniciativa do pastor Josemar Bessa e dedicado ao pregador Charles Spurgeon.</li> <li>• Contabiliza cerca de cento e oitenta mil inscritos, e seus vídeos contam com mais de oito milhões quatrocentos e sessenta e seis mil visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
	<p>O jovem Yago Martins se conhece à fé reformada por meio do conteúdo do <i>Voltemos ao Evangelho</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Yago começa a trabalhar com a produção, tradução e divulgação de conteúdo calvinista por meio da internet.</li> <li>• Em 2012, graduou-se em Teologia.</li> <li>• Passa a participar do <i>Voltemos ao Evangelho</i>.</li> </ul>
2011	<p>Criação da página do <i>Voltemos ao Evangelho</i> no <i>Facebook</i>.</p>	<p>A página possui setecentos e vinte e três mil trezentos e oitenta seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</p>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://youtu.be/j9UUj36Dc>. Acesso em: 14 fev. 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ATvQzYJzohQ>. Acesso em: 14 fev.2022.

	Criação do perfil pessoal de Augustus Nicodemus Lopes no <i>Facebook</i> .	O perfil possui quinhentos e trinta e sete mil seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).
	Criação do canal da <i>Igreja Presbiteriana de Pinheiros</i> no <i>YouTube</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O canal conta com novecentos e quinze mil inscritos (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Seus vídeos apresentam cerca cento e catorze milhões cento e cinquenta e um mil e duzentos e quarenta e nove visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Os sessenta vídeos mais acessados, com exceção de dois do pastor Paulo Júnior, são todos do reverendo Hernandes Dias Lopes, que, segundo Peixoto (2021), tem a maior receptividade no meio pentecostal.</li> </ul>
2012	Criação de diversos sites, páginas e perfis em redes sociais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação do <i>site Tu, porém</i>.</li> <li>• Criação da página <i>Calvino da Depressão</i> no <i>Facebook</i>, com oitenta mil quatrocentos e noventa e cinco seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Criação do perfil no <i>Facebook</i> dos pastores Hernandes Dias Lopes, com cerca de oitocentos e sessenta e três mil seguidores, e; Luiz Sayão, com cerca de vinte e dois mil oitocentos e setenta e dois seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Criação do perfil do teólogo e filósofo Jonas Madureira no <i>Instagram</i>, com cento e trinta e nove mil seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
2013	Criação do <i>site Inconformados</i> .	
	Criação da página do <i>Reforma que Passa!</i>	Inicialmente aberta, passou a grupo privado com dezessete mil membros.
	O <i>blog Voltemos ao Evangelho</i> passa a integrar o Ministério Fiel.	
	<i>Faça Guerra</i> é tema da <i>ContraJovem</i> , conferência para jovens da <i>Igreja Batista da Lagoinha</i> , em Belo Horizonte, capital mineira.	O tema alude ao vídeo <i>John Piper – Faça Guerra</i> , publicado em 01 de setembro de 2010, com seiscentas e quarenta e cinco mil seiscentas e trinta e duas visualizações (em 14 de fevereiro de 2022), o mais visualizado do canal no <i>YouTube</i> do <i>Voltemos ao Evangelho</i> .
2014	Criação de novos <i>sites</i> de conteúdo calvinista.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Electus</i>.</li> <li>• <i>Cessacionismo em Foco</i>.</li> <li>• <i>os-puritanos</i>, vinculado ao Projeto Puritanos.</li> </ul>
	Criação de perfis no <i>Instagram</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Augustus Nicodemus Lopes</i>, com setecentos e vinte e seis mil seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• <i>Yago Martins</i>, com duzentos e doze mil seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• <i>Guilherme de Carvalho</i>, com cerca de vinte e três mil e quatrocentos seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• <i>Ministério Fiel</i>, com cerca de cento e vinte e quatro mil seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
	Criação do canal <i>Dois Dedos de Teologia</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Canal idealizado e realizado por Yago Martins.</li> <li>• O canal possui cerca de seiscentos e noventa e nove mil seguidores. Seus vídeos ultrapassam a marca de cinquenta e nove milhões quinhentas e sessenta e três mil e quinhentas visualizações.</li> <li>• O canal apresenta “apresentando conteúdos calvinistas e tratando de variados temas sob sua ótica, de dom de línguas à Marxismo cultural, da TULIP ao bolsonarismo, frequentemente</li> </ul>

		mostrando a literatura que embasa suas falas” (PEIXOTO, 2021, p. 107).
	Lançamento do projeto musical <i>Cantando o Evangelho</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O objetivo é a criação de músicas com teor calvinista/reformado.</li> <li>• O projeto é realizado pelo ministério de louvor da <i>Igreja Aliança do Calvário</i>, cujo líder é o pastor Paulo Júnior.</li> </ul>
2015	Lançamento do site <i>Reformai</i> .	
	Criação de diversas páginas e perfis na <i>Facebook</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Dollynho Puritano 3.0</i>, com vinte e oito mil e vinte e oito seguidores (em 19 de fevereiro de 2022).</li> <li>• <i>Brother Bíblia</i>, criada por um presbiteriano, com pouco mais de duzentos e setenta e sete mil e oitocentos seguidores (em 19 de fevereiro de 2022).</li> <li>• <i>Calvinistas</i>, com cerca de cento e trinta e um mil novecentos e dezenove seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Página do pastor presbiteriano Ageu Magalhães, seguida por cerca de trinta e uma mil pessoas (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Página do pastor e teólogo Franklin Ferreira, seguida por mais de cento e quarenta e sete mil pessoas (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Página do pastor batista Valter Reggiani, que possui mais de trinta mil seguidores (até outubro de 2021).</li> </ul>
	Criação do canal do <i>Augustus Nicodemus Lopes</i> no <i>YouTube</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O canal possui oitocentos e trinta e um mil inscritos (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• O número de visualizações de seus vídeos é de cinquenta e nove milhões cento e vinte de dois mil duzentos e noventa e nove (em 14 de fevereiro de 2022). Sete vídeos ultrapassaram a marca de um milhão de visualizações.</li> </ul>
	Lançamento de novos projetos musicais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Canal do <i>YouTube</i> da <i>Banda Dort</i>, com doze mil e duzentos inscritos, e um milhão cento e noventa e nove quinhentas e noventa e cinco visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• Canal do <i>YouTube</i> do <i>Projeto Sola</i>, com cento e noventa mil inscritos e mais de trinta milhões e quatrocentas mil visualizações, com destaque para <i>Colossenses 1 - Single   Projeto Sola<sup>11</sup></i>, lançado em 2017, com três milhões seiscentas e cinquenta e uma mil oitocentas e treze visualizações (em 14 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
2016	Criação de perfis no <i>Instagram</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Tiago Santos</i>, editor-chefe do Ministério Fiel e diretor do Seminário Martin Bucer, com cerca de quinze mil e setecentos seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• <i>John Piper</i>, o grande nome da ressurgência calvinista nos Estados Unidos e no mundo, com noventa mil oitocentos e oitenta e nove seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• <i>Defesa do Evangelho Oficial</i>, ministério do pastor Paulo Júnior, com duzentos e oitenta mil oitocentos e cinquenta e seis seguidores (em 14 de fevereiro de 2022).</li> </ul>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://youtu.be/gk7XWCMwO94>. Acesso em: 14 fev. 2022.

	Lançamento dos primeiros vídeos do <i>Ministério Cantando as Escrituras</i> , depois apenas <i>Cante as Escrituras</i> , no canal do <i>Dois Dedos de Teologia</i> .	
	Criação do canal <i>Teologueiros</i> no YouTube.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O canal possui duzentos e quarenta e três mil inscritos (em 14 de fevereiro de 2022).</li> <li>• O número de visualizações de seus vídeos é de onze milhões cento e quarenta e nove mil duzentos e vinte e dois (em 14 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
	Tensões entre arminianos e calvinistas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Em janeiro, é publicada a <i>Nota Pública Sobre os Debates Teológicos Entre Calvinistas e Arminianos</i><sup>12</sup>, tentativa de apaciar tensões causadas pelo avanço do calvinismo, sobretudo, no campo pentecostal. A nota é assinada por diversos líderes calvinistas e arminianos, dentre eles Augustus Nicodemus Lopes, da Igreja Presbiteriana do Brasil, de confissão calvinista, e Altair Germano, arminiano, vinculado da Assembleia de Deus.</li> <li>• Em fevereiro, na cidade Campina Grande, na Paraíba, aconteceu o <i>Encontro para a Consciência Cristã</i>, com cerca de noventa mil participantes, que trouxe o assunto à baila por meio do painel <i>Quem disse que calvinistas e arminianos são se entendem?</i></li> <li>• Em julho ocorre o cancelamento de palestra do reverendo Augustus Nicodemus Lopes na CPAD Mega Store, loja da Casa Publicadora das Assembleias de Deus, após pressões de diversos líderes da denominação, dentre eles o do pastor Altair Germano.</li> <li>• A Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus do Brasil (CGADB) publica a <i>Declaração de Fé das Assembleias de Deus do Brasil</i><sup>13</sup>, reafirmando a direção arminiana da denominação.</li> </ul>
	Criação da <i>Associação Brasileira de Cristãos na Ciência</i> (ABC <sup>2</sup> ).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criada por iniciativa da Associação Kuyper para Estudos Transdisciplinares (AKET) com o apoio da <i>Templeton World Charity Foundation</i> (TWCF), com orientação neocalvinista.</li> <li>• Tem por objetivo promover a comunicação e a integração entre a comunidade cristã e o campo científico no Brasil, por meio da constituição da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência.</li> <li>• Tem caráter missional, vez que pretende “operar como uma embaixada de sentido entre o universo da fé cristã e o universo da ciência. Nesta qualidade, ela promoverá o diálogo aberto, honesto e respeitoso entre estes dois campos, tendo sempre em conta a liberdade e a soberania das respectivas esferas sociais e as finalidades intrínsecas e próprias de cada esfera, mas buscando o avanço do conhecimento integral</li> </ul>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://abre.ai/notacalvinistasearminianos>. Acesso em: 14 fev. 2022.

<sup>13</sup> Disponível em: [https://www.galaxcms.com.br/imgs\\_redactor/1531/files/declaracao%20de%20Fe.pdf](https://www.galaxcms.com.br/imgs_redactor/1531/files/declaracao%20de%20Fe.pdf). Acesso em: 14 fev.2022.

		acerca do homem e sua relação com Deus e a natureza, a partir de uma perspectiva cristã.” <sup>14</sup>
	Divulgação pela Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) da projeção estatística entre os anos de 2014 e 2016.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os números revelaram um aumento de 40% (quarenta por cento) entre os membros comungantes.</li> <li>• Em 2014, eram trezentos e sessenta mil duzentos e sessenta e um membros comungantes. Em 2016, esse número era de quinhentos e sete mil novecentos e trinta e seis membros comungantes.</li> </ul>
2017	Criação de novos grupos no <i>Facebook</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Debate Calvinismo x Arminianismo (pioneiro)</i>: grupo público com catorze mil e setecentos membros (em 15 de fevereiro de 2022).</li> <li>• <i>Pregações do Pr. Paulo Júnior</i>: grupo público com cento e setenta e cinco mil e setecentos membros (em 15 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
	Criação de perfis no <i>Instagram</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O perfil do teólogo e pastor Franklin Ferreira, com cento e vinte e oito mil quinhentos e nove seguidores (em 15 de fevereiro de 2022).</li> <li>• <i>Editora Monergismo</i>, com cinquenta e um mil quatrocentos e treze seguidores (em 15 de fevereiro de 2022).</li> <li>• <i>Voltemos ao Evangelho</i>, com cento e onze mil duzentos e um seguidores (em 15 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
	Fundação da <i>Convenção Batista Reformada do Brasil (CBRB)</i> .	Acontece no dia 30 de outubro de 2017, dia em que se celebra a Reforma Protestante.
2018	Criação do <i>Calvinista Sincero</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A página no <i>Facebook</i> já conta com doze mil duzentos e noventa seguidores (em 15 de fevereiro de 2022).</li> <li>• O perfil no <i>Instagram</i> contabiliza sete mil trezentos e sessenta e cinco seguidores (em 15 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
	Criação dos perfis de pastores calvinistas em redes sociais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perfil do Pr. Paulo Júnior no <i>Instagram</i>, com trezentos e trinta e cinco mil trezentos e vinte seguidores.</li> <li>• Perfil do pastor presbiteriano, um dos membros do site <i>O Tempora, o mores</i>, Mauro Meister, no <i>Facebook</i>, seguido por dez mil quatrocentas e trinta e seis pessoas.</li> </ul>
	Lançamento da <i>Coalizão Pelo Evangelho (TGC Brasil)</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Segundo informam, trata-se de “uma organização cristã que surgiu como fruto da comunhão de pastores evangélicos de tradição reformada, profundamente comprometidos com a renovação da fé no Evangelho e com a reforma das práticas ministeriais no contexto brasileiro, a fim de que sejam plenamente conformadas às Escrituras Sagradas.” (COALIZAÇÃO PELO EVANGELHO, 2018a).</li> <li>• Corresponde a versão brasileira da <i>The Gospel Coalition</i>.</li> <li>• Seu conselho é composto de vários líderes calvinismo, dentre os quais alguns dos nomes citados aqui, como Augustus Nicodemus Lopes, Tiago Santos, Solano Portela, Luiz Sayão, Franklin Ferreira, Valter Reggiani, Mauro Meister, Jonas Madureira.</li> </ul>

<sup>14</sup> Informação institucional. Disponível em: <https://www.cristaosnaciencia.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 14 fev. 2022.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Em 24 de outubro de 2018, publicam <i>Eleições 2018: Carta Aberta à Igreja Brasileira</i><sup>15</sup>, fazendo as seguintes recomendações quanto a escolha do candidato à Presidência da República: “a) Para a escolha de candidato, recomenda-se conhecer bem o seu caráter, ideias e a ideologia do partido; b) Apoie propostas que defendam a dignidade do ser humano e a vida em qualquer circunstância, desde sua concepção no ventre materno; c) Rejeite candidatos com ênfases intervencionistas na esfera familiar, educacional, eclesíastica e artística; d) Repudie qualquer ideologia que se oponha aos princípios do Reino de Deus, isto é, à mensagem e aos ensinamentos da Bíblia; e) Apoie candidatos que expressem compreender a função primordial do Estado em prover e promover justiça e segurança para seus cidadãos; f) Por fim, ao indicar um candidato para amigos e familiares, faça-o com respeito às opiniões diferentes da sua, lembrando que, apesar de você acreditar na pessoa para quem está dando e pedindo voto, como cristãos, nossa esperança última de sociedade perfeita deve estar na consumação dos séculos, quando Jesus voltará para reinar com cetro de justiça.” (COALIZAÇÃO PELO EVANGELHO, 2018b)</li> </ul>
	O reverendo Augustus Nicodemus Lopes pregou na <i>Igreja Batista da Lagoinha</i> , em Belo Horizonte.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os vídeos com a participação do pastor no canal da <i>Lagoinha</i> no <i>YouTube</i>, ultrapassam dois milhões de visualizações.</li> <li>• Dentre os cinco vídeos disponíveis no canal da igreja, um deles, <i>Perguntas e respostas   Rev. Augustus Nicodemus</i><sup>16</sup>, ultrapassou um milhão de visualizações (em 15 de fevereiro de 2022).</li> </ul>
	Lançamento do livro <i>O Pentecostalismo Reformado</i> , de Walter McAlister, bispo primaz da <i>Igreja Cristã Vida Nova</i> , pela Edições Vida Nova.	
	Fundação da <i>Igreja Batista Reformada</i> , em Belém, capital paraense.	A igreja tem por fundador o pastor Fernando Angelim, que conheceu a fundo a teologia calvinista/reformada a partir de 2012 por meio da <i>Conferência Fiel para Pastores e Líderes</i> .
	Fundação do <i>Instituto Brasileiro de Direito e Religião (IBDR)</i> .	O instituto conta com o apoio e participação de importantes líderes calvinistas, como Davi Gomes, Franklin Ferreira e Renato Vargens.
	Debate entre Yago Martins e Olavo de Carvalho (e seu seguidor, Bernardo Küster).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O embate rendeu dois vídeos publicados no canal <i>Dois Dedos de Teologia</i>.</li> <li>• O primeiro vídeo intitulado <i>POR QUE NÃO SOU OLAVETE (RESPOSTA AO "POR QUE NÃO SOU EVANGÉLICO")</i> foi publicado em 10 de setembro de 2018. Em 15 de fevereiro de 2022 contava com quinhentas e noventa e seis mil e oitenta e seis visualizações.</li> <li>• O segundo vídeo intitulado <i>PIOR A EMENDA QUE O SONETO (RESPONDENDO OLAVO DE CARVALHO E BERNARDO KÜSTER)</i>, publicado</li> </ul>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/eleicoes-2018-carta-aberta-igreja-brasileira/>. Acesso em: 15 fev.2022.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://youtu.be/PcycQkB0hyM>. Acesso em: 15 fev.2022.

		em 20 de setembro de 2018, dez dias após o primeiro, possui trezentas e trinta e quatro mil e cento e noventa visualizações (em 15 de fevereiro de 2022).
	Publicação de <i>tweet</i> do reverendo Augustus Nicodemus Lopes sobre a expansão do calvinismo entre os pentecostais e neopentecostais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Os reformados precisam se preparar para receber as centenas e centenas de irmãos pentecostais e neopentecostais que descobriram a fé reformada pela internet e estão vindo cheios de expectativa e esperança para as suas igrejas. Senão a desilusão deles será grande.”<sup>17</sup></li> <li>• Até o dia 15 de fevereiro de 2022, o <i>tweet</i> contava com os seguintes números: 176 <i>retweets</i>; 27 <i>tweets</i> com comentários, e; 1.284 curtidas.</li> </ul>
2019	Publicação do vídeo <i>Pr Silas Malafaia comenta: Alerta importantíssimo ao povo pentecostal!</i> <sup>18</sup> no canal de Silas Malafaia no <i>YouTube</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O propósito do vídeo é alertar sobre o perigo que os calvinistas representam à fé pentecostal e arminiana, face a expansão do calvinismo entre pentecostais brasileiros.</li> <li>• O pastor Silas Malafaia tenta desqualificar os calvinistas, e invoca o argumento de maioria para destituir de autoridade a minoria calvinista: “<i>Meus irmãos pentecostais, porque nós somos mais de 90% dos evangélicos no Brasil. Não vai ser uma minoria que vai te perturbar a nossa fé e nossos princípios. Esses caras, calvinistas, cessacionistas. Preste a atenção no que eu vou te falar. Esses caras não creem nos dons espirituais, não creem no batismo com o Espírito Santo, evidência do falar em línguas, não creem em milagres, em cura. Debocham, debocham da nossa teologia. Um deles, lá na América, chegou a dizer que o falar em línguas é possessão demoníaca. E é a essa gente que vocês estão dando ouvidos? Eu fico até com vergonha. Eu vou até perdoar uma garotada, que nem tirou a fralda do evangelho, que é manipulada por informação, não conhecimento, de redes sociais, seguindo esses caras.</i>”</li> </ul>
	Realização da palestra <i>Como Vencer o Olavismo Cultural</i> no Instituto Mises Brasil, por Yago Martins.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A palestra está disponível no canal <i>Dois Dedos de Teologia</i>, e conta com cinquenta e seis mil e noventa e seis visualizações (em 15 de fevereiro de 2022)<sup>19</sup>.</li> <li>• Yago Martins, além de pastor e <i>youtuber</i>, é <i>podcaster</i> do <i>podcast</i> do <i>Instituto Mises Brasil</i>.</li> </ul>
2020	Criação do canal do <i>Pastor Paulo Mocellin</i> , que é declaradamente calvinista, no <i>YouTube</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O canal possui duzentos e sessenta e quatro mil seguidores, e seus vídeos totalizam dezoito milhões quinhentas e dez mil quatrocentas e trinta e sete visualizações.</li> <li>• Além de temas teológicos, trata de variados temas políticos, sempre alinhados numa perspectiva conservadora de direita, associando as posições de esquerda à pecados e ao mal.</li> <li>• Seu vídeo mais acessado é uma pregação intitulada <i>SÉRIE   ESQUERDISMO: O ÍDOLO DE MUITOS CRISTÃOS   EP. 1   O QUE É</i></li> </ul>

<sup>17</sup> Disponível em: [https://twitter.com/augustuslopes/status/1069279478285774851?s=20&t=gp3mz7S-kV8bGDSte\\_Yqnw](https://twitter.com/augustuslopes/status/1069279478285774851?s=20&t=gp3mz7S-kV8bGDSte_Yqnw). Acesso em: 15 fev. 2022.

<sup>18</sup> Disponível em: [https://youtu.be/m\\_hsFijmf2s](https://youtu.be/m_hsFijmf2s). Acesso em: 15 fev. 2022.

<sup>19</sup> O vídeo está disponível em: [https://youtu.be/SPW2\\_GRmUvA](https://youtu.be/SPW2_GRmUvA). Acesso em: 15 fev. 2022.

		<i>ESQUERDISMO?</i> <sup>20</sup> , com trezentos e trinta e uma mil trezentos e quarenta e seis visualizações (em 15 de fevereiro de 2022), na qual afirma: “Se você nunca estudou sobre capitalismo e socialismo fora da escola. Se o único conhecimento político que você tem vem da escola, ou da Rede Globo ou da mídia americana, por meio dos filmes. Você nunca estudou a Revolução Francesa, a revolução bolchevique, você nunca leu <i>O capital por si só</i> , sem a influência da escola e da mídia. Se você não sabe quem foi Robespierre na revolução francesa; você não sabe quem foi Ivan Mises; se você não sabe quem foi Stálin, Lenin, Trotsky; se você nunca estudou fora, o único conhecimento que você tem da realidade vem da escola e da mídia, eu quero informar que você é um esquerdista.”
	Entrevista do teólogo, filósofo e pastor Jonas Madureira ao <i>Democracia na teia</i> , de Luiz Felipe Pondé.	O vídeo <i>O que seria uma inteligência infeliz?   Jonas Madureira</i> <sup>21</sup> possui, desde sua publicação em 09 de agosto de 2020, oitenta e nove mil seiscentas e quarenta e três visualizações (em 16 de fevereiro de 2022).
	Publicação do vídeo <i>PR. SILAS MALAFAIA - UMA RESPOSTA ÀS ASNEIRAS DO FARISEU PAULO JUNIOR</i> <sup>22</sup> em seu canal no YouTube.	O pastor Silas Malafaia rebate as críticas realizadas pelo calvinista Paulo Júnior sobre os pastores pentecostais e neopentecostais e suas práticas místicas de cura, como lenços ungidos, imposição de mãos, dentre outras.

Tabela 01 – Marcos da expansão calvinista no Brasil. Fonte: PEIXOTO, 2021. Elaboração própria.

Além dos *sites*, *blogs* e canais mencionados, Peixoto (2021) lista outros em que não foi possível identificar o ano exato de sua criação, a exemplo: *Reforma21* (antes *iPródigo*); *Ortodoxia Reformada*; *Blog dos Eleitos*; *Reforma Radical*; *Revista Monergista*; *Bispo Ryle*; *Rádio Dort*; *Martin Lloyd-Jones*; *Igreja Batista Reformada Vida Nova (IBRVN)*; a versão em português do site do *Desiring God*, ministério de John Piper; a versão em português do site *9Marks*, ministério de Marc Dever e Matt Schmucker e; *Guilherme de Carvalho*, que coordenou a criação, em 2006, da organização jurídica da *Associação Kuyper para Estudos Transdisciplinares (AKET)*, do *L’Abri Brasil* e da *Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC<sup>2</sup>)*, além de ter ocupado o cargo de diretor de Promoção de Educação em Direitos Humanos no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, pasta comandada pela ministra Damares Alves, na gestão Bolsonaro (PACHECO, 2020).

Os dados apresentados reforçam as características destacadas da ressurgência calvinista, em especial, a criação de conteúdo calvinista e sua busca nas variadas mídias digitais, bem como a sua utilização por instituições – antigas e novas.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://youtu.be/BSuHeovbpuQ>. Acesso em: 15 fev. 2022.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://youtu.be/TPt55ZGcm10>. Acesso em: 16 fev. 2022.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://youtu.be/Z09cRpgDv0g>. Acesso em: 16 fev. 2022.



Além disso, destaca deslocamentos de fiéis de determinados segmentos do mundo evangélico para o calvinismo.

A Igreja Presbiteriana do Brasil, denominação de orientação evangélica calvinista desde a sua origem no calvinismo escocês, apresentou crescimento expressivo entre seus membros comungantes, um aumento de 40% (quarenta por cento). À guisa de esclarecimento, a Igreja Presbiteriana do Brasil recebe por membros crianças, através do ritual do bastimos. Contudo, em razão da idade, far-se-á necessário, em momento posterior, e com idade maior, uma confissão de fé, confirmando a sua opção pela fé cristã protestante. Antes desse ritual de confirmação, apesar de membros oficiais, não podem participar da Ceia do Senhor. Assim, os membros se dividem entre *não comungantes*, os que não podem participar do ritual da Ceia do Senhor, e os *comungantes*, que estão aptos a participar (artigos 12 e 13, da Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil)<sup>23</sup>.

Além disso, houve a criação de denominações e convenções entre os batistas para deixar claro a sua orientação calvinista. Em 2008, houve mudança de nome da Igreja Pentecostal de Vida Nova, fundada pelo bispo Robert McAlister, o precursor do neopentecostalismo no Brasil, para Igreja Cristã de Vida Nova, aderindo ao calvinismo, mesmo que se mantendo pentecostal.

Um caso interessante, e não listado acima, mas que serve para ilustrar esses deslocamentos e a procura de um lugar para se inserir, é a da Igreja Vintage 180, fundada em maio de 2013, na capital gaúcha, pelo pastor e ex-neopentecostal, em seus próprios termos, Jackson Jacques Junges. O pastor se notabilizou pelas suas pregações em praças e metrô de Porto Alegre, em seu passado de neopentecostal<sup>24</sup>, e pelo vídeo *CONFISSÕES DE UM EX NEOPENTECOSTAL*, publicado em 12 de

---

<sup>23</sup> **“Art. 12. Os membros da igreja são comungantes e não comungantes: comungantes são os que tenham feito a sua pública profissão de fé; não comungantes são os menores de dezoito anos de idade, que, batizados na infância, não tenham feito a sua pública profissão de fé. Art. 13. Somente os membros comungantes gozam de todos os privilégios e direitos da igreja. § 1º. Só poderão ser votados os maiores de dezoito anos e os civilmente capazes. § 2º. Para alguém exercer cargo eletivo na igreja é indispensável o decurso de seis meses após a sua recepção; para o presbiterato ou diaconato, o prazo é de um ano, salvo casos excepcionais, a juízo do Conselho, quando se tratar de oficiais vindos de outra Igreja Presbiteriana. § 3º. Somente membros de igreja evangélica, em plena comunhão, poderão tomar parte na Santa Ceia do Senhor e apresentar ao batismo seus filhos, bem como os menores sob sua guarda.”** Disponível em: <https://www.executivaipb.com.br/site/constituicao/constituicao.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2019.

<sup>24</sup> O pastor fala a esse respeito no episódio do *podcast* evangélico BTCast. Disponível em: <https://bibotalk.com/podcast/btcast-051-evangelismo/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

setembro de 2013, no qual associa determinados eventos, conteúdos e livros neopentecostais a drogas<sup>25</sup>.

A conversão de Jackson ao calvinismo se deu por intermédio dos pastores estadunidenses da ressurgência calvinista, com nítida influência do pastor Mark Driscoll<sup>26</sup>, seja no nome da igreja em referência a um de seus livros mais conhecidos *Vintage Church* – o 180 é referente a mudança de 180º em sua orientação teológica (FORTUNA, 2019).

E a influência não fica apenas no nome, mas também na estética da igreja – pintada de preto e com jeitão de *pub* –, no cenário das pregações, vestimenta e no *site*.



Fig.01 - Frente da Igreja Vintage 180, em Porto Alegre (RS) e da Mars Hill Church, em Seattle.



Fig. 02 - A semelhança de cenários (uso do telão e monitor, púlpito minimalista, roupas informais)

<sup>25</sup> O vídeo está disponível no canal *claitoncos*, no *YouTube*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=B4DINo1z\\_Xg&t=153s](https://www.youtube.com/watch?v=B4DINo1z_Xg&t=153s). Acesso em: 10 nov. 2021.

<sup>26</sup> Mark Driscoll é um dos grandes nomes do Novo Calvinismo nos Estados Unidos. Fundador da mega igreja *Mars Hill Church*, espalhada por cinco estados estadunidenses e com milhares de fiéis. Seus livros figuravam na lista de best-sellers, e seu jeito direto e informal chamava a atenção. Driscoll chegou a ser considerado um *rock star* do mundo evangélico (AMBROSINO, 2014). Apesar do sucesso, envolveu-se em algumas controvérsias que fizeram a sua ascensão e credibilidade entrarem em declínio, culminando, inclusive com o fim de sua igreja (AMBROSINO, 2014; WELCH, 2014; CONCANNON, 2021; TONG; HAGAN, 2022). Um bom perfil do pastor está disponível em: [https://stringfixer.com/pt/Mark\\_Driscoll\\_\(pastor\)](https://stringfixer.com/pt/Mark_Driscoll_(pastor)). Acesso em: 20 jan. 2022.

Em certa medida, as mesmas ênfases do ministério de Driscoll têm sido as da Vintage 180, incluindo a ênfase de certo modelo de masculinidade, que exalta o papel do homem como provedor, de superioridade moral do homem sobre a mulher, dentre outros aspectos, que rederam ao Driscoll críticas e acusações (LKLOUISE, 2010; PIATT, 2014; BRUENIG, 2015). Mensalmente, a igreja promove a Confraria Cavallo Branco 2.0, às sextas-feiras às 20h, voltado a homens de todas as idades, membros e convidados. Nesses encontros é servido lanche por conta dos membros – bacon, ovos e cerveja – há jogos disponíveis e, obviamente, o compartilhamento de mensagem específica ao público masculino. Ao término das atividades no templo, os homens se deslocam para uma quadra alugada nas proximidades para jogarem futebol (WEBER, 2019).



Fig.03 - Fonte: Facebook Cavallo Branco 2.0

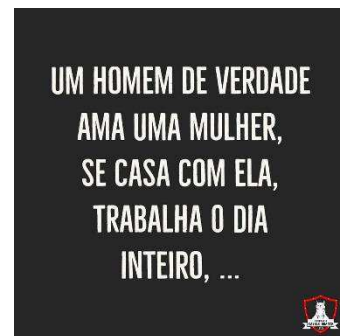


Fig. 04 - Fonte: Twitter Cavallo Branco 2.0

O estilo da igreja atrai curiosos. Além da aparência externa do templo, utiliza luz baixa, toca músicas no estilo *pop rock*, com músicos jovens de *piercing* e tatuagem os sermões costumam ser temáticos e em série, algo comum entre calvinistas.

A Vintage 180 exemplifica a adaptabilidade do calvinismo a diferentes estilos e performances, apontando para diferentes modelos litúrgicos ou de estilo, desde os mais tradicionais aos mais contemporâneos.

De ver-se, a ressurgência calvinista é um fenômeno presente, e em curso, no evangelicalismo brasileiro, evidenciado por sua expansão em diversas denominações e estados brasileiros, criação de novas mídias e produção de conteúdo voltada à difusão do calvinismo repercutindo não apenas em grandes centros e cidades, mas também em cidades médias e pequenas, e mediado, em grande parte, por jovens que vieram de outras denominações e orientações teológicas, culminando em sua adesão à igrejas históricas – como a Igreja Presbiteriana do Brasil – ou a criação de novas denominações – a exemplo da Igreja Vintage 180.

### 3 EVANGELICALISMO, CRISE E BELIGERÂNCIA

*Marx foi um vagabundo que não trabalhava e que foi sustentado anos a fio pela mulher. Se não bastasse ser sustentado pela esposa, o ídolo das esquerdas a traiu com a empregada, (governanta e amiga íntima de Jenny) e teve um filho bastardo chamado Freddy que foi adotado por Engels. [...] morreu aos 64 anos completamente endividado. No seu enterro não apareceram sequer 15 pessoas, e sua obra maldita teria sido esquecida se um russo de nome Vladimir Lênin, não tivesse tido contato com ela. Sua obra é um desserviço ao mundo! O comunismo é a prova disso.*

Pr. Renato Vargens

Os avanços jurídicos em questões como direitos sexuais e reprodutivos, casamento igualitário, adoção de crianças por casais homossexuais e aborto fomentam o ódio e o revanchismo entre os evangélicos, que buscam, não apenas refrear tais avanços, mas fazê-los retroceder. Acrescente-se a crise econômica e a descrença generalizada na política e na capacidade do Estado para conter a violência, a corrupção sistêmica e a normatização da moralidade cristã, a defesa da família tradicional, do cidadão de bem e dos bons costumes.

A crise não é apenas econômica. É política, moral e cultural. Em regra, três instituições são acusadas de sua difusão: o sistema educacional, a mídia e o Judiciário (STANLEY, 2018). São acusadas de estabelecer as bases de sustentação de valores considerados contrários à moralidade judaico-cristã, e, no caso brasileiro, a chave cristã que foi amplamente apropriada por Bolsonaro (ALMEIDA, 2019). Dito de outro modo, as teorias ensinadas nas escolas e universidades, diluídas por todo o sistema educacional, são incorporadas e difundidas pela mídia (em filmes, novelas, séries, telejornais etc.), e reconhecidos pelo Poder Judiciário como direitos, conferindo-lhes normatividade e suprimindo eventuais privilégios.

Tome-se por exemplo as questões que envolvem gênero e sexualidade, apontadas pelos evangélicos como afronta e ameaça à liberdade religiosa e à moralidade e, comumente convertida em pânico moral, entendido como aquele que emerge a partir do medo social relativo às mudanças, em especial, as percebidas como repentinas e, talvez por isso, ameaçadoras (MIKOLSCI, 2003, p. 103). Nesse

sentido, casamento gay, adoção de políticas contra à homofobia e transfobia e a adoção de crianças por casais do mesmo sexo são tratadas como ameaças à família tradicional, à liberdade de culto, à moral e aos bons costumes. Assim, o reconhecimento desses direitos pelo Poder Judiciário, corporificado, na maioria das vezes, pelo Supremo Tribunal Federal, gera atritos e fomenta a percepção, a partir de sua perspectiva binária, ataques, que podem ser abstratos, quando se ataca à instituição, ou específicos, na pessoa de um de seus ministros, haja vista atentarem contra a maioria do povo brasileiro validando as más intenções de indivíduos promíscuos e pedófilos<sup>27</sup>.

Há um temor infundado de o reconhecimento jurídico do casamento gay ordenar a celebração de cerimônia religiosa em seus templos, promovendo perseguição e criminalização dos que se posicionarem de modo contrário. Temem ser criminalizados por suas posições teológicas acerca da homossexualidade, pois conforme gostam de enfatizar, aos olhos de Deus, os homossexuais são aberrações e, portanto, estão condenados ao inferno, caso não se arrependam e mudem de conduta.

É comum ouvir entre os fiéis e mesmo no púlpito afirmações de que há uma ditadura gay. Uma fiel de uma pequena igreja pentecostal na Paraíba me disse, com nítida irritação, que “Agora só tem isso” se referindo às políticas afirmativas para a população LGBTQIA+, ao que acrescentava, igualmente irritada, “E os nossos direitos? Só são os direitos deles agora. É um saco. Tudo não pode por causa desse povo. E os nossos direitos, onde ficam?”. Ao pedir para esclarecer o que dizia com “nossos direitos”, relatou uma situação em que vi dois homens trocando carinhos num shopping e, na ocasião, estava com as duas filhas, uma de 15 anos e outra de 8 anos. “Eles fizeram de propósito, só pra provocar”, disse. Argumentei que pessoas apaixonadas demonstram afeto em lugares públicos e que poderia não ter sido algo proposital, em seguida, lhe perguntei como se sentia em relação as demonstrações de casais heterossexuais no mesmo ambiente. “Foi de propósito, sim!”, esbravejou, o que me pareceu bastante remota a possibilidade de convencê-la do contrário. “Deixei de ir ao shopping, não quero expor minhas filhas a essas coisas. Essa gente nojenta

---

<sup>27</sup> “Historicamente, grupos sociais estigmatizados por sua religião, visão política ou orientação sexual são socialmente representados como um perigo para as crianças. No caso dos judeus, são conhecidas as lendas de que usariam crianças em rituais de sacrifício humano. Também é notória a construção da imagem dos comunistas como ‘devoradores de criancinhas’. No caso de homens gays, a imagem de perigo os associa à pedofilia” (MIKOLSKI, 2007, p. 109).

fica provocando. Querem ter direitos e não se dão ao respeito. E a gente, fica como? Isso tá errado. Deus que me perdoe, mas tá errado.”

Além disso, é comum ouvir nos púlpitos afirmações de que a igreja está sob ataque de uma ditadura gay – e feminista. Tornou-se comum ouvir pastores declararem que preferem a prisão à omissão, caso deixem de pregar que o “homossexualismo” é pecado. Em geral, tal declaração é seguida da advertência de que os verdadeiros cristãos serão perseguidos por defender o que é certo ou, ainda, de que chegará o tempo em que serão proibidos de falar contra os gays, porque o evangelho vai se tornar crime e as igrejas serão fechadas.

Em evento celebrado em Brasília, em junho de 2013, o pastor assembleiano, Silas Malafaia (apud PASSARINHO; COSTA, 2013) declarou não existir opinião homofóbica, mas apenas homofobia, ao que acrescentou: “A sociedade é livre para criticar evangélico, criticar católico, criticar deputado. Agora, se criticar a prática homossexual é homofobia. Vai ver se eu estou na esquina”. Tendo por alvo o Supremo Tribunal Federal (STF), face a sua decisão de reconhecimento da união estável homoafetiva (HAIDAR, 2011), e o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), ao determinar que cartórios civis em todo o país a celebrem o casamento entre pessoas do mesmo sexo (Resolução n.º 175/2013, CNJ), o pastor Silas Malafaia (apud PASSARINHO; COSTA, 2013) deu declaração, com seu usual tom de deboche, deslegitimando o Poder Judiciário, invocando uma lógica majoritária inconsistente com o desenho constitucional que confere competência ao Judiciário para decidir tais questões:

O Supremo, que nós sustentamos, na caneta deu o casamento gay. O CNJ obriga cartório a casar. Uma mudança de paradigma tem que ser feita ou no Congresso ou por plebiscito. Isso é uma vergonha! Isso é uma afronta à sociedade, é uma afronta à maioria.

A presença dos evangélicos no campo político se percebe mais fortemente no Poder Legislativo e no Poder Executivo, pois a via eleitoral apresenta-se mais acessível, possibilitando acesso às elites políticas “com menos capitais econômico, cultural e social do que o necessário para a mobilidade no Poder Judiciário, cujo perfil é predominantemente elitizado, tradicional e católico” (ALMEIDA, 2017). No mais, a jurisdição constitucional apresenta caráter antimajoritário necessário a garantia de direitos fundamentais e para a própria democracia, haja vista que a inexistência de tal jurisdição acarretaria a não contenção dos demais poderes republicanos, sujeitando ao arbítrio da maioria democrática os direitos fundamentais das minorias (CAMBI, 2009). Assim, o desprezo ao Supremo Tribunal Federal na fala do pastor reforça a

incorpora a ideia de princípio majoritário, segundo o qual a democracia supostamente se efetiva, deslegitimando quaisquer decisões judiciais que não venham de encontro às posições majoritárias, forçando às minorias sociais a se renderem a vontade da maioria.

Os ataques ao Supremo Tribunal Federal, que exerce a jurisdição constitucional, tentam consolidar um argumento de que se trata de decisões ilegítimas tomadas ao arrepio da lei. De certo modo, estas decisões acabam por figurar como um óbice ao plano de sociabilidade almejado e defendido pelos evangélicos, ou seja, a atuação da jurisdição constitucional pelo Poder Judiciário, com a consequente afirmação de direitos fundamentais às minorias sociais, frustra as ações moralizantes dos evangélicos no âmbito dos demais poderes da República.

Com o intuito de corroborar tal desconfiança dos evangélicos no Poder Judiciário, apliquei questionário, no qual, ao serem perguntados se enquanto cristão se sentiam representados pelo Poder Judiciário, foram obtidas 106 (cento e seis) respostas, sendo 35 (trinta e cinco) de respondentes que se declararam do gênero *feminino* e 71 (setenta e uma) dos que se declararam do gênero *masculino*, distribuídas conforme o gráfico:

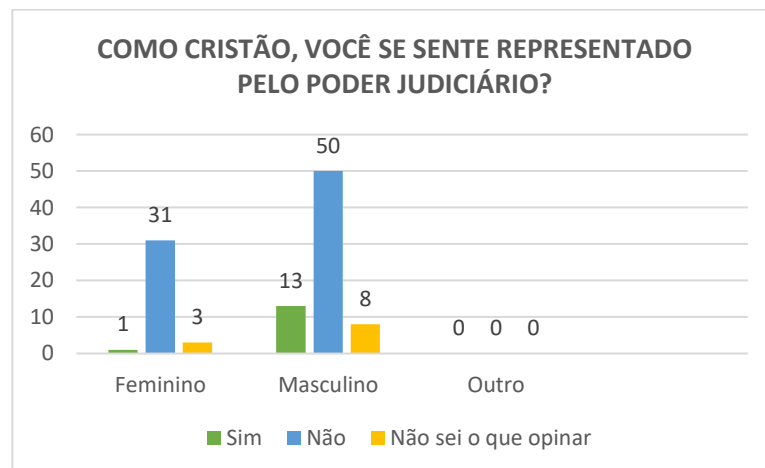


Gráfico 02 – Confiança dos evangélicos no Poder Judiciário. Fonte: Elaboração própria.

Como se depreende do gráfico, apesar de casos pontuais de confiabilidade dos evangélicos no Poder Judiciário, em geral, mediante a personificação heroica de algum magistrado, como nos casos do Mensalão, na pessoa do Ministro Joaquim Barbosa, alçado à baluarte da moralidade e justiça; e da Lava Jato, fazendo do, à época, juiz Sergio Moro ao *status* de herói nacional, catapultando a desconfiança nas instâncias superiores, mormente Supremo Tribunal Federal, visto como órgão de perpetuação da impunidade e iniquidade, frente ao descompasso entre as decisões

da corte e as decisões monocráticas e pouco ortodoxas do juiz, mas com ampla espetacularização e apoio da opinião pública, amplamente amparada pela mídia (ALMEIDA, 2019; SOLANO, 2019).

A corrupção se situa no centro dos argumentos do menosprezo pelo sistema. Não só os políticos profissionais seriam ‘sujos’ e corruptos, como o próprio fazer político desperta afetos negativos como vergonha e rejeição. Atrelada à ideia de negação da política como atividade eminentemente corrupta, está a Lava Jato. Todos os entrevistados são seus apoiadores. Durante as entrevistas, reiteram a importância vital da operação para a política brasileira e argumentam como esta traz benefícios para toda a sociedade. [...] O juiz Sergio Moro aparece caracterizado nas entrevistas por conceitos como herói, salvador, alguém que ‘tem uma tarefa’, ‘é um enviado’, e, ainda mais, ‘vai limpar Brasil’ dos políticos corruptos que, numa visão moralista e dualista da justiça representam o mal, o inimigo a ser exterminado. Nas falas dos entrevistados, o conceito ‘limpar’ aparece muito mais do que o conceito de ‘fazer justiça’. O processo penal do espetáculo, com o juiz que assume uma figura militante e as operações contra a corrupção como forma de criminalização teatralizada da política, aumenta o sentimento coletivo de que a política é uma tarefa desprezível e portanto deve ser negada e, inclusive, combatida. (SOLANO, 2019, s. p.)

Nesse sentido, a publicação do pastor Franklin Ferreira<sup>28</sup>, um dos mais conceituados teólogos e pastores calvinistas brasileiros, à frente de instituições de ensino teológico e de conferências Brasil à fora, e que vem se dedicando a pulicar livros, vídeos e artigos sobre o papel político do cristão e o combate ao esquerdismo e a bolivarização do Brasil por governos de esquerda.

---

<sup>28</sup> Sobre o pastor: “Formado em teologia na Mackenzie, Franklin, que passou quase toda a última década repudiando a proximidade de evangélicos progressistas com o governo petista, passou da admiração a Bolsonaro à defesa política e teológica de sua campanha e, posteriormente, de sua gestão. Implacável na sua denúncia do ‘esquerdismo’, do ‘liberalismo teológico’ e do ‘comunismo’, Franklin foi um árduo defensor da Lava Jato, chegando a fazer uma convocação pública pela indicação do procurador Deltan Dallagnol para a Procuradoria Geral da República, a PGR, soltando com hashtags como ‘#NojoDoSTF’ e ‘#STFVergonhaNacional’ na ocasião da derrubada da prisão em segunda instância, que liberou ex-presidente Lula da prisão. [...] Franklin também é um dos fundadores e presidente da Coalizão pelo Evangelho, uma associação evangélica conservadora, majoritariamente calvinista, que funciona como a versão brasileira da estadunidense The Gospel Coalition. Além disso, o pastor também integra a diretoria do Instituto Brasileiro de Direito e Religião, o IBDR. Vale destacar que, em julho de 2019, o IBDR, com Franklin Ferreira à frente, esteve com Bolsonaro para reivindicar, entre outras pautas, a imunidade tributária nas doações que as igrejas fazem para suas obras missionárias no exterior.” (PACHECO, 2020).





Fig. 05 – STF, vergonha nacional. Fonte: Franklin Ferreira (Facebook).

A postagem se deu por ocasião do julgamento realizado, em 2019, pelo Supremo Tribunal Federal que reiterou o que está disposto na Constituição Federal de 1988 acerca da prisão em segunda instância. Um aspecto que importa destacar é que, mesmo não havendo homogeneidade quando se utiliza o termo evangélico, pois se refere a grupos distintos, e carregados de tensões internas que produzem facções, é possível perceber que essa adesão a um dado projeto político perpassa diferentes grupos, alcançando não apenas os pentecostais e neopentecostais, que correspondem à maioria dos evangélicos brasileiros, mas também os tradicionais, incluso aqui os que se denominam como reformados e calvinistas.

Com o governo Bolsonaro, percebe-se o esforço evangélico para o aparelhamento das instituições jurídicas. A nomeação de evangélicos a ministérios como o dos Direitos Humanos, Justiça, que no primeiro momento é ocupado pelo ex-juiz Sergio Moro, cabendo aos evangélicos a vaga da Advocacia Geral da União, com status de ministro de Estado, e, mais recentemente, da Educação. Além disso, associações jurídicas evangélicas têm exercido alguma influência no governo, com destaque para a Associação Nacional de Juristas Evangélicos (ANAJURE). Em tempo, permanece a promessa presidencial de indicação à vaga para uma das cadeiras no Supremo Tribunal Federal de um ministro terrivelmente evangélico<sup>29</sup>.

O apoio evangélico a Lava Jato e ao bolsonarismo sempre esteve assentado na ideia de *crise*, uma crise política, institucional, econômica e moral. Desse modo, a incorporação de aspecto messiânico a determinadas figuras, a exemplo de do ex-juiz Sergio Moro e de Jair Messias Bolsonaro, percebidos como agentes de Deus, em

<sup>29</sup> Nesse sentido: CALGARO; MAZUI, 2019; BALLOUSIER, 2020; ALESSI, 2021; PACHECO, 2021.

missão divina, na condição de eleitos do Senhor, para sarar à nação, livrando-a do governo dos homens maus – associados aos partidos de esquerda, ministros do STF, artistas e jornalistas de certos setores da mídia, professores e intelectuais dispersos ao longo do sistema educacional, gays, lésbicas, transgêneros e travestis, feministas, cristãos progressistas etc.

A ideia de crise é bastante comum na esfera evangélica, haja vista o contínuo tensionamento de forças, manifestas por uma série de metáforas que terminam por sintetizar uma oposição entre o bem e o mal. Nesse sentido, a Bíblia oferece um conjunto de regras e normas, símbolos, alegorias e metáforas que pode ser entendido como forma concreta de representações sociais (ALEXANDER, 2006). Rabinovich e Costa (2010) destacam que enquanto *Palavra de Deus* é “*logos separador*”, ou seja, estabelece os limites entre *os que são* e *os que não são*, sem, contudo, se referir a própria esfera, uma vez que delimita o sagrado e, como se verá, este não se confunde com o bem (ALEXANDER, 2003; LYNCH, 2014; SHIMIZU, 2015). À guisa de ilustração, um texto bíblico recorrente em reuniões e cultos entre os evangélicos para se referirem a momentos de crise ou suposta crise, e com diferentes sentidos, é o de 2Crônicas 7:14: “[...] se meu povo, que se chama pelo meu nome, humilhar-se e orar, buscar minha presença e afastar-se de seus maus caminhos, eu ouvirei dos céus, perdoarei seus pecados e restaurarei a sua terra” (BÍBLIA NVT, 2016).

À luz dessas informações, é lícito afirmar que a Bíblia, enquanto Palavra de Deus, fornece os símbolos, signos, sentidos, alegorias e metáforas necessárias para roteirização de um *drama social*, cuja *crise* corresponde a uma de suas fases, e por conseguinte, na definição dos papéis de protagonistas e vilões (TURNER, 2015, 2017; ALEXANDER, 2017b; ALMEIDA, 2019). Geertz (2014) salienta que a comparação entre a vida social e a dramaturgia não é nova, apontando para o uso comum e depreciativo do termo drama para diversos acontecimentos da vida social, porém ressalta o frescor e novidades no emprego feito por Victor Turner, para quem “os dramas sociais pretendem ligar a compreensão do processo social à estrutura social” (CAVALCANTI, 2007, p. 128).

Segundo Turner (2015, p. 12), a vida social está sempre grávida de dramas sociais, “como se cada um de nós tivesse uma cara de ‘paz’ e uma de ‘guerra’, como se fôssemos programados para a cooperação, mas preparados para o conflito. O drama social é o modo agonístico primordial e perene”, ou seja, centrado nas disputas e tensões intra e/ou extra-esfera, produzindo uma gama de sentidos e significados

que permitem construir códigos e narrativas que dirigem as ações sociais e possibilitam a perpetuação de valores, crenças e orientações necessárias ao fortalecimento da solidariedade entre os grupos. Durante um drama essas tensões se fazem notar mais fortemente, produzindo uma *ruptura*, que “pode resultar de um sentimento real – talvez um crime passional –, ou pode ser calculada friamente – um ato político designado a desafiar um poder existente” (TURNER, 2015, p. 11).

Quando a ruptura se torna pública, leva os demais membros do grupo ou da esfera a tomarem partido, a se posicionarem, transformando a ruptura em *crise*. A atuação de seus críticos, em regra, interessados em manter o *status quo ante*, põe em ação a *maquinaria de reparação*, buscando meios de restauração, o que, segundo Turner (2015), se opera por meio de um ritual. Assim, o “drama social é concluído – se é que podemos dizer que possui um ‘último ato’ – na reconciliação das partes em luta ou na aceitação de que podem não concordar entre si” (TURNER, 2015, p. 11). Em suma, tem-se quatro etapas do drama social: *ruptura*, *crise*, *ação corretiva* e *reintegração* (que pode ser por meio de *conciliação* ou pela *consolidação da ruptura*).

Os dramas sociais estão presentes em todos os tipos de sociedades, inclusive nas modernas (TURNER, 2015; ALEXANDER, 2017b), e podem variar desde conflitos locais até eventos nacionais ou mesmo transnacionais, a exemplo de guerras e pandemias. Nesse sentido,

[...] revelam camadas “subcutâneas” da estrutura social<sup>30</sup>, pois todo “sistema social”, da tribo à nação e ao campo das relações internacionais, é composto por muitos “grupos”, “categorias sociais”, status e papéis, todos organizados em hierarquias e divididos em segmentos. Em sociedades de pequena escala, há oposições entre clãs, subclãs, linhagens, famílias, grupos etários, associações religiosas e políticas e muitos outros. Mesmo em nossas sociedades industriais, estamos familiarizados com oposições entre classes, subclasses, grupos étnicos, seitas e cultos, regiões, partidos políticos e associações baseadas em gênero, divisão do trabalho e faixa etária. Outras sociedades estão divididas internamente por casta e ofício tradicional. Os dramas sociais têm o costume de ativar essas *oposições* “classificadoras”, entre as quais: *facções* (que podem ultrapassar castas tradicionais, classes ou *divisões* entre linhagens na busca de interesses contemporâneos

---

<sup>30</sup> “Ao falar de estrutura refiro-me, *grosso modo*, à estrutura social tal como a maioria dos antropólogos americanos e britânicos definiu o termo, ou seja, um arranjo mais ou menos peculiar de instituições mutuamente dependentes e a organização institucional de posições sociais e/ou atores que elas implicam. [...] Usei o termo ‘antiestrutura’, mas gostaria de esclarecer que aqui o prefixo ‘anti’ é usado apenas estrategicamente e não implica uma negatividade radical. A estrutura tem sido o ponto de partida de tantos estudos de antropologia social que passou a ter uma conotação positiva – embora eu prefira considerar estrutura como o ‘limite externo ou circunferência’, como diria Blake, e não como o centro ou a essência do sistema de relações ou ideias sociais. Portanto, quando falo de antiestrutura, quero dizer algo positivo, um centro gerador. Não busco a erradicação da matéria pela forma, objetivo, nos últimos anos, de alguns dos meus colegas influenciados pelos franceses, mas suponho uma matéria da qual as formas possam ser ‘desembrulhadas’, à medida que os homens buscam conhecer e comunicar-se.” (TURNER, 2017)

imediatos); *movimentos de “revitalização” religiosa*, que podem mobilizar antigos inimigos “tribais” numa oposição conjunta contra colonizadores estrangeiros com tecnologia militar superior; *alianças* internacionais e *coligações* de grupos ideologicamente díspares que se encontram diante de um inimigo comum (muitas vezes igualmente heterogêneo em sua constituição nacional, religiosa, de classe, ideológica ou econômica) e de interesses imediatos comuns, transformando esses interesses em *conflitos*. (TURNER, 2015, p. 12)

A perspectiva de secularização da Modernidade faz intuir que dramas sociais não ocorrem em sociedades modernas. O conceito de secularização vem sendo problematizado há algum tempo pela sociologia da religião, divididos entre os que defendem sua superação e os que apontam para uma crise. Parte desse equívoco talvez possa se explicar pelo fato de se confundir o conceito weberiano de *desencantamento do mundo*.

Segundo Pierucci (1998), há uma análise reducionista que trata os dois conceitos como sinônimos. O desencantamento do mundo aduz a relação entre religião e magia como meio de salvação. Portanto, refere-se à separação, ao corte efetuado entre a religião e o encantamento, ou seja, a um processo de racionalização da fé, ou seja, o desencantamento religioso do mundo. Por sua vez, secularização é um conceito ambíguo e antigo. Em suas obras, Weber o emprega em sentidos variados. Seu uso mais recorrente se dá em *Economia e Sociedade*, no capítulo dedicado à sociologia do Direito, quando apresenta seis diferentes acepções. A apropriação jurídico-normativa do termo faz sentido à medida em que as leis vão perdendo seu caráter sagrado, de revelação transcendental e passam a serem compreendidas como criação humana e, portanto, passíveis de alteração e revogação. Frise-se que o termo também aparece fora da sociologia do Direito, sendo igualmente empregada com sentidos diversos, incluindo o de apropriação do Estado dos bens religiosos. Desse modo, propõe, não o abandono do termo, mas o conhecimento daquilo que se chama por secularização, com fim a evitar ciladas reducionistas e agouros premonitórios de um fim, um destino, um processo findo e utópico de um mundo desprovidos de crenças e pertencimentos religiosos (PIERUCCI, 1998).

Portanto, dramas sociais não se restringem às sociedades simples, outrora chamadas selvagens ou primitivas, mas também se aplicam às sociedades complexas ou modernas (TURNER, 2015; ALEXANDER, 2017b). Dessa feita, seu aspecto agonístico reforça os laços de solidariedade entre os membros de um mesmo grupo ou esfera social, e, de igual modo, amplia esses laços entre membros de grupos ou

esferas diversas, mormente, sob a emergência de uma ameaça ou inimigo em comum. Assim, ao se identificar um evento como dramático tem-se o aumento da tensão social e criação de expectativas, haja vista a conversão de eventos cotidianos em performances, e de leitores em expectadores, de atores ordinários em personagens, que ocupam as posições de *protagonistas* e *antagonistas*, cujo embates são recheados de *plot twists* que surpreendem cena após cena. Essa espetacularização das sociedades modernas, e sua estética que transpõe a experiência produzida pela arte do mundo artificial à realidade social (ALEXANDER, 2017b).

A meu ver, a crença inconteste na secularização impediu que a Sociologia percebesse nos movimentos religiosos seu potencial de insurgência e a sutileza como algumas de suas vertentes expandiram-se sobre a vida pública, influenciando na esfera política, como no atual cenário brasileiro. Reduzir seus estudos apenas aos aspectos ideológicos, sob uma chave de interpretação materialista, ou em sua simplificação a categorias rígidas, como *fundamentalismo*, *conservadorismo*, *tradicionalismo*, dentre outras, acabam por repetir uma lógica tecnicista própria da Modernidade, ou da secularização, impedindo que as camadas de significado, emoções, ressentimentos possam ser analisadas com relativa autonomia.

Berger (2001, p. 10) afirma que muitos partem da falsa premissa de que vivemos em um mundo secularizado, e adverte que o mundo hoje “é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares”. Com isso, não nega o fato de a modernização ter promovido, em certos lugares, processos de secularização, porém apresenta também os de contra-secularização. Nesse sentido, equivoca-se quem afirma que a modernização provocou um declínio da religião na sociedade e na mentalidade das pessoas. Em algumas sociedades, as instituições religiosas perderam influência, porém, suas crenças e práticas continuam ativas nos indivíduos (KEPEL, 1991; BERGER, 2001; JOAS, 2015; ALEXANDER, 2017b).

A secularização é compreendida positivamente pelos intelectuais, mas é encarada com um inimigo a ser vencido pelas instituições religiosas. Quando não, é tomada como algo invencível, ao qual se requer adaptar-se. Portanto, “*rejeição* e *adaptação* são duas estratégias possíveis para as comunidades religiosas em um mundo visto como secularizado” (BERGER, 2001, p. 11). Em relação a primeira estratégia, a rejeição, há dois meios para promovê-la: primeiro, através de uma *revolução religiosa*, o que se dá por meio da dominação total da sociedade, tornando obrigatória a adesão à uma religião contra-moderna, mais difícil de ocorrer em

sociedades muito heterogêneas e com ampla comunicação intercultural, o que favorece ao pluralismo e desfavorece o estabelecimento de monopólios religiosos; segundo, por meio da criação de subculturas religiosas “destinadas a evitar as influências da sociedade circundante”, estratégia mais promissora que uma revolução religiosa, mesmo com os óbices que a cultura moderna possa oferecer, o que reforça a necessidade de “conservar enclaves com um sistema de defesa hermético” (BERGER, 2001, p. 11), ou seja, de reforçar os limites estabelecidos entre *os que são* e *os que não são*, *verdadeiros* e *falsos cristãos*, *bons* e *maus*, *de Deus* e *do mundo*, *nós* e *eles*, dentre outras possíveis oposições.

Segundo Berger (2001), as tentativas de adaptação fracassaram. Nesse sentido, as instituições e crenças religiosas que optaram por um *aggionamento* à modernidade, isto é, a opção em adaptar-se à modernidade, entraram em declínio. Em verdade, foram os experimentos com as instituições e crenças religiosas saturadas de um sobrenaturalidade reacionário que se mostraram bem-sucedidos. De modo que o avanço do tradicionalismo, das vertentes mais ortodoxas e conservadoras deu a tônica do cenário religioso mundial, não apenas no âmbito protestante e católico, mas entre islâmicos, sikhs, judeus e outros (BERGER, 2001).

Nos círculos acadêmico e midiático, estes movimentos são rotulados de *fundamentalismo*, carregando um tom pejorativo e, dada a sua origem no protestantismo norte-americano, o termo se mostra insatisfatório quando estendido a outros movimentos religiosos (KEPEL, 1991; BERGER, 2001). Contudo, “sugere uma combinação de várias características, como forte paixão religiosa, um desafio ao que foi tido como o *Zeitgeist*, e uma volta às fontes tradicionais de autoridade religiosa” (BERGER, 2001, p. 13). Tais características ultrapassam fronteiras culturais e apresentam-se como uma reação às forças secularizantes.

Permitam-me uma pequena divergência quanto à inadequação do uso do termo fundamentalismo (cf. KEPEL, 1991; BERGER, 2001). É certo que o termo encontra origem no contexto cristão, mais precisamente no limiar do século XX, quando passou a ser usado por protestantes nos Estados Unidos que se descreviam, com orgulho, como fundamentalistas, pois estavam a defender os fundamentos da religião cristã contra os ataques da modernidade, da teologia liberal e crítica textual acadêmica acusadas de minar o status especial da Bíblia enquanto palavra inspirada de Deus. Brekke (2011), com fulcro em Geertz (2014), defende que o uso do termo pelos protestantes americanos constitui um *conceito* de *experiência própria*. Um conceito de

experiencia própria é aquele utilizado por alguém de modo natural e “sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes veem, sentem, pensam, imaginam etc. e que ele próprio entenderia facilmente, se outros o utilizassem da mesma maneira” (GEERTZ, 2014, p. 61). Nesse sentido, insistir no uso exclusivo do termo aos grupos da tradição cristã por ser uma palavra cristã é pressupor que a descrição de um dado fenômeno social só pode acontecer em termos da *experiência próxima*, porém adotar tal pressuposto leva à conclusão de que todos os estudos acadêmicos de outras culturas se tornam impossíveis (BREKKE, 2011). Para tanto, usa o termo religião para ilustrar a impropriedade da restrição do termo fundamentalismo ao contexto cristão, vez que a palavra religião também

[...] vem de um contexto cristão. Vem do Latim. Cícero, um dos grandes escritores da língua latina no antigo mundo romano, escreveu extensivamente sobre a natureza e origens de diferentes concepções de deuses, e usou a palavra “religião” até certo ponto com o mesmo sentido que as pessoas usam hoje em dia. As línguas europeias modernas – como o inglês – herdaram esta palavra dos antigos romanos. Nenhuma outra cultura ou sociedade usou a palavra “religião” pela simples razão de que suas línguas não eram derivadas do Latim. Além disso, é na Europa que pessoas começaram a enxergar religião como uma esfera especial da vida social que poderia ser analisada independente de outras esferas, tal qual a política, ciência ou Direito. [...] Em árabe, tem-se a palavra “*din*”, e essa palavra se refere a algumas, mas não a todas, das mesmas coisas no mundo árabe quanto a palavra “religião” no mundo cristão. De igual modo, nas línguas indianas, tanto quanto no hindi, nós encontramos a palavra “*dharma*”, e há algum grau de imbricação entre *dharma* e religião. Entretanto, não é correto afirmar as palavras “religião”, “*din*” e “*dharma*” se refiram com exatidão as mesmas coisas. Em verdade, é frequentemente impossível encontrar uma palavra numa língua diferente que signifique exatamente o mesmo que as palavras que usamos em inglês. Isto é uma das boas coisas sobre estudar diferentes línguas: descobre-se que o mundo pode ser categorizado de modos radicalmente diferentes daquele que usamos. [...] Se a palavra “fundamentalismo” não pode ser usada para descrever o fenômeno social no Islã ou Hinduísmo simplesmente porque sairá de seu contexto cristão, nós podemos usar o mesmo argumento quanto à palavra “religião”.

Portanto, a impropriedade ou diversidade de seu uso fora da esfera religiosa e cristã não inviabiliza sua adoção para explicar fenômenos sociais em esferas diversas, bem como o seu mau uso para classificar posições e/ou ações que discordamos. A apropriação do termo por diferentes grupos e em contextos variados pode ressignificá-lo distanciando-o de seu significado original. Notem que o mesmo pode ser aplicado a outros termos. Se se tomar alguns que permeiam a presente pesquisa, termos como *fascismo*, *esquerda* e *direita*, *conservadorismo*, *comunismo*, *marxismo* e *marxismo cultural*, *relativismo* são alguns, dentre outros, empregados fora de seus contextos originais, longe da precisão conceitual e acadêmica em que alguns foram cunhados.

Em tempo, mesmo se opondo ao uso do termo, como o fazem Kepel (1991) e Beger (2001), o conceito de fundamentalismo elaborado por Brekke (2011) converge quanto ao aspecto de reação dos grupos religiosos ante o processo de secularização, que promove a ruptura que culmina na crise e desencadeia mecanismo de restauração descritos por Turner (2015) como etapas do drama social. Para Brekke (2011), “[...] fundamentalismo é um tipo especial de reação a certos desenvolvimentos do mundo moderno ocorridos em muitas, talvez na maioria, das tradições religiosas”, ou seja, trata-se de “uma reação aos processos que ocorreram num determinado estágio da história mundial”. A meu ver, o termo jaz adequado para explicar parte do fenômeno que vem sendo observado com o avanço de grupos evangélicos na vida pública e política brasileira das últimas décadas.

Apesar de não utilizar esse modelo de modo estrito, Almeida (2019, p. 191) entende o conceito de drama social profícuo para demarcar para demarcar a temporalidade do processo político pelo qual passa o Brasil. Nesse sentido, compreende que enquanto

[...] uma extensão metafórica, “drama” e “crise” são termos parcialmente reversíveis, na medida em que são experiências vividas intensamente em termos cognitivos e emotivos. Em primeiro lugar, ambos têm implícita uma temporalidade excepcional, conjuntural, não rotineira, fruto de uma desarmonia que tende à aceleração dos eventos significativos e ao adensamento das reflexões e dos afetos mobilizados. Essa intensificação torna a conjuntura mais absorvente pela percepção de insegurança quanto ao futuro.

Assim, o drama social explicita os limites entre grupos e esferas diversas. Reforça os laços de solidariedade e promove a construção de grupos que se vinculam mais por um vínculo simbólico que por um vínculo institucional entre si. Isso faz com que grupos divergentes ou antagônicas façam convergir interesses e inimigos em comum formando uma nova comunidade moral, em torno de crenças e convicções que ultrapassam o campo do racional, do ideológico e se faz perceber no campo dos afetos, da estética, da performance. Nesse sentido, o bolsonarismo faz convergir ressentimentos e ambições de diferentes grupos, formando uma comunidade moral estruturada “na crença compartilhada em códigos binários, que divide o mundo em bem e mal, sagrado e profano, gente de família e indecentes, cidadãos de bem e bandidos, éticos e corruptos, nacionalistas e globalistas”, levando a uma simplificação da realidade, “reduzindo sua complexidade a estereótipos administráveis, e ativam sentimentos coletivos de alta voltagem – o afeto, o medo, o ódio” (ALONSO, 2019).



Ao abraçar uma agenda moral há muito incorporada pelos evangélicos, Bolsonaro incorpora papel messiânico, de alguém escolhido por Deus para governar a nação e proteger os valores bíblicos, há muito abandonado pelos governos de esquerda, e por instituições como o Poder Judiciário, as universidades e a mídia. Tome-se como exemplo a questão do *casamento gay*, ou, de modo mais amplo e abstrato, o da chamada *ideologia de gênero*<sup>31</sup>. Essa crença é comum a parcela significativa de evangélicos que se identificaram com o discurso ultraconservador, de extrema-direita, assentado em políticas de lei e ordem, moralizante e excludente, assentado no delírio de supostas ameaças comunista, feminista e gayzista, esta frequentemente expressa nas expressões *ditadura gay* e *ditadura feminista*, do bolsonarismo (CUNHA, 2019).

Reste claro que nem todos os evangélicos são conservadores, tampouco nem todos que se declaram conservadores são bolsonarista. Contudo, não há que se negar que a maioria deles se declaram conservadores e entre os bolsonarista não constatei nenhum que não se declarasse conservador. Dito de modo simples, nem todo evangélico é conservador e nem todo evangélico conservador é bolsonarista, mas os evangélicos bolsonaristas se declaram conservadores. Isso significa que nem todos os evangélicos ditos conservadores enxergam uma ameaça comunista, feminista e gayzista, mas, em alguma medida, também se opõem a certas proposições feministas e a afirmação de direitos da população LGBTQIA+.

Durante a campanha eleitoral de 2018, entre as redes bolsonarista e em sua campanha eleitoral, reacendeu-se o debate sobre o *kit gay*, como forma de deslegitimação do candidato petista Fernand Haddad. Segundo o candidato Bolsonaro, o *kit gay* tinha o objetivo de introduzir o “homossexualismo” nas escolas brasileiras, incentivando crianças à práticas homossexuais. De kit contra à homofobia tornou-se um kit de conversão de crianças em gays, para prática de pedofilia alegadamente comum entre os gays. Até mesmo uma “mamadeira de piroca” teria sido criada pelo PT para distribuir em maternidades e creches, estimulando crianças desde o berço à prática de sexo oral. Todas essas ações faziam parte de um pacote

---

<sup>31</sup> Sobre o termo: “‘Ideologia de gênero’, um termo criado em oposição aos direitos sexuais e reprodutivos em conferências internacionais da Organização das Nações Unidas (ONU) na década de 1990, foi emprestado ao conservadorismo católico e ressignificado no Brasil da segunda metade da década de 2010. Afinada com uma tendência internacional, mais forte em países de passado comunista, como Hungria e Polônia, e latino-americanos que tiveram governos de esquerda recentes, nossa direita encontrava a oportunidade para articular uma vitória eleitoral contra a esquerda que podia associar corrupção econômica e moral” (MISKOLCI, 2021, p. 22).

para promoção da ideologia de gênero, de verve comunista, com fins a destruição da família tradicional e dos valores judaico-cristãos.

Os ataques se estendem ao sistema educacional, em particular, as universidades públicas, acusadas de promover a ideologia de gênero, subvertendo os jovens ao comunismo, homossexualidade e consumo de drogas, relativizando as verdades bíblicas com evolucionismo e outras teorias “pregadas como verdades”. Na pesquisa de campo, assisti pregação, durante um culto matutino de Escola Bíblica Dominical, Adão, presbítero de uma congregação da Igreja Presbiteriana do Brasil, afirmar que durante assistiu uma palestra numa universidade pública, no curso de Pedagogia, que se deveria ensinar às crianças “sobre as delícias do sexo anal”. Reiteradamente afirmava que “não foi ninguém que me contou”, mas ele havia testemunhado. Dois aspectos me chamaram a atenção. Primeiro, Adão, mesmo nunca tendo frequentado um curso superior, se coloca como crítico ao sistema de educação superior, em especial, às universidades públicas, como presenciei em outros momentos. Com isso, não intento desqualificá-lo, tampouco imprimir alguma forma de elitização, mas reputo curioso que numa igreja com o perfil da Presbiteriana, cujo senso comum, atribui ser mais racional e intelectualizada, com considerável número de membros com graduação e pós-graduação – na própria congregação de Adão, com pouco mais de cem membros, há engenheiros, pedagogos, advogados, veterinários, bancários, professores universitários, dentre os quais vários com especialização, dois com mestrado e um com doutorado – comentários dessa natureza de franco ataque e sem qualquer evidência sejam proferidos no púlpito. Segundo, a universidade citada não está promovendo atividades presenciais, e não localizei nenhum registro de palestra ou algo dessa natureza e com a temática sugerida. Frise-se, durante o tempo de pesquisa de campo, Adão nunca escondeu sua aversão a tudo que considera de esquerda, fez críticas, muitas sem evidências ou baseada em estereótipos e totalizações simplificadoras, às universidades, à ideologia de gênero, ao feminismo, ao movimento gay, à Psicologia, aos poderes Judiciário e Legislativo. Também não esconde suas fontes de informação canais do *YouTube* como *Cauê Moura*, *Brasil Paralelo*, *Terça Livre*, *Olavo de Carvalho*, *Dois Dedos de Teologia*, *MBL*, *Luiz Felipe Pondé*, além de páginas e perfis em redes sociais, com o *Facebook*. Nunca escondeu seu entusiasmo com a Lava Jato, chegando, inclusive, a compará-la com uma ação divina numa de suas pregações, nem sua admiração por políticos como Bolsonaro e Donald Trump.

Mas o sistema educacional não é o único sob ataque, Adão utiliza-se de outros dois argumentos comuns no campo: a) A mídia, representada sobretudo pela Rede Globo de Televisão, difunde em suas novelas e programas imoralidades, relações homossexuais, ideologia de gênero, comunismo etc., e; b) o Poder Judiciário, ao arrepio da vontade da maioria, tem reconhecido direitos da população LGBT, flexibilizado o direito à vida, permitindo o aborto, as pesquisas com células-tronco embrionárias, reconheceu as uniões homoafetivas, equiparando-as a entidade familiar, liberta corruptos e criminosos, propagando a impunidade e, mais recentemente, tem perseguido o Presidente da República e atentado contra à liberdade de opinião de pessoas de bem e conservadoras.

A tudo isso acrescente a performance beligerante comum aos segmentos pentecostal e neopentecostal, e conhecido como *batalha espiritual*. O conceito de batalha espiritual é amplamente difundido entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo (ROSAS, 2015, MARIANO, 1999). Encontra guarida na chamada *teologia do domínio*, qual tem na Bíblia a principal arma do cristão, a quem cabe o domínio e a autoridade sobre a terra, uma vez que estes

[...] foram dados por Deus aos homens desde Adão, porém foram perdidos em função do primeiro pecado. Recuperados por Jesus através do sacrifício vicário, devem ser então retomados pelos crentes. Isso se daria por meio de luta espiritual contra o diabo, que estaria bloqueando a atmosfera da terra e impedindo o fluxo do céu e a emanção de bênçãos (ROSAS, 2015, p. 67-68).

Trata-se de batalha cósmica entre Deus e Satanás, entre os anjos e os demônios, incorporam desde aspectos *salvíficos* – a batalha pelas almas dos fiéis –, *territoriais* – os demônios ocupam coisas e lugares que precisam ser reclamados para Deus – e *culturais* – incluso aqui o resgate das artes, da moralidade, da política e de outras áreas da vida pública e cultural. O inimigo, embora por vezes materializado em pessoas, partidos políticos, instituições, não são pessoas, mas espíritos chamados de *principados* e *potestades*, numa clara alusão ao texto bíblico da Carta de Paulo aos Efésios – “Pois nós não lutamos contra inimigos de carne e sangue, mas contra governantes e autoridades do mundo invisível, contra grandes poderes neste mundo de trevas e contra espíritos malignos nas esferas celestiais” (BÍBLIA NVT, 2016; Efésios 6:12). Esses espíritos são de duas espécies: os *familiares* e os *territoriais* (ROSAS, 2015). Os territoriais escravizam determinadas regiões (como cidades, bairros, países, continentes), estados e culturas. Desse modo, atos proféticos ou “expedições ‘intercessórias’” (MARIANO, 2005; ROSAS, 2015) são necessárias. Atos

proféticos podem assumir um caráter ritual, como jogar sal grosso nas encruzilhadas de uma cidade e tocar o *shofar*<sup>32</sup> para anunciar o domínio de Deus sobre aquele lugar, ou; de mera performance. Por sua vez, os espíritos familiares, são responsáveis por maldições hereditárias, ou seja, decorrem dos pecados e pactos estabelecidos por seus ancestrais e que perseguem a sua descendência.

Esses pactos podem ser involuntários, como comer pamonha numa festa junina, ou voluntários, quando deliberadamente se pactuou com demônios, entendidos como quaisquer entidades contrárias à religião evangélica. Assim, foi concedido ao diabo o controle sobre todas as áreas da sua vida. Alcoolismo, pedofilia, adultério, homossexualidade, crime, violência doméstica, envolvimento com outras crenças, insubmissão à autoridade pastoral, enfermidades congênitas etc. testificam a atuação demoníaca, e, para se ver liberto, é preciso confessar a sua transgressão, demonstrando arrependimento, declarar a quebra de todos os pactos, fechando todas as brechas por onde o demônio possa atuar (MARIANO, 2005; ROSAS, 2015). Por vezes, faz-se necessário submeter o crente a um ritual de libertação, o que se apresenta como uma novidade, haja vista que a conversão é, em si mesmo, um rito de libertação, isto é, de quebra com o mal, com o mundo, com o velho homem, a antiga natureza. Em geral, esses rituais são reservados, mas tive a oportunidade de participar de um. Uma mulher, na casa dos trinta anos, enfrentando uma crise no casamento, agravada pelo fato de o marido, apesar de evangélico não conseguir parar de fumar. O ritual aconteceu em um apartamento num bairro de classe média alta em João Pessoa. Ela foi conduzida pelo pastor a se sentar numa cadeira. Ele me pediu que ficasse sentado atrás da moça e me advertiu sobre a possibilidade de que ao longo do ritual ela pudesse ter manifestações físicas, todas escatológicas, vômito, havia um balde posicionado junto a cadeira, peidos e arrotos. Após uma breve oração, o pastor começou a ler uma longa lista com nome de entidades da umbanda e candomblé e santos católicos. O uso da frase “Eu renuncio” seguido do nome da entidade era dito em litania, um nome após outro. Quando a mulher arrotava, peidava ou ensaiava vomitar, o pastor dava um comando, nem sempre audível, mas, as vezes que consegui distinguir, era algo como está quebrado ou eu te expulso. Logo percebi que as reações eram compreendidas com o domínio daquele demônio sobre a vida

---

<sup>32</sup> “O shofar, instrumento de sopro criado com o chifre de um animal, é um dos ícones da religião judaica, mas curiosamente só entrou na liturgia depois da diáspora, impulsionado pela iconografia cristã” (BENARROCH, 2011).

dela, atrapalhando o seu casamento, a sua luta contra a obesidade e as oscilações em sua vida devocional. Finda a lista, passou a perguntar coisas mais íntimas e pessoais, e, por vezes, perguntava acerca de nomes ou situações potencialmente vividas pela mulher, as quais estariam sendo reveladas a ele pelo Espírito Santo. Todo o ritual durou cerca de uma hora e meia, e em sua conclusão pediu que déssemos as mãos e fizéssemos uma oração. Em seguida, pediu que a mulher deixasse o quarto. Disse que precisa estar a sós comigo, porque as vezes algum demônio resistia a deixar aquele território e precisava orar por mim para que eventualmente não levasse nada de mal para fora. Insistiu para que marcasse uma sessão para mim, o que nunca aconteceu.

O conceito de batalha (ou guerra) espiritual não é novo entre os evangélicos, tampouco é criação dos neopentecostais. Contudo, não há como negar que com o neopentecostalismo adquira uma nova dimensão, e foi, em grande medida incorporado pela cultura gospel.

O termo gospel popularizou-se no Brasil no início da década de 1990, trazendo uma proposta de incorporação de gêneros musicais contemporâneos (samba, pagode, rock, swingueira, forró etc.) com temática cristã. Acabou sendo difundido em igrejas neopentecostais, com a Igreja Renascer em Cristo, que popularizou o termo no Brasil e fez dele uma marca, com ampla gama de empreendimentos e produtos (CUNHA, 2004, p. 116). Como não se restringiu a apenas uma igreja ou corrente evangélica – igrejas históricas também sofreram seus efeitos (LOPES, 2008) – passa a ser classificado enquanto movimento. Caracteriza-se, primordialmente, pela ênfase no louvor e na adoração no culto. Como consequências desse processo que atinge, praticamente, todas as igrejas evangélicas brasileiras, no final do século XX e início do XXI, tem-se: a) a centralização do lugar da música como principal veículo de louvor e adoração a Deus; b) as propostas de modernização para o canto congregacional, lançando mão do uso de tecnologia (projeção de letras, uso de iluminação, equipamentos de som etc.); c) surgimento dos ministérios de louvor, com espaço reservado para momentos em que o líder de louvor (também chamado levita) entoava cânticos espontâneos, “determina” cura e libertação, anuncia revelações, comunica visões etc.; d) adoção de gêneros musicais populares como gêneros para o cântico litúrgico; e) inserção de apresentações de dança e expressões corporais no culto, realizadas ao som de canções de artistas gospel, com o uso de figurino apropriado e apetrechos (como fitas, bambolês etc.); f) surgimento do louvorzão, programação

musical que conta com a participação de grupos convidados, em tom mais informal, que pode ser realizado no espaço da igreja (por vezes, descaracterizada), em auditórios ou espaços públicos (como praças). Em geral, é voltado para a juventude e com caráter prosélito; g) criação de rádios evangélicas, com programação musical integralmente gospel. Quando não, as igrejas criam programas em rádios locais (comerciais ou comunitárias). Há também a criação de *webrádios* por igrejas para divulgação de seus ministérios; h) ascensão dos artistas gospel, que passam a ser conhecidos, comentados e copiados. Alguns lançam produtos com sua marca, desde artigos religiosos a vestuário; i) os espetáculos gospel passam a ser programa de lazer – boates gospel, bares gospel, balada gospel, livraria gospel, cinemas gospel, dentre outros (CUNHA, 2004, p. 117-118).

Sua difusão no Brasil ganha corpo na primeira década dos anos 2000, por meio de bandas e pastores do chamado *avivamento de Belo Horizonte*. O movimento encabeçado pelo *Ministério de Louvor e Adoração Diante do Trono*, grupo musical atrelado a Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte, e que por meio de música e dança influenciou todo o evangelicalismo brasileiro, difundiu ideia de batalha espiritual, atrelada a atos proféticos, maldições hereditárias, possessão mesmo entre crentes etc., conferindo nova roupagem, sem os exorcismos caricatos ou entrevistas com demônios – ou encostos, na terminologia utilizada pela IURD. Em certa medida, incorpora a gramática neopentecostal, porém imprimindo performance e estética mais próxima das igrejas evangélicas tradicionais, e alinhada com a moda dita secular, ainda que presente em seu discurso mais branda da teologia da prosperidade.

O Diante do Trono tornou-se um fenômeno comercial. Seus shows e eventos atraíam um público amplo e diverso, e comumente aconteciam em ginásios e estádios com público na casa dos milhares. Salvação individual, amparo divino, batalha espiritual e apelos proféticos por cura pessoal e da nação são temas recorrentes em suas canções, compostas por Ana Paula Valadão, pastora e líder do grupo. Ela é filha do pastor Márcio Valadão, da Igreja Batista da Lagoinha, que com o sucesso passou a ser rota de peregrinação dos fãs do grupo, que promoviam conferências de adoração, para mulheres, formação de líderes etc. Isso permitiu a criação de estúdios de gravação e de uma emissora de TV, a Rede Super. A igreja cresceu em número de membros e se transformou mega igreja<sup>33</sup>, com franquias espalhadas por todo o

---

<sup>33</sup> Sobre o conceito de mega igreja: WELLMAN JR.; CORCORAN; STOCKLY, 2020.

Brasil e em alguns países, como nos Estados Unidos, capitaneada pelos irmãos Ana Paula e André Valadão. A irmã caçula, Mariana Valadão, junto ao marido e pastor Felipe Valadão, comandam a Igreja Batista da Lagoinha em Niterói, estado do Rio de Janeiro.

O impacto desse movimento foi tanto a ponto de furar a bolha evangélica e alcançar ampla repercussão nos veículos de mídia seculares. Foram inúmeras reportagens, participação em programas de auditório (como Raul Gil e Domingão do Faustão), contrato com gravadoras seculares, exibição de especial na Rede Globo, o que terminou por gerar atritos com a Igreja Universal do Reino de Deus, que lutava para se manter no mercado com seus produtos, emissoras, notadamente a Rede Record, que rivaliza com a Globo, e a sua gravadora a Line Records, cujo artistas foram ofuscados pelo Diante do Trono e demais grupos surgidos no avivamento de Belo Horizonte (ROSAS, 2013, 2015).

Uma das coisas a se destacar no Diante do Trono são as gravações de seus CDs e DVDs por capitais brasileiras. Um deles, o quinto álbum, *Nos braços do Pai*, gravado na esplanada dos ministérios em Brasília. A escolha da capital federal para a gravação ocorrida em julho de 2002, com um público estimado em 1,2 milhão de pessoas, não é aleatória. Trata-se de ano eleitoral, uma eleição tensa disputada por Luís Inácio Lula da Silva, mais à esquerda do espectro político, e José Serra, candidato de centro-direita. A esplanada dos ministérios, com destaque ao Congresso Nacional, foi iluminada com as cores da bandeira nacional, e num dado momento foi realizado um *ato profético* pela cura da nação.

O ato consistia em uma longa oração, com bailarinas, músicos e cantores prostradas, alguns cobertos com a bandeira brasileira. Ana Paula Valadão, a líder do Diante do Trono, ladeada de duas outras pastoras, uma que havia profetizado e orado em línguas estranhas momentos antes, e da pastora intercessora do ministério, famosa por acompanhar Ana Paula Valadão desde a adolescência.

Pai, perdoa-nos, a corrupção, meu Pai; estamos aqui, ó Pai, diante de todos os três poderes que regem, Senhor, a política da nossa terra; perdoa-nos, Pai! Porque de geração em geração temos roubado, temos mentido, temos, Senhor, jogado os jogos imundos da nossa política; perdoa-nos, Pai. Pai, vem fincar aqui na capital nacional, ó Pai vem fincar aqui, Senhor, o teu trono, meu Deus. E mudar a nossa história política. Pai, não estamos aqui em vão; estamos em um ano eleitoral, meu Deus. Muda os rumos da nossa nação, muda os rumos da nossa nação, estabelece os reis, estabelece no trono, Senhor, de autoridade da nossa nação, pessoas segundo o teu coração. E destitui, Senhor, aqueles que servem às trevas, destitui, Senhor, Pai, porque feliz é a nação cujo Deus é o Senhor, feliz é a nação que tem seus governantes tementes ao Senhor. Pai, nós te oramos, Senhor, e nós

clamamos por cada gabinete, por cada escritório, por cada cantinho destes prédios que nos cercam. Que o anjo do Senhor seja colocado em cada um deles; que as águas do teu espírito invadam estes prédios, invadam Senhor cada monumento, cada lugar Senhor que tem algum significado espiritual nesta cidade. E daqui, Senhor, que teu rio vá passado, Senhor, em cada estado, em cada cidade. Estabelece, Senhor, nos lugares de autoridade, pessoas segundo o teu coração, te pedimos, ó Deus. Perdoa-nos, Pai. Nós cremos nas tuas promessas. Quebra as maldições geradas, ó Deus, pelo sangue inocente derramado sobre a nossa terra. Desde os abusos, ó Pai, que são cometidos, a todos os atos de violência que temos visto nas nossas ruas. Nas nossas cidades, no campo. Perdoa-nos, Senhor, pela violência que é tão grande em nossa nação. Desde aquele tempo em que os índios existiam aqui, de ali, de desde 500 anos atrás, até aqui, Senhor, tudo tem piorado. Quanto violência, Senhor! Mas vai quebrando, Senhor, desde o nosso passado até os nossos dias, pedimos perdão por todo o sangue derramado deste lugar. [...] Pedimos que o Senhor nos perdoe, que faça das nossas cidades cheias de paz. Estabelece os muros, Senhor, das nossas cidades. Porque se o Senhor não guardar a cidade em vão vigia a sentinela. Nós precisamos de ti, ó Pai. O Brasil precisa de ti. Pai, ensina-nos a orar. Atendendo, Senhor, às tuas promessas, cumprindo na nossa nação. Que este país seja chamado, Senhor, país do Senhor, e que os outros povos possam olhar e ver, que o Senhor está aqui. Que este seja o nosso novo nome, não mais nação desamparada, mas uma nação, Senhor, restaurada pelo teu poder, pela tua misericórdia, pelo teu perdão. Pai, eu te agradeço, eu te agradeço, Pai, porque se hoje temos aqui um povo se humilhando na tua presença, trazido de todas as partes da nação, é porque o teu Espírito tem gerado isto em nós, e vai continuar nos conduzindo, até vermos, Senhor, o nosso Brasil estabelecido como objeto de louvor na terra. (VALADÃO, 2002)

Como se depreende do clamor, o ambiente é de guerra, de batalha. A cura do Brasil constitui-se do estabelecimento “nos lugares de autoridade” de pessoas segundo o coração de Deus, o que implica num governo alicerçados nos princípios e diretrizes da moralidade e sociabilidade cristãs. Não apenas de homens “levantados” para os cargos políticos se dá o domínio divino sobre a nação, mas ainda com a ocupação angélica em cada gabinete e prédio do governo brasileiro. Note o uso da linguagem, metáforas e imagens do Velho Testamento invocadas no discurso de Ana Paula Valadão.

Na medida em que Valadão ora, a música intensifica. O volume da voz sobe e o volume da música, que serve de pano de fundo à oração, espelha este crescimento. A oração se torna uma convocação, um convite, para que as pessoas intercedam por seus locais de origem. Valadão geme e clama: “Levanta a tua voz, igreja, levanta tua voz, povo que se chama pelo nome do Senhor, povo que se chama pelo nome do Senhor”. Os instrumentos de corda entram, a progressão harmônica muda, a orquestra de sopros acrescenta uma nova textura. Valadão entoia “Brasil”, ligando o nome do país ao tema centra: “se meu povo orar...”. E, assim o clamor pelo Brasil tece linguagem bíblica com realidade política. Neste processo surge um eixo narrativo em três fases: crise, clamor, transformação. [...] O final da oração segue este script, pois celebra o cumprimento desta promessa no futuro. Expressões de júbilo entremeiam-se com a música instrumental. Risadas, pequenos pulos no palco. Valadão liga a promessa (“se meu povo orar...”) com a plateia (“nós somos este povo”). (STEUERNAGEL, 2019)



Toda a performance é relevante para compreensão de que se está diante de uma crise, de um momento de extremo perigo, em que as forças das trevas perigam avançar sobre a nação brasileira, e no qual é preciso que a igreja se coloque em posição de guerra. Se se entender os rituais fornecem um mecanismo de enfoque, uma armação, uma estrutura de controle da experiência, pode-se afirmar que, sob esse aspecto, prepara o palco, delimita os espaços (marcas) a serem ocupadas pelos atores, bem como deixa-os cientes de como desempenhar seus papéis (DOUGLAS, 2014), ou seja, para a realização de uma performance. Com o palco pronto e todos a postos, passam a desempenhar suas performances, as quais “funcionam como atos de transferências vitais, transmitindo conhecimento social, memória e senso de identidade por meio de comportamentos reiterados” (TAYLOR, 2013, p. 9). Dito doutro modo, a performance possibilita a construção de significados e, no caso da experiência religiosa, de sentido, que lhe é imprescindível (GEERTZ, 2001).

Schechner (2006) afirma que performance é comportamento reiterado, isto é, é possível inferir que mesmo quando pareça espontânea verdadeiramente não é. Como enfatiza a Ana Paula Valadão, reunir-se em Brasília não foi uma escolha aleatória, mas uma demonstração de poder, da capacidade de mobilização dos evangélicos. No início de sua oração, enfatizou que são mais de um milhão de pessoas ali reunidas. A guerra está posta, de um lado a luz e do outro as trevas. A disputa pela cadeira presidencial é uma luta entre luz e trevas, entre o estabelecimento do trono de Deus ou a manutenção do domínio de Satanás. Num ano eleitoral promoveram uma mobilização, não apenas para ascensão de um homem de Deus ao poder, mas também para a destituição daqueles “que servem às trevas”. Se se tomar o contexto da disputa eleitoral à época, teremos as candidaturas de José Serra, o candidato governista, e Luís Inácio Lula da Silva, o candidato comunista, visto com temor por diversos setores da sociedade brasileira.

Os evangélicos associam o comunismo/socialismo ao ateísmo, a perseguição ao cristianismo, bem como às pautas progressistas no campo moral, associadas às políticas de igualdade e inclusão de minorias sociais, a exemplo da população LGBTQIA+, ou a pautas feministas. Portanto, o que está em risco não é apenas um cargo político, mas todo um conjunto de valores morais e bíblicos que deveriam ser observados pelo Estado brasileiro. Assim, comunismo e socialismo são vistos como uma só coisa. A “ameaça comunista” permeia o imaginário evangélico desde o início do século XX (MARTELLI, 2009) e vem sendo reiterado, desde 2013, em mídias

digitais por pastores de diversas tradições do evangelicalismo brasileiro. Outrora tanto quanto agora, não há distinção entre os termos marxismo, comunismo, socialismo. Há uma breve distinção entre marxismo e marxismo cultural, porém sem qualquer precisão, vez que a última é utilizada para definir qualquer coisa que julguem de esquerda e que não caiba no conceito mais estrito da primeira.

A ênfase recai mais na “performance de uma estrutura” (MÜLLER, 2005) que na performance individual. Nesse sentido, a experiência reflexiva, que constrói significados e imprime sentido trazendo a ideia de ordem, é provocada pela intertextualidade entre o *texto* e a *performance* – ou nos termos utilizados por Schechner (1982) entre o *texto dramático* e o *texto da performance* – que, no caso, leva o crente a experimentar o culto como ritual de transformação. Portanto, deposita nesse momento de catarse coletiva a esperança e reconhece em seus líderes a autoridade para conduzi-los em suas vidas espirituais. Se essa vida espiritual também alcança as dimensões concretas, como a política, também nessa seara a liderança espiritual está apta para conduzi-lo. Afinal, a realidade é determinada pelo jogo de forças cósmicas, entre Deus e o diabo, e a igreja é levantada como um exército para marchar, lutar, avançar e conquistar territórios, expandindo a influência do Reino de Deus, o que se dá, dentre outras maneiras, por meio do profético ao ligar o que precisa ser ligado na terra ao céu. Desse modo, precisam ocupar espaços outrora fechados ao Evangelho, como a mídia, os poderes, as escolas e universidades, combatendo os inimigos e ganhando novas almas para o céu. Conseqüentemente, “ao mesclarem o social com o espiritual, não [propunham] militância política, mas sim militância religiosa, engajando o fiel ora num processo de santificação, ora num combate espiritual, às vezes nos dois, visando à libertação do mal” (MARIANO, 2005, p. 146).

Apesar de mais comum entre pentecostais e neopentecostais, o conceito de batalha espiritual não é estranho às igrejas tradicionais e reformadas. Sua disseminação parece ocorrer com a disseminação da cultura gospel entre suas igrejas, notadamente por meio do consumo de canções, vídeos (com pregações, eventos e performances) e inclusão de performances e práticas em seus próprios cultos. Essa influência é percebida entre os calvinistas, como se depreende de texto escrito pelo reverendo presbiteriano Augustus Nicodemus Lopes, um dos grandes nomes do movimento calvinista brasileiro, publicado inicialmente no *blog O, Tempora! O, Mores!* e, a posteriori, em livro:

[...] nós, os reformados, já perdemos a batalha por um culto simples, espiritual, teocêntrico e equilibrado. O movimento gospel veio para ficar. [...] Há cerca de dez anos, quando a Igreja Batista da Lagoinha começou a comandar o louvor nas igrejas evangélicas no Brasil, preferimos resistir frontalmente e insistir com nossas igrejas a que ficassem os hinos de nosso hinário. Foi um erro. Poderíamos, além disso, ter apresentado uma alternativa às músicas deles. Há exceções, mas muitas delas são sofríveis, musicalmente falando, e têm uma teologia fraquíssima. São cânticos permeados de conceitos arminianos, neopentecostais, da teologia da prosperidade e da batalha espiritual, característicos daquilo que é produzido pelos músicos e cantores gospel da atualidade. Infelizmente, não conseguimos oferecer nada melhor desde o início, a não ser apelos para ficarmos com os hinos tradicionais. (LOPES, 2006)

Tal influência não fica restrita à conceitos teológicos, mas difusa em práticas, novas formas litúrgicas e rituais. A performance gospel, seu apelo às emoções, estética musical, o uso de danças e coreografias como manifestações proféticas, a centralidade do louvor durante as celebrações, numa confusão entre púlpito e palco. A própria percepção da atuação divina passa a ocorrer por meio de manifestações emocionais, como arrepios, choro e sensação de alívio mental. O palco é a porta de acesso ao mundo espiritual, as melodias carregadas de guitarras e jovialidade, com letras que acenam para questões e carências emocionais e humanas denotam como o movimento gospel expandiu sua influência em diversas denominações, alcançando desde a performance de pregadores à da espetacularização do louvor, a inclusão de grupos de dança e coreografia, trazendo ares de entretenimento ao culto, mas dotando-o de sacralidade e manifestação de adoração à Deus. Termos como avivados e não avivados, frieza espiritual, ungidos e não ungidos, foram novas oposições que despontaram a partir desses contrastes. A cultura gospel se disseminou para fora da esfera evangélica, popularizando expressões como “amarrado em nome de Jesus”, “tá repreendido”, “misericórdia”, “abençoado” e “abençoada”, dentre outras. Nesse sentido, o movimento gospel abraça sua vocação ritual sem medo de incorporar elementos mágicos e exóticos ao culto cristão, fundindo elementos sincréticos presentes no pentecostalismo e neopentecostalismo com elementos estéticos do *pop* e do *rock* em suas performances, soando, a um só tempo, místico e moderno, fazendo disso uma vocação e marca.

Contudo, se o pastor Augustus Nicodemus Lopes estava convicto de que os reformados haviam perdido a batalha contra o movimento gospel, eis que começa um movimento, já percebido nos Estados Unidos, e que se estende ao Brasil, de expansão do calvinismo (HANSEN, 2009; PEIXOTO, 2021). No contexto brasileiro, guarda, como visto, relação com a mobilidade dos chamados de *decepcionados com*

a *graça* (ROMEIRO, 2005), fiéis frustrados com as promessas da teologia da prosperidade e/ou sobrecarga de sobrenatural das igrejas neopentecostais e do movimento gospel. Por sua vez, passaram a condição de: a) *desviados*, pois abandonaram ao evangelicalismo; b) *desigrejados*, quando dispensam a necessidade de congregar em igrejas e formam grupos informais, sem hierarquias ou estruturas formais de comando (BILHALVA, 2020), ou; c) passam a congregar em igrejas históricas e tradicionais, e, ainda, de novas denominações nascidas sob o signo da ressurgência calvinista – também conhecida por *ressurgência reformada* (VERMURLEN, 2020) ou *novo calvinismo* (OPPENHEIMER, 2014).

Desde o ano de 2008, esse movimento vem sendo percebido pelos atores da esfera evangélica. O reverendo Augustus Nicodemus Lopes (2008) alertava sobre o avanço do calvinismo entre os batistas. Em 2004, foi criada na cidade de Petrolândia, sertão pernambucano, a *Comunhão Reformada Batista no Brasil*, que congrega diferentes igrejas batistas signatárias da Confissão de Fé Batista de Londres (1689), de orientação calvinista. Já no ano seguinte, realizou eventos em estados como Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Ressalte-se que dois importantes nomes da ressurgência calvinista no Brasil, Franklin Ferreira e Jonas Madureira, são pastores batistas.

Lopes (2019, s. p.), ciente desse movimento, faz, a partir de sua perspectiva enquanto ator da esfera evangélica calvinista, o seguinte balanço:

O crescimento do interesse pela fé reformada em todo o mundo é um fato que tem sido notado aqui e ali pelos estudiosos de religião. Crescem em toda a parte a publicação de literatura reformada, o ingresso de estudantes em seminários e instituições reformadas, a realização de eventos, o surgimento de novas igrejas e instituições de ensino reformadas e o número de pessoas que se dizem reformadas, especialmente oriundas de denominações pentecostais. [...] Existe, todavia, um grande número de igrejas que são da “tradição reformada” mas que já não creem de maneira ortodoxa quanto a estas doutrinas. Geralmente essas igrejas não estão experimentando esse crescimento, mas um esvaziamento, como a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e outras denominações historicamente ligadas à Reforma, mas que já não professam seus postulados. Por outro lado, da África, Coréia, China, Indonésia, por exemplo, chegam relatórios do florescimento calvinista. É claro que o calvinismo acaba recebendo diferentes interpretações e expressões em tantas culturas variadas, mas os pontos centrais estão lá. [...] Isso não quer dizer que os reformados são muito numerosos, comparados com pentecostais e arminianos, por exemplo. O que eu quero dizer é que os relativamente poucos reformados têm experimentado um crescimento que já chama a atenção de muitas denominações e tem provocado alertas da parte de seus líderes.

Esse crescimento é perceptível, sobretudo por meio desses deslocamentos. Isso significa que não se trata de calvinistas de tradição prolongada ou vinculados a

igrejas historicamente reformadas, mas são provenientes de outras denominações, como batistas, pentecostais, neopentecostais e, ainda, aquelas influenciadas pelo movimento gospel, que, como visto, deflagra tensões e faccionismos dentre de denominações e congregações reformadas. Nesse sentido, é possível falar em uma espécie de nova conversão, segundo a qual se abandona o falso Evangelho, maculado por desvios e heresias, para abraçarem um novo credo e identidade.

As mídias digitais foram imprescindíveis para o surgimento desse movimento no Brasil, assim como nos Estados Unidos (HANSEN, 2009). Em 2003, Felipe Sabino criou o blog *Monergismo*, no qual começou a traduzir artigos, trechos de livros de teólogos reformados, desde o clássico Charles Spurgeon, até outros mais recentes. Hoje conta o Monergismo conta com uma editora dedicada a publicação e difusão de obras calvinistas.

Em 2006, Vinicius Musselman, que foi da Sara Nossa Terra, funda o *Voltemos ao Evangelho*, o mais popular site calvinista no Brasil. Ganhou notoriedade ao traduzirem e legendarem o vídeo *Shoking Message*<sup>34</sup>, do pastor calvinista estadunidense Paul Washer. O vídeo viralizou e pode ser encontrado facilmente em diversos canais com número de visualizações na casa dos milhares. O impacto foi tanto que estimulou a tradução e difusão de novos vídeos, amplificando o repertório de pastores e mensagens todas de tradição reformada, incluindo de ícones do movimento de ressurgência calvinista norte-americano, como os pastores Mark Denver, Mark Driscoll e John Piper, esses últimos com maior popularidade entre os brasileiros.

Alguns desses novos calvinistas, como o músico e pastor Marco Telles, líder do *Coletivo Candeeiro*, empenhado em gravar e difundir artistas nordestinos que fazem música de confissão reformada, radicado na Paraíba, e o pastor e *digital influencer* cearense Yago Martins, já declararam a importância do blog para seus respectivos processos de conversão à fé reformada<sup>35</sup>.

Esse encontro com a fé reformada não é incomum, e provocou, por meio das redes sociais, processos de ruptura em diversas igrejas, incluindo as mais remotas, como no sertão pernambucano. Há alguns anos, meados de 2015, pude acompanhar um grupo de jovens membros de uma igreja pentecostal na cidade de Petrolândia. A igreja professava um credo vinculado a manifestações espontâneas e sobrenaturais

---

<sup>34</sup> Disponível em: <https://youtu.be/uuabITeO4I8>. Acesso em 15 abr. 2021.

<sup>35</sup> A declaração está disponível em: [https://youtu.be/ydxAim\\_7OXM](https://youtu.be/ydxAim_7OXM). Acesso em: 20 fev. 2021.

como afirmação de poder e da presença de Deus, um artifício comum para dominação de seus membros, que estão vinculados a células, pequenos grupos de fiéis submetidos a uma liderança, a quem devem partilhar todos os aspectos de sua vida, devendo pedir autorização para namorar, estudar e mesmo em assuntos de cunho íntimo e familiar. Um deles afirmou que após ouvir uma pregação de um jovem pastor novo calvinista em um evento passou a questionar aquele modelo e as crenças proferidas pela igreja. Com o apoio de pregações no YouTube, do Voltamos ao Evangelho, de podcasts como o *BiboTalk* e o extinto *Os CabraCast*, optaram por abandonar a igreja. Alguns passaram a congregar na Igreja Batista Regular e os outros foram para a Igreja Presbiteriana do Brasil.

O próprio Yago Martins, em meados de 2011, por meio do Voltamos ao Evangelho, começou a produzir conteúdo para a internet. Inicialmente por meio de um blog, o *Cantando às Escrituras*, no qual pontuava as discrepâncias e desvios bíblicos das canções e práticas dos grupos de louvor do movimento gospel. Tempos depois, junto a dois outros amigos, hoje convertidos ao catolicismo por influência de Olavo de Carvalho, fundou o *Dois Dedos de Teologia*, canal que mantém até hoje e que já ultrapassou a marca de 600 mil inscritos. Yago tem uma verve combativa e não se furta de se envolver em polêmicas. Seu nome desperta reações díspares, há os que gostam e os que desgostam. Para além de seu currículo teológico, ostenta ser “membro do corpo de especialistas do Instituto Ludwig von Mises Brasil”, como descrito em sua biografia na página da Editora Record, que publicou um de seus livros mais conhecidos, *A máfia dos mendigos: como a caridade aumenta a miséria*, publicado em 2019.

No mais, não se pode olvidar as tensões existentes dentro das denominações de tradição reformada. O movimento gospel acabou por impregnar suas liturgias e cultos de valores, práticas e crenças que passaram, com o processo de ressurgência calvinista, a serem questionados, provocando uma cisão entre os que aceitam tais práticas e os que as reprovam veementemente. Isso termina por revelar a criação de um outro tipo de vínculo, oriundo desses aspectos culturais, e que terminam por dividir os membros de uma mesma denominação e/ou comunidade entre o sagrado e o profano, entre o verdadeiro e o falso, criando uma comunidade sagrada, do bem, do verdadeiro Evangelho, de outra que é profana, que é do mal, do falso Evangelho. Apesar de manter um vínculo formal, institucional, não faz parte da comunidade real e verdadeira. Tratarei melhor adiante.

Apesar dessas distinções, e compreendendo a ressurgência calvinista como uma reação ao movimento gospel, perceptível na contundente série de ataques e críticas a suas práticas, bem como na adoção de estética e musicalidade mais arrojadas e sofisticadas, porém calcada na teologia reformada, o que traz um frescor ao calvinismo, percebo também algumas semelhanças, dentre as quais a retórica beligerante tão difundida a partir da batalha espiritual.

No campo político, os calvinistas, em geral, se inclinaram à direita, e professavam ideias típicas do fundamentalismo reformado norte-americanos, como, por exemplo, na defesa do porte de arma por civis (PORTELA, 2005). Contudo, caracterizavam-se pela discrição, certo distanciamento político, o que dava liberdade a seus fiéis para fazerem suas escolhas. Com as eleições majoritárias de 2018, esta postura foi abandonada. O apoio e endosso a Jair Messias Bolsonaro tornou-se explícito, e, em alguma medida, se mantém. O argumento agora é moral/espiritual, haja vista que um cristão que vota na esquerda deve reconsiderar o seu próprio cristianismo.

A Coalizão pelo Evangelho no Brasil, surgida com inspiração na *The Gospel Coalition* dos Estados Unidos<sup>36</sup>, produziu uma carta aberta à igreja brasileira sobre as eleições de 2018, que endossava, não explicitamente, mas implicitamente o apoio a Jair Messias Bolsonaro. No mais, consta de seus documentos uma preocupação com a ideologia e politização da igreja<sup>37</sup>, leia-se de uma politização à esquerda ou de um processo mais inclusivo e plural dessas comunidades.

Em tempo, a política bolsonarista incorpora essa lógica beligerante, delineada por uma cultura de morte, de eliminação do outro, forjando, por conseguinte, um limite

---

<sup>36</sup> Sobre: a saber “uma aliança de igrejas evangélicas de tradição reformada profundamente comprometida em renovar nossa fé no Evangelho de Cristo e reformar nossas práticas ministeriais conformando-as integralmente às Escrituras.” (THE GOSPEL COALITION, 2007, p. 4). No original: “*We are a fellowship of evangelical churches deeply committed to renewing our faith in the gospel of Christ and to reforming our ministry practices to conform fully to the Scriptures*”.

<sup>37</sup> Segundo sua declaração fundacional: “A COALIZÃO PELO EVANGELHO é uma organização cristã que surgiu como fruto da comunhão de pastores evangélicos de tradição reformada, profundamente comprometidos com a renovação da fé no Evangelho e com a reforma das práticas ministeriais no contexto brasileiro, a fim de que sejam plenamente conformadas às Escritura Sagradas. Nos preocupamos profundamente com movimentos dentro do evangelicalismo tradicional que parecem diminuir a vida da igreja e nos desviar de nossas práticas e crenças históricas. Se por um lado nos incomodamos com a idolatria do consumismo individualista e com a politização da fé, também estamos aflitos com a aceitação incontestada do relativismo moral e teológico. Esses movimentos têm levado diretamente ao abandono da verdade bíblica e do modo de vida transformado que é ordenado por nossa fé histórica; e nós não apenas ouvimos sobre essas influências, mas de fato observamos os seus efeitos. Estamos comprometidos em fortalecer igrejas com uma nova esperança e com a alegria contagiante que é baseada nas promessas recebidas pela graça somente através da fé somente em Cristo somente.” (A COLATIZAÇÃO PELO EVANGELHO, s. d.)

moral entre o *nós* e o *eles*, e, nesse sentido, apregoando a contenção e/ou eliminação do outro, que não se trata de *opositor*, mas de *inimigo* (ALMEIDA, 2019; NOBRE, 2019). O ódio é elemento central na construção da identidade. Assim, tem-se um *Nós*, os cidadãos de bem, e um *Eles*, os bandidos, os degenerados, os gays, os *comunistas*, os *esquerdopatas*, os *petralhas*. Por conseguinte, intensifica-se a polarização vigente convertendo-a em uma *polarização de guerra*, ou seja, “a política se torna guerra, só o que existe é uma luta de vida ou morte, em que apenas um lado pode sobreviver” (NOBRE, 2020).

Esse sentimento espraiou-se entre os novos calvinistas, que se utilizaram de suas redes sociais, reais e virtuais, para disseminar a mensagem que é política e sagrada, incorporando-se elementos do sagrado para definir a partir do político quem são os verdadeiros e os falsos cristãos.

Preocupações, outrora centradas em questões de foro íntimo, isto é, pessoais, internas, de dentro do templo, expandiram-se para fora desses limites, reverberando, por vezes, para fora da esfera evangélica. Nesse aspecto, amplificou certas questões e convergiu em certa direção ao campo político, e, aqui, não confundir com a adesão a partidos políticos ou a políticos, ainda que se perceba forte oposição com partidos políticos identificados como de esquerda e/ou comunistas (ALEXANDER, 2006; MONTES, 2012; TADVALD, 2015; PRANDI; SANTOS, 2017; RODRIGUES-SILVEIRA, CERVI, 2019; QUADROS; MADEIRA, 2018; PRANDI, CARNEIRO, 2018; SMITH, 2019).

Diante disso, novas articulações foram feitas. Para além dos nomes comuns à esfera evangélica reformada, como os dos reformadores Lutero e Calvino, ou de proeminentes teólogos como John Piper, Paul Washer, Mark Denver, Michael Horton, dentre outros, surgiram os do ideólogo Olavo de Carvalho e do filósofo Luiz Felipe Pondé, achados entre os pensadores da nova direita. Mesmo que não tenha se dado em termos formais, percebeu-se, em termos práticos, que foram investidos de semelhante autoridade, bem como incorporados às hostes demoníacas o nome de todos aqueles que se colocam à esquerda no espectro político, de modo explícito ou implícito. Dito de modo simples, não é uma questão política, mas uma questão religiosa. Ser de direita não é uma posição política, mas uma posição espiritual na batalha como o bem e o mal.

Além disso, fontes de informação como os canais do *Movimento Brasil Livre* (MBL), *Terça Livre*, *Brasil Paralelo*, dentre outros foram incorporados pelos



evangélicos como meios legítimos e probos na difusão de notícia por não estarem comprometidos com a ideologia de esquerda, alçada ao patamar espiritual de idolatria, como se percebe em publicações de editoras reformadas – à guisa de exemplo, o *Contra idolatria do Estado*, do pastor, teólogo, professor e conferencista Franklin Ferreira, cuja capa, apesar de o título de mencionar o Estado, traz ilustrações e símbolos de governos que o autor considera de esquerda (fig. 01), a saber uma moeda romana, numa alusão a passagem bíblica em que Jesus ao ser questionado sobre pagar impostos a Roma declara “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22:21), uma suástica do nazismo e a foice e o martelo da ex-URSS. Ferreira considera o nazismo como uma ideologia política de esquerda com aproximações com o comunismo<sup>38</sup>.

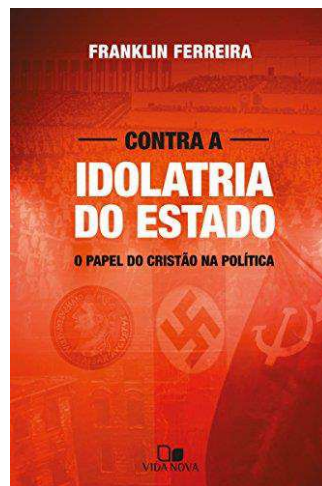


Fig. 01 Capa do livro *Contra a idolatria do Estado*

Frise-se que o número de publicações sobre política e cristianismo aumentaram significativamente nos últimos anos, mais precisamente de 2014 em diante. Entre os livros, há títulos nacionais e traduções de teólogos já conhecidos do público brasileiro, dentre os quais destaco *Política segundo a Bíblia: princípios que todo cristão deve conhecer*, de Wayne Grudem, autor bastante conhecido e com vários títulos

<sup>38</sup> O livro foi apresentado ao então candidato Jair Messias Bolsonaro, em 2017: “Antes mesmo das eleições, em abril de 2017, Bolsonaro recebeu de presente o livro ‘Contra a idolatria do estado’, de autoria do pastor calvinista Franklin Ferreira. O pastor e teólogo, assumidamente conservador, é figura atuante nas redes sociais, com uma forte militância contra a esquerda e os evangélicos progressistas. Ao receber o livro, Bolsonaro fez questão de gravar um agradecimento ao pastor, referindo-se ao livro como uma ‘obra magnífica’ que juntava ‘fatos históricos e a nossa bíblia sagrada’. A partir de abril daquele ano Franklin, o ‘anti-idolatria do estado’, e Bolsonaro, o ‘Messias’, passaram a ficar cada vez mais próximos. Em agosto de 2018, Bolsonaro convidou o pastor para uma conversa.” (PACHECO, 2020).

publicados no Brasil e sempre citado por seu livro de teologia sistemática<sup>39</sup>, lançado pela Vida Nova, em 2014, de quem também lançou *Economia e política na cosmovisão cristã: contribuições para uma teologia evangélica*, em 2016; *Visões e ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas*, de David T. Koyzis, que foi bastante repercutido entre os evangélicos calvinistas à época de seu lançamento pela Vida Nova, em 2014; *Estado e soberania: ensaios sobre cristianismo e política*, do filósofo holandês Herman Dooyeweerd, fundador da chamada Filosofia Reformacional, que buscava direcionar todas as suas reflexões para uma perspectiva cristã reformada radical, centrada sobretudo no neocalvinismo do início do século XX, encabeçado Abraham Kuyper. Um dado interessante sobre a edição brasileira, lançada pela Vida Nova, em 2014, é o glossário traduzido e expandido por Guilherme de Carvalho, que se identifica como teólogo público, além de pastor da Igreja Esperança em Belo Horizonte, diretor de *L'Abri Fellowship Brasil* e diretor de conteúdo do projeto Cristãos na Ciência, que integrou o governo Bolsonaro, assumindo o cargo de diretor de Promoção de Educação em Direitos Humanos na pasta ministerial delegada a ministra Damares. Após sua saída, passou a fazer críticas ao governo (CARVALHO, 2020) e chegou a declarar no *Twitter* que o motivo de sua saída não se devia a algum arrependimento pessoal, mas a ausência de arrependimento do governo<sup>40</sup>. Pela editora Mundo Cristão, com uma abordagem mais conciliadora, há *Brasil polifônico: os evangélicos e as estruturas de poder*, de

---

<sup>39</sup> A teologia sistemática é um ramo fundamental para o ensino e aprendizagem da teologia cristã, pois busca sistematizar por tópicos assuntos e questões que estruturam e compõem o credo cristão. Por exemplo, ao tratar sobre soteriologia, isto é, a doutrina da salvação, aborda com uma sistematização de todas as passagens bíblicas do Antigo e Novo Testamento para estabelecer pontos comuns, divergências e criar princípios hermenêuticos e conceitos que norteariam o modo como será anunciada em pregações, ensinamentos etc. Como dito, é um ramo fundamental, e mesmo os que nem se dão conta de sua existência, estão a repetir seus preceitos e formas de pensamento. Alguns títulos e autores ganharam notoriedade por suas teologias sistemáticas, a exemplo de Wayne Grudem, bastante conhecido entre batistas e reformados, Louis Berkhof, o mais lido e referenciado entre presbiterianos e calvinistas, e o próprio Franklin Ferreira, um dos poucos teólogos brasileiros a ter escrito um livro de teologia sistemática. Os pentecostais também possuem suas referências em teologia sistemática. Destaco duas editadas pela CPAD, editora oficial das Assembleias de Deus no Brasil: uma, com viés mais clássico, por ser de autoria de um dos grandes nomes do evangelicalismo mundial, Charles Finney, e a segunda e mais conhecida entre os pentecostais escrita por Norman Geisler. Em tempo, atribui-se o título de primeiro grande sistematizador e, portanto, pioneiro no gênero da teologia sistemática, ao reformador João Calvino, com a publicação de suas *Institutas da Religião Cristã*, em 1536.

<sup>40</sup> Eis o *tweet* em inteiro teor: “Alguns supondo que saí do governo porque me arrependi. Não, não me arrependi. Não me venham com trivialidades, por favor. Saí porque o governo precisa de arrependimento, e não posso mais ajudá-lo de dentro. E antes de comentar, informe-se sobre meu pensamento.” Disponível em: <https://twitter.com/guilhermeverc/status/1240265489462550529>. Acesso em: 13 ago. 2021.

Davi Lago, em 2018. Outros títulos, apesar de não fazerem menção a política e cristianismo, abordam demandas políticas específicas desses grupos, em especial, a que trata dos costumes, como as que dizem respeito à sexualidade, e da educação, diluídas em diversas editoras.

Há que se destacar a atuação das redes “domésticas” de informação, a exemplo dos grupos de *WhatsApp*, recurso amplamente utilizado na última campanha eleitoral. O tema política se fez presente também em grupos de igrejas e congregações religiosas, bem como na formação de grupos internos e externos – respectivamente, entre membros da mesma denominação e/ou congregação e entre membros de diferentes denominações e/ou congregações – alguns destinados a fim exclusivamente político – como o “cristãos de direita”, que me foi relatado por um fiel da Igreja Presbiteriana do Brasil.

A propagação de desinformação (*Fake News*), com o intuito de deslegitimar veículos tradicionais de mídia e/ou informação que contradissesse seus posicionamentos e crenças, era comum a esses grupos. Tudo o que se opunha a tais posições era alçado a pecha de esquerda, mesmo que se tratasse de posições liberais e/ou politicamente conservadoras. Por sua vez, a esquerda não está mais no campo do político, mas do sagrado, especificamente do mal sagrado (ALEXANDER, 2003), e rapidamente associado ao diabo.

O principal efeito dessa percepção é a associação feita entre pessoas de esquerda como representações do mal e as de direita como representação do bem. A narrativa construída converte elementos do político, considerados alheios à espiritualidade e identidade cristãs, como sagrados e, por conseguinte, integrantes da espiritualidade e identidade cristãs.

O palco das disputas eleitorais, lido como campo de batalha, representa bem essa disputa entre o bem e o mal. Se se tomar por exemplo as eleições presidenciais de 2018, a preferência evangélica por Jair Messias Bolsonaro se explica, em boa parte, pela associação messiânica em torno de sua pessoa; a difusão ampla, nem sempre explícita entre os calvinistas, de se tratar de um homem escolhido por Deus para libertar o povo cristão e a nação brasileira do comunismo, do globalismo e do progressivismo, que contaminou as instituições públicas brasileiras.



Fig. 07. Fonte: Apoiadores de Bolsonaro (Facebook)



Fig. 08. Fonte: Jair Bolsonaro Presidente 2018 (Facebook)

As duas imagens circularam em um grupo no WhatsApp chamado *Cristãos de Direita*, composto de evangélicos de diversas denominações e orientações teológicas. A primeira imagem é uma montagem com uma foto de autoria de um dos filhos do Bolsonaro quando se encontrava internado no Hospital Sírio-Libanês, na capital paulista, recuperando-se de atentado sofrido em 06 de setembro de 2018 durante um evento de campanha em Minas Gerais, no qual sofreu uma facada no abdômen. A

imagem de um Bolsonaro fragilizado, emocionado, destoa daquela beligerante, viril, guerreira que construiu ao longo da campanha. A apropriação da imagem o reconstrói como um cristo, um messias, um salvador, associando-a a obra vicária de Jesus Cristo na cruz, que, segundo a tradição teológica cristã, por meio da cruz reconciliou a humanidade decaída com o criador. Elementos simbólicos são relacionados equiparando Jesus a Bolsonaro. O primeiro desses elementos é a ideia de sacrifício, de alguém disposto a se entregar por uma causa, para trazer o melhor para o povo. Assim como Jesus se entregou e obedeceu a Deus até a morte e morte de cruz, como enfatiza o apóstolo Paulo em sua carta aos filipenses (cf. BÍBLIA NVT, 2016; Filipenses 2:7-8), ou seja, se dispôs ao sacrifício para cumprir a missão divina constituída na encarnação, Bolsonaro também está disposto a morrer, se preciso, para redimir a nação da ameaça do comunismo – representada pela esquerda e pelo PT. Esse aspecto é importante. O próprio Bolsonaro declarou reiteradas vezes estar cumprindo uma missão divina, chegando a apontar o fato de ter sobrevivido a facada e a vitória nas urnas como evidências da escolha divina (ARMENDÁRIZ, 2019; LOPES, 2021). O segundo elemento é o sangue. Na tradição cristã o sangue de Jesus é purificador. É através do sangue vertido na cruz que se obtém a salvação dos pecados. Uma das interpretações difundidas é a do resgate, inspirada no relato da criação no Evangelho de Marcos, ao escrever que “nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos” (BÍBLIA NVT; Marcos 10:45), reforçando a ideia de que a morte de Jesus resgatou os que creram em sua mensagem do domínio do mal, ou seja, o sacrifício, a entrega de Jesus à morte, e morte de cruz, foi o preço pago para resgatar os seus das mãos do diabo. Por isso se faz necessário ao fiel retribuir tamanho sacrifício dedicando sua vida em devoção e adoração a Jesus. “Ele sangrou por nós”, o texto do post faria sentido fosse a imagem de Jesus na cruz ou de Bolsonaro na cama do hospital, ambos messias – ao mesmo, Bolsonaro o é no nome –, imbuídos de uma missão divina, dispostas a verter o próprio sangue em favor dos seus. “Dia 7 ele pode contar com a sua retribuição?”, frise-se o termo “retribuição”, ele é digno de ser retribuído, deve ser retribuído, e a única retribuição possível é o voto – e a lealdade e devoção, porque ele é um escolhido de Deus.

A segunda figura reforça a compreensão de que Bolsonaro é um escolhido de Deus. Mais que isso, que Jesus é seu parceiro. Eles irão enfrentar juntos os desafios e os inimigos comunistas. A imagem é inspirada numa passagem dos evangelhos em

que Jesus manda que seus apóstolos atravessasse o Mar da Galileia antes, dizendo que mais tarde os alcançaria. No meio da noite, os apóstolos avistam Jesus se aproximando do barco, caminhando sobre as águas. Assustados, chegam a pensar ser um fantasma. Pedro, após Jesus confirmar ser ele, o desafia dizendo, “Se é realmente o senhor, ordene que eu vá caminhando sobre as águas até onde está!” (Mateus 14:28, BÍBLIA NVT, 2016), ao que responde “Venha!”. Após alguns passos, Pedro teme um vento e começa a afundar. Então, Jesus lhe estende a mão e caminha com ele até o barco. Embora não faça sentido, uma vez que Pedro afundou por não ter tido fé suficiente, o post apela ao sentimento de socorro que Jesus provém, e de que caminhará ao lado de Bolsonaro sobre águas turbulentas e lhe concederá a vitória sobre seus inimigos.

Gostaria de compartilhar outras duas imagens. Ambas publicadas no perfil no *Instagram* do pastor calvinista Renato Vargens, que contabiliza 106.000 seguidores e mais de 5.000 posts, em geral, sobre temas teológicos, aborto, regras comportamentais e política. As duas publicações foram feitas por ocasião do atentado ao candidato Jair Messias Bolsonaro, em 06 de setembro de 2018.

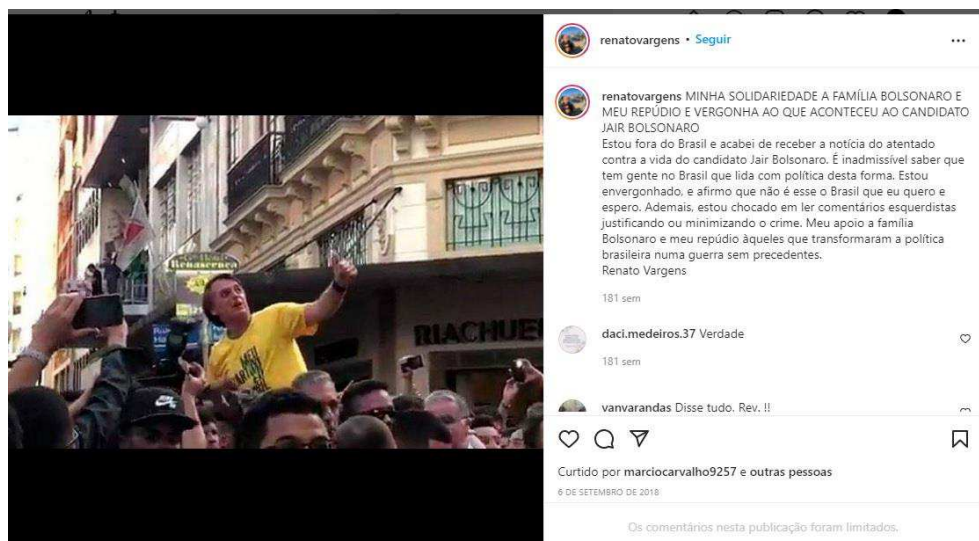


Fig. 09 – Solidariedade a família Bolsonaro. Fonte: Renato Vargens (*Instagram*)<sup>41</sup>

<sup>41</sup> Disponível em: <https://abre.ai/fig04>. Acesso em: 02 mar. 2022.



Fig. 10 – Vamos orar: essa facada foi em todos nós. Fonte: Renato Vargens (*Instagram*).<sup>42</sup>

A primeira postagem revela a indignação do pastor ante a notícia do atentado, porém me chamou a atenção o fato de utilizar o termo “guerra” para se referir à política. Entretanto, ignora o tom beligerante, a lógica de eliminação do adversário, o uso de termos pejorativos para se referir a opositores políticos alçados a condição de inimigos utilizado pelo bolsonarismo (NICOLAU, 2018). A segunda redimensionou o atentado, que deixa de ser individual e passa a ser coletivo. Não é mais um atentado ao candidato a Presidência da República, mas na democracia, no cidadão de bem, no pai de família. Seu argumento se alinha ao disseminado pela campanha de Bolsonaro, exaltando a defesa de um certo tipo de pessoa em detrimento de outra. A lógica moral é contraditória, porque, apesar de sua veemente defesa pela vida, com ênfase na sacralidade da vida humana, como o faz quando trata do aborto – como se verá adiante –, não alcança a todos. Noutras palavras, apenas aqueles que estão moralmente alinhados com dada moralidade é digno de defesa e proteção. Como salienta Butler (2020, p. 13),

[...] uma vida específica não pode ser considerada lesada ou perdida se não for considerada primeiro viva. Se certas vidas não qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras.

O que define uma “vida como passível de luto”, uma pessoa plena e passível de respeito, direitos e proteção é definido por elementos culturais, constituindo diferentes tipos de pessoas, com diferentes valores e significados. Ao invocar as ideias de democracia, cidadão de bem e pai de família, todas abstratas, difusas e

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BnaCnbeBXZq/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

genéricas, constata que aqueles que são reconhecidos como antidemocráticos, cidadãos do mal e pais irresponsáveis formam a oposição. Estando os primeiros do lado do bem, dos que são passíveis de luto e sofrimento, e os segundos do lado do mal, dos que não são dignos de luto e sofrimento, cuja morte se justifica ou celebra. Seu compromisso com valores que julga sagrado cria pontos cegos morais que conduzem as contradições que se impõem em sua performance e compromissos morais, e torna mais difícil reconhecer o dano causado por sua ação na busca para destruir o que compreende como profano. a esse respeito, Lynch (2014, p. 125) enfatiza que

O imperativo moral desta ação é tão forte que aqueles que sofrem ou morrem como resultado dela, seja como objetos profanos ou espectadores infelizes, não podem realmente ser reconhecidos como perdas significativas. Fazê-lo seria começar a questionar o inquestionável: suscitar a perspectiva de que a atuação fora de nossos impulsos sagrados não produz, por si só, bons resultados. Enfrentar um paradoxo moral é muito mais difícil para a maioria das pessoas.

Assim,

As formas sagradas podem, portanto, ser uma fonte de grande dano e sofrimento através das paixões e pontos cegos que criam. Mas os significados poderosos do sagrado não são propriedades de qualquer instituição social ou ator político, e podem igualmente servir de base para a crítica social ou mesmo revolução. As dinastias do governo chinês sempre estiveram sujeitas à alegação de que o “mandato do céu” havia sido retirado deles. A visão de Lutero de autoridade sagrada era derivada das Escrituras que proveu os motivos para desafiar as instituições religiosas de sua época. (LYNCH, 2014, p. 126)

Vargens se coloca em posição de combate, reforça a ideia de que aqueles que atentam contra Bolsonaro atentam contra valores sagrados e caros ao Estado Democrático de Direito. Isso fica mais claro em postagem feita pouco depois da eleição de 2018, na qual alega que o PT é uma religião, fato evidenciado pela votação recebida por Fernando Haddad, ou seja, votar no PT constitui um ato de fanatismo, dada as “irrefutáveis provas de corrupção e canalhice de seus políticos”. Primeiro, segundo os sistemas jurídicos ocidentais, não há prova irrefutável. Um dos princípios mais caros a democracia liberal é o do devido processo legal (*due process of law*), que garante aos acusados a ampla defesa e contraditório, bem como o regular andamento processual, incluso o duplo grau de jurisdição, isto é, a capacidade de recorrer a instâncias superiores e colegiadas – aos tribunais. A existência de provas irrefutáveis, sem possibilidade de questionamento e revisão, é essencialmente antidemocrática. Segundo, canalhice não é conduta tipificada penalmente e, portanto, não poderia ser objeto de juízo jurídico-dogmático, mas apenas moral. E é isso que



parece ser o conteúdo da postagem, uma condenação moral, baseada, portanto, não em critérios técnicos, mas na construção de narrativa que atrela ao PT – e à esquerda – a personificação do mal.



Fig.11 – O PT é uma religião. Fonte: Renato Vargens (*Instagram*).<sup>43</sup>



Fig. 12 – Não é Bolsonaro contra Haddad. Fonte: Renato Vargens (*Instagram*).<sup>44</sup>

Em tempo, o pastor soa contraditório atrelando o PT a uma religião. Se é religião e o fato de seus eleitores agirem como fanáticos que não contestam os aspectos supostamente maléficos de seu papel, não estaria a estabelecer um parâmetro para exercer o mesmo juízo sobre o cristianismo que se esforça em defender?

Essa tomada de partido não se restringe a mera opinião pessoal, a Coalizão pelo Evangelho Brasil, criada em 2018, divulgou, em 24 de outubro de 2018, uma carta aberta à igreja brasileira com instruções precisas sobre as eleições:

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpKGZYiBj02/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpKJvk2Bjol/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

Por ocasião das celebrações dos 196 anos de Independência do Brasil neste mês de setembro e da proximidade das eleições de 2018, em que os brasileiros escolherão deputados estaduais e federais, senadores e governadores de seus estados, bem como a autoridade principal da nação, o presidente da República, para os próximos quatro anos, os pastores e líderes cristãos abaixo-assinados conclamam para que a Igreja de Cristo no Brasil coloque-se em intercessão constante pelo País nas próximas semanas, até o fim dos pleitos em segundo turno, em jejum e oração, pedindo para que a Santíssima Trindade, por misericórdia, ouça as nossas preces e venha a atender os seguintes pedidos:

1. Que o SENHOR, o Deus Triúno, conduza em suas campanhas os candidatos honestos, bem-intencionados, comprometidos com a transparência e a moralidade, com princípios virtuosos de vida em sociedade e com uma visão cristã de mundo, a fim de que estes consigam ser eleitos aos cargos a que concorrem;
2. Que o SENHOR, o Deus Triúno, mude o coração daqueles que estão dispostos a votar em candidatos envolvidos em casos de corrupção, nem permita que estes sejam eleitos;
3. Que o SENHOR, o Deus Triúno, refreie a representação de ideologias anticristãs em nossos parlamentos estaduais e no Congresso Nacional;
4. Que o SENHOR, o Deus Triúno, frustre toda a tentativa de fraude no sistema eleitoral;
5. Que o Senhor, o Deus Triúno, não permita mais confusão e outros atos de violência, a fim de que essas eleições sejam concluídas pacificamente;
6. Que o Senhor, o Deus Triúno, por meio da obra santificadora do Espírito Santo, traga um verdadeiro avivamento à sua Igreja no Brasil, provocando um grande e duradouro impacto cultural, moral e social, por meio de homens e mulheres que produzam frutos dignos de arrependimento.

Algumas recomendações:

- a) Para a escolha de candidato, recomenda-se conhecer bem o seu caráter, ideias e a ideologia do partido;
- b) Apoie propostas que defendam a dignidade do ser humano e a vida em qualquer circunstância, desde sua concepção no ventre materno;
- c) Rejeite candidatos com ênfases intervencionistas na esfera familiar, educacional, eclesiástica e artística;
- d) Repudie qualquer ideologia que se oponha aos princípios do Reino de Deus, isto é, à mensagem e aos ensinamentos da Bíblia;
- e) Apoie candidatos que expressem compreender a função primordial do Estado em prover e promover justiça e segurança para seus cidadãos;
- f) Por fim, ao indicar um candidato para amigos e familiares, faça-o com respeito às opiniões diferentes da sua, lembrando que, apesar de você acreditar na pessoa para quem está dando e pedindo voto, como cristãos, nossa esperança última de sociedade perfeita deve estar na consumação dos séculos, quando Jesus voltará para reinar com cetro de justiça.

Após as eleições, ore em favor dos candidatos eleitos, para que cumpram seus mandatos com sabedoria e pelo bem da nação, lembrando-nos, oportunamente, das palavras do apóstolo Paulo a Timóteo: “Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito” (1Timóteo 2.1-2).

Ajude-nos a divulgar esse chamado à oração pelas eleições de 2018 compartilhando esta carta nas redes sociais e, se possível, peça autorização aos seus pastores para lê-la em sua igreja, seja no culto, escola dominical, pequenos grupos ou demais reuniões.

Que o SENHOR, nosso Deus, olhe com graça e misericórdia para o Brasil!  
Amém. (FERREIRA, 2018)

A carta foi assinada por trinta e dois representantes de diversas instituições evangélicas, incluindo pastores, teólogos, advogados, diretores de seminários, conselheiros fiscais de igrejas, todos do gênero masculino, e em sua maioria, declaradamente calvinistas<sup>45</sup>. A carta pode ser dividida em duas partes, uma primeira parte que contém seis pedidos, uma segunda com seis orientações aos cristãos de como votar.

O primeiro pedido é para que os “candidatos honestos, bem-intencionados, comprometidos com a transparência e a moralidade, com princípios virtuosos de vida em sociedade e com uma visão cristã de mundo” sejam eleitos. Estando no segundo turno, as opções eram Jair Messias Bolsonaro e Fernando Haddad, previamente identificado em diversas manifestações de seus signatários, ser corrupto, progressista

---

<sup>45</sup> São eles: *Abisaí Nunes Lima*, presidente da Aliança Cristã e Missionária; *Augustus Nicodemus Lopes*, pastor auxiliar na Primeira Igreja Presbiteriana de Recife; *Cândido Alexandrino*, advogado, professor, Mestre em Direito, advogado da VR Advogados Associados para o Nordeste e advogado sênior na Alexandrino Advocacia (PI); *Charles Grimm*, presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil e professor; *Cleyton Gadelha*, diretor da Escola Teológica Charles Spurgeon e pastor da Igreja Batista de Parquelândia; *Davi Charles Gomes*, pastor da Igreja Presbiteriana Paulistana (SP); *Emílio Garofalo Neto*, pastor da Igreja Presbiteriana Semear, Brasília/DF; *Flávio de Paula Oliveira*, pastor da Primeira Igreja Batista de Rosário do Sul (RS); *Geremias Couto*, pastor emérito da Assembleia de Deus, Centro Missionário Cristão (Teresópolis, RJ); *Gleudson da Silva Costa*, pastor titular da 1ª Igreja Presbiteriana Renovada de Cuiabá e Presidente do Presbitério Oeste do Brasil da IPRB; *Hélder Cardin*, reitor do Seminário Bíblico Palavra da Vida e pastor na Igreja Evangélica do Maracanã (Atibaia-SP); *Isaque Sicsú*, pastor da Igreja Batista Urbana (Santo André/SP) e diretor executivo da Coalizão pelo Evangelho; *Jean Regina*, advogado especialista em Direito Religioso do VR Advogados, membro da Comunidade Evangélica Luterana Concórdia de Porto Alegre (RS); *Jonas Madureira*, pastor da Igreja Batista da Palavra (SP) e professor no Seminário Martin Bucer; *Jonathan Silveira*, membro na Igreja Batista da Palavra (SP), colaborador de Edições Vida Nova, fundador e editor do site Tuporém; *Luiz Sayão*, pastor da Igreja Batista Nações Unidas em São Paulo e tradutor da Bíblia (NVI/Almeida 21); *Mauro Meister*, pastor da Igreja Presbiteriana – Barra Funda (SP); *Paulo Júnior*, diácono da Igreja Vintage180 (RS) e advogado; *Paulo Valle*, pastor da Igreja Batista de Fé Reformada (Volta Redonda, RJ) e professor do Seminário Martin Bucer; *Renato Vargens*, pastor sênior da Igreja Cristã da Aliança de Niterói (RJ); *Rodrigo Majewski*, presbítero, Assembleia de Deus Porto Alegre (RS), Procurador Federal; *Sérgio Queiroz*, pastor da Igreja Batista Cidade Viva e Presidente da Fundação Cidade Viva; *Solano Portela*, presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil e Administrador de Empresas; *Thiago Rafael Vieira*, advogado especialista em Direito Religioso do VR Advogados, conselheiro fiscal da Igreja Batista Filadélfia (RS); *Tiago Abdalla T. Neto*, pastor da Igreja Batista Nova Esperança e professor no Seminário Bíblico Palavra da Vida, no Seminário Teológico Servo de Cristo, no Seminário Teológico de Guarulhos e no Programa de Aprofundamento Teológico (PAT); *Tiago J. Santos Filho*, diretor de estudos avançados do Seminário Martin Bucer, editor-chefe da Editora Fiel e pastor na Igreja Batista da Graça (SJC-SP); *Thiago Silva de Oliveira*, pastor da Igreja Evangélica Livre em Itapuama (Cabo-PE); *Thiago Velozo Titillo*, pastor batista, escritor, e professor da rede estadual de ensino e dos Seminários Teológico Evangélico Peniel e Betel (RJ); *Valmir Nascimento Milomem Santos*, Jurista, teólogo, escritor e ministro da Assembleia de Deus; *Valter Reggiani*, pastor da Igreja Batista Reformada de São Paulo; *Warton Hertz de Oliveira*, advogado da VR Advogados Associados e estagiário na equipe pastoral da Igreja Batista Esperança (Porto Alegre-RS); *Wilson Porte Jr.*, pastor da Igreja Batista Liberdade (Araraquara-SP).

e com valores anticristãos, sobrando apenas uma única opção: Bolsonaro. O segundo pedido é pela intervenção divina para mudar a disposição daqueles que pretendiam votar no PT, considerado como corrupto, no segundo turno das eleições. Ora, é necessária a intervenção divina, porque optar pelo voto na esquerda é equiparado ao pecado da idolatria. Além disso, pede para que Haddad – e candidatos de esquerda – não sejam eleitos. O terceiro pedido menciona ideologias anticristãs e pede para que Deus refreie o seu avanço nas representações legislativas estaduais. O quarto pedido faz referência ao discurso contínuo e infundado de Bolsonaro, haja vista a carência de provas, de fraude eleitoral ante o uso das urnas eletrônicas. O quinto pedido contém referência ao atentado a Bolsonaro, desconsiderando os atos de violência estimulados e ocorridos pelo país por entusiastas do então candidato de direita. O sexto e último dos pedidos parece ser o mais espiritual ao clamar por um avivamento que traga “um grande e duradouro impacto cultural, moral e social” ao país por meio da atuação dos cristãos. Quando digo que parece é por perceber nas entrelinhas um desejo de um governo teonômico, isto é, alinhado com os valores e moralidade bíblicas, mesmo sob a vigência de um Estado laico e de pessoas com crenças e convicções diversas das cristãs.

Essa percepção é reforçada pelas orientações conferidas aos cristãos, fundamentada na Bíblia, o que significa dizer não se tratar de mera sugestão, mas de mandamento. Os que não as observam é porque estão em desobediência à vontade do próprio. A preocupação em conhecer as ideologias do candidato e/ou partido político é uma evidência de que não há outra opção perante Deus que não seja a direita, a agenda econômica neoliberal e a agenda de costumes conservadora, que utiliza o aparelho estatal para moralizar, perseguir e fazer as minorias a se curvarem ante os interesses dessa maioria cristã, que tende a confundir democracia com teocracia e liberdade com subserviência. Afinal, como declara o pastor Renato Vargens, em seu perfil no *Instagram*, há uma guerra posta e um inimigo declarado:

A minoria da sociedade brasileira, parte dos artistas e jornalistas querem nos calar. Eles não desejam que falemos sobre os nossos valores. Para eles deveríamos nos restringir aos cultos e missas, sem, contudo, manifestar nossas opiniões.

Eles não querem que falemos sobre o aborto, sobre educação, sexu@lid@de, política e conservadorismo. Eles não querem que falemos do evangelho, dos valores judaicos cristãos e da Bíblia.

O que eles querem é o nosso silêncio, enquanto eles disseminam suas ideologias. Entretanto, não nos calaremos. O evangelho continuará sendo

pregado, o pecado confrontado e a Salvação anunciada pelo poder do nome de Jesus, e assim será até que Ele venha com poder e glória!<sup>46</sup>

Portanto, é necessário um contínuo estado de alerta contra uma esquerda comunista que busca ameaçar a família, a moral, a vida intrauterina e a fé cristãs. Nesse sentido, é preciso mobilizar-se para a guerra, não por um candidato ou posição política, mas pela própria sobrevivência de seu modo de vida e sociabilidade. Uma luta pelo que lhes é sagrado.

---

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CW34vRjpkHv/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

#### 4 “HÁ UM PROBLEMA COM O SEU CRISTIANISMO”

*“Tenho convicção que o cristão não é obrigado a apoiar político A ou B, mas deveria saber quem não apoiar: crente de esquerda é uma das maiores incoerências da igreja moderna! Por quê? O mérito antes de ser teológico é filosófico. O Marxismo tem por princípio filosófico o materialismo dialético, que nega a existência de Deus.”*

Irlan Melo<sup>47</sup>

O que permite identificar alguém como evangélico? Ora, você pode facilmente responder a esta pergunta, mesmo acreditando que poderia se dar de modos diversos. Por exemplo, você pode identificar o evangélico por meio de certas roupas, afinal quem mais no calor dos trópicos usaria terno e gravata debaixo do Sol carregando uma bíblia debaixo do braço? Ou vestiria saia jeans na altura do joelho, cabelos longos amarrados num coque, blusa fechada até o pescoço e sempre de mangas, sem maquiagem, cara carrancuda e bíblia gasta nas mãos?

Esse estereótipo do crente pentecostal é facilmente identificado nas ruas, e povoa o imaginário popular. Não é difícil encontrar, em diversos ambientes, a associação entre evangélicos e tais estereótipos, bem como uma longa lista de suposições de vedações ao que podem ou devem fazer.

Além disso, fica bem mais difícil identificá-los quando essa “cara de crente” não é tão visível. Lembro, anos atrás, que quando a Monique Evans declarou na TV que era crente, mesmo apresentando um programa erótico, fez com que a cabeça bugasse. “Como assim?”, me perguntei espantado. E o que dizer quando lemos notícias sobre filmes pornôns evangélicos<sup>48</sup>? Ou traficantes evangélicos? (ALESSI, 2021a)

Essa divagação inicial é apenas para dizer que não há um único modo de definir o que é um evangélico, tampouco de estabelecer uma resposta curta e assertiva como a de que seriam aqueles sujeitos que professam a fé cristã em igrejas reconhecidas como evangélicas. Dentro do próprio campo não é difícil encontrar divergências e dissensões, que vão desde o uso do termo *primo*, como alguns pentecostais se referiam a membros de igrejas tradicionais, passando a de *herege*, como o fez a Igreja

<sup>47</sup> Irlan Melo é evangélico e vereador na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais.

<sup>48</sup> Para conferir: <https://eassim.com.br/empresa-gospel-vai-lancar-filme-porno-evangelico-no-proximo-ano-para-crentes/>. Acesso em: 12 set. 2020.

Presbiteriana do Brasil em referência a denominações neopentecostais como IURD, Mundial e Verbo da Vida.

Seja interna ou externamente, a pergunta sobre quem são os evangélicos interessa cada vez, haja vista a sua crescente presença no âmbito político e nas instituições públicas. Cada vez mais, a resposta a essa pergunta comporta ambiguidades, contradições e dificuldades para acomodar em certos padrões outrora estabelecidos, inclusive aqueles de vinculação formal a denominações evangélicas. O critério de autodefinição também deve ser considerado, não apenas num sentido individual, sobretudo no reconhecimento de grupos estabelecidos e solidificados a partir da cultura. Assim, se num primeiro gesto, se responderia a essa pergunta arguindo um vínculo institucional, por meio de uma filiação formal, de outro há que se considerar internamente esses grupos e reconhecer a formação de comunidades morais ligadas não por um vínculo institucional, mas, sobretudo, por um vínculo cultural.

#### 4.1 FILIAÇÃO FORMAL E FILIAÇÃO SIMBÓLICA

A *filiação formal*, oriunda de um vínculo institucional, isto é, associada a determinada denominação religiosa evangélica/protestante, de modo que se possa falar em batista, luterano, metodista, presbiteriano, assembleiano, dentre outros. Por sua vez, a *filiação simbólica*, oriunda de vínculo cultural, independe do vínculo formal/denominacional, apesar de não estar de todo desatrelado dela. Se a primeira se constitui de ato formal, por meio do qual alguém é incluído em uma denominação ou comunidade religiosa, a filiação simbólica se dá pela apreensão de sentimentos, significados e símbolos que geram entre diferentes sujeitos um sentido e sentimento de pertencimento.

A filiação simbólica forja entre os membros de determinado grupo um limite moral capaz de distinguir entre os que são e os que não são, ou, para usar um termo ouvido no campo, o *verdadeiro* e o *falso* cristão. Embora, vinculados formalmente à uma denominação evangélica alguns indivíduos não integram essa comunidade moral – *sagrada* –, porque não são reconhecidos como verdadeiros cristãos ante o modo como interagem, interpretam ou se posicionam.

Percebam, a filiação simbólica é constituída de certos padrões culturais, dentre os quais códigos e narrativas empregados pelos evangélicos para organizarem e estruturarem o real. Essas articulações se dão por meio de binarismos, postos em

oposição e simplificação, em geral, utilizando códigos comuns aquele grupo ou contexto, a exemplo de *bem* e *mal* (ALEXANDER, 2004).

As expressões como *falso crente* e *verdadeiro crente* (ou cristão) foram colhidas no campo de pesquisa, sendo utilizadas em diferentes contextos, desde o uso no púlpito, em vídeos e conversas informais. Frequentemente associadas tanto a temas morais quanto a outros ditos seculares, bem como aplicada à metáfora bíblica do joio e do trigo, sendo aquele utilizado para quem mesmo estando na igreja será condenado ao inferno, vez que foi semeado pelo diabo no meio da lavoura divina. *Verdadeiro* e *falso* são códigos empregados para delimitar moralmente uma comunidade da outra, uma do *bem* e outra do *mal*.

O que define o verdadeiro do falso cristão não é a sua filiação formal, haja vista que, sob tal aspecto, ambos são cristãos. Não se nega a sua qualificação como cristão, mas a veracidade de sua conversão e fé. Portanto, aqui a filiação simbólica é mais relevante que a formal, chegando, por vezes, a substituí-la (SHIMIZU, 2015).

A filiação simbólica, forjada a partir da autodefinição, é perceptível por meio de limite moral posto e verificável através de ações cotidianas, disseminada por meio de uma consciência coletiva, entendida como um sistema autônomo formado pelo “conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade” (DURKHEIM, [1893] 2010), que, por sua vez, possibilita o reconhecimento de indivíduos considerados desviantes.

A invenção dos desviantes alivia a pressão trazida pela dificuldade de assimilação das mudanças sociais. Sob esse aspecto, o limite estabelecido por estes grupos serve a dois propósitos: a) construir identidades, e; b) determinar o inimigo. Apesar de não ter clareza quanto ao *mal*, sempre ambíguo e abstrato, tem convicção de que servir ao *bem* é desviar-se dos maus. Assim, o *falso* é o desviante. Os que discordam, não aderem, divergem, são postos em desconfiança e enfrentam algum tipo de pressão moral do grupo, variando desde a mera censura até a vedação de participação em certos rituais ou serviços eclesiais.

Em conversa com uma fiel de uma igreja presbiteriana na Paraíba, utilizada com a devida permissão, a quem chamarei de Catarina, e, para evitar identificação irei manter o anonimato quanto à cidade, relatou que dos vinte e sete membros de sua antiga congregação apenas ela não votava em Bolsonaro, o que desencadeou uma série de críticas e pressões. A certa altura perguntei se ainda era crente, ao que respondeu: “*Mais ou menos [risos]. Mas em Jesus, eu sou. Só não sou na igreja.*”.



Confidenciou que as críticas se revestiam não apenas de aspecto moral e/ou religioso, mas de teor político. Quando insisti para que detalhasse pude inferir que não havia distinção entre o que era considerado sagrado e o que se considerava secular, ou no contexto, o político do religioso. O político revestido de sacralidade, a ponto de servir como critério para distinguir o verdadeiro do falso cristão. Contou um pouco mais sobre ser crente em Jesus e não na igreja: “*Não tenho ido [à igreja] há um tempo, meio que desde esse período [o das eleições presidenciais de 2018], mas agora na pandemia assumi que não iria mais. Não nesses termos atuais. Talvez encontre uma comunidade de fé mais alternativa, sabe?*”. Perguntei: “*Mais progressista?*”, ao que respondeu: “*Por aí.*”, seguido de risos.

Foi quando me perguntou se conhecia a *Igreja Mangue*, na cidade de Recife, ao que respondi que sim, inclusive a pessoa de seu pastor, Maelyson Rolim<sup>49</sup>.

Então, mencionei alguns nomes do tipo de teologia de sua igreja na Paraíba, como o do *digital influencer*, pastor e teólogo cearense, *Yago Martins*; do pastor e teólogo paraibano *Augustus Nicodemus Lopes*, uma das grandes referências na teologia calvinista e reformada no Brasil; e a Editora Fiel, casa publicadora de livros, materiais e conferências calvinistas, considerada mais alinhada ao fundamentalismo religioso e ao conservadorismo (moral e político). De imediato, retrucou: “*Aff! Não consigo mais engolir essa galera, Ivandro. Não depois de Bolsonaro.*”

A mudança de postura de Catarina não me passou despercebida. Pouco mais de um ano antes, em um outro encontro, ela se colocava como ferrenha defensora da teologia que agora desprezava. Definia-se, com certo orgulho, como conservadora e feminina, termo comum a mulheres que se declaram contra o feminismo. Em geral, convivia com pessoas que pensavam como ela e defendia pautas alinhadas à “defesa da família”, teologia calvinista (ou reformada) professada pela mesma “galera” que não consegue mais engolir “*desde Bolsonaro*”.

---

<sup>49</sup> A Igreja Mangue tem proposta mais progressista e alternativa, incluindo a sua configuração espacial. Em seu site, encontra-se a seguinte descrição: “O mangue é um ecossistema de transição entre a terra e o mar. Seu solo é salgado, pobre em oxigênio, porém muito rico em nutrientes devido a grande quantidade de matéria orgânica em decomposição — o que também dá aos mangues um odor característico que, às vezes, a gente confunde, simplesmente, com sujeira. [...] Desde o início, pensamos ser um nome que representa muito bem o que somos: antes de tudo, gente que, com todas as suas sujeiras, foi impactada pela Vida abundante do Reino de Deus. Também cremos que o papel da igreja é ocupar esse lugar de transição, às vezes de tensão mas sempre de coexistência de duas realidades (o Eterno e o agora). E, é claro, estamos no coração de Recife. Ficamos, então, no Oitavo Andar do Edifício Pernambuco e a partir das 9h30 temos partilhar da mesa e da vida como também do Evangelho.” (IGREJA MANGUE, 2018).

O distanciamento sentido por Catarina não é incomum. Desde as eleições de 2018, é perceptível uma linha divisória, uma internalização da lógica do *nós* e *eles*, já presente na esfera evangélica e articulada entre um *nós*, a igreja, e *eles*, o mundo, porém reelaborada para uma dissensão interna, mapeando entre os membros identificados como os de *direita* e os de *esquerda*.

Essa ruptura, em geral, não irrompe em conflitos diretos, explícitos, com brigas, discussões e rompimentos drásticos, surge de modo brando, velado, em certa animosidade perceptível mais pelos silêncios, isolamentos e faccionismos, nas coisas de que não se podem mais falar, que nas que se podem. Certos assuntos tornaram-se políticos, em especial os que costumam ser associados à esquerda, enquanto outros associados à direita passaram a ser tratados como morais, corretos, sagrados, destituídos, portanto, de sua natureza política.

Importa salientar que a percepção dessas mudanças se dá por meio de comparação entre o momento anterior ao das eleições e o posterior. Na comunidade em que estava inserido ouvi queixas recorrentes tanto daqueles que apoiaram o presidente Bolsonaro quanto dos que se opuseram. O convívio se tornou mais uma obrigação moral que um real prazer e, de lá pra cá, a convivência se fez sem a efetiva cicatrização, gerando uma animosidade latente e, portanto, passível de emergir com a mudança de cenário político.

Tudo isso promoveu o estabelecimento de limites entre os grupos. Conversas reservadas, piadas, encontros e celebrações particulares com a exclusão de alguns membros e mesmo o fortalecimento e composição de conselhos e outras formações de organização institucional com membros de uma ou outra posição política. Esse último caso, apesar de não ter conseguido acompanhar de forma minudente, ocorreu em uma congregação presbiteriana, cujo pastor declarava abertamente seu apoio em Bolsonaro e defendia isso no púlpito, induzindo os votos de fiéis da igreja e que vinha, processo que acompanhei, “limpando” a igreja daqueles que não pensam de forma reformada, passou a cercear a atuação de alguns presbíteros do conselho, notadamente os de esquerda – um deles líder sindical – cercado-se de um séquito de apoiadores, em sua maioria, jovens vindos de igrejas pentecostais e neopentecostais convertidos ao calvinismo. Reuni-me com alguns desses presbíteros num sítio para um almoço, oportunidade em que pude ouvi-los.

A elaboração de uma classificação entre os ditos *cristãos de esquerda* e *cristãos de direita* estabeleceu limites morais, colocando-os em lados opostos, sem

ampla margem para o diálogo, e os de esquerda, sobretudo, foram percebidos como *falsos crentes* (ou *falsos cristãos*). Desse modo, as manifestações explícitas, como repreensões pastorais, ou veladas, reforçam os limites entre a *filiação formal* e a *filiação simbólica*. O político tornou-se espiritual, e assim adentrou no campo do *sagrado*, via a *sacralização do político*.

A percepção de tal processo não se dá apenas de meu lugar de pesquisador, mas tem sido apontado pelos próprios pesquisados, alguns vezes de forma mais ou menos elaborada, como nessa fala de Jonas, presbítero numa da Igreja Presbiteriana do Brasil:

Hoje não existe uma confusão [sobre o político e o sagrado]. Hoje existe uma convergência geral, uma imbricação, né? [risos]. Hoje, na minha concepção enquanto membro, enquanto oficial, inclusive, da Igreja Presbiteriana [do Brasil], a gente percebe que não existe mais uma confusão, mas uma imbricação. Existe uma convergência entre o que é político e o que é religioso. [...] O processo político das eleições gerais agora em 2018, é um processo que foi bem diferente. A igreja evangélica brasileira, porque as pessoas anteriormente tinham até um partido, tinham até uma preferência, mas isso não em ares institucionais. Mas nas eleições 2018 a gente viu igrejas aderirem institucionalmente. A minha igreja não aderiu institucionalmente. Igrejas neopentecostais declararam voto aberto, e igrejas tradicionais pentecostais, sim, como Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, mas igrejas como a Igreja Presbiteriana fizeram coro, de forma um pouco mais contida, mas fizeram coro. Eles não abriram a carta, não tiveram por meio de seu presidente a declaração de apoio a um candidato, mas a gente via que as orientações eram de buscar algum candidato que tivesse afinidade ou proximidade com os princípios cristãos [pausa]. E ao que eu vejo, [balança a cabeça sorrindo] nenhum deles. Mas a igreja adotou um, né? A igreja evangélica brasileira, pelo menos a que [pausa], é hegemônica, e muitos, ela adotou um candidato oficial, que é o Jair Messias Bolsonaro. Então, nessa perspectiva, até hoje tem quem defende com unhas e dentes sobre qualquer evidência de que ele é uma pessoa limpa, pura, que foi um homem separado por Deus, que reflete os valores cristãos e que é mal compreendido pelo *establishment*, e é por isso que o perseguem, e não pelas práticas de crime que ele e sua família tem realizado. Então assim, isso tem tudo a ver com a igreja porque essa é a visão que a igreja forjou na membresia. Os membros foram forjados com a concepção de que Jair Messias Bolsonaro é um enviado da parte de Deus.

Essa “imbricação”, nos termos que usou, vem sendo gerada nos templos mesmo antes das eleições gerais, se aprofunda com as eleições de 2018 e com o governo Bolsonaro alastra-se pelas esferas governamentais, fazendo-se sentir em esferas que pareciam distantes – ou intocadas – pela atuação e influência política evangélica, como no Poder Judiciário.

Em sustentação oral nos autos da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) n.º 811, proposta pelo Partido Social Democrático (PSD), arguindo pela constitucionalidade de dispositivo do Decreto 65.563/2021, do Estado de São Paulo, que vedou integralmente a realização de cultos, missas e outras

atividades religiosas coletivas como medida de enfrentamento da pandemia de COVID-19, o, à época, Advogado Geral da União e pastor presbiteriano, André Mendonça argumentou:

Estamos tratando de um partido político que apresenta sua demanda, para que em essência religiões cristãs, católicas e evangélicas, possam realizar seus cultos, ir a suas igrejas, mas dentro desse contexto, como registro histórico, o que significa para o cristão ir à Igreja. E os primeiros registros históricos para os cristãos estão na Bíblia, nos Atos dos Apóstolos, após Jesus confiar a Pedro sua Igreja, apóstolos partiam então de casa em casa, louvando a Deus e contando com simpatia do povo. Mais adiante, capítulo 5 de Atos [dos Apóstolos], levantando-se o Sumo Sacerdote e os que estavam com ele, prenderam os apóstolos e os levaram à prisão.

Seu argumento começa estabelecendo como parâmetro a Bíblia, não compreendida numa perspectiva secular como caberia ao cargo e ambiente processual, mas como texto sagrado e infalível, sendo incontestado o seu valor histórico posto como exclusivamente correto e não como fonte histórica a ser corroborada por outros documentos, podendo, inclusive, vir a ser relativizada ou questionada sobre a validade de seus relatos. Contudo, o Advogado Geral da União apresenta-a como evidência histórica para seguir em seu argumento de que o referido Decreto impõe perseguição aos cristãos. Note a menção ao Sumo Sacerdote que se levanta para proibir as reuniões dos cristãos da igreja primitiva. O governador paulista, adversário político do presidente, bom lembrar, é comparado ao Sumo Sacerdote utilizando-se de seu aparato de poder para coibir, ameaçar e perseguir os cristãos impedindo-os de se reunirem em seus cultos e celebrações durante a vigência de medidas sanitárias na pandemia de COVID-19. Assim, segue em sua homilia perante a corte, tentando estabelecer uma continuidade – linear e homogênea – entre a igreja em Jerusalém no séc. I e a igreja brasileira no séc. XXI, sob contexto pandêmico:

Ser cristão é viver em comunhão não só com Deus, mas estar junto ao próximo, ter compaixão ao próximo, é lamentar junto, chorar juntos, dar o suporte para superar suas dificuldades. Dentro desse contexto, a comunidade cristã nasce, cresce e até hoje existe não apenas para ato de adoração a Deus, mas compartilhar comunitário de vidas, experiências, tristezas, dores, esperança e amor. À luz do cristianismo, sem paixão não há culto a Deus, sem vida em comunidade não há cristianismo, do contrário seria mera expectativa de reunião de pessoas para se ajuntar em determinado momento de seus dias e vidas. Jesus Cristo, a São Matheus, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, estará Deus. Se é assim, de modo mais prático, do que estamos tratando? Se em momentos de calamidades públicas, o que prevalece é a Constituição ou outras regras? Podemos suprimir direitos fundamentais sem respeito às normas previamente estabelecidas pelo PC [poder constituinte]? Se podemos fazê-lo sem medidas excepcionalíssimas de estado de defesa e sítio? Registro que não os defendo, não é o caso para medidas como essas.

Ora, os setores bolsonaristas, em face das medidas restritivas adotadas durante a pandemia de COVID-19, tem consolidado a narrativa que a adoção dessas medidas por prefeitos e governadores violam a distribuição de competências estabelecida pela Constituição Federal, arguindo que só podem ser tomadas por meio de estado de defesa e/ou de sítio e, portanto, usurpando a competência da Presidência da República para tal fim (art. 21, V, da Constituição Federal de 1988). Por meio dessas medidas excepcionaliza-se a normalidade constitucional e jurídica, podendo promover o cerceamento temporário e excepcional de liberdades civis. O Procurador Geral da República, Augusto Aras, chegou a sugerir que o presidente poderia decretar estado de defesa em plena pandemia (SOUZA, 2021). Essa narrativa é incorporada e utilizada, inclusive em tom de ameaça, pelo pastor e Advogado Geral da União em sua sustentação. Digo, pastor e Advogado Geral da União, porque essas funções estão mescladas, sem limites estabelecidos entre a sua função eclesiástica e a secular, como se depreende do uso indiscriminado de argumentos bíblicos utilizados em mesmo nível de importância e relevância que os legais.

Senhores ministros, senhoras ministras, a Constituição brasileira não compactua com fechamento absoluto das atividades religiosas, não compactua com discriminações à fé, tanto que remédios excepcionalíssimos não admitem essas medidas adotadas regionalmente. Não há cristianismo sem vida comunitária, não há cristianismo sem a casa de Deus, não há cristianismo sem o dia do Senhor. **É por isso que os verdadeiros cristãos não estão dispostos, jamais, a matar por sua fé, mas estão sempre dispostos a morrer para garantir a liberdade de religião e de culto.** Que Deus nos abençoe, tenha piedade de nós, e que começo por mim. Muito obrigado. (MENDONÇA, 2021, grifado).

A confusão entre a função pública e a eclesiástica se mostram ainda mais claramente em seu desfecho. Além dos elementos textuais encontra-se o performático. Se se tomar os aspectos argumentativos, resta claro o alinhamento de narrativa com o bolsonarismo, mas ao incorporar elementos do sagrado também faz um aceno para o que tem se difundido entre os templos evangélicos. Mendonça ainda faz uso da fala carregando-a de emoção, pausas leves e efusivas, de expressões faciais que demonstram apelo e lamento. Se a performance é incomum na tribuna do Supremo Tribunal Federal, é particularmente comum aos púlpitos. André Mendonça acena aos evangélicos em sua exposição, se colocando na condição de apologeta, um defensor da fé cristã em face das estruturas malignas que tentam impedir o avanço do projeto de sociabilidade do bolsonarismo, que inclui a defesa da família e dos valores cristãos ameaçados pelo Poder Judiciário, personificado nas pessoas dos onze ministros do Supremo Tribunal Federal.

Como apologeta, acena para a plateia distinta de fiéis, fundamentando sua defesa, sobretudo, em textos e interpretações bíblicas alinhadas à práxis evangélica. Contudo, acena aos católicos ao usar “São”, incomum na retórica evangélica. Além disso, o termo reforça a ideia de sagrado e, nesse sentido, daquilo que é imutável, inquestionável e incontestável.

O sagrado não se resume apenas ao que valorizamos em demasia, a algo apartado, separado – como nos discursos evangélicos sobre santificação –, mas se trata, sobretudo, do “significado das realidades fundamentais ao redor do qual nossas vidas são organizadas” (LYNCH, 2014, p. 26). Portanto, o sagrado não está apenas no excepcional.

A mutabilidade e inconstância das atividades mundanas (ou seculares), permeada de negociações e variabilidades, faz do encontro com o sagrado uma experiência que independe das variações da vida moderna, apontando ao absoluto, ao essencial, ao alicerce de suas vidas, onde erguem-se vivências, valores e limites.

O sagrado não constitui uma parte essencial da existência no sentido de uma lei natural, de algo inato, mas como uma estrutura moral e, nesse sentido, cultural. Assim, experimenta-se o sagrado como uma reivindicação inquestionável da conduta da vida social, cuja violação desencadeia uma resposta poderosa (LYNCH, 2014, p. 25). Portanto, a percepção do sagrado, bem como sua delimitação, está naquilo pelo qual estão dispostos a matar ou morrer, que o fazem acreditar na legitimação da violência contra outros seres humanos, movendo-os com profundos sentimentos morais de pertencimento e repulsa. Portanto, é experimentado como o indubitável (*non contingent*) – o certo, o seguro, o invariável –, o ponto fixo a orientar nossas experiências – uso *nossas*, porque não há experiência humana que não experimente o sagrado em alguma de suas modalidades (LYNCH, 2014, p. 26).

Nesse sentido, Mendonça associa ao verdadeiro cristianismo uma série de práticas rituais, e a ausência ou interrupção dessas práticas constitui profanação e, por conseguinte, legitima uma reação enérgica e violenta, deixando subentendido que poderá advir da decretação do estado de defesa. Atente-se ao seu argumento final: “[...] os verdadeiros cristãos não estão dispostos, jamais, a matar por sua fé, mas estão sempre dispostos a morrer para garantir a liberdade de religião e de culto”. Tal argumento remete a ideia de martírio, frequentemente associada a um lucro espiritual. Essa ideia reforça o discurso de perseguição recorrente na esfera evangélica,

recorrendo a sentimentos de oposição ao que se convencionou chamar *mundo*<sup>50</sup>. Por óbvio, reforça o limite moral existente entre os verdadeiros e os falsos cristãos.

Mais que um contraponto técnico-jurídico, há um esforço em estabelecer os princípios e valores evangélicos como parâmetro hermenêutico para atuação do Estado e, por conseguinte do Judiciário, comumente visto como inimigo do povo cristão. Note que não se trata de um governo regido por uma autoridade cristã ou religiosa, mas de um Estado que reflita como padrão moral e de sociabilidade os valores e preceitos bíblicos.

Permita-me tratar acerca de um conceito que julgo relevante para compreensão do que nos traz aqui, a saber, o conceito de *teonomia*.

Um dos grandes nomes, talvez o maior deles, quando se trata sobre teonomia seja o do economista Gary North, conhecido por uma série de livros sobre economia bíblica, bem como por sua atuação junto ao *Mises Institute*. North (1990) define teonomia como a continuidade das leis do Antigo Testamento, não revogadas diretamente ou por princípio do Novo Testamento, tanto moral quanto juridicamente. Diante das discontinuidades entre a sociedade veterotestamentária e a sociedade atual, compreende que é preciso sensibilidade hermenêutica, para atribuir tais normas às áreas específicas da vida social moderna. Dito de outra maneira, “pode ser entendida como a persuasão de que a lei civil que Deus deu a Israel no Antigo Testamento também deveria ser a lei corrente em todas as nações do mundo” (SPROUL JR., 2010), ou seja, a ideia de um Estado regido pelas leis divinas, reproduzindo em todas as suas instituições os valores defendidos pela fé e moralidade cristã. Desse modo, aplica-se os princípios morais e jurídicos do Antigo Testamento, não de forma geral, abstrata e superficial, mas de modo específico, concreto e profundo, permeando desde áreas mais íntimas – como a sexualidade – até outras mais públicas – como o governo e as leis civis.

A teonomia é um dever moral e espiritual do cristão reformado (SPROUL JR., 2010). Dei ênfase ao reformado, porque a teonomia é considerada como um ponto fulcral para a fé calvinista, segundo a corrente mais conservadora e fundamentalista

---

<sup>50</sup> O vocábulo *mundo* comporta três acepções distintas no cristianismo: a) *mundo enquanto criação*, planeta Terra, cosmo; b) *mundo enquanto humanidade*, como empregado em João 3:16: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.”, e; c) *mundo enquanto sistema de valores antagônicos a Deus*, e, por conseguinte, antibíblicos, anticristão, do diabo, como empregado em 1 João 5:19: “Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno”. O uso aqui empregado é na terceira acepção.

que se difunde no Brasil. Os pentecostais e neopentecostais também apresentam posições teonômicas, sob os moldes da batalha espiritual, enfatizando a oposição de tudo que não é da igreja como sendo do mundo e, por conseguinte, do diabo. Nesse sentido, independente de adotar ou não termo, o verdadeiro cristão deve ser teonomista, pois como há de preferir à lei humana, em detrimento da lei divina. A sacralidade da lei divina se sobrepõe aos interesses dos não cristãos, quer porque professam outros credos, facilmente imputados a alcunha de demoníacos, quer sejam frutos de demandas e direitos daqueles que pensam de forma diversa ou ainda advindos da ciência e da racionalidade humana. Ora, “[...] somente um néscio preferiria os homens a Deus” (SPROUL JR., 2010). Aqui, o termo néscio pode tanto ser aplicado ao não cristão quanto ao falso cristão, e se tomado no caso específico, a todos aqueles favoráveis a adoção de medidas sanitárias, mesmo as mais restritivas, como forma de combate à pandemia de COVID-19, e, ainda, aos cristãos de esquerda, como se verá adiante.

Entretanto, o termo é comumente usado intra-esfera, em especial, no debate sobre diferentes modelos de relação entre igreja e Estado, o que produz tensões internas entre elites evangélicas, que se dividem entre teonomia, teologia dos dois reinos e neo-Kyberianismo (WHITEHEAD; PERRY, 2020). Aliás, estes debates estão longe de serem populares, dada a sua complexidade, ficam restritos a pequenos grupos, mesmo que suas linhas gerais encontrem-se difusas por toda a esfera. Para Whitehead e Perry (2020), não se distingue de teocracia e apresenta as duas características fundamentais, a saber: a) *estabelecimento da Bíblia como parâmetro para as leis nacionais*, e; b) *participação de líderes cristãos, inclusive do clero, em funções governamentais*.

Percebendo o crescente interesse dos calvinistas no tema da teonomia e teocracia, com a minha inserção no campo, desde 2004, resolvi inserir no questionário a seguinte questão: *Você acredita que as leis devem refletir os princípios prescritos na Bíblia?*. Foram 33 (trinta e três) respostas dadas por calvinistas, sendo 22 (vinte e duas) afirmativas, ou seja, de que as leis devem refletir princípios bíblicos; apenas 06 (seis) respostas negativas, e; 05 (cinco) respostas *outro*. Foi solicitado a estes para esclarecer o que pensam. As duas respostas dadas por calvinistas do gênero feminino enfatizam ser esse o ideal, destaco uma dessas respostas:

É natural que as leis reflitam a narrativa que as pessoas comparam pra suas vidas. Se eu sou cristã e reconheço que é essa a forma de enxergar a vida que pode mudar perspectivas para melhor eu gostaria que mais pessoas tbm



fossem cristãs. Logo, legisladores e população também o seriam e a fé cristã influenciaria a criação de leis e a opinião sobre elas. Mas, de maneira arbitrária não.

Um dado interessante dessa resposta é a ideia de que o fato de ela ser cristã e encontrar conforto individual nessa escolha, ela deve ser expandida, por via legal, a toda a coletividade. Para ela, é “natural”, estando implícito que o respeito à pluralidade de ideias, crenças e liberdades individuais é artificial, forjado, antinatural.

As outras três respostas dividem-se entre o ideal defendido por eles de legislação alinhada aos princípios bíblicos e a ausência de legitimidade frente a laicidade do Estado brasileiro, como se depreende abaixo:

Acredito que os princípios prescritos na Bíblia, se aplicados, fariam bem à sociedade. Isso porque os princípios bíblicos são essencialmente bons e perfeitos. Entretanto, não é legítimo, em um estado laico, impor princípios de nenhuma religião através de leis. Acredito que a melhor opção é que o Estado não promova nem uma só fé nem uma forma doutrinária de crença secularista que denigre e marginalize a religião.

Os argumentos, performance e afetos mobilizados por Mendonça, apesar de estranhos à tribuna do Supremo Tribunal Federal, estão, portanto, presentes na esfera evangélica. São comuns ao púlpito e ao ambiente eclesiástico, e reconhecíveis aos cristãos. O alargamento do sagrado avançando sobre o político, não se trata de mera confusão ou maniqueísmo, mas de um projeto de sociabilidade que visa tomar o Estado para Deus. E isso não se restringe apenas aos que ocupam cargos no governo, quer no primeiro escalão como os ministros André Mendonça e Milton Ribeiro, ou no segundo escalão. O reverendo Augustus Nicodemus Lopes, um dos grandes nomes e referência do protestantismo reformado no Brasil e da Igreja Presbiteriana do Brasil, disse, em entrevista à Folha de S. Paulo:

Quando a gente briga para manter igreja aberta dentro das regras sanitárias, é pelo direito de culto garantido pela Constituição. **A única maneira de revogá-lo é o estado de sítio, e só o presidente pode declarar um, o Congresso tem que aprovar.** Do jeito que está não está bom, **é uma coisa que está saindo da cabeça de governadores e prefeitos.** Fechar de forma arbitrária é a Constituição sendo violada. O que vem depois? (LOPES, 2021; grifado)

Uma vez mais, invoca-se a ideia de estado de sítio e, por conseguinte, da legitimidade exclusiva do presidente para decretar medidas sanitárias restritivas. Assim, reforça o argumento do Advogado Geral da União, e pastor presbiteriano, André Mendonça, e alinha-se à narrativa empreendida pela Presidência da República. No mais, defende a adoção de medidas comprovadamente ineficazes, como o *lockdown vertical* defendido pelo governo federal no início da gestão da crise sanitária,

acusando os governadores e prefeitos, que tomaram as medidas sanitárias, pela crise econômica atual.<sup>51</sup> De igual modo, a Associação de Juristas Evangélicos (ANAJURE), com ampla entrada no governo Bolsonaro<sup>52</sup>, também reforça a mesma narrativa quanto à pandemia, ao governo e à posição política. Bom que se diga, que não se restringe apenas às lideranças e instituições, mas também aos fiéis, num movimento do púlpito ao banco, fortalecendo o político como elemento do sagrado. Apesar de ter sido mais explícito nas eleições majoritárias de 2018, tal incorporação já se percebia antes. Tomando um relato pessoal, em 2014, quando estava envolvido com o podcast de temática cristã-protestante, Os Cabracast, comecei a perceber essa relação. Ao longo de três anos de existência, verifiquei uma incorporação de termos políticos ao vocabulário evangélico. Por exemplo, liberal era um termo usado para xingar aqueles que tinham uma visão menos ortodoxa sobre temas morais. A referência não é ao liberalismo enquanto doutrina política, mas ao liberalismo teológico. Algum tempo depois, esse termo começou a ser substituído por progressista e, pouco depois, por

---

<sup>51</sup> “Lockdowns causaram o desastre na economia, não vejo como podem ser a cura dela. Talvez se tivéssemos usado desde o início lockdowns verticais e localizados, medidas sanitárias já comprovadas e educado a população para usá-las, quem sabe salvaríamos o mesmo número de pessoas sem destruir seus empregos e sanidade mental no processo” (LOPES, 2021).

<sup>52</sup> Sobre ANAJURE e sua influência ascendente: **“O mote do combate à corrupção unia evangélicos históricos em ações muito específicas desde as campanhas organizadas neste universo religioso pelo procurador Deltan Dallagnol no início dos anos 2010.** Coincidência ou não, a ANAJURE é fundada em 2012, um ano antes das inúmeras e volumosas manifestações de combate à corrupção que pipocaram pelo país. Já a aliança de Jair Bolsonaro com a Frente Parlamentar Evangélica (FPE), costurada por Damares Alves, hoje ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, remonta a os idos dos anos 2010, quando Alves era secretária da Frente. **Desde então, a articulação foi se solidificando progressivamente.** A campanha de Bolsonaro contra o chamado ‘kit gay’, como ficou conhecido o material didático do MEC de combate à homofobia nas escolas, foi um elemento importante para a visibilidade do caráter supostamente combativo do pós-estruturalismo político e da defesa do conservadorismo comportamental que caracterizam retórica atual. Posteriormente a este primeiro movimento, se consolidaram suas alianças políticas com o segmento evangélico no Congresso, fortalecidas pelo apoio de Bolsonaro ao pedido de impedimento da então presidenta Dilma Rousseff. Com isso, a colagem de sua figura como defensor da moral se firmou. [...] **Como Marcos Otávio Bezerra nos lembra, a corrupção no Brasil é percebida como uma questão eminentemente moral.** Sua existência se justificaria por condicionantes desta ordem e também neste campo estaria um importante trincheira de seu combate. É a partir destes acontecimentos mencionados que o crescendo de euforia e apoio de uma massa de evangélicos conservadores de diferentes extratos sociais e denominacionais vai se aproximando da candidatura de Bolsonaro (bom lembrar, claro, como podemos ver no trabalho de Isabela Kalil, que nem só de evangélicos é composta essa massa de apoio bolsonarista). Eu destacaria aqui parte importante do segmento protestante, ao contrário do que parece estar no radar da maior parte da imprensa e da sociedade, que de um modo mais geral localiza apenas entre os pentecostais os principais responsáveis ou culpados pela vitória de Bolsonaro em 2018 e pela condução de seu governo. **A indicação do então juiz Sérgio Moro para ocupar a pasta do Ministério da Justiça e Segurança Pública parecia selar com cera vermelha a relação de apoio entre ANAJURE e o governo em formação. Sérgio Moro era parceiro do procurador Deltan Dallagnol na operação Lava Jato, como vimos nos escândalos amplamente noticiados em 2019, a saber, o caso #VazaJato.**” (CUNHA, 2020; grafado). Em mesmo sentido: João Filho, 2020; Mazza, 2020; Folha de S. Paulo, 31 dez. 2020; Konchinski, 28 mai. 2021; Evangelista; Reis, 2021; Correio Braziliense, 28 mai. 2021.

esquerdista e marxista. Todas as alcunhas se davam em sistema de oposições binárias, identificando, e, por conseguinte, distinguindo os liberais/progressistas/esquerdistas/marxistas dos ortodoxos/conservadores/de direita/liberais e, assim, separando o falso e o verdadeiro cristão ou, nos dizeres bíblicos, o joio do trigo. Se antes a formação espiritual estava reservada a nomes de teólogos, pastores e heróis da fé, passou a incorporar outros nomes como os do filósofo Luiz Felipe Pondé, do astrólogo Olavo de Carvalho e outros associados ao que se concebeu chamar de pensamento conservador, ladeados pelo de pastores e teólogos reformados, como os estrangeiros John Piper, John McArthur, R. C. Sproul, Michael Horton, Paul Washer, e de brasileiros, como Augustus Nicodemus Lopes, Franklin Ferreira, Jonas Madureira, dentre outros. No mesmo, em setembro de 2014, foi promovido pela Igreja Batista do Morumbi o evento Cristo & César: Refletindo sobre a complexa relação do cristão com a política, tendo entre os palestrantes e temas: Luiz Felipe Pondé, com a palestra Relação Igreja x Estado: Convergências e Divergências; o pastor, teólogo, conferencista e editor das Edições Vida Nova, Jonas Madureira, com A Tolerância e o Intolerável: O Conflito de Visões; o teólogo, professor, pastor e conferencista Franklin Ferreira, tratando sobre O Cristão e a Política em Perspectiva Bíblica; o pastor Ziel Machado, com O Crescimento Evangélico e seu Impacto Social, e ; o pastor Gedeon Alencar, com Políticos Evangélicos e Evangélicos Políticos.<sup>53</sup>

Eis um elemento retórico comum ao bolsonarismo, tudo de insatisfatório e/ou desastroso pertence à esquerda, comumente encarnada no PT e na pessoa do ex-presidente Lula, mas também na oposição, o que inclui antigos aliados e outros tratados de modo genérico e abstrato, como o Congresso, os governadores, os prefeitos etc.

Portanto, não se trata de uma questão meramente política, haja vista que a fronteira entre o sagrado e secular – a qual pertence o campo político –, em alguma medida, não se distingue. Religião e política se mesclam e terminam por alinhar-se a um dado espectro político, no caso à direita, elevada ao *status* de sagrado, por incorporar valores, moralidade e sociabilidades cristãs e, portanto, mais próxima da perspectiva teonômica que deve ser esboçada pelo verdadeiro cristão. Contudo, não

---

<sup>53</sup> Disponível em: <https://tuporem.org.br/cristo-e-cesar-refletindo-sobre-a-complexa-relacao-do-cristao-com-a-politica/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

compreendo como uma fusão, mas como uma expansão dos limites da esfera evangélica.

#### 4.2 UM CRISTÃO PODE SER DE ESQUERDA?

Um cristão de esquerda é um falso cristão, desde que a posição política, e o sentido a ela atribuído, tornou-se pressuposto da identidade cristã. Esse é, sem dúvida, uma das consequências de uma perspectiva teonômica ou da sacralização do político.

Nem sempre essa associação entre esquerda e mal foi realizada na esfera evangélica. Freston (2006) destaca bem a aproximação entre os evangélicos durante os primeiros anos da primeira década do século XXI, com apoio às candidaturas do presidente Lula e de Dilma Roussef. A minha experiência com o evangelicalismo, iniciado em 2004, mostra que mesmo os candidatos das igrejas locais eram apresentados com certa formalidade e distanciamento, sempre um apoio velado como forma de estabelecer os limites entre o espiritual e o político, e, sobretudo, sem julgamentos morais e condenações por posturas e/ou posicionamentos políticos.

A pulverização no apoio a candidatos à presidência vigorou até 2018, quando Jair Messias Bolsonaro recebeu apoio de 40% do clero evangélico. É certo que a tensão política e a difusão de novas fontes de informação e atores políticos de direita e extrema-direita começou alguns anos antes, mas nunca foi tão intensa e alçada a condição de sagrada quanto em 2018 (SMITH, 2019, 2020).

Para corroborar minhas observações no campo, apliquei questionário buscando compreender alguns aspectos dessa relação, dentre os quais a declaração política e a possibilidade de um cristão ser de esquerda.

No que concerne a declaração política, apresentei quatro opções de resposta: *direita*, *esquerda*, *centro*, *não sei dizer*. Obtive um número de 104 respostas, sendo 69 (sessenta e nove) entre os que se declararam do gênero masculino e 35 (trinta e cinco) do feminino, perfazendo um total de: a) 43 (quarenta e três) respostas para *direita*, sendo 31 (trinta e uma) entre os homens e 13 (treze) entre mulheres; b) 13 (treze) respostas para *esquerda*, sendo 08 (oito) entre homens e 05 (cinco) entre mulheres; c) 36 (trinta e seis) respostas para *centro*, sendo 24 (vinte e quatro) entre os homens e 12 (doze) entre mulheres, e; d) 12 (doze) respostas para *não sei dizer*, divididas igualmente entre os gêneros.

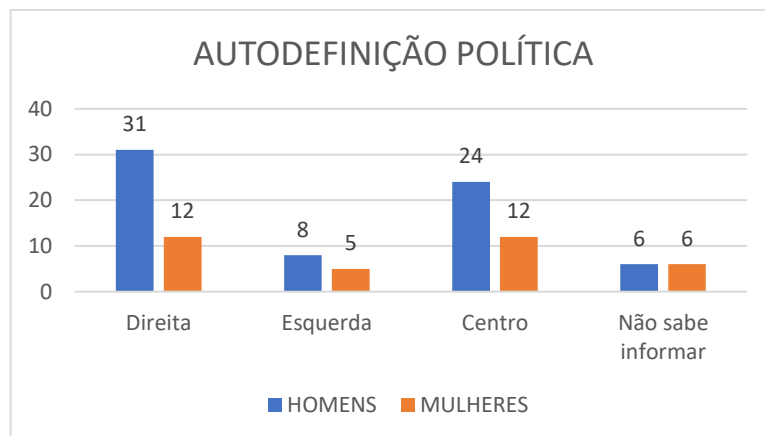


Gráfico 03 – Autodefinição política. Fonte: Elaboração própria.

Aos que responderam ser de esquerda foi perguntado se um cristão pode ser de direita. Foram 11 (onze) respostas em sentido afirmativo, 01 (uma) negativa e 01 (uma) que não soube informar. Quem respondeu que um cristão não pode ser de esquerda justificou dizendo que é porque a direita não presta.

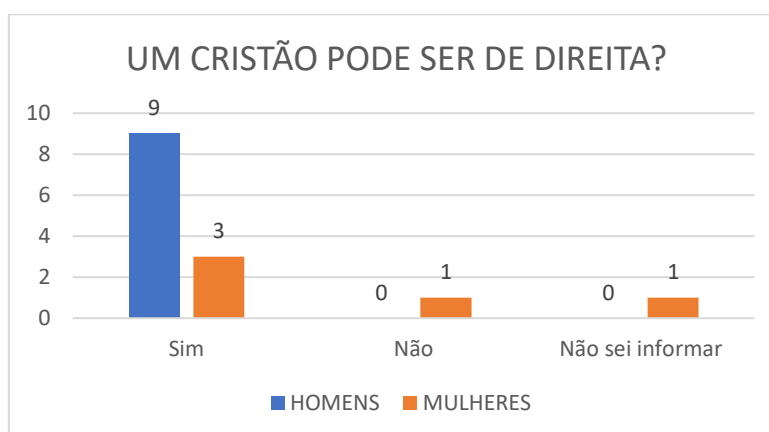


Gráfico 04 – Um cristão pode ser de direita?. Fonte: Elaboração própria.

Para os que se declararam de *direita* foi perguntado se o cristão pode ser de esquerda. Entre os homens, apenas 09 (nove) declararam que um cristão pode ser de direita, tendo 17 (dezesete) respondido que *não* e 05 (cinco) não souberam informar. Já entre as mulheres, foram 04 (quatro) respostas para *sim* contra 06 (seis) para *não* e apenas 02 (duas) não souberam informar.

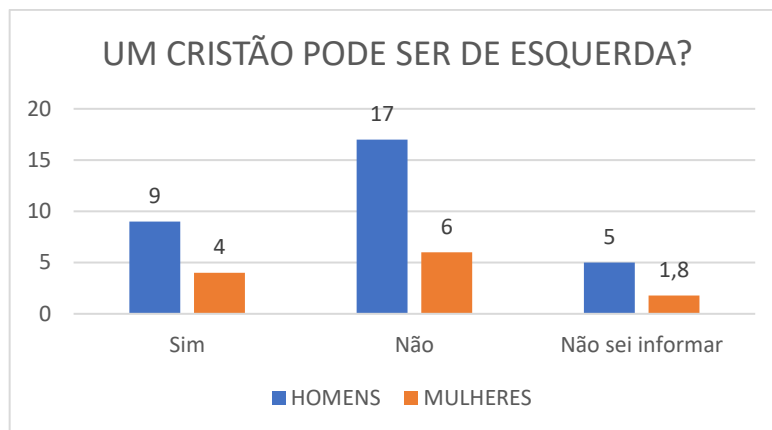


Gráfico 05 – Um cristão pode ser de esquerda?. Fonte: Elaboração própria.

Quando perguntados o porquê de um cristão não poder ser de esquerda obtiveram-se dois tipos de resposta: a) as de *natureza espiritual*, que podem ser divididas entre as *por incompatibilidade com a fé cristã* e as *por ideologias anticristãs*, e; b) não sabe informar, perfazendo um total de duas respostas: “Não sei responder” (Resposta 69) e “Não sei [sic] explicar direito. Mas parece que Deus é excluído no pensamento de esquerda” (Resposta 79).

As respostas de natureza espiritual por incompatibilidade com a fé cristã, expressas em frases como “A esquerda é Incompatível [sic] com a fé cristã” (Resposta 40), constituem a maioria das respostas. De modo geral, não se detalha tais incompatibilidades, mencionando apenas uma incompatibilidade ou oposição aos “princípios cristãos”. Contudo, há quem detalhe tais incompatibilidades, a saber: “Por causa do posicionamento da esquerda, que é contra religião, valores cristãos, liberdade e família.” (Resposta 47) ou, ainda, “Definindo esquerda o que temos no Brasil que é o que conheço, acredito que os valores da esquerda são opostos aos valores cristãos.” (Resposta 68).

Por sua vez, as respostas de natureza espiritual por ideologias anticristãs elevam a esquerda não ao nível de incompatibilidade, mas de flagrante oposição, vez que “[...] os valores [da esquerda] são contrários à Bíblia” (Resposta 58). Dito de outro modo, “A ideologia de esquerda é contra a Bíblia” (Resposta 70). Nesse sentido, “[...] as ideologias defendidas pela esquerda são antibíblicas e anticristãs” (Resposta 76).

Segundo o pastor, conferencista, teólogo e professor, Franklin Ferreira (2018), em vídeo disponível no canal do Burke Instituto Conservador no *Youtube*, explica o porquê um cristão não poder ser de esquerda:

Essa pergunta é importante, mas também uma pergunta que embute um certo dilema pra gente. O que vem ser cristianismo? O que vem ser esquerda? De um lado, a fé cristã não é algo que se reinventa, ah, ela tem suas bases fundantes na sagrada escritura, que é a palavra de deus, infalível, inspirada por Deus e inerrante. Então, nós já temos alguns limites aí, as nossas confissões de fé históricas corretamente interpretado as sagradas escrituras nos dão um segundo nível de limites do que vem a ser cristão. Do outro lado, nós temos várias gradações à esquerda nós temos desde a centro-esquerda da social-democracia até extrema esquerda que é um ponto que, pelo menos me parece, hoje é que muito do que passa por esquerda hoje o país está mais conectado com extrema esquerda com valores deletérios a uma visão de mundo judaico-cristã, mas também visões completamente antagônicas a uma escritura sagrada a recebida como a palavra inerrante de Deus, a palavra inspirada de Deus. Então, há muitas vezes o que eu, pelo menos, não percebo que aqueles cristãos adeptos de partidos de bandeiras, conectados com a extrema-esquerda e os seus valores eles vão tender a eliminar ou rejeitar alguns pontos importantes a fé cristã. Começa no campo ético, o aborto e união civil de pessoas do mesmo sexo, mas isso acaba incidindo, por exemplo, sobre a questão da morte vicária de Cristo, visto como ofensa com essas pessoas, é, politicamente corretas. É impossível crer no pai que executa seu filho na cruz e coisas desse gênero. Então, é muito complicada a relação entre uma pessoa que adere às causas esquerdistas, principalmente conectadas com a extrema-esquerda e a fé cristã entendida como uma tradição contínua de valores contínuos que perpassam os séculos e pensando nos temas que são comuns a mais ampla gama de tradições como católica ortodoxa e protestante também. Em síntese, o que vai acontecer é que tristemente essa pessoa ligada a uma comunidade cristã que adere aos partidos de extrema-esquerda é fatalmente sacrificar a sua fé no altar da ideologia. E último ponto que tem sido levantado, a esquerda, muitas vezes, é, [tem] sido definida como aquela que tem o monopólio das boas intenções como se só a esquerda tivesse, por exemplo, um foco no pobre, no desvalido, mas nós precisamos considerar que a fé cristã já nos comanda a dar atenção ao pobre, a viúva, estrangeiro, àquele que sofre violência. Só que o ponto em que deve ser corretamente entendido aqui é o seguinte: enquanto a esquerda entende que é o Estado que vai nos obrigar a nos disciplinar a fazer o bem aqueles supostos, é, é, as supostas melhorias e eventualmente aqueles em pobreza do outro lado a escritura comanda o indivíduo a fazer bem a todos.

Para o Bispo Primaz da Igreja Cristã Nova Aliança, uma denominação pentecostal reformada, Walter McAlister (2014) explica ser muito difícil ser um cristão verdadeiro e um marxista praticante:

Olha, o século XX, é, teve três grandes arquitetos que formaram a sua, seu modo de pensar. Basicamente, foi fundamentado num pressuposto de que a ciência podia ser aplicada à toda a vida. Então, você tem por um lado a ciência sendo aplicada ao comportamento humano. Então, através do Freud começou toda essa, houve essa, essa formação que o pensamento de que o comportamento humano, é, se rendia ao exame científico e, portanto, a certos, certas regras e leis imutáveis da ciência. É, o Marx, foi, é, o pai, digamos, de uma ciência política, aplicando esse modelo, né, fazendo com que, ah, a sociedade fosse estruturada e, e, e entendida, baseado na obra, obviamente, numa filosofia hegeliana, isso é mais complexo, mas essa ideia de, da, da, da luta entre as classes, né? Entre, é, e finalmente nós temos Nietzsche, que foi um também, ah, aliás, o Darwin, Nietzsche não! Darwin que aplicou ciência ao quê? A origem das espécies e a origem do próprio ser humano. Ele desenvolveu essa teoria de evolução, ah, baseado nas suas observações. Então, você tem Freud na área comportamental, Marx na área política e Darwin na área científica biológica. Ah. O problema do marxismo é

que o marxismo vai além. Aliás, todas essas teorias vão além da sua definição científica e adentram áreas de moral, de origem e de metafísica, ou seja, explicando aquilo que a própria ciência não explica. Marxismo afirma, a, a, a, várias coisas que têm mérito, vamos dizer a verdade, tem um certo mérito, mas na prática, e qualquer teoria nós temos que analisar, né? Ou seja, qualquer mérito de uma teoria tem que ser visto pela sua aplicação prática. Freud teve algumas coisas de algumas em contribuições importantes, fez contribuições importantes, mas não explica tudo. Eles que dizem assim Freud explica, mas não explica tudo não. Ah, Darwin explicou algumas adaptações de espécies a sós ambiente, claro, mas no fim deu um pulo, deu um pulo, dizendo que então o ser humano, é, começou como uma ameba dentro do mar, e ele então fez essa, essa projeção que ainda é uma teoria, temos que entender que há uma grande comunidade científica que contesta o darwinismo. Marx, então, fez essa, essa aplicação, a, a, à área política que tem se mostrado é, é, é uma teoria falha. Ah, agora o marxismo historicamente se coloca contra a fé cristã. Ah, Marx chamou o cristianismo de ópio do povo – isso porque não, ainda não havia televisão naquela época, porque o ópio do povo, gente, é a televisão, e aqui é o futebol também –, mas, ah, o ópio do povo não é a religião, mas o marxismo na sua aplicação se mostrou contra a igreja. Acho muito difícil ser um cristão verdadeiro e ser um marxista praticante.

O pastor calvinista Paulo Mocellin, no primeiro de uma série de sermões ministrados em sua congregação, intitulada *Esquerdismo: um ídolo de muitos cristãos*, declarou:

Se você nunca estudou sobre capitalismo e socialismo fora da escola. Se o único conhecimento político que você tem vem da escola, ou da Rede Globo ou da mídia americana, por meio dos filmes. Você nunca estudou a Revolução Francesa, a revolução bolchevique, você nunca leu O capital por si só, sem a influência da escola e da mídia. Se você não sabe quem foi Robespierre na Revolução Francesa; você não sabe quem foi Ivan Mises; se você não sabe quem foi Stálin, Lenin, Trotsky; se você nunca estudou fora, o único conhecimento que você tem da realidade vem da escola e da mídia, eu quero informar que você é um esquerdista. (MOCELLIN, 2020)

Em todas essas declarações dois aspectos se destacam: a) a incompatibilidade entre ser um verdadeiro cristão e ser de esquerda (ou marxista), e; b) a confusão entre ser de esquerda e ser marxista (ou comunista). Por ora, tratarei apenas do primeiro aspecto, mas vale destacar ser comum em tal confusão conceitual esquerda e marxismo serem comumente tratados como sinônimos (NODA, 2019; MADUREIRA, 2018).

O termo marxismo, por vezes, é aplicado para designar o mau, o maligno, cuja encarnação se dá na figura do diabo. Nesse sentido, transcende o conceito, se atribuindo ao marxismo conclusões e análises que nunca realizou, *v.g.*, atribuir a Marx a criação da chamada *ideologia de gênero*. Além disso, também se popularizou a expressão, mais abrangente e complementar, *marxismo cultural* (MADUREIRA, 2018; MARTINS, 2017). O uso desta expressão aponta, a meu ver, a uma necessidade de



conseguir associar a esquerda tudo que reputam por maligno, incluindo os movimentos políticos autoritários e totalitários, a exemplo do nazismo.

O teólogo Franklin Ferreira, bastante ativo nas redes sociais, em sua militância antipepetista e lavajatista, chegou a apresentar um quadro comparativo para desmentir a posição oficial do governo alemão de que o nazismo é um movimento político de direita.



NAZISMO	ESQUERDA	DIREITA
Estado Absoluto, concentrado em um tirano	Estado Absoluto, poder subtraído do povo	Estado Mínimo, poder real às pessoas
Anti Capitalista	anti Capitalismo	Capitalismo controlado ( <i>checks and balances</i> )
Estado Controla Economia	Estado Controla Economia, barreiras ao empreendedorismo	Livre Mercado, encoraja a iniciativa e progresso pessoal
Desarmamentista	Desarmamentista	Estado bem armado protege os cidadãos que também têm direito de defesa da vida
Ditadura	Objetiva e defende a ditadura	Democracia com regras claras
Censura total da imprensa	Controle total da imprensa	Liberdade de imprensa
Liberdade individual inadmissível	Liberdade individual impossível	Liberdade individual com respeito aos demais e à propriedade
Educação doutrinação massificada	Educação doutrinação massificada	Educação fundamentada em princípios e marcos reguladores universais
Relativismo e subjetivismo, exceto à palavra do líder	Relativismo e subjetivismo, exceto às teses próprias	Tratamento lógico e objetivo das questões sociais ou individuais
Ódio aos cristãos e às bases da civilização judaico-cristã	Ódio ao cristianismo e às bases da civilização judaico-cristã	Preservação dos fundamentos da civilização judaico-cristã, respeito à liberdade religiosa
Ódio aos Judeus	Ódio aos Judeus, defesa dos agressores e da quebra da lei no Oriente	Pela paz no Oriente Médio, reconhece Israel e discerne quem é agressor e quem é agredido
Defende o aborto	Defende e promove o aborto	Protege a vida e as crianças, é contrário ao aborto

Tabela retrabalhada de MEME que circula em mídias sociais. Solano Portela.

**Franklin Ferreira**  
AS DIFERENÇAS ENTRE NAZISMO, COMUNISMO E CONSERVADORISMO

Fig. 13.- As diferenças entre nazismo, comunismo e conservadorismo. Fonte: *Facebook*.

Uma primeira coisa que me chama a atenção é o contraste entre a forma como se nomeia as colunas – NAZISMO, ESQUERDA e DIREITA – e a de como anuncia a legenda – NAZISMO, COMUNISMO e CONSERVADORISMO. Atente a associação feita entre esquerda e comunismo e direita e conservadorismo, dando a entender que toda a esquerda é comunista e toda a direita é conservadora. E quando questionado

acerca da posição oficial do governo alemão sobre o tema, respondeu que o responsável sobre é “um político de esquerda” (fig. 02), razão suficiente para invalidar a posição do governo alemão e o fato de ser o nazismo um movimento político alinhado à direita.



Fig. 14 - O Heiko Maas é um político de esquerda. Fonte: *Facebook*

A bem da verdade, é que tal posição não se restringe apenas à esfera religiosa. Como dito, a estratégia de atribuir à esquerda tudo que é mal, num esforço para deslegitimá-la, também é utilizado por outros grupos (SUSSAI, 2019) e foi incorporada pelo bolsonarismo como estratégia de ataque e de justificação dos próprios fracassos.

Na esfera evangélica adquire outros contornos, uma vez que mobiliza antigos símbolos associados ao bem e o mal espirituais para emprego em uma dimensão política, associando certos valores e práticas não a uma livre opção do cruel, mas a um equívoco espiritual, por vezes insanável, instaurado tensão e clima inquisitoriais.

Essa articulação entre o cristão de verdade e o cristão de mentira desdobra-se para os que são de Jesus e os que são do diabo.

## 5 O DIABO É COMUNISTA

*This is him, cried the reverend, sobbing. This is him. The devil. Here he stands.*

Cormac McCarthy

*De fato, quando institui que satanás não persistiu na verdade, implica que outrora ele estivera nela; e quando o faz pai da mentira, lhe exime isto: que não se impute a Deus a falta da qual ele [o diabo] mesmo foi a causa.*

João Calvino

Não lembro a data exata, mas era um domingo de manhã, um pouco antes da eleição presidencial de 2018, sob um clima pesado na congregação causado pela divisão entre os que apoiavam Jair Messias Bolsonaro e os que a ele se opunha, durante uma aula da Escola Bíblica Dominical, na sala de solteiros (inclusive os divorciados e viúvos), que ouvi que o diabo é comunista.

A aula tratava de um dos capítulos do livro *Tomando decisões segundo a vontade de Deus*, escrito pelo pastor e teólogo reformado Heber Campos Jr., publicado pela Editora Fiel, quando entre as explicações surgiu a questão política. Uma das alunas, Laurinha, queixou-se sobre como se sentia constrangido, como se ela fosse burra ou coisa equivalente, porque escolheu votar em Bolsonaro. Como esperado, outros também começaram a falar sobre suas posições, incluindo os que votariam em Haddad e o modo como se sentiam coagidos como sendo menos cristãos que aqueles que optaram por Bolsonaro.

O professor buscou pontuar que a espiritualidade não é de direita, nem de esquerda. Arguiu que tanto à direita quanto à esquerda é possível vislumbrar aspectos do Evangelho, porém o Evangelho nem é de direita, nem de esquerda. Explicou, com base na carta de Paulo aos Romanos, que se trata de graça comum, isto é, da revelação divina por meio do cosmo, da percepção moral de cada indivíduo. Disse, por exemplo, que homens como Charles Darwin e Karl Marx tiveram essa revelação, mas distorceram a verdade do Evangelho buscando ir além, acrescentando à revelação aquilo que não lhe foi dado por Deus. No caso do primeiro, a macro evolução, e do segundo, a ideia de ser possível viver um paraíso na terra. “A discrepância entre o marxismo e o cristianismo não está na ideia de revolução ou de comunitarismo, mas no fato de que ambos são escatológicos. Um crê no paraíso celeste e o ouro num terreno”, explicou-lhes o professor.

Logo após explicar, o missionário Hilton, um homem preto, solteiro, com aproximadamente cinquenta anos, que apesar de não ser membro daquela congregação, frequentava a sala dos solteiros na Escola Bíblica Dominical, por ter uma relação de amizade longa com o pastor. Ele comentou, num misto, do que me pareceu, ingenuidade e frustração, sobre um problema que provocou num grupo de *WhatsApp*, ferramenta a que tinha sido recém apresentado e, segundo relatou, não entendia bem como funcionava. Pois bem, disse que alterou o nome do grupo de *Cristãos de Direita para Servos de Cristo*, o que causou alvoroço e indignação em vários membros do grupo e culminou com a repreensão pelo pastor da igreja onde atuava como missionário. Sentindo haver risco de perder a oferta dada pela igreja, lamentou-se: “Sabe, professor [me chamava sempre de professor ou mestre], não consigo entender por que ficaram tão ofendidos. A Bíblia diz que a nossa verdadeira pátria é o céu”.

Já havia ouvido sobre a existência do grupo, que congregava cristão protestantes de diversas denominações da cidade, desde pentecostais e neopentecostais a tradicionais e reformados. Além disso, seus membros, conforme consegui apurar, eram de diferentes profissões, cor e renda. Todos os homens e apoiadores de Jair Messias Bolsonaro. Conhecia alguns de seus membros e suspeitava da participação de alguns outros, quer por ouvi-los diretamente mencionarem, quer por relatos de terceiros. Contudo, essa foi a primeira vez que um deles mencionou abertamente sua existência, e a partir de um conflito.

Perguntei ao missionário Hilton o que conversavam no grupo. De modo objetivo e geral, relatou-me temas difusos, distintos e convergentes. Difusos, porque relatavam coisas diversas, indo de política externa a questões morais. Distintos por tratarem de temas diversos, como os perigos da ideologia de gênero nas escolas e universidades, principalmente as públicas, que tentavam “normalizar o homossexualismo” e estimular desde cedo as crianças a se torarem homossexuais; a “mamadeira de piroca” e o kit gay que o PT queria distribuir com as crianças; o Brasil virar uma Venezuela; a descriminalização do aborto; o casamento gay, com uma suposta proposta de obrigatoriedade de celebração nas igrejas; cristofobia; foram alguns dos temas que me disse serem tratados no grupo. E, finalmente, convergentes, porque todos voltavam-se para a ideia de *mal*, ora corporificado pelo comunismo, ora pelo diabo, culminando numa associação entre ambos.

A ideia de comunismo – e não o comunismo propriamente dito – se tornou para além de uma ideologia política um perigo espiritual. “O diabo é comunista” – disse-me missionário Hilton, afirmando o que foi dito no grupo – “E o PT quer implantar o comunismo no Brasil. Se o PT ganhar o Brasil vai virar uma Venezuela”. Nesse sentido, há um sentimento urgente de guerra, uma batalha em curso pelas famílias, pelos valores cristãos ameaçados pela sombra do comunismo, que é percebido como um sistema satânico que persegue cristãos, destrói famílias, propaga imundícia e imoralidade sexual, e é difundido pela esquerda – na atual conjuntura política, pelo PT –, sobretudo, por meio das escolas e universidades, pela mídia, e ratificado pelo Poder Judiciário. Portanto, trata-se de “um plano de Satanás”, como disse o missionário, para desencaminhar, desviar e, se possível, corromper os eleitos, os santos, os escolhidos, os predestinados.

Tal aspecto chama a atenção por, mesmo antes das eleições de 2018, expressiva quantidade de material sobre comunismo, marxismo e marxismo cultural e sua relação com o cristianismo vem sendo produzido no *YouTube*, *blogs* e redes sociais. Também observei a incorporação de termos outrora alheios à esfera evangélica como *esquerdopata* e *comunista*, substituindo, inclusive outros mais restritos como *herege* e *liberal* – empregado em seu sentido teológico – para atacar aos que não são vistos como *ortodoxos*. No mais, Marx, marxismo e comunismo passaram a aparecer com alguma frequência em sermões e aulas de escola bíblica dominical.

O imaginário cristão tem no diabo a figura do adversário – aliás, esse é o significado do termo *Satanás* –, o opositor de Deus, o pai da mentira, o acusador, aquele que veio para matar, roubar e destruir. Em seu propósito, o diabo é subversivo e, sobretudo, multiforme. Como salienta o texto bíblico (2Coríntios 11.14), o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz, ou seja, reveste-se de bondade, opera maravilhas, milagres, boas coisas, apenas para ludibriar, enganar, desencaminhar do caminho da verdade e da justiça. Esse aspecto é relevante por duas razões: a) é ela que reforça a necessidade de uma conversão, como rito de passagem; b) a possibilidade de atribuir sentidos diversos ao diabo, que, por sua vez, assume diversas formas, posições e características, porém permanecendo o mesmo em sua essência. Noutras palavras, o diabo incorpora as diversas faces do mal em épocas, sociedades e contextos diversos, sem, contudo, desassociar-se da ideia do mal, do que deve ser evitado, do impuro, do perigoso. Essa associação é imprescindível à

compreensão do que é o bem, segundo a moralidade cristã, sendo, portanto, tão ou mais importante que seu opositor divino, ou seja, ambos pertencem ao âmbito do sagrado (ALEXANDER, 2003).

### 5.1 ONDE HÁ DIABO HÁ SISTEMA

Onde há diabo há sistema. A afirmação é uma paráfrase de Mary Douglas (2014, p. 50), ao afirmar que onde há sujeira há sistema, “um subproduto de uma ordenação e classificação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados”. Nesse sentido, o diabo corporifica o mal, corrompe as boas ações realizadas antes da conversão ou por aqueles que as realizam sem o selo do santificado, do puro, do crente. Fora de Cristo não há salvação, apenas perdição. Quem não está com Deus está com o diabo. Sem meio-termo, sem ambiguidades.

O ambíguo é diluído na pessoa do diabo, que emerge como representação do *sujo* (DOUGLAS, 2014), contrapondo-se ao *puro* – ou *santo*, nos termos evangélicos. Se o cristo é a encarnação da bondade e pureza (ou santidade), pois nele não havia mácula ou defeito (BÍBLIA NVT, 2016, 1 Pedro 1:19), o diabo encarna o falho, o falso, o totalmente defeituoso, o impuro. Se o cristo encarna o sacrifício aceitável e definitivo a Deus, pelo qual se opera o mistério da reconciliação, transformando o ímpio em santo, a criatura em filho de Deus; o diabo, por sua vez, encarna o que deve ser evitado, o que desagrade ao divino, e, zomba e tenta, junto a seu séquito de anjos decaídos, à igreja de Jesus Cristo, buscando-a corromper e desviar do caminho da retidão de formas astutas e habilidosas. No cristo há salvação e no diabo perdição. No cristo há segurança e no diabo insegurança. No cristo há beleza e no diabo feiura. No cristo há bondade e iluminação, no diabo maldade e trevas. Só Jesus é o caminho, a verdade e a vida. O diabo é o desvio, a mentira e a morte. No cristo não há dúvidas, o diabo é só dúvidas. Questionar é sempre visto como um sinal do Maligno. O cristo é simples, o diabo é complexo. Porém, jaz a advertência: “os filhos deste mundo são mais espertos para com os seus semelhantes do que os filhos da luz” (BÍBLIA NVT, 2016, Lucas 16:8).

Há dois campos distintos e em contínuo conflito. Ora, o cristianismo, longe de ser pacífico, incorpora, como visto, um *modus operandi* beligerante. É preciso vencer o inimigo, quer interiormente, por meio das disciplinas espirituais – jejum, oração e leitura bíblica –, quer exteriormente, enfrentando o *mundo*.

O termo *mundo*, a partir da teologia cristã protestante, é comumente interpretado em três sentidos específicos: a) o *cosmológico*, enquanto planeta Terra. “Por meio de tudo que ele fez desde a criação do mundo, podem perceber claramente seus atributos invisíveis: seu poder eterno e sua natureza divina. Portanto, não têm desculpa alguma.” (BÍBLIA NVT, 2016, Romanos 1:20); b) o *antropológico*, referindo-se à humanidade, como na conhecida passagem do Evangelho de João: “Porque Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.” (BÍBLIA NVT, 2016, João 3:16), e; c) o *axiológico*, enquanto sistema corrupto, de valores distorcidos, maléficos, imorais – “Sabemos que somos filhos de Deus e que o mundo inteiro está sob o controle do maligno.” (BÍBLIA NVT, 2016, 1João 5:19). Este, o mais difundido e articulado.

O convertido foi arrancado, ou melhor, desligado do mundo (sistema de valores). Há um processo de morte e ressurreição, uma transformação da velha natureza escrava do pecado para uma outra redimida pelo sacrifício vicário do Cristo. Nada menos que a própria vida é aceitável para quem deu a própria vida para livrá-lo do mal. De modo que a conversão significa ato de entrega, de libertação, de morte e obediência, o desligamento de um sistema corrupto e corruptor marcado pela besta, dominando pelo diabo. O rito é marcado por ato de confissão pública, no qual se reconhece a condição de pecador – de *separado de Deus* – e se admite a necessidade de Jesus Cristo enquanto senhor e salvador, ao que deixa de ser criatura e torna-se filho de Deus, uma nova criatura, um santo – *separado para Deus*. É, portanto, *disruptivo*, haja vista dividir a experiência pessoal em antes e depois (CALDEIRA, 2011). O *antes* pertencente ao território do maligno, do diabo. As boas ações, moralmente alinhada aos preceitos evangélicos, encontram-se maculadas, pois o mundo jaz sob o poder do iníquo (BÍBLIA NVT, 2016, 1João 5:19). Por sua vez, sem a redenção oferecida pelo Cristo não há nada que se considere suficientemente hábil para produzir redenção. O crente, separado do *mundo*, já não pertence a tal realidade, e deve se provar continuamente no exercício de dada moralidade, que alicerça certa sociabilidade, sob pena de ser excluído da comunidade dos santos – por conseguinte, ter a sua identidade cristã questionada e/ou reprovada.

Há uma contínua tensão e hostilidade que sustentam a aparente harmonia do grupo. Com isso, quero dizer que sem os *desviantes* a solidariedade do grupo se esvai, ou seja, a ausência de um inimigo a ser enfrentado fragiliza os laços de solidariedade do grupo.



Enquanto ato pelo qual o vínculo se estabelece, a conversão sugere uma mudança de *status*. Ao separar o convertido do mundo, porém sem integrá-lo à estrutura da igreja estabelece período liminar (TURNER, 2013). Entendo a conversão como rito de passagem. Seu início, ao menos em termos performativos, constitui-se em ato responsivo, como o levantar de mãos após um apelo feito por um pregador ou algum outro sinal que denote sua pública confissão, pela qual rejeita ao pecado e ao mundo e recebe a Jesus como seu senhor e salvador. Mesmo operando uma separação do convertido ao mundo é tratada como uma reintegração da criatura ao seu criador. Assim, insere-se na *communitas*, e, por conseguinte, na tensão contínua entre o ser aceito e o ser vigiado. Tem de estar disposto a submeter-se ao processo de catequização, qual, para além de valores e regras, promove a incorporação do imaginário cristão, isto é, do repositório de valores, símbolos, significados, performances e ações reconhecidas por aquele grupo como sendo indicativas de uma nova natureza, um novo nascimento.

Não é incomum que tal decisão ponha o convertido em rota de colisão com outras esferas de sociabilidade. Após a conversão, esse ato mágico e disruptivo, tem-se o abandono de tudo que se coloque como um óbice a que siga o caminho do senhor. É comum ouvir coisas como: “Se prepare o diabo irá se levantar na sua vida”. Os testemunhos que reforçam a decisão e endossam o comprometimento do convertido enfatizam conflitos familiares, no ambiente de trabalho ou escolar, dentre outros, frequentemente associados a ideia de mudança ou transformação (BISPO, 2018). No mais, tais testemunhos reorganizam os elementos da vida pessoal do convertido, reorganizando sua sociabilidade e experiência (CALDEIRA, 2011).

A Bíblia, enquanto representação das regras e normas do grupo, é peça fundamental para consolidação das narrativas/testemunhos, bem como para o estabelecimento de dada sociabilidade. Por sua vez, é por meio das narrativas que se consegue comunicar e apreender o sagrado.

Narrativas são capazes de criar, organizar e sintetizar a experiência cotidiana, atuando sobre os modos de pensar e agir e antecipando a ação social ao criar itinerários, formular sentenças, revelar lugares e perigos, demarcando posições delimitadas no espaço, por meio da articulação estruturada de códigos e símbolos compartilhados numa intrincada rede de significados e, portanto, passível de mudanças de significado à luz de novas contribuições simbólicas aptas a alterar outras dimensões da realidade social, por meio de processos de reformulação simbólica a

fatos anteriormente conhecidos (GEETZ, 2017; DE CERTAEU, 1984; LIMA NETO, 2007; ALEXANDER, 2014). Desse modo, a Bíblia, a “Palavra de Deus”, desponta como “uma categoria ‘hipersementizada’ entre os fiéis, emprestando-se a várias acepções e abrindo espaço para ações que podem durar no tempo, contribuindo para o estabelecimento de uma nova pessoa” (RABINOVICH; COSTA, 2010, p. 334), de modo a funcionar como instrumento de imposição de autoridade e, nesse sentido, autorizativo ou proibitivo, trazendo certa racionalidade ao conjunto de mudanças e transformações exigidas ao convertido. Opera como um marco ao delimitar a fronteira entre bem e mal.

A narrativa bíblica acerca do diabo associa-o ao mal. Sua primeira aparição se dá a forma de serpente ao convencer a mulher a comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, distorcendo o que fora dito por Deus, ou seja, por meio da mentira, o que lhe atribuiu a alcunha de “pai da mentira”. O caminho do diabo é pavimentado pela mentira, pelo engano, pela distorção às palavras de Deus e com destino certo à danação eterna.

Como afirma John Piper (2019, tradução livre), teólogo e pastor batista considerado como a maior referência na ressurgência calvinista neste início de século:

“Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.” (João 8.44). A primeira vez em que Satanás aparece na Bíblia, em Gênesis 3, as primeiras palavras em seus lábios são de dúvida quanto a verdade (“É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?”). E as segundas palavras em seus lábios foram de uma falsidade sutil (“É certo que não morrereis”). João diz que Satanás “jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade.” (João 8.44). Estamos lidando com a essência da falsidade e do engano.

Assim, tem-se que o diabo opera por meio da mentira, e esta, mesmo que nem sempre se oponha à natureza e desejo humanos, conduz à separação de Deus, que é o sentido último da ideia de danação eterna, ou seja, de uma eternidade vivida no inferno, o lugar fora do paraíso e da presença de Deus, como preconizado na sentença divina Caim, o primeiro homicida (BÍBLIA NVT, 2016, Gênesis 4:9-20).

No mais, o diabo assume múltiplas formas. O mal assume múltiplas formas e todas encarnadas na pessoa do diabo. O certo é que o diabo é mal, o maligno sobre quem as escrituras advertem, o condenável, porém astuto, vez que muda a sua aparência para investir contra os santos.

Tal característica constitui um importante recurso para a retórica e moralidade cristã. A força da salvação de Jesus Cristo cresce à medida que o fiel se torna mais e mais cômico dos perigos representados pela presença do diabo. Salvação e danação

são interdependentes, haja vista que para cada valor existe um *antivalor* equivalente e oposto, bem como para cada norma há uma *antinorma* equivalente e oposta (ALEXANDER, 2003a). Ora, para cada esforço de institucionalização do bem e do justo conformando-o a imagens socialmente inspiradas há um outro equivalente para a construção social do mal como o hediondo, o horrendo, o tenebroso e o assustador (ALEXANDER, 2003a).

Jesus e o diabo são opostos e equivalentes. A compreensão de um depende da compreensão do outro. A oferta de salvação vinda de Jesus Cristo só pode ser compreendida à luz da danação eterna. Quanto mais tenebroso o inferno mais reluzente será o paraíso. O amor a Deus cresce à medida em que se teme ao diabo. Pode-se, portanto, concluir que em “termos morais, explorar o mal hediondo é o único meio para compreender e experienciar o puro e o justo” (ALEXANDER, 2003a, p. 109). Por sua vez, “em termos sociológicos, os valores do bem só podem ser cristalizados em relação aos valores que são considerados temíveis ou repugnantes” (ALEXANDER, 2003a, p. 111).

Com a Ilustração, sobretudo a partir de Kant, o bem “mudou do ético para o moral, do particular e local para o universal e transcendente” (ALEXANDER, 2003a, p. 112). Nesse sentido, passa a ser o comunitário, aquilo em prol do bem comum. Os interesses pessoais, em especial, em detrimento do comunitário passa a ser considerado como mal, imoral. O bem desponta como o cultural, e o mal como o que está fora da cultura. Por sua vez, a Modernidade articula outros valores – como autonomia, solidariedade, racionalidade, democracia etc. – que podem ser associados ao bem e ao mal, reconhecendo aquilo que é cultural como bom. Em contrapartida, o passional, o espontâneo, o instintivo, o irracional, tido como não cultural, é associado ao que é mal.

De modo geral, essa perspectiva é herdada do Judaísmo e do Cristianismo, segundo os quais, o bem se origina de uma fonte transcendental, extra-mundana, o que exige do fiel não apenas o esforço de resistir às tentações, aos prazeres mundano, associado ao impulsos, aos desejos e ao passional, mas também a ligação com uma fonte inesgotável do bondade e justiça. Por isso, que atos de bondade e justiça são considerados ineficazes caso desconectados da fonte. Assim, fora de Cristo, não há salvação; fora de Deus, há apenas o mal.

## 5.2 O QUE HÁ NO MUNDO NÃO VEM DE DEUS

*Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não vem do Pai, mas sim do mundo. Ora, o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus, permanece para sempre.*

1 João 2:16-17

*Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno.*

1 João 5:19

Todas as ações humanas estão maculadas pelo pecado original. A desobediência de Adão, o primeiro homem, pôs toda a humanidade em um estado de separação de Deus e, por conseguinte, eivada pelo mal. Desde a Queda, quando Eva tentada pela serpente percebeu que “a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu” (Gênesis 3:6). Portanto, o pecado original, que reside na desobediência ao mandato divino de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, está estruturado na concupiscência da carne, dos olhos e no desejo por entendimento.

Por concupiscência entende-se o pecado que conduz a outros pecados. E a concupiscência é uma das coisas do mundo. Assim, é preciso para vencer a serpente resistir aos desejos carnis, como as pulsões sexuais, o adultério, a sedução, o sexo antes do casamento, o sexo gay, além do sexo anal e do prazer sexual que não consiste na satisfação do cônjuge.

A tentação do que se vê, que implica na condenação à vaidade, e em normas rígidas de vestimenta, que se estende aos corpos, em especial, ao corpo feminino. Por fim, o desejo por conhecimento, frequentemente associado à arrogância e à soberba no contexto bíblico. A sabedoria fora de Deus é pecado, ou seja, provém do diabo, e é frequentemente associada à soberba. Com isso, uma postura anti-intelectual desponta.

### 5.2.1 O temor a Deus é o princípio da sabedoria

Em questionário aplicado, quando questionado se consideravam a universidade uma ameaça aos jovens, obteve-se 105 (cento e cinco) respostas,

divididas entre *sim*, *não* e *não sei opinar*. Entre os respondentes, todos declarados cristãos evangélicos, 73 (setenta e três) responderam *não*, sendo 26 (vinte e seis) calvinistas; 26 (vinte e seis) responderam *sim*, sendo 06 (seis) calvinistas, e; 06 (seis) pessoas responderam *não sei opinar*, sendo apenas uma entre os que se declararam calvinistas. Entre os calvinistas que responderam *não*, 07 (sete) são mulheres, sendo, considerando-se à escolaridade: 02 (duas) com Ensino Médio, 03 (três) com Ensino Superior, 01 (uma) com Especialização, 01 (uma) com Doutorado, e; 19 (dezenove) homens, sendo 12 (doze) com Ensino Superior, 04 (quatro) com Especialização, 02 (dois) com Mestrado, 01 (um) com Doutorado. Por sua vez, 26 (vinte e seis pessoas) responderam *sim*, ou seja, que a universidade representa um perigo para os jovens. Destas, 06 (seis) foram dadas por calvinistas, sendo metade do gênero feminino, duas com Ensino Médio completo e uma com Especialização, e a outra metade do masculino, um com Ensino Superior completo e um com Especialização. Apenas 06 (seis) pessoas não souberam opinar, sendo apenas uma entre os calvinistas.

A priori, algumas questões me interessaram. Um, identificar se há diferenças fundamentais entre o modo como os calvinistas justificam ser as universidades uma ameaça aos jovens daqueles cristãos evangélicos que se declararam nas outras categorias (*arminiano, não sei o que dizer e outros*). Dois, se entre os calvinistas, por se tratar de uma teologia que exclui as mulheres dos espaços de liderança, haveria distinção entre as justificativas dos homens e das mulheres, vez que nenhum dos pesquisados, em questionário ou em campo, se declararam, quanto ao gênero, de outra forma. Três, se o nível de escolaridade influencia no modo como responderam entre *sim*, *não* e *não sei opinar*.

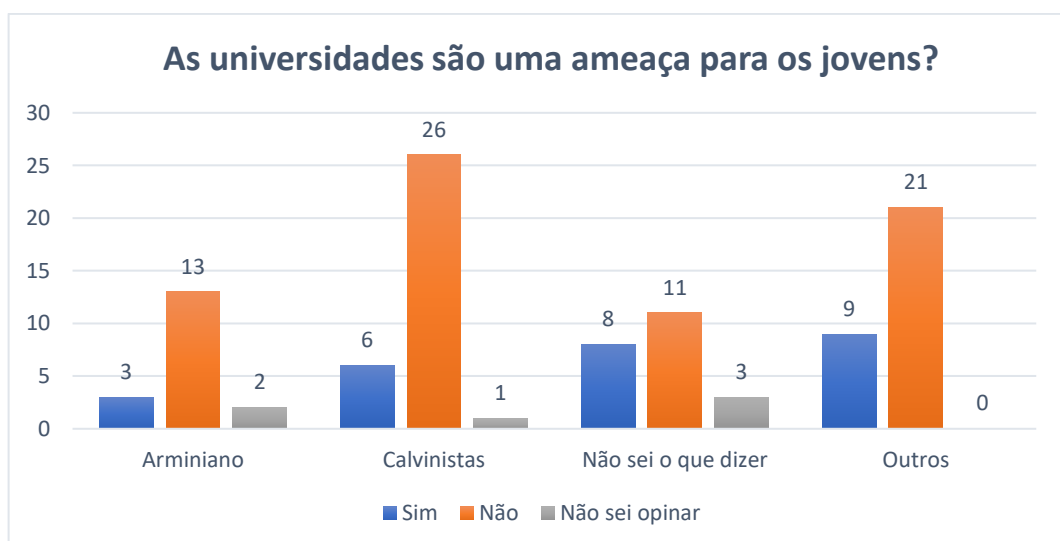


Gráfico 06 – As universidades são uma ameaça para os jovens?. Elaboração própria

As respostas não apresentaram diferenças significativas entre calvinistas e não calvinistas. Em regra, consistiam em acusações contra às universidades, em especial as públicas, arguindo tratar-se de um ambiente de imposição ideológica – e aqui, ideologia é associado a algo exclusivo da esquerda –, libertinagem sexual e consumo de drogas.

Os calvinistas, do gênero masculino, deram as seguintes respostas: “*Vulgarização total sem precedentes*”; “*Por meio da doutrinação ideológica*”, e; “*Implantando todo o tipo de coisa contrária ao que nos foi ensinado*”. Quanto à escolaridade, as duas primeiras respostas dadas por homens com Especialização e a terceira apresentou Ensino Superior. Todos também se declaram politicamente como de direita e conservador.

Por sua vez, as respostas entre calvinistas do gênero feminino foram: “*Ló [sic] jovem está formando sua identidade e tem sido bombardeado com dúvidas e perguntas [sic] que não [tem] maturidade para responder*”; “*Por ser um centro de consumo de drogas, promotora e influenciadora do sexo, pedofilia, aborto, incesto, destruição da família como Deus estabeleceu*”, e; “*As universidades tem [sic] formado militantes e não homens e mulheres melhores*”. A primeira resposta foi dada por uma mulher com Especialização, politicamente de direita e conservadora. A segunda e terceira respondentes possuem Ensino Médio, e politicamente de direita e conservadoras.

Apesar de negativas apresentam uma diferença fundamental: há uma idealização negativa da universidade por parte dos que não apresentam curso superior. Ressalte-se de que o que sinalizo não se trata de preconceito ou menosprezo a quem não cursou Ensino Superior. Todavia, constatei em campo essa mesma postura em algumas pessoas, sendo mais exacerbada naquelas que nunca frequentaram cursos universitários, e sustentam seus relatos a partir de um ouvir dizer ou mesmo em experiências pessoais com amigos, familiares ou fiéis da igreja, sobretudo jovens, que se desviaram, passando a se atribuir às instituições de ensino superior o motivo pelo desvio. Assim, a vida social que passam a apresentar, com idas a festas, mudanças nos estilos de música, vestimentas e/ou posicionamentos morais e políticos é atribuído ou associado à influência das universidades e instituições de Ensino Superior.

As justificativas dadas pelos não calvinistas não diferem tanto. Entre arminianos, obteve-se apenas três respostas de homens, de direita, porém apenas os que deram a primeira e terceira respostas declaram-se conservadores, declarando-se o segundo como *nem conservador, nem progressista*, arguindo, ainda, que: “*Me considero liberal no costume pois acho perigoso um governo fiscalizando e multando as pessoas por questão de costumes*”. Contudo, quando questionado sobre às universidades serem uma ameaça para os jovens respondeu afirmativamente, sob a alegação de ser perigosa “*Como qualquer outro lugar*”. Quanto à escolaridade, apresenta Doutorado. Os outros dois justificaram sua resposta arguindo que: “*A sociedade quer fazer valer as suas ideologias*” e “*Não na formação curricular, mas sim mas [sic] influências*”. E quanto à escolaridade, tem-se, respectivamente, Ensino Médio e Doutorado. Aqui, o nível de escolaridade parece fazer diferença, haja vista que percebem uma ameaça das universidades aos jovens ou por oferecer um risco semelhante ao de outras instituições ou por fatores alheios a estrutura e funções acadêmicas – no que chamou de más “*influências*”. Por sua vez, o que tem apenas Ensino Médio traz uma generalização, pois não afirma o perigo das universidades, mas da sociedade que faz valer as suas ideologias.

Aos que optaram por *outro*, a saber nem se consideram arminiano, tampouco calvinista, e responderam afirmativamente ser as universidades uma ameaça aos jovens, perfizeram um número de 09 (nove) respostas, sendo 03 (três) respostas dadas por pessoas do gênero feminino, e 06 (seis) entre os do gênero masculino.

Entre as mulheres, todas declaram-se de direita, sendo duas como *conservadoras* e uma como *nem conservadora, nem progressista*. No que concerne à escolaridade, apenas uma – de direita e conservadora – tem Especialização, quem se justificou dizendo que “*Devido às ideologias que vem sendo defendida pela esquerda, que no decorrer dos anos se apossou do ensino, defendendo, no meu ver, o relaxo [sic]*”. Interessante perceber a associação da universidade, bem como o sistema de ensino em geral, com o que considera esquerda. As ideologias são consideradas como de esquerda e, por conseguinte, nocivas à sociedade. As outras duas apresentam apenas Ensino Médio, e ambas se declararam de direita, sendo uma conservadora e a outra *nem conservadora, nem progressista*. Para a que disse não ser *nem conservadora, nem progressista*, a universidade é uma ameaça “*Pelas diferentes opiniões, pelo sistema, pela abordagem de temas, pelas imposições, etc. Digo isto pq [sic] tenho uma sobrinha que estudou na USP e mudou completamente...*”.

O aspecto de testemunho pessoal que mencionei aparece aqui, e torna regra aquilo que é pessoal e singular. Ora, a mudança que ela percebeu na sobrinha é logo atribuída como negativa e responsabilidade do ambiente universitário. A última das três respostas remete ao passado como tempo mítico no qual as universidades eram ótimas, vejam: *“Antes as escolas e universidades eram ótimas mas hoje às escolas e universidades só tem o que não presta”*. Apesar de não haver definição de quando é “antes”, a ideia de um passado mítico não é incomum aos que se dizem conservadores e de direita – característica central de políticas extrema-direita, caso do fascismo (STANLEY, 2018). Este é sempre idealizado enquanto melhor, superior, áureo e para o qual se deseja retornar, retomando seu esplendor e glória, e incitando sentimentos díspares e profundo, incluindo um saudosismo mesmo entre os não nascidos (PIERUCCI, 2013; STANLEY, 2018). Entretanto, como salienta Habermas (2015), conservadores – e ultraconservadores – olham para um passado abstrato, lançando nele seus anseios utópicos, pois, como enfatiza o autor na Modernidade o pensamento histórico se funde ao pensamento utópico.

Em relação aos homens, 03 (três) declararam-se de direita, sendo 02 (dois) conservadores e 01(um) nem conservador, nem progressistas. Quanto à escolaridade, apresentam, respectivamente, Ensino Superior, Especialização e Ensino Superior. Por sua vez, os outros 03 (três) declaram-se de *centro* e *conservadores*, sendo, quanto à escolaridade, Ensino Médio, Ensino Superior e Especialização. A primeira das justificativas do segundo grupo, a saber os de *centro* e *conservadores*, utilizou o termo “presa” assinalando a suposto caráter predatório da universidade: *“Como a universidade é um lugar de livre pensamento e em casa os moços, comumente, não recebem princípios, torna-se presa fácil”*. Além do aspecto mencionado, acrescenta a ausência de princípios no ambiente doméstico.

Enquanto fazia pesquisa de campo numa igreja presbiteriana, constatei essa relação entre as universidades como corruptoras e predadoras e a ausência de valores familiares rígidos e sólidos para manter o fiel resistente a esse aliciamento. Jarbas, um dos membros da denominação me relatou, com pesar, sobre um jovem a quem tinha evangelizado e que frequentou por anos os cultos. Lembro-me dele, um rapaz branco, de classe média, um tanto tímido, com idade entre dezoito e dezenove anos, e que começou a cursar Engenharia Elétrica numa unidade do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Quando perguntei o motivo de ter se desviado, Jarbas disse:



Foram as influências no IF. Começou a querer beber, sair com as meninas. Você sabe, né, como é? Cara nessa idade, cheio de hormônios, querendo transar e tal. E começou a questionar umas coisas da igreja. Influenciado por esses professores marxistas de lá.

Quando perguntei a Jarbas o que seria marxismo ele sorriu, tentou desconversar e só depois disse; “Você sabe como é, né? O Brasil estava sobre o comunismo do PT e as universidades estão tomadas pelos comunistas. É sexo, é droga, é ideologia de gênero e tudo que não presta”.

“Mas você acha que se desviar um problema das universidades ou da pessoa? Você acha que um aluno é uma casca vazia e o professor faz com ele o que quer?”, quis saber, que respondeu: “Não, eu sei que não, mas a pessoa é influenciável, e quando os pais não são convertidos aí é bem pior, porque a pessoa não tem uma base sólida, sabe?”. Questionei se não seria uma questão de fracasso da igreja e, de pronto, me acusou de querer defender os professores porque eu também sou um professor, o que impossibilitou que continuássemos no mesmo tema.

A segunda e terceira respostas enfatizaram o aspecto ideológico concentraram-se na questão ideológica, e, nalguma medida, na atuação dos professores: “*Porque os professores muitas vezes deixam de ensinar o conteúdo pedagógico para ensinar ideologias*” e “*Quando sai mais enfoque as ideologias do que ao próprio aprendizado*”. Uma vez mais a “ideologia” desponta como elemento desviante do papel das universidades, lembrando que com frequência está associada apenas como algo da esquerda – digo em singular, porque poucas vezes identifiquei o uso do termo *esquerdas*.

Enquanto isso, os de direita e conservadores mencionaram que as universidades são um perigo para os jovens por conta de exemplos antibíblicos (“*Exemplos fora do evangelho*”) e da influência dos professores (“*Professor influência [sic]*”). Por sua vez, o que se declarou como de direita, porém *nem conservador, nem progressista*, trouxe justificativa mais incisiva, a conferir: “*infelizmente [sic] os professores na sua grande maioria tem [sic] um ideal de esquerdista, que defendem muitas ideias que foge o principio [sic] bíblico. Conheço aluno que apresentou ideias contrarias [sic] e é perseguido por professores*”. O argumento de perseguição por professores foi ouvido em diferentes momentos e contextos.

Há ainda os que não souberam dizer como se identificam em termos religiosos, ou seja, nem se compreendem *calvinistas, arminianos* ou *outros*. Aqui foram 08 (oito) respostas afirmativas, sendo 05 (cinco) entre pessoas do gênero feminino e 03 (três)

do masculino, os quais se declararam como politicamente de direita e conservadores. Um deles não ofereceu justificativa, e os demais enfatizaram questões axiológicas e a difusão do socialismo entre os alunos, a conferir: “*DESCONSTRUÇÃO DE VALORES MORAIS, RELIGIOSOS E FAMILIARES*” e “*Pensamento socislista [sic] e jovens evangelicos [sic] fracos na sua fé*”.

Entre as respostas do gênero feminino, 02 (duas) se declararam politicamente de centro e conservadoras, uma delas apresentou Especialização e a outra Ensino Superior, deixando subentendido em sua justificativa ter sido aluno de Instituição de Ensino Superior privada:

As experiências que já ouvi de alguns amigos que estudaram em universidades públicas, acendem um alerta sobre libertinagem excessiva, livre uso de drogas, sexo sem compromisso, entre outros. Jovens que não estão bem instruídos sobre pressões de grupo podem facilmente cair em armadilhas de más influências.

Aqui se faz uma distinção que também percebi em campo, a ideia de serem as instituições privadas campo da esquerda. Juliana, formada numa IES privada, que atuava como intérprete de LIBRAS numa congregação da igreja presbiteriana, confidenciou em uma aula da escola bíblica dominical (EBD) da qual participei, que na durante o seu curso apenas alguns professores eram “esquerdistas”. Disse ainda que “*Alguns deles eram ateus, com certeza. Falavam coisas contrárias à nossa fé, e faziam provocações, tipo, zombando de quem acreditava em Deus*”. Luana, que cursa pós-graduação *stricto sensu* na Universidade Federal de Campina Grande, e é esposa de pastor presbiteriana também me relatou se sentir “acuada”, este o termo que utilizou, em algumas aulas. Quando me relatou estava com um outro aluno cristão protestante que cursava doutorado na mesma instituição. Ela perguntou a ele se nunca sofreu “preconceito por ser cristão”, ao que respondeu:

Acho que não. Se aconteceu não lembro. Mas nunca assumo que sou cristão. Acho que não importa. Sempre procuro mostrar que sou bom, e aí quando descobrem que sou cristão, já conquistei o respeito. Às vezes, um ou outro inda pergunta “Mas como assim que você é crente? Você é tão inteligente. Acho que engraçado que associam inteligência à falta de fé. Como se o fato de alguém ser ateu a fizesse automaticamente mais inteligente, e o fato de acreditar em Deus fizesse de alguém mais burro.

Esses depoimentos corroboram o anterior de perseguição ou pressão. O sentimento esboçado por alguns cristãos protestantes ao adentrar no ambiente acadêmico é o de desconfiança.

A segunda justificativa, dada por uma mulher politicamente situada ao centro, conservadora e com Especialização, sustenta que as universidades ostentam “valores humanistas que excluem Deus e os valores da sua Palavra”.

Dentre aquelas que se declararam de direita, sendo duas conservadoras e uma nem conservadora, nem liberal, e, quanto à escolaridade, respectivamente, apresentaram Ensino Superior, Ensino Superior e Especialização. Esta justificou-se afirmando que o perigo das universidades para os jovens “*Pela doutrina imposta*”, embora sem apresentar quais e utilizando pela primeira em todas as respostas obtidas o termo *doutrina*, comum ao âmbito religioso, mas estranho ao político. As outras duas justificativas sustentam-se em suposto aliciamento dos jovens, sob o exercício de uma má influência, não diferindo de outras respostas de mesma natureza apresentadas aqui, a saber: “*Entram imaturos e [se] deparam com um universo de informações e lavagens cerebrais onde, o jovem, que não está preparado p [sic] enfrentar acaba sucumbido*” e “*Estimulam a experimentar, ousar, atrever a romper preconceitos, religião e romper com conceitos e costumes morais*”. Nesse sentido, João Silva, pastor presbiteriano, com 41 anos, casado, pai de dois filhos, preferiu matricular o filho no Ensino Médio em uma escola particular e com forte apelo católico a matriculá-lo no Instituto Federal em que fora aprovado. Na cidade o IF ficou conhecido por ser um “antro de prostituição e lesbianismo”, conforme relatou. Elias, pastor da Igreja Quadrangular, 44 anos, também proibiu o filho de cursar Direito numa universidade estadual e preferiu matriculá-lo numa faculdade privada. Quando lhe questionei o motivo foi objetivo e conciso:

As universidades públicas estão cheias de professores comunistas que estimular o homossexualismo, o fim da família, a perseguição aos crentes, ideologia de gênero. Eles convencem os alunos com um discurso bonito, polido, e quando você percebe seu filho já não é mais o mesmo.

Além do fato de serem pastores, se declaram de direita, conservadores e apoiadores do presidente Bolsonaro. Enquanto o pastor da Quadrangular, e arminiano, manteve-se mais discreto, o pastor João Silva, calvinista, mobilizou fiéis de sua congregação igreja a votarem em Bolsonaro, acirrando tensões preexistentes com membros do conselho da igreja, além de ter sido bastante ativo nas redes sociais compartilhando inclusive conteúdos inverídicos largamente difundidos por grupos bolsonaristas, participou de grupos de WhatsApp com outros pastores presbiteriano, o qual, apesar de ter ouvido um outro relato, não consegui acesso, postou foto fazendo

arminha, dentre outras posturas associando, por vezes, a sua autoridade pastoral e espiritual para lidar com temas e posicionamentos político-ideológicos.

A par desses dados, uma das primeiras percepções é a de que os cristãos protestantes, quer arminianos, calvinistas, outro ou não soube opinar, quando se declararam como de esquerda não viram a universidade enquanto ameaça para os jovens, e entre as que se declaram de centro disseram-se mais alinhadas à direita, exceto uma que disse estar mais alinhada ao centro. Note-se, ainda, que nenhum daqueles que se declararam progressistas viram a universidade como ameaça aos jovens. Considero que parte disso se deve ao modo como significam o que é ser conservador, não como uma ideologia, mas como qualidade intrínseca do cristianismo, tornando ser conservador como sinônimo de ser cristão.

Aliás, a dificuldade em se reconhecer o conservadorismo enquanto ideologia política não está restrita apenas ao campo religioso, mas também entre os próprios proponentes do conservadorismo. É caso de Oakeshott (2016), quem afirmou existir uma “conduta conservadora”, isto é, consiste numa predisposição humana, e como tal, dispensa elaborações teóricas. Ou seja,

Ser conservador é estar inclinado a pensar e agir de certas maneiras; significa preferir alguns tipos de condutas e circunstâncias de condições humanas a outras; é ter uma tendência a fazer alguns tipos de escolha [...] Ser conservador é, pois, preferir o familiar ao estranho, preferir o que já foi tentado a experimentar, o fato ao mistério, o concreto ao possível, o limitado ao infinito, o que está perto ao distante, o suficiente ao abundante, o conveniente ao perfeito, a risada momentânea à felicidade eterna. Relações familiares e lealdades têm preferência sobre o fascínio pelas alianças de momento; comprar e aumentar é menos importante do que manter, cultivar e aproveitar; a tristeza da perda é mais aguda do que a empolgação pela novidade e pela promessa. (OAKESHOTT, 2016).

De igual modo, Kirk (1993) chega a afirmar que o conservadorismo é a *antítese da ideologia*, ante a ausência de um texto fundacional que o sustente, sendo mais próximo a um sentimento, uma atitude, um conjunto de opiniões. Scruton (2014) reconhece a existência de dois tipos de conservadorismo, um *metafísico* e outro *empírico*. O primeiro consiste na crença em coisas sagradas e no desejo de defendê-las de sua desmoralização ou contra seu esfacelamento. Esteve presente em todos os tempos e momentos da História, associado aos relacionamentos humanos. Já o conservadorismo empírico, tem natureza reacionária e está atrelado a reação contra as mudanças introduzidas pela Reforma e pelo Iluminismo, destacando-se como uma defesa coletiva de boas coisas que devem ser preservadas. Em ambos há um

sentimento compartilhado por todas as pessoas maduras de que “boas coisas são facilmente destruídas, mas dificilmente criadas” (SCRUTON, 2014, p. 52).

Entretanto, nem todos os autores conservadores<sup>54</sup> negam ao conservadorismo seu caráter ideológico. Huntington (1952) define-o como uma *ideologia posicional* (ou reativa), ou seja, difere das ideologias que chama de *ideacionais*, permanecendo latente até o surgimento de ameaças ao estado de coisas e valores a serem preservados. Essa parece ser a posição de Coutinho (2014, p. 29), quem defende o conservadorismo como uma *ideologia emergencial*, pois “emerge em face de uma ameaça específica de caráter radical; e porque o faz quando essa ameaça põe em risco os fundamentos institucionais da sociedade”.

Não resta dúvida de que há grande dificuldade em se conceituar conservadorismo (CUNHA, 2015). Lee (2012) afirma que essa dificuldade pode ser explicada pela existência de conservadorismos. Em mesmo sentido, Coutinho (2014, p. 9) afirma que sua existência plural se deve “as diferentes expressões da ideologia no tempo e no espaço”. Por sua vez, Müller (2006) ressalta que as dificuldades são três: a) a ausência de textos fundacionais, ressaltando que mesmo as *Reflexões sobre a Revolução Francesa*, de Edmund Burke, considerado o texto fundador, não é capaz de sistematizar o conservadorismo; b) a aversão dos conservadores por definições universais (ou universalizantes), e; c) a aversão dos conservadores ao racionalismo, “entendido como uma subversão da razão” (COUTINHO, 2014, p. 35).

Apesar da referida dificuldade conceitual, a relação entre conservadorismo e religião permanece firme, porém não de qualquer religião, notadamente as grandes tradições monoteístas, como cristianismo, judaísmo, budismo e islamismo. Kirk (2021) diz que “não poderia haver conservadorismo sem uma base religiosa, e, em nossa era, são os conservadores que majoritariamente defendem a religião”, e invoca os pais fundadores dos Estados Unidos enquanto homens religiosos para associar que as bases em que se assentam a nação são o conservadorismo e o cristianismo.

“Sabemos e sentimos internamente que a religião é a base da sociedade civilizada, e a fonte de todo bem e todo conforto”, escreveu Edmund Burke. [...] o conservador é a pessoa que vê a sociedade humana entre Deus e o homem, e entre as gerações que já passaram, a geração que vive agora e as

<sup>54</sup> Quanto aos autores conservadores, Lee (2012) afirma que faz parte dessa tradição de escritores conservadores, a partir do Pós-Segunda Guerra, compõem um cânon conservador, que serviu para moldar retóricas e práticas dos conservadores norte-americanos, os seguintes autores: Barry Goldwater, Friedrich Hayek, Whittaker Chambers, Richard Weavers, William F. Buckley, Russel Kirk, Robert Nisbet, Milton Friedman e Frank Meyer. No Brasil, há uma grande repercussão das obras de Hayek, Kirk, Nisbet e Friedman, bem como de Edmund Burke e Ludwig Von Mises, não listados por Lee (2012), mas bastante discutido entre os conservadores brasileiros (CUNHA, 2015).

gerações que ainda estão por vir. É possível conceber tal contrato e ter um senso de dívida para com nossos antepassados e de dever para com nossa posteridade, mas só se, antes, houver um pleno senso de sabedoria e poder eternos. [...] O conservador religioso está convencido de que tem um dever a cumprir diante da sociedade, e de que o governo justo é governado pela lei moral, uma vez que, à sua maneira humilde, o ser humano participa da natureza divina e do amor divino. O conservadorismo acredita que o temor de Deus é o princípio da sabedoria. (KIRK, 2021, s. p.)

Em certa medida, esse pensamento corrobora a crença difundida no cristianismo de que não há sabedoria fora de Deus, e, por conseguinte, toda a bondade, todo o conhecimento científico deve ser posto a serviço da crença<sup>55</sup>.

### 5.2.2 O conservadorismo é o Evangelho

Quando estava em trabalho de campo na congregação presbiteriana, percebi, em vários momentos, esse desprezo pelos “especialistas”, mormente, em temas políticos e sociais. Ainda que as evidências e dados comprovassem o oposto do que afirmavam havia resistência e, na maioria das vezes, quem o afirmasse via-se vencidos. Retomo aqui a fala de Jonas, supramencionada, presbítero da igreja presbiteriana, professor, advogado e mestre em Ciência Política:

Existe uma convergência entre o que é político e o que é religioso. [...] O processo político das eleições gerais agora em 2018, é um processo que foi bem diferente. A igreja evangélica brasileira, porque as pessoas anteriormente tinham até um partido, tinham até uma preferência, mas isso não em ares institucionais. Mas nas eleições 2018 a gente viu igrejas aderirem institucionalmente. A minha igreja não aderiu institucionalmente. Igrejas neopentecostais declararam voto aberto, e igrejas tradicionais pentecostais, sim, como Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, **mas igrejas como a Igreja Presbiteriana fizeram coro, de forma um pouco mais contida, mas fizeram coro**. Eles não abriram a carta, não tiveram por meio de seu presidente a declaração de apoio a um candidato, **mas a gente via que as orientações eram de buscar algum candidato que tivesse afinidade ou proximidade com os princípios cristãos** [pausa]. E ao que eu vejo, [balança a cabeça sorrindo] nenhum deles. Mas a igreja adotou um, né? A igreja evangélica brasileira, pelo menos a que [pausa], é hegemônica, e muitos, ela adotou um candidato oficial, que é o Jair Messias Bolsonaro. Então, nessa perspectiva, até hoje tem quem defende com unhas e dentes **sobre qualquer evidência** de que ele é uma pessoa limpa, pura, que foi um homem separado por Deus, que reflete os valores cristãos e que é mal compreendido pelo *establishment*, e é por isso que o perseguem, e não pelas

<sup>55</sup> Eis um dado que não julguei relevante e por isso não detalhei ou anotei as vezes que ocorreu, mesmo sendo comum a sua difusão nas igrejas. Recordo de uma palestra dada pelo Rev. Augustus Nicodemus durante o Encontro da Consciência Cristã, em Campina Grande, no ano de 2014, quando explicando o conceito de graça comum na carta de Paulo aos romanos disse que Darwin acertou quando constatou a evolução, mas erra ao falar em macro evolução. De igual modo, segundo o reverendo, Marx acertou em várias de suas críticas ao capitalismo, mas erra ao propor uma escatologia sem Deus, negando a natureza decaída do humano maculada pelo mal, propondo um paraíso terreno e comunista. Essa revelação é dada por Deus, compõe a revelação geral, isto é, a revelação de Deus por meio da criação. Assim, o que excede a essa revelação não vem da parte de Deus.

práticas de crime que ele e sua família tem realizado. Então assim, isso tem tudo a ver com a igreja porque essa é a visão que a igreja forjou na membresia. Os membros foram forjados com a concepção de que Jair Messias Bolsonaro é um enviado da parte de Deus.

Chama a atenção quando Jonas destaca que há uma “defesa com unhas e dentes sobre qualquer evidência”. Ora, o que ele quis dizer? Não há mais chance de diálogo? Em parte, percebo em sua fala uma certa frustração, o que se corroborou adiante ao relatar, meses depois, ter adotado uma estratégia de silenciamento, parou de argumentar. Nesse aspecto, “sobre qualquer evidência” também aponta para o desgaste instaurado na congregação – e arrisco dizer em várias igrejas – desde as últimas eleições presidenciais, resultando numa atmosfera hostil, perceptível aos que membros, e bem demarcado pelo que já não pode ser dito.

Em certa medida, esse ambiente hostil se agravou, sobretudo, naquelas igrejas cujo líderes esboçavam o mesmo posicionamento e ideologia política. Fazendo uma comparação entre a postura de dois pastores presbiterianos que observei numa mesma cidade, ambos declarando-se de direita e conservadores, revelando abertamente sua escolha de voto em Jair Messias Bolsonaro, com retórica anticomunista, tomando como referência para se informar canais como *Terça Livre*, *Brasil Paralelo*, *Augusto Nunes*, *Jovem Pan*, *Olavo de Carvalho*, além de grupos bolsonaristas em redes sociais virtuais notabilizados pela difusão de desinformação (FREIXO; PINHEIRO-MACHADO, 2019). Porém, um mais aguerrido, inclusive nas atividades eclesiais e outro com postura mais discreta. A diferença de postura, à luz do que observei, não fez qualquer diferença quanto ao clima de animosidade e tensão entre membros com posicionamentos políticos diversos.

O segundo aspecto é quanto à narrativa. Existe uma narrativa empregada para delimitar o bem e o mal, o certo e o errado, e as evidências, bem como a elaboração da realidade social a partir de uma racionalidade científica, de um certo academicismo contesta e põe em risco a legitimidade do que se é narrado. De um modo geral, quem tentou contestar com fatos e argumentos acabou sendo rebatido ou atacado. Mesmo a coisa mais absurda é relativizada, revista, reelabora para se encaixar na narrativa construída para reforçar o lugar da direita como uma premissa da sacralidade cristã. E tanto faz se se coloca horário de verão na conta do diabo (Fig.03), proposta largamente defendida pelo então candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro; ou o próprio Deus na lista de totalitários.

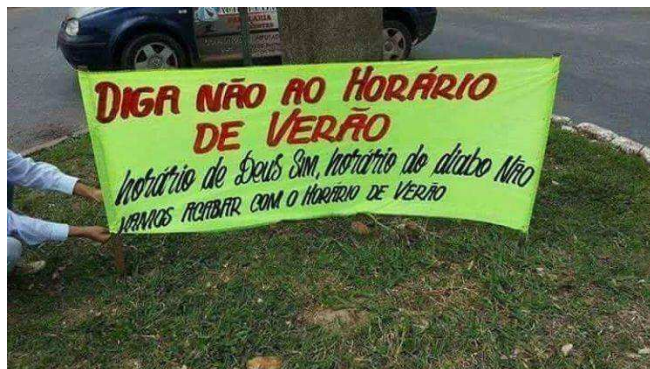


Fig. 09 – Diga não ao horário de verão (2017). Fonte: Desconhecida (Instagram)

Confesso minha total incapacidade de compreender a relação entre o horário do verão ser do diabo, mas penso que ilustra bem a convicção a despeito de quaisquer evidências em contrário, bem como de não representar o pensamento de boa parte dos evangélicos.

Quanto a questão de Deus ser totalitário, é comum que após os cultos os crentes se reúnam em lanchonetes ou restaurantes para almoçar ou lanche, haja vista que o horário de término coincide, pelas manhãs, com o de almoço, e à noite, como o início, por vezes, coincide com o do jantar, é comum ao término sair para comer e confraternizar. Pois bem, num almoço de domingo, ainda nos primeiros meses de 2019, numa semana em que a Polícia Militar do estado de Rio de Janeiro implementava a política de tolerância zero do governo Witzel, que era à época aliado e apoiado pelo presidente Bolsonaro. O governador que afirmou, em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo (PENNAFORT, 2018), que “O correto é matar o bandido que está de fuzil. A polícia vai fazer o correto: vai mirar na cabecinha e... fogo! Para não ter erro.”, passou a ser criticado e questionado sobre uma política de segurança que prioriza o extermínio à legalidade – que é de todo uma novidade nas políticas de segurança no estado do Rio de Janeiro (ZACCONE, 2015) –, ao revés de primados da ordem jurídica ocidental como a presunção de inocência e o devido processo legal.

Durante um desses almoços após um culto matinal, o assunto sobre as mortes e ações policiais foi ventilado por uma das pessoas à mesa, a quem chamarei de Mateus, quem afirmou que não há como algo desse tipo ser legítimo, tampouco cristão. O pastor que estava à mesa saiu em defesa do governador alegando que não via problema em a polícia matar pessoas sem julgamento prévio, dizendo que numa guerra é normal que pessoas inocentes morram, um dano colateral de responsabilidade dos bandidos e não da polícia. Mateus respondeu que esse tipo de política é comum a governos totalitários. Para a surpresa de seus interlocutores, o



pastor afirmou com tremenda convicção e quietude que Deus é totalitário, invocando a Bíblia para legitimar seu argumento: *“Se você voltar ao Velho Testamento, vai ver Deus ordenando que os seus inimigos fossem exterminados, até as crianças, mulheres e animais. Pra mim, é claro que Deus é totalitário”*. Ivan, outro membro da igreja que estava junto, tentou explicar que o totalitarismo era um conceito recente e não cabia ao contexto usado pelo pastor. Mateus fez uma citação genérica a Hannah Arendt afirmando que nomes como os de Hitler, Mussolini e Stálin eram líderes totalitários, e acrescentando que o totalitarismo tanto pode ser de direita quanto de esquerda. Sabendo que o pastor entendia o fascismo e o nazismo como movimentos de esquerda, perguntou se estaria colocando Deus como esquerda. A resposta do pastor foi: *“Deus não é nem de direita, nem de esquerda. Só me interessa o que está na Bíblia. E, segundo a Bíblia, Deus é totalitário”*. Esse recurso foi utilizado por ele algumas vezes como forma de encerrar discussões que se viu vencido por falta de argumentos.

Recorrer a Bíblia é um meio de desfazer o argumento do adversário por invocar uma autoridade incontestável. Ora, a Bíblia é a Palavra de Deus, o testamento deixado pelo Todo Poderoso a humanidade, e é utilizada como autoridade máxima para quaisquer temas. Nesse sentido, creem que ela está fora da cultura, bem como não submissa ao tempo e espaço. Desconsideram, portanto, que a Bíblia é, em verdade, a palavra de seus intérpretes.

Mesmo submetendo o argumento do pastor às próprias regras básicas da hermenêutica bíblica este parece não resistir, que partem de um preceito fundamental: a Bíblia é a sua própria intérprete. Assim, formulam-se as seguintes regras: a) É preciso o quanto seja possível, tomar as palavras em seu sentido usual e comum; b) É de todo necessário tomar as palavras no sentido que indica o conjunto da frase; c) É preciso tomar as palavras em seu sentido indicado no contexto; d) É preciso tomar as palavras considerando o objetivo do livro, e; e) É necessário consultar as passagens paralelas, ou seja, texto que tratem do mesmo assunto que o texto em questão (MELLO, s.d.). Há um destaque para a terceira regra que manda considerar o contexto em que as palavras foram empregadas, a quem aquele relato é dirigido. No caso, se se tomar os textos veterotestamentários da conquista da terra pelos hebreus, quando Deus ordenou o extermínio de seus inimigos, não havia Estado, tampouco autoridades políticas constituídos que justifiquem a ideia de totalitarismo naquele contexto de modo a propiciar a aplicação do texto para legitimação da política

de extermínio empregada pelo governo do Rio de Janeiro. Contudo, nada parece fazer diferença, uma vez que a discussão foi deflagrada pelo recurso à autoridade bíblica.

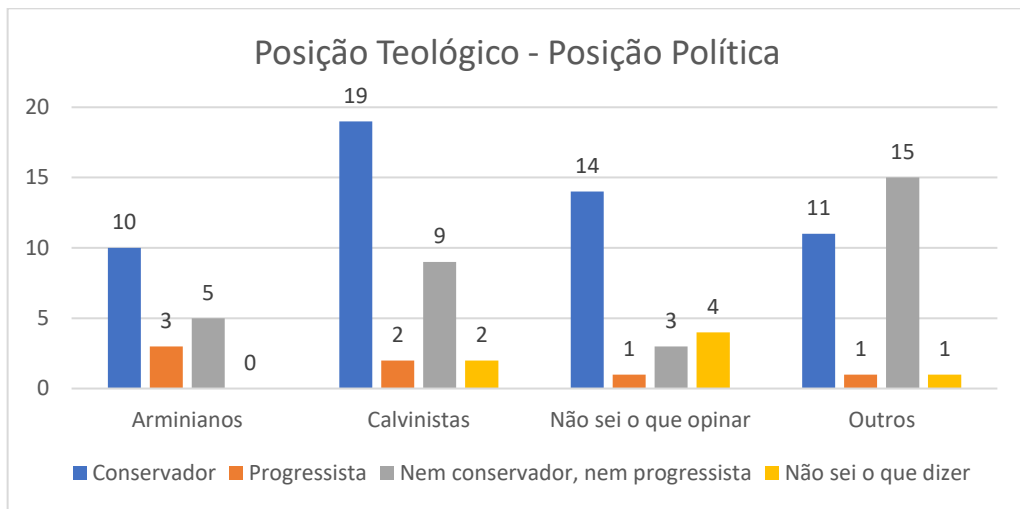


Gráfico 07 – Relação entre posição teológica e posição política. Fonte: Elaboração própria.

Afinal, o que os evangélicos entendem por conservadorismo? Existe distinção entre a posição teológica e política quanto ao modo como significam conservadorismo?

Entre as 18 (dezoito) respostas obtidas por quem se declarou *arminiano*, 10 (dez) foram para *conservador*, sendo (02) duas do gênero feminino e 08 (oito) do gênero masculino; 03 (três) para *progressista*, 02 (duas) do gênero masculino e apenas 01 (uma) do feminino; 05 (cinco) que disseram *não se considerar conservador, nem progressista*, sendo 02 (duas) do gênero feminino e 03 (três) do gênero masculino; e nenhuma resposta para *não sei o que dizer*. Para os arminianos – do gênero masculino –, ante a pergunta *Para você, o que significa ser conservador?*, responderam: *“Prezar pela liberdade e valorizar os valores cristãos, e tradições familiares.”*; *“é [sic] valorizar a família”*; *“Conservar as tradições, questioná-las e reformá-las de acordo com a necessidade, por um processo não revolucionário”*; *“Sociedade voltada a família, valores cristãos”*; *“Defender valores alinhados aos valores cristãos e a não liberação de movimentos ligados à esquerda como parâmetro para toda a sociedade”*; *“Uma pessoa que defende a manutenção das instituições sociais e a preservação na política dos direitos à democracia.”*, e; *“Aquele que conserva os padrões”*. Por sua vez, entre as arminianas – do gênero feminino – foram dadas as seguintes repostas: *“Optar pela conservação dos valores tradicionais da sociedade”*, e; *“Manter padrões biblicamente aceitos”*.

Entre calvinistas foram dadas 32 (trinta e duas) respostas, das quais: 19 (dezenove) foram para *conservador*, sendo 16 (dezesesseis) entre os do gênero masculino e 03 (três) entre as do gênero feminino; apenas 02 (duas) respostas para *progressista*, sendo 01 (uma) do gênero masculino e 01 (uma) do feminino; 09 (nove) disseram *não se considerar conservador, nem progressista*, sendo 04 (quatro) do gênero feminino e 05 (cinco) do gênero masculino; e 02 (duas) pessoas responderam *não sei o que dizer*, sendo todas do gênero feminino. Para as calvinistas ser conservadora significa: “*Não me identifico com as políticas que apoiam a legalização do aborto, os pensamentos socialistas e comunistas, a verdadeira raiz do feminismo, a liberação do casamento e adoção por casais gays etc.*”; “*Alguém que segue princípios baseados na Bíblia*”; e “*Manter e defender os princípios morais judaico-cristão*”. Já entre os calvinistas, ser um conservador significa: “*no [sic] meu caso, alguém que não concorda com algumas idéias [sic] práticas libertinas tais como liberação ou legalização do aborto, drogas, etc.*”; “*Conservar mais do que transformar, sem eliminar este último.*”; “*Acredita que valores não precisam se adequar ao tempo.*”; “*Ser sólido nas convicções*”; “*Uma pessoa mais segura para novidades. Dedicado mais as [sic] costumes tradicionais, familiares, etc.*”; “*Alguém que preserve princípios clássicos quanto a moralidade e vida comum social*”; “*Alguém que mantém os princípios tradicionais da família e da sociedade*”; “*Tento não me envolver expondo as minhas ideias, busco ter as minhas convicções e percebo que sempre há coisas boas e ruins independente dos lados políticos.*”; “*Alguém com uma visão de mundo pautada pela ética judaico-cristã*”; “*Mantém padrões morais mais voltados para a cosmovisão judaico cristão, não liberal.*”; “*Zelar pelos costumes e tradições cristãs [sic].*”; “*No meu ponto de vista, resguardar princípios.*”; “*É ser moderado quanto a costumes e religião*”; “*Respeitar os costumes familiares, preservando os bons costumes, aliada a cosmovisão bíblica.*”; “*Ser cético em relação às mudanças.*”; “*Alinhado com alguns princípios, diferente de um Progressista*”.

Entre os que não souberam dizer se são arminianos, calvinistas ou outro foram dadas 22 (vinte e duas) respostas, das quais: 14 (catorze) foram para *conservador*, sendo 07 (sete) entre os do gênero masculino e 07 (sete) entre as do gênero feminino; apenas 01 (uma) resposta para *progressista*, sendo do gênero masculino; 03 (três) disseram *não se considerar conservador, nem progressista*, sendo 02 (duas) do gênero masculino e 01 (uma) do gênero feminino; e 04 (quatro) pessoas responderam *não sei o que dizer*, 01 (uma) do gênero masculino e 02 (duas) do gênero feminino.

Para tanto, os do gênero masculino responderam ser conservador significa: “A pessoa que acredita em princípios sólidos e de liberdade religiosa”; “Pressa [sic] pela ordem e bons costumes”; “Guarda os princípios da palavra e a tradição da família tradicional”; “Significa manter os valores judaicos cristãos”, e; “Pensamento mais tradicional, bíblico, diferente do ‘normal’ de hoje”. Já entre o gênero feminino: “Defender valores judaico-cristãos os quais defendem a família, os direitos individuais e de propriedade, respeito e amor a Pátria e as autoridades constituídas, liberdade religiosa, de e pressão e de imprensa, economia de livre mercado sem a interferência e controle direto do governo”; “Conservar tradições, o que foi feito de bom no decorrer dos anos. No quesito familiar [sic], nas leis, na educação, exceto claro na economia”; “A favor das tradições”; “Alguém que acredita e defende valores cristãos”; “Não se amolda em movimentos revolucionários”; “Significa se identificar com o que é tradicional, como a família, costumes da sociedade e a religião. Contudo, em alguns pontos, eu particularmente, penso bem diferente do conservadorismo”, e; “Defender valores tradicionais sobre Pátria, família e religião”.

Por fim, entre os que optaram pela categoria *outro*, obteve-se 31 (trinta e uma) respostas, das quais: 11 (onze) foram para *conservador*, sendo 09 (nove) entre os do gênero masculino e 02 (duas) entre as do gênero feminino; 04 (quatro) respostas para *progressista*, sendo 03 (três) do gênero masculino e apenas 01 (uma) do gênero feminino; 15 (quinze) disseram *não se considerar conservador, nem progressista*, sendo 09 (nove) do gênero masculino e 06 (seis) do gênero feminino; e apenas 01 (uma) pessoa respondeu, do gênero masculino, *não sei o que dizer*. Para tanto, os do gênero masculino responderam ser conservador significa: “Aquele que defende as instituições tradicionais relacionado a cultura”; “Uma ideologia política e social que defende a manutenção das instituições”; “Defender os princípios judaicos cristão [sic]”; “Alguém que mantém valores cristãos e morais”; “Defensor dos valores Cristãos, do evangelho”; “É alguém que defende ideais morais e cívicos e cristãos”; “Gostar de ver as coisas acontecendo dentro de parâmetros preestabelecidos dentre [sic]”, e; “Defende tudo a ver com família tradicional termos bíblico”. Por sua vez, entre o gênero feminino ser conservador significa: “Prezar bases da família”, e; “Significa conservar a família, os valores, o direito e a pátria”.

Os diferentes posicionamentos teológicos não apresentam distinção relevante quanto ao significado do que compreende por conservador. A associação entre conservadorismo e cristianismo se faz presente em todas as categorias, o que

corroborar uma percepção que havia observado no campo a confusão entre evangelho e conservadorismo.

Foi no ano de 2017, nunca conversa com Bartolomeu, pastor de uma igreja que fundou em Santa Catarina, com suporte de uma igreja presbiteriana, um jovem entre 25 e 30 anos, casado, com um casal de filhos com idades entre três e seis anos, branco, classe média alta, que me disse, de maneira convicta e objetiva que “*O Evangelho é o conservadorismo*”. Alguns dias depois me dei conta de uma mudança significativa na convicção de Bartolomeu, pois coisa de um ano, um ano e meio antes, havia me falado nos bastidores da gravação de um podcast que “*O calvinismo é o Evangelho*”. Entrei em contato novamente, e o questionei acerca dessa mudança, ao que calmamente respondeu não se tratar de uma mudança, mas de que “*O calvinismo é conservador e o Evangelho também*”. Simples assim. Um jogo de sinônimos, de significados que se confundem ou complementam.

Uma segunda ocasião em que ouvi a mesma sentença deu-se por ocasião de churrasco na casa de um dos membros da igreja em que realizei pesquisa de campo. Durante uma conversa, cujo tema era política, o pastor, o mesmo que viria a afirmar que Deus é totalitário, discutia com um membro da igreja, que é professor e me disse se considerar como liberal e politicamente de centro, sobre ideologia de gênero nas escolas<sup>56</sup>. Argumentava: “*Os gays dominam a Educação, todo mundo sabe. Eles querem dizer que é normal um homem dormir com outro homem. Eu nunca vou aceitar isso como normal. É uma aberração, isso sim*”. O professor dizia que as coisas não eram assim, até que acabou por dizer: “*Pois eu conheço um monte de veado de esquerda que é melhor que um mói de crente conservador*”. Ao que retrucou o pastor ironicamente, a priori, e, em seguida, em tom de repreensão: “*Pois você tá muito certo! O Evangelho é o conservadorismo*”.

---

<sup>56</sup> Quando perguntado no questionário se acham a ideologia de gênero nociva à sociedade, de 75 (setenta e cinco) repostas obtidas, 66 (sessenta e seis) foram afirmativas, sendo 20 (vinte) negativas e 18 (dezoito) que não souberam o que responder. A compreensão da ideologia de gênero pelos calvinistas que se a compreendem como nociva encontra explicações diversas, mas em geral atinam ao aspecto genitalizante da definição do gênero, sob o argumento criacionista e de ordem divinamente estabelecida. Há ainda respostas que apontam para suposta catequizaçã/doutrinação pelas universidades e escolas com vistas a converter crianças em homossexuais. Algumas são marcadas pela beligerância e intolerância – “No brasil a sociedade e [sic] conservadora, não vamos aceitar essa ideologia”; “Ela é totalmente insana. Vai contra a fisiologia do corpo, vai contra a lei de Deus.” – ou acusações de ser antibíblica – “Estimula a pensamentos e comportamentos contrários ao que a bíblia ensina.”; “Destroi [sic] os princípios bíblicos dw [sic] macho e femea [sic]”; “desconstruindo os preceitos bíblicos e trazendo como verdade algo que não é fundamentado biblicamente.”; “A referida ideologia distorce a ordem criacional. Atinge as bases do modelo de família, rompendo com valores essenciais ao desenvolvimento saudável de uma sociedade.”

Destarte, o conservadorismo, como o significam aduz não apenas a uma posição política aceitável, mas como a única estabelecida por Deus, e, por conseguinte, sagrada. Ser de esquerda é sinônimo de ser progressista, de defender valores anticristãos, antibíblicos e, portanto, do diabo. E o diabo é um símbolo potente para demarcar os limites morais entre aqueles que são os verdadeiros e os falsos cristão, declarando que os que são de direita e conservadores são de Deus, e os de esquerda e “progressistas” são do diabo, os do bem que estão do lado de cá e os do mal que estão do lado de lá.

### 5.2.3 Aborto é do diabo

*O indizível horror que permeia nossa memória coletiva do Holocausto (ligado de maneira fortuita ao premente desejo de não encarar essa memória de frente) é a corrosiva suspeita de que o Holocausto possa ter sido mais do que uma aberração, mais do que um desvio no caminho de outra forma reto do progresso, mais do que um tumor canceroso no corpo de outra forma sadio da sociedade civilizada; a suspeita, em suma, de que o Holocausto não foi uma antítese da civilização moderna e de tudo o que ela representa (ou pensamos que ela representa). Suspeitamos (ainda que nos recusemos a admiti-lo) que o Holocausto pode ter meramente revelado um reverso da mesma sociedade moderna cujo verso, mais familiar, tanto admiramos. E que as duas faces estão presas confortavelmente e de forma perfeita ao mesmo corpo. O que a gente talvez mais tema é que as duas faces não possam mais existir uma sem a outra, como verso e reverso da moeda.*

Zygmunt Bauman

O aborto é uma das bandeiras morais mais conhecida entre os evangélicos, incluindo os calvinistas. A possibilidade de aborto e de sua descriminalização sempre permeou conversas, pregações e ensino entre as igrejas evangélicas. no mesmo patamar, e não raro os que passam por uma situação crítica, como a de uma gestação com má formação fetal, a utilizam em testemunhos que reforçam a convicção solene

de que Deus é soberano sobre todas as coisas<sup>57</sup>. A intenção desses testemunhos é reforçar a ideia de que, mesmo quando possível a interrupção da gestação, há a alternativa de ser fiel aos preceitos bíblicos optando pelo prosseguimento da gestação. Em geral, se invoca ideias como fidelidade, amor, graça, misericórdia e consolo divinos para sustentar, mesmo em meio ao sofrimento, que Deus é senhor e rei.

O aborto nem sempre foi criminalizado. A Antiguidade greco-romana considerava o embrião *pars viscerum matris*, e como parte do corpo feminino a gestação poderia ser interrompida sem dramas ou dilemas morais. Nem mesmo sob a ascensão do cristianismo no medievo houve consenso quanto a sua. Agostinho, durante um período, defendeu que antes da ocorrência de movimentos fetais perceptíveis poderia haver a interrupção da gestação, pois a ausência desses movimentos era compreendida como ausência do sopro de vida divino no ventre materno. É num segundo momento que se passa a sua condenação, dada com pena capital em diversos países europeus. Em meados do início do século XX, é que as legislações ocidentais começam a relativizar a sua criminalização, incluindo em suas codificações hipóteses de interrupção legal, como nos casos de gravidez resultante de estupro e de risco de vida à gestante. Ao longo do século, mormente em seu último quarto, vem se ampliando as possibilidades de interrupção da gestação ou mesmo a sua descriminalização (DINIZ, 2012). Esse processo tem provocado reações contrárias, além de pressão sobre os poderes estatais, sobretudo, o Legislativo. Assim, as cortes constitucionais têm desempenhado papel decisivo para a proteção dos direitos da mulher quanto a interrupção lícita da gestação, em especial ante a omissão do Legislativo, temendo a impopularidade trazida pela decisão.

O tema do aborto tem sido relevante para conquistar o voto evangélico, ao menos, desde as eleições presidenciais de 2010 (MACHADO, 2012). Além disso, com as organizações de juristas evangélicos surgidas nos últimos anos, principalmente entre calvinistas, a atenção também recai sobre o Supremo Tribunal Federal (NEVES, 2022).

Quando questionado se seriam a favor da descriminalização do aborto, cerca de 85% (oitenta e cinco por cento) foram que *não*, corroborando o que já se evidenciava. Apenas 6% (seis por cento) foram favoráveis a descriminalização, e

---

<sup>57</sup> Optei por não descrever alguns desses testemunhos que colhi durante a pesquisa para preservar o reconhecimento das pessoas, haja vista a peculiaridade das situações descritas.

somente duas, das trinta e três respostas, foram favoráveis apenas em algumas situações, a saber: “*Apesar de ser contra o aborto, a descriminalização apenas em casos de má-formação, risco de vida ou consequência de estupro*” e “*Nos casos de estupro, risco de vida para mãe e o bebê*”, ou seja, nas hipóteses previstas no artigo 128, I e II, do Código Penal brasileiro, reconhecidas desde 1942, de gravidez resultante de estupro e risco de vida à mãe, lembrando que o consentimento da mulher só é exigido na primeira hipótese, cabendo ao médico a decisão na segunda hipótese, e; a hipótese de má-formação fetal incompatível com a vida extra-uterina, consagrada através de decisão do Supremo Tribunal Federal, datada de 2012, nos autos da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental n.º 54/2004.

Para 25 (vinte e cinco) das 33 (trinta e três) respostas obtidas no questionário aplicado, o aborto não é uma questão política, ou seja, não pode ser posta em discussão por se tratar de um mandamento divino, pois a vida humana, em qualquer estágio, é considerada sagrada e, por conseguinte, indisponível ao homem. Aos 08 (oito) que responderam que o aborto é uma questão política perguntei se seria de direita ou esquerda. Metade não soube opinar, um respondeu ser uma questão de direita e três de esquerda.

Quando questionados se votariam em um candidato – a cargos no Executivo e Legislativo – que defendesse abertamente o aborto, 22 (vinte e duas) respostas disseram que *não*, 04 (quatro) responderam *sim* e 07 (sete) responderam *depende*. Estes justificaram-se da seguinte maneira: “*Das circunstâncias, motivos, caráter do candidato*”; “*Do conjunto de propostas*”; “*Do quão pior fosse o candidato adversário*”; “*Essa defesa não seria o limite de escolha do meu candidato*” e “*Vejo que existem muitas outras situações de conceitos éticos, valores e princípios, que devem ser analisados e muitas vezes como cidadão penso que somos levados a votar no (MENOS RUIM) em meio ao contexto político em nossa nação*”. Destaco, em particular, as respostas que consideram como critério de escolha o candidato “menos ruim”, evidenciando que a escolha não recai sobre a proposta em si e sim em aspectos pessoais, subjetivos.

A defesa da proibição do aborto transcendeu a mera questão moral, baseada na sacralidade da vida humana, e reveste-se de aspectos políticos. A formação de organizações de juristas cristãos, incluindo membros da advocacia, Ministério Público e Poder Judiciário, com realização de congressos e reuniões em conferências religiosas – como ocorre no Encontro para Consciência Cristã, em Campina Grande;



a publicação de cartas com orientações sobre em que tipo de candidato votar, incluindo advertência quanto aos que não defendem ou se posicionem explicitamente quanto ao aborto; a ampla publicação de posts em redes sociais digitais, inseridos entre aqueles que versam sobre questões teológicas, de usos e costumes, comportamentos cristãos e política, sem estabelecer qualquer distinção entre uma e outra coisa, como se fossem de mesma ordem e relevância, e, com frequência, sustentado com versículos bíblicos – como o faz André Mendonça no julgamento supramencionado –, denota que a narrativa construída e articulada pelos evangélicos calvinistas é no sentido de estabelecer como sagrado, como imprescindível a moralidade e identidade cristãs a adesão a um dado posicionamento político – conservador e de direita.



Fig. 14 – Quem defende o aborto é falso cristão. Fonte: Renato Vargens (*Instagram*).

Um cristão defensor do aborto – ou com ele favorável – não é considerado um cristão verdadeiro, mas um falso cristão. Esse argumento é reforçado pela equiparação do aborto ao Holocausto. A ideia, ao que me parece, não é colocar os embriões na posição de vítimas do Holocausto, mas imprimir aos que praticam a interrupção da gestação o *status* de homicidas, de genocidas frios e calculistas. Recorrer ao Holocausto é reiterar o modo como se construiu a sua narrativa, enquanto um mal sagrado, um trauma cultural, e, nesse sentido, algo a ser evitado a todo custo. Sua autoria ignóbil é digna de rejeição e condenação. Há uma guerra posta, e a causa última é a defesa dos valores cristãos.

Essa relação é explícita em vídeo publicado no canal *Dois Dedos de Teologia*, do pastor e teólogo Yago Martins, intitulado *Não votem no Hitler*. A miniatura destaca o título e traz uma foto de Bolsonaro. A intenção é atrair *clicks*, vez que durante a

campanha eleitoral ele era sempre associado a nomes como fascista, autoritário, amante de ditadura.



Fig. 15 – Não votem no Hitler. Fonte: Dois Dedos de Teologia (YouTube).



Fig. 16 – Ainda há quem vote em Hitler. Fonte: Dois Dedos de Teologia (YouTube).

Martins (2018) declara ao longo do vídeo:

Quando Hitler se tornou chanceler da Alemanha, em 30 de janeiro de 1933, o índice de desemprego chegava a quase 30%. Ao fim de 1935, dois anos depois, o desemprego estava acabando na Alemanha. Ao final da década de 30, praticamente todos estavam empregados e os preços eram estáveis. Galbraith disse que esta era uma realização absolutamente única para o mundo industrial. Depois vieram o controle de salário, de preço como todo bom governo nacionalista e socialista, mas essa é outra conversa. É praticamente consenso que Hitler foi um fenômeno econômico para o seu tempo, mesmo assim eu não votaria em Hitler. Ninguém que se preze votar em Hitler. Não digo isso caso fosse um alemão em 1933, mas se ele aparecesse hoje com todas as suas ideias claras e conhecidas, não há crescimento econômico que justifique um milhão de crianças, dois milhões de mulheres e 3 milhões de homens judeus mortos. Além dos cinco milhões de não judeus, principalmente eslavos, geralmente esquecidos no massacre. O problema é que hoje ainda há quem vote em Hitler. John Powell escreveu um livro chamado *Holocausto Silencioso*. Estima-se que são realizados até 56 milhões de abortos ao redor do mundo todos os anos. São mais que 5 Holocaustos anualmente. São assassinados a sangue frio milhões de bebês ainda não nascidos. É apocalíptico de tão aterrador e grave. As mentes e os corações andam tão entenebrecidos que este cruel holocausto seja legalizado.

Não há espaço para qualquer contestação ou diálogo. Como relativizar um mal absoluto? Como debater um holocausto silencioso? Como oferecer compaixão a quem mata crianças indefesas, responsabilizando-as pelas transgressões alheias? Não há como, pois quem em sã consciência apoiaria Hitler?

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas primeiras décadas do século XXI, o evangelicalismo brasileiro experimentou uma expansão calvinista. Esse processo silencioso, quase imperceptível aos atores externos à esfera evangélica, mas demarcado por deslocamentos, presença marcante nas redes sociais digitais e adesão ao conservadorismo (moral e político). A esse movimento denominou-se *ressurgência calvinista*.

Em paralelo, tem-se que esse movimento surge dentro de um momento em que os evangélicos se consolidaram como uma força influente na vida pública e na política brasileira. A ocupação de cargos no Executivo e, sobretudo, no Legislativo sedimentam a sua atuação fortemente vinculada a pautas de costumes e a um esforço de moralização social por meio de leis.

Seu projeto político viu-se por vezes ameaçado por decisões do Poder Judiciário, que por seu perfil antimajoritário, não se furta a decidir questões politicamente controversas, nem sempre abraçadas por significativa parte da sociedade, a exemplo do casamento gay, reconhecido pelo STF. Isso desencadeia uma série de críticas ao Judiciário, em especial, ao Supremo Tribunal Federal atacando a idoneidade de seus ministros e ministras, a legitimidade de suas decisões e a lisura de seus processos. Em resposta, além de manifestações histriônicas, como aquelas realizadas pelo pastor assembleiano Silas Malafaia, há a formação de organizações de juristas evangélicos, que ambicionam espaço nos aparelhos estatais, bem como uma vaga na corte maior – alcançada com a nomeação do pastor presbiteriano André Mendonça ao cargo de ministro do STF.

No campo político, experimenta-se uma onda conservadora, marcada por uma série de protestos e pelo advento de novos grupos e forças políticas de direita e extrema-direita. Esses movimentos sustentam pautas abstratas como a da luta pela corrupção. Correspondem a uma reação da classe média frustrada ante a ascensão dos pobres, impulsionada pela adoção de políticas públicas de integração e acesso a direitos, bem como pela conquista de direitos de grupos vulneráveis, como mulheres e a população LGBTQIA+, notadamente impulsionada pela articulação e organização desses grupos, o interesse das mídias por suas demandas e o reconhecimento de direitos via Poder Judiciário.

Toda essa gama de movimentações políticas, de avanços em pautas identitárias, da difusão de novas perspectivas sobre gênero e sexualidade, de

emancipação socioeconômica das mulheres são percebidas como ameaças ao modo de vida dos evangélicos brasileiro.

Voltei-me aos calvinistas. Esse grupo minoritário entre os evangélicos brasileiros experimenta, como dito, desde a primeira década deste século, um processo de expansão. Muitos desses novos adeptos têm origem em outras denominações, que após descobrir o calvinismo passa a frequentar igrejas tradicionalmente calvinistas e ou partem para fundar novas congregações.

O calvinismo corresponde a um sistema de crenças alicerçado no princípio da soberania divina. Isso significa que a salvação não possui participação humana, mas é um ato exclusivamente divino estabelecido antes mesmo da criação do mundo. Assim, aqueles que serão salvos e habitarão a eternidade na presença de Deus, bem como os que foram condenados a habitarem a eternidade fora de sua presença estão determinados por um decreto divino anterior ao da criação. Todos estão predestinados à vida ou à morte eternas. Diante disso, o propósito da humanidade é a glória de Deus, vez que nada na criação existe ou virá a existir a não ser para sua própria glória. Resta aos homens glorificar a Deus (KUYPER, 2003; BIEMA, 2009).

Por sua vez, ressurgência calvinista corresponde ao movimento de expansão experimentado pelo calvinismo em diversos países. Apesar de não haver consenso quanto ao nome, é certo que essas primeiras décadas do século XXI tem testemunhado o avanço do calvinismo na esfera religiosa, mais precisamente, a do evangelicalismo. Esse fenômeno se caracteriza pela adesão – ou conversão – ao calvinismo de jovens vindo de outras denominações – como no caso brasileiro, do pentecostalismo e neopentecostalismo –, pelo amplo uso das mídias digitais e por ser conservador (HANSEN, 2009; VERMORLEN, 2020; PEIXOTO, 2021).

Para tanto, lancei mão dos aportes teóricos e metodológicos fornecidos pela Sociologia Cultural, vez que tal abordagem permite transpor aspectos meramente ideológicos dos campos político e religioso, que explicam apenas parcialmente o fenômeno, para adentrar em dinâmicas culturais e de significação que conduzem a ação social dos referidos atores, além de fornece conceitos e ferramentas metodológicas que melhor se apropriam e permitem a defesa da tese aqui esboçada de que não se trata de um fenômeno político, não no sentido comum, mas do âmbito do sagrado.

No âmbito teórico, a sociologia cultural resulta de um projeto de reflexão que visa resolver de forma inovadora o embate entre posições centradas na ação ou na

ordem social, por um lado, e nas abordagens micro ou macrosociais, por outro (BOTELLO, 2020). Para tanto, considera a cultura como relativamente autônoma em relação às demais esferas da vida social, tais como a economia, política e estrutura social, tendo, ainda, efeitos sobre estas. Nesse sentido, opõe-se à sociologia da cultura, e seu programa fraco, que a sujeita invariavelmente às estruturas sociais, isto é, totalmente dependente delas, um produto da atuação de forças econômicas, políticas, ideológicas sobre a realidade. Em sentido contrário, compreende cultura como o sistema de representação coletiva que serve como base das ações sociais, o que permite ao pesquisador explorar como a cultura enquanto estrutura de significado é estruturada e intervém na formação da ação social (ALEXANDER, 2004). Desse modo, a cultura fornece a base de compreensão do ator, “que possui agência e atua dentro de constrangimentos culturais bem como extraculturais” (SHIMIZU, 2015, p. 9). Portanto, um entrelaçamento de significados “que só podem ser buscados na ação social, esta última entendida como todo comportamento dotado de significado intersubjetivo, e no contexto em que ela ocorre” (TALAMONI, 2014, p. 55), implicando, por conseguinte, em sua compreensão. Portanto, concebe a cultura como assentamentos estruturados de significados que conformam um horizonte emotivo e significativo, no qual emerge a ação, que, independentemente de seu caráter instrumental, reflexivo ou coercitivo, em relação aos ambientes externos, materializa-se nesse tipo de horizonte (ALEXANDER, 2003). Essa nova abordagem sobre as ações sociais pressupõe a existência de um elemento simbólico, cultural ou moral, que atribui a dimensão de cada ação, de cada organização, seja econômica ou religiosa, se fazendo necessária uma abordagem analítica da cultura, pois nada existe sem significado, este, por sua vez, compreendido como uma dimensão da vida social, e, portanto, passível de análise sociológica, vez que nada existe sem significado (ALEXANDER, 2004; 2019b). Nesse sentido, difere da sociologia da cultura, cujo estudo se concentra em certas variáveis da vida social que podem explicar a cultura, ou seja, os significados resultam da estrutura e da superestrutura e são por elas determinados. A proposta da sociologia cultural vem em sentido oposto, pois não compreende a cultura como algo a ser explicado, mas como chave hermenêutica para explicar as ações sociais. E é sob essa perspectiva analítica da cultura que descansa o programa forte da sociologia cultural.

A partir da prática de uma hermenêutica estrutural, o programa forte da sociologia cultural buscou, desde os primórdios, identificar o impacto sistemático que

certas estruturas culturais têm exercido ao longo do tempo e através de contextos diferentes. Por sua vez, seu conceito de cultura cristaliza-se na noção de *esfera civil* (HESS, 2009; TOGNATO; BOTELLO, 2019). A esfera civil pode ser compreendida como um espaço que se rege pela lógica do sentimento de pertencimento e solidariedade, um campo intermediário de subjetividade e moralidade distinto do mercado e do poder, que resulta numa esfera de narrativas e símbolos postos em movimento na interação, relacionamentos e instituições em momentos e épocas específicas (ALEXANDER, 2006). Ora, são os relatos e formas de explicarmos o mundo que expressam como nos damos conta da produção do social, e, nesse sentido, o grau de pertencimento e solidariedade é dado pelos códigos culturais profundos que se expressam nas instituições comunicativas e reguladoras da esfera civil. É nelas que se expressa a solidariedade na qual os direitos coletivos e as obrigações conformam-se a própria normatividade e lógica moral da esfera civil.

A esfera civil é analiticamente independente, empiricamente diferenciada e moralmente mais universal que o Estado e o mercado, constituindo-se no “espaço onde se pode apreciar as ‘estruturas de sentimento’, ‘os hábitos do coração’ e os mundos de sentido moral que dão conta da vida social em seu conjunto” (TOGNATO; BOTELLO, 2019, p. 9). Portanto, a própria esfera civil fornece a sua estrutura de análise e interpretação, pois possui um código semiótico específico, e tem um distinto conjunto de narrativas, centradas na possibilidade romântica de um futuro mais justo, sem perder de vista o horizonte pretérito e trágico de injustiça e exclusão. Por conseguinte, são os próprios grupos que estabelecem seus conflitos e acordos mediante as normas e códigos culturais, bem como as estruturas normativas de interpretação provenientes dos meios de comunicação disponíveis entre eles.

Por ser simbólica, a ação se move entre as tensões da organização binária própria da classificação simbólica da esfera. A “a esfera civil opera dentro do meio cultural que define um espaço moral no qual se cristalizam os valores sobre o bem e o mal, o puro e o impuro, o que mercê ser incluído e excluído, quem é amigo ou inimigo” (TOGNATO; BOTELLO, 2019, p. 11). Alexander (2006) destaca que as narrativas binárias se constroem em três esferas que classificam a ação: a) a *esfera dos motivos*, aqui se identifica se as inspirações por trás dos atores derivam de um processo livre e autônomo ou resultam de forças que os controlam e manipulam; b) a *esfera das relações*, onde se classifica os tipos de vínculos construídos pelos atores, identificando em que medida são abertas, críticas e francas, ou fechadas,

discricionárias e estratégicas, e; c) a *esfera das instituições*, na qual se classifica o espaço onde os atores estão inseridos – se são regulados por regras e normas, se são includentes e impessoais ou se predomina o uso discricionário do poder, as lógicas de exclusão e as relações pessoais.

A partir da análise dos dados colhidos em campo, constatei que a esfera evangélica, composta de diferentes grupos e com tensões internas que lhes são próprias, comunga de certos códigos, símbolos e narrativas que permitem a diferentes atores, mesmo postos em oposição intra-esfera, se reconheçam e solidarizem para atuar de maneira harmônica no espaço público e político. Pentecostais, neopentecostais, evangélicos históricos e calvinistas, apesar de protagonizarem conflitos e manterem tensões internas, ora se reconhecendo, ora se antagonizando, se unam em prol de objetivos em comum, como em temas postos no debate público como desarmamento, aborto, casamento gay, feminismo, ideologia de gênero, dentre outros. A certa altura do debate político, esses atores acabam convergindo em direção aos movimentos políticos conservadores que culminam no bolsonarismo. Entretanto, não se confundem com ele. Pessoalmente, compreendo o bolsonarismo como um movimento político de conveniência, agregando interesses antagônicos e grupos ideológica e culturalmente distintos com fins de realização de um projeto ambicioso de revanchismo e retrocesso, que tem por alvo atingir aqueles que foram beneficiados com a implementação de políticas públicas de inclusão social e ações afirmativas que possibilitaram a grupos socialmente vulneráveis acesso à educação, reconhecimento de direitos e afirmação identitária. Embora possa ser uma explicação, não considero um retorno do homem ressentido, mas sim uma reação facilmente reunida e abarcada sob a ideia de conservadorismo.

Não penso em ressentimento, porque é anterior a esses movimentos. Está intrínseco ao modo de ser e viver do calvinismo. Desde sua origem, seus proponentes chamavam a atenção por seu espírito beligerante, combativo, classificando como falso tudo aquilo que não se alinha ou se adequa a seu modo de pensar e crer. Além disso, alargou o seu alcance para outras esferas da sociabilidade humana, como a arte, a política, a música, a economia etc.

Uma novidade veio dar na praia, percebi uma mudança no modo como passam a significar a identidade cristã, invocando elementos exógenos aqueles descritos como pertencentes ao sagrado. Gradativamente, foi se incorporando elementos políticos ao repertório e gramática do calvinismo brasileiro. Não saberia precisar em



que momento se deu, tampouco teria como mensurar esse fenômeno, mas o reconheci, ainda que difusamente, a partir de minha experiência com o campo desde maio de 2004. Pude reconhecer o modo como a relação com o político deixou de ser paralela, isto é, de duas forças distintas seguindo fluxos distintos, para se imbricarem e assumirem uma forma sagrada.

Na esfera evangélica calvinista começa a se perceber a formação de grupos distintos: a) uma comunidade sagrada, composta de cristãos verdadeiros, e; b) uma comunidade profana, composta de falsos cristãos. Note que ambas são cristãs, porém a primeira forja-se por um vínculo simbólico, criado entre seus membros e que reforça laços de solidariedade mais fortes que aqueles gerados pelo vínculo formal. Não se trata de constar no rol de membros de uma igreja, tampouco cumprir os rituais necessários a sua conversão. É esse vínculo simbólico que permite classificar os cristãos em verdadeiros e falsos.

Um verdadeiro cristão é de direita e conservador. A compreensão do que é ser de direita se confunde com a de ser conservador, e estas se confundem com ser cristão. Esses aspectos são todos balizados pela Bíblia, que fornece as normas que devem ser seguidas. Assim, chega-se rapidamente a conclusão de que a posição política é uma condição de salvação, determinada pelo próprio Deus antes da fundação do mundo. Os valores do Reino de Deus são os valores da direita e do conservadorismo. Experiências totalitárias como o fascismo italiano e o nazismo alemão, que contaram com amplo apoio das instituições religiosas e que continham propostas moralizantes conservadoras, combatendo a ameaça comunista, defendendo a família, a moral e os bons costumes, atacando as ideologias impostas pelo sistema educacional com a perseguição a professores e intelectuais, proibição e patologização de comportamentos homoafetivos e a afirmação do papel de esposa, mãe e dona de casa da mulher, são postas na conta da esquerda e do progressivismo.

A esquerda é do diabo. O progressivismo é do diabo. Os falsos cristãos são do diabo. Não se trata, pois, de uma questão política, mas religiosa. Não se trata de algo do âmbito do político, do secular, mas do sagrado. O modo como o cristão se posiciona politicamente, as bandeiras que defende publicamente, definem o seu caráter e o colocam do lado do mal, daqueles que precisam e devem ser evitados e combatidos.

O governo, em particular, o de direita com ambições teonômicas, é a única forma de democracia existente, e as instituições que ameacem a hegemonia da

maioria, como se dá com o Poder Judiciário, é atacado como ilegítimo, antidemocrático, imoral, criminoso. Só há justiça se for conforme os seus anseios de justiça. No contexto político brasileiro, deu-se a demonização do PT e do presidente Lula, e a messianização de Jair Messias Bolsonaro, eleito por Deus, escolhido para proteger a igreja, a família e os valores cristãos contra a ameaça comunista da esquerda. Esquerda e comunismo não são sinônimos, e o comunismo está engajado em destruir a família, disseminar a ideologia de gênero nas escolas e universidades, produzir aborto em massa, sexualizar crianças para atender aos prazeres de gays (que também são pedófilos).

As manifestações divergentes são repreendidas moralmente e, por vezes, institucionalmente, mesmo que nenhuma regra estatutária tenha sido violada. Instaura-se uma divisão moral, permeada por um *nós* e *eles*, um verdadeiro e um falso, os bons e os maus.

A sacralização do político que, a priori, pensei ser um fenômeno intra-esfera, prova-se como um *modus operandi* de atuação política entre os calvinistas. Molda o conteúdo e difusão de informações em suas redes sociais digitais e mídias diversas, sem que se diferencie campos distintos, é tudo uma só coisa. Não há mais a política de forma paralela ao religioso. Político e sagrado se fundem e se confundem, um amalgama que reforça laços de solidariedade, instaura sentimentos, tensões e instabilidades e cava as trincheiras da uma batalha espiritual, uma conquista da terra prometida, ainda que nesse processo liberdades sejam cerceadas, pessoas sejam excluídas, criminalizadas, silenciadas e, em casos mais extremos, mortas. O que importa é que estejam curvadas diante de Deus, que se dobrem à maioria, porque como disse um pastor calvinista a justificar o extermínio de pessoas em ações policiais nas favelas cariocas: “Deus é totalitário”.

## REFERÊNCIAS

### Sociologia Cultural

- ALEXANDER, J. C. A Cultural Sociology of Evil. *In*: ALEXANDER, J. C. **The meanings of social life: a cultural sociology**. Oxford: Oxford University Press, 2003a.
- ALEXANDER, J. C. A importância dos clássicos. *In*: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs.). **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 23-89.
- ALEXANDER, J. C. A tomada de palco: performances sociais de Mao Tsé-Tung a Martin Luther King, e a *Black Lives Matter* hoje. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 19, n. 44, p. 198-246, jan./abr. 2017a.
- ALEXANDER, J. C. Ciudadano y enemigo como clasificación simbólica: sobre el discurso polarizador de la sociedad civil. *In*: ALEXANDER, J. C. **Sociología cultural: formas de clasificación en las sociedades complejas**. México: FLACSO México, 2017a.
- ALEXANDER, J. C. Civil Societies Between Difference and Solidarity: Rethinking Integration in the Fragmented Public Sphere. **Theoria**, n. 45, v. 92, p. 1-14, 1998.
- ALEXANDER, J. C. Consciência icônica: o sentimento material do significado. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, set./dez. 2017b.
- ALEXANDER, J. C. Cultural Pragmatics: social performance between Ritual and strategy. **Sociological Theory**, v. 22, n. 4, p. 527-573, 2004.
- ALEXANDER, J. C. Entrevista conduzida por Alexandre Werneck, Antônio Brasil Jr., Cristina Buarque e Marcelo de Oliveira. *Revista Estudos Políticos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 2, p. 358–378, dez. 2014.
- ALEXANDER, J. C. Entrevista conduzida por Alexandre Werneck, Antônio Brasil Jr., Cristina Buarque e Marcelo de Oliveira. **Revista Estudos Políticos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 2, p. 358–378, dez. 2014.
- ALEXANDER, J. C. Frontlash/Backlash: The Crisis of Solidarity and the Threat to Civil Institutions. **Contemporary Sociology**, n. 48, v. 1, 10 jan. 2019a.
- ALEXANDER, J. C. O Papel da Teoria Sociológica na Sociologia Contemporânea: Entrevista com Jeffrey Alexander conduzida por Raquel Weiss. **Blog do Sociofilo**, 18 fev. 2019b.
- ALEXANDER, J. C. **The civil sphere**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- ALEXANDER, J. C. **The dark side of modernity**. Cambridge; Malden: Polity, 2013.
- ALEXANDER, J. C. **The drama of social life**. Cambridge: Policy Press, 2017b.
- ALEXANDER, J. C. **The performance of Politics: Obama's Victory and the Democratic Struggle for Power**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.
- ALEXANDER, J. C. Trauma cultural, moralidad y solidaridad: la construcción social del Holocausto y otros asesinatos en masa. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, México, a. LXI, n. 228, p. 191-210, set./dez. 2016.
- ALEXANDER, J. C. **Trauma: a social theory**. Cambridge; Medford: Polity, 2012.

ALEXANDER, J. C. **What Makes a Social Crisis**: the societalization of social problems. Cambridge; Medford: Policy, 2019c.

ALEXANDER, J. C.; SMITH, P. The Strong Program: origins, achievements and prospects. *In*: HALL, J. R.; GRINDSTAFF, L.; LO, M. (Orgs.). **The Handbook of Cultural Sociology**. Nova Iorque: Routledge, p. 13-24, 2010.

BOTELLO, N. A.; TOGNATO, C. Introdução. Sociologia cultural: passos para uma agenda latino-americana. *In*: BOTELLO, N. A.; TOGNATO, C. (Eds.). **Sociedade, cultura y esfera civil**. México: Flacso, 2019. [e-book]

CÔTE, J-F. Jeffrey C. Alexander on the theatricality of social life: deepening the hermeneutics of cultural sociology. **Sociologia & Antropologia**, v.9, n.1, p.55-84, Rio de Janeiro, abr. 2018.

GALLARDO, M. V. R. La lengua de Dios: atribución de validez en torno a la conversión, rezo y lectura del Corán en idiomas distintos al árabe. *In*: BOTELLO, N. A.; TOGNATO, C. (Eds.). **Sociedade, cultura y esfera civil**. México: Flacso, 2019. [e-book]

HESS, A. Review Essay: The Glass Half-Full? An Attempt to Contextualize Jeffrey C. Alexander's The Civil Sphere. **Thesis Eleven**, n. 96, v. 1, p. 135-143, 2009.

LIMA NETO, F. C. Cultura como lógica do social: a proposta da sociologia cultural. **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, GT Teoria Sociológica, UFPE, Recife, 29 mai. 2007.

LIMA NETO, F. Jeffrey Alexander (1947 - ). *In*: TELLES, Sarah Silva; OLIVEIRA, Solange Luçan (Orgs.). **Os sociólogos**: de Auguste Comte a Gilles Lipovetsky. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018.

LIMA NETO, F. **Sociologia e cultura**: a proposta da sociologia cultural. Rio de Janeiro: PPGSA/UFRJ, 2007. [Dissertação de Mestrado]

LYNCH, G. **On the sacred**. Nova York: Routledge, 2014. [e-book]

SHIMIZU, M. **Ser policial militar**: construindo o bem e o mal na atividade diária policial. São Paulo: PPGS/USP, 2015. [Tese de Doutorado]

SMITH, P. **Why War?**: The Cultural Logic of Iraq, the Gulf War, and Suez. Chicago: Chicago University Press, 2005.

VANDENBERGUE, F. From journalism to cultural sociology (and back via parsons): an interview with Jeffrey Alexander. **Sociologia & Antropologia**, v.9, n.1, p.15-42, Rio de Janeiro, abr. 2018.

WEISS, R. Entre o espírito e a letra: a teoria durkheimiana na sociologia cultural de Jeffrey Alexander. **Sociologia & Antropologia**, v.9, n.1, p.85-110, Rio de Janeiro, abr. 2018.

WEISS, R. O Papel da Teoria Sociológica na Sociologia Contemporânea: Entrevista com Jeffrey Alexander. **Sociófilo**, 18 fev. 2019.

### Fontes gerais

ALMEIDA, R. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, n. 50, Campinas, 2017.

- ALMEIDA, R. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos**, v. 38, n. 1, São Paulo, p. 185-213, jan./abr. 2019a.
- ALMEIDA, R. Deus acima de todos. *In*: Vários autores (Org.). **Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019b. [e-book]
- ALONSO, A. A comunidade moral bolsonarista. *In*: Vários autores (Org.). **Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019. [e-book]
- AMES, B.; HUBERTS, A.; MACHADO, F.; RENNO, L. R.; SAMUELS, D.; SMITH, A. E.; ZUCCO, C. Brazilian Electoral Panel Studies: 2014 Results. **Inter-American Development Bank**, fev. 2016. Disponível em: <https://publications.iadb.org/publications/english/document/Brazilian-Electoral-Panel-Study-2014-Results.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2020.
- BALSERAK, J. **Calvinism: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- BARREIRA, M. “Onda conservadora” ou declínio social?. **Blog da Boitempo**, 17 out. 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/10/17/onda-conservadora-ou-declinio-social/>. Acesso em: 07 mai. 2021.
- BASE TEOLÓGICA. O calvinismo na Assembleia de Deus. Disponível em <https://www.baseteologica.com.br/curiosidades/o-calvinismo-na-assembleia-de-deus>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- BERGER, P. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2001, p. 9-23.
- BÍBLIA NVT**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BISPO, R. Na corrente midiática da fé: comunicação de massa e dinâmicas contemporâneas do testemunho evangélico. **Horizontes Antropológicos**, 2018. v. 24, n. 52, p. 249–277.
- BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Senado Federal, 2021.
- BREKKE, T. **Fundamentalism: Prophecy and Protest in an Age of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. [E-book]
- BROWN, A. Chinese Calvinism flourishes. **The Guardian**, 27 mai. 2009. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/andrewbrown/2009/may/27/china-calvin-christianity>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- BUTLER, J. Introdução: Vida precária, vida passível de luto. *In*: BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: 34; EdUSP, 2011.
- CALVINO, J. **Instituições da religião cristã**, t. 1. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- CALVINO, J. **Instituições da religião cristã**, t. 2. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- CAMBI, E. **Neoconstitucionalismo e neoprecessualismo: direitos fundamentais, políticas públicas e protagonismo judiciário**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

CAVALCANTI, M. L. V. C. Drama social: notas sobre um tema de Victor Turner. **Cadernos de campo**, n. 16, p. 127-137, São Paulo, 2007.

COUTINHO, J. P. **As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

CUNHA, L. H. A retórica conservadora no Brasil contemporâneo e a produção de identidades políticas. **Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Porto Alegre, jul. 2015. Disponível em: <http://automacaodeeventos.com.br/sociologia2015/sis/inscricao/resumos/0001/R1364-1.PDF>. Acesso em: 01 ago. 2015.

CUNHA, M. N. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Maud X: Instituto Mysterium, 2007.

DE CERTEAU, M. **The Practice of Everyday Life**. Berkeley: University of California Press, 1984. [e-book]

DINIZ, M. H. **O estado atual do Biodireito**. São Paulo: Saraiva, 2012.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

EVANGELISTA, A. C.; REIS, L. Neoconservadorismo, família, moral e religião nos primeiros anos do governo Bolsonaro. **Heirinch Böll Stiftung**, Rio de Janeiro, 10 abr. 2021.

FREIXO, A.; PINHEIRO-MACHADO, R. Dias de um futuro (quase) esquecido: um país em transe, a democracia em colapso. In: FREIXO, A.; PINHEIRO-MACHADO, R. (Orgs.). **Brasil em transe**: Bolsonarismo, Nova Direita e Desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

FRESTON, P. As duas transições futuras: católicos, protestantes e sociedade na América Latina. **Ciencias Sociales Y Religión/Ciências Sociais E Religião**, v. 12, n. 12, p. 13–30, Campinas, 2010.

FRESTON, P. **Religião e política, sim; Igreja e Estado, não**. Viçosa: Ultimato, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2017. [e-book]

GEERTZ, C. Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social. In: GEERTZ, C. **O saber local**: novos ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2014.

HARRÉ, R. Material Objects in Social Worlds. **Theory, Culture & Society**, v. 19, p. 23-33. London; Thousand Oaks; New Delhi, 2002.

HOCHSCHILD, A. R. **Strangers in Their Own Land**: Anger and Mourning on the American Right. Nova York: The New Press, 2016. [e-book]

HUNTINGTON, S. P. Conservatism as na ideology. **The American Political Science Review**, v. 51, n. 2, jun. 1957, p. 454-473.

JOAS, H. A secularização conduz à decadência moral?. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 17, n. 39, mai/ago 2015, p. 224-246.

KIRK, R. **Breve manual de conservadorismo**. São Paulo: Trinitas, 2021. [e-book]

KIRK, R. **Edmund Burke**: redescubriendo a un genio. Madrid: Ciudadela Libros, 2007. [e-book]

KONCHINSKI, V. Associação de evangélicos tem força-tarefa para evitar proibição de cultos. **UOL**, 07 abr. 2021.

KUYPER, A. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LEE, M, J. The conservative canon and its uses. **Rhetoric & Public Affairs**, v. 15, n. 1, 2012, p. 1-40.

LOPES, A. N. **O que estão fazendo com a igreja**: Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

LOPES, M. Na corda bamba: notas introdutórias sobre a adesão ao calvinismo nas Assembleias de Deus no Brasil. **Revista de Cultura Teológica**, a. XXVII, n. 94, São Paulo, jul./dez. 2019.

MACHADO, M. D. C. Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 7, p. 25-54, Brasília, jan./abr. 2012.

McCARTHY, D. What would Burke do?: the neglected tradition of high church conservatism. **The American Conservative**, May, 4, 2009. Disponível em: <http://www.theamericanconservative.com/articles/what-would-burke-do/>. Acesso em: 10 jul. 2015.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 101-128, Campinas, jan./jun. 2007.

MONTES, M. L. **As figuras do sagrado**: entre o público e o privado na religiosidade brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MÜLLER, J. W. Comprehending conservatism: A new framework for analysis. **Journal of Political Ideologies**, v. 11, n. 3, oct. 2006, p. 359-365.

NICOLAU, J. **O Brasil virou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NORTH, G. **Was Calvin a Theonomist?**. Tyler: Institute for Christian Economics, 1990.

OAKESHOTT, M. Ser conservador. In: OAKESHOTT, Michael. **Conservadorismo**. Trad. André Bezamat. Belo Horizonte: Âyiné, 2016.

OLIVEIRA NETO, J. M.; GUERRA SOBRINHO, L. D. Movimento gospel, estratégias de proselitismo e as dinâmicas identitárias da juventude evangélica em Campina Grande. **Revista Eletrônica Inter-Legere**, n. 13, jul./dez. 2013.

PEIXOTO, P. A. S. **A Igreja de Genebra no Brasil**: a expansão do calvinismo no campo evangélico contemporâneo. São Cristovão: Programa de Pós-graduação em História, 2021. [Dissertação de Mestrado]

PENNER, M. A. The Rise of New Calvinism Among Canadian Mennonite Brethren. **Direction**, v. 42, n. 2, p. 148-165, set./dez. 2013.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Curso de Pós-Graduação em Sociologia da USP: Ed. 34, 1999.

PIERUCCI, A. F. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 43-73, jun. 1998.

PIPER, J. Satan's Ten Strategies Against You. **Desiring God**, 04 out. 2016. Disponível em: <https://www.desiringgod.org/articles/satans-ten-strategies-against-you>. Acesso em: 20 set. 2020.

PRANDI, R.; CARNEIRO, J. L. Em nome do Pai: justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do impeachment de Dilma Rousseff. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 96, p. 1-22, São Paulo, 2018.

PRANDI, R.; SANTOS, R. W. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo Social**, v. 29, n 2, p. 187-213, 2017.

QUADROS, M. P. R.; MADEIRA, R. M. Fim da direita envergonhada?: atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **Opinião Pública**, v. 24, n. 3, p. 486-522, Campinas, set./dez. 2018.

RABINOVIC, E. P.; COSTA, L. A. F. A “palavra divina” como logos separador. **Psicologia em estudo**, v. 5, n. 2, p. 333-341, Maringá, abr./jun. 2010.

RABINOVICH, E. P.; FIALHO COSTA, L. A. A “palavra divina” como logos separador. **Psicologia em Estudo**, 2010. v. 15, n. 2, p. 333–341.

ROBIN, C. **The reactionary mind**: conservatism from Edmund Burke to Sarah Palin. New York: Oxford University Press, 2011. [e-book]

RODRIGUES-SILVEIRA, R.; CERVI, E. U. Evangélicos e voto legislativo: Diversidade confessional e voto em deputados da bancada evangélica no Brasil. **Latin American Research Review**, v. 54, n. 3, p. 560–573, 2019.

ROMEIRO, P. **Decepcionados com a graça**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ROSAS, N. “Dominação” evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono. **Contemporânea**: Revista de Sociologia da UFSCar, v. 5, n. 1, São Carlos, jan./jun. 2015.

ROSAS, N. Religião, mídia e produção fonográfica: o Diante do Trono e as disputas com a Igreja Universal. **Religião e Sociedade**, v. 33, n. 1, p. 167-194, Rio de Janeiro, 2013.

SCHECHNER, R. **Between Theater and Anthropology**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1985.

SCRUTON, R. **How to be a conservative**. London: Bloomsbury Continuum, 2014. [e-book]

SCRUTON, R. **O que é conservadorismo**. São Paulo: É Realizações, 2015.

SMITH, A. E. **Religion and Brazilian Democracy**: Mobilizing the People of God. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

SPROUL JR., R. C. O que é reconstrucionismo? O que é teonomia?. **Monergismo**, 16 mai. 2010.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2018. [e-book]



TADVALD, M. A reinvenção do conservadorismo: os evangélicos e as eleições federais de 2014. **Debates do NER**, a. 16, v. 27, p. 259-288, Porto Alegre, jan./jun. 2015.

TALAMONI, A. C. B. O programa da descrição densa. *In*: TALAMONI, A. C. B. **Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia**. São Paulo: UNESP, 2014, p. 53-66. [e-book]

TURNER, V. **Do ritual ao teatro**: a seriedade humana de brincar. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

TURNER, V. Metáforas da antiestrutura na cultura religiosa. *In*: TURNER, V. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF, 2017.

VERMURLEN, B. **Reformed Resurgence**: The New Calvinist Movement and the Battle over American Evangelicalism. Nova York: Oxford University Press, 2020. [e-book]

WELMMAN JR., J. K.; CORCORAN, K. E.; STOCKLY, K. J. **High on God**: how megachurches won the heart of America. Nova York: Oxford University Press, 2020. [e-book]

WHITEHEAD, A. L.; PERRY, S. L. **Taking America back for God**: Christian nationalism in the United States. Nova York: Oxford University Press, 2020. [e-book]

ZACCONE, O. **Indignos de vida**: A Forma Jurídica da Política de Extermínio de Inimigos na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2015. [e-book]

### Artigos publicados em *blogs*, portais e jornais

ALESSI, G. A ascensão do 'narcopentecostalismo' no Rio de Janeiro. **El País Brasil**, São Paulo, 26 mar. 2021a.

ALESSI, G. André Mendonça, o nome "terrivelmente evangélico" para o STF de Bolsonaro. **El País Brasil**, São Paulo, 12 jul. 2021b.

BALOUSSIER, A. V. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. **Folha de São Paulo**, 13 fev. 2020a.

BALOUSSIER, A. V. Influência de advogados evangélicos cresce sob Bolsonaro por pauta de costumes e vaga no STF. **Folha de São Paulo**, 31 dez. 2020b.

BIEMA, D. V. 10 Ideas Changing the World Right Now: The New Calvinism. **Time Magazine**, 12 mar. 2009. Disponível em:

[http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1884779\\_1884782\\_1884760,00.html](http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1884779_1884782_1884760,00.html). Acesso: 30 dez. 2021.

CORREIO BRAZILIENSE. Evangélicos enfrentam dificuldades na ONU por proximidade ao governo Bolsonaro. **Correio Braziliense**, 28 mai. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/05/4927483-evangelicos-enfrentam-dificuldades-na-onu-por-proximidade-ao-governo-bolsonaro.html>. Acesso em: 28 mai. 2021.

DINIZ, J. Os pentecostais estão descobrindo o calvinismo (parte 2). **Ultimato**, 30 jan. 2016. Disponível em: <https://abre.ai/pentecostaiscalvinismo2>. Acesso em: 20 jan. 2022.

DINIZ, J. Os pentecostais estão descobrindo o calvinismo. **Ultimato**, 16 abr. 2015. Disponível em: <https://abre.ai/pentecostaiscalvinismo>. Acesso em: 20 jan. 2022.

DINIZ, J. Reformados ou Deformados: Deus nos livre da arrogância calvinista. **Ultimato**, 28 set. 2018. Disponível em: <https://abre.ai/arroganciocalvinista>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FERREIRA, F. Eleições 2018: Carta Aberta à Igreja Brasileira. **Coalizão pelo Evangelho**, 24 out. 2018. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/eleicoes-2018-carta-aberta-igreja-brasileira/>. Acesso em: 24 out. 2018.

FOLHA DE S. PAULO. Influência de advogados evangélicos cresce sob Bolsonaro por pauta de costumes e vaga no STF. **Folha de S. Paulo**, 31 dez. 2020. Disponível em: <https://outline.com/rDB4Wp>. Acesso: 10 fev. 2021.

Haidar, R. Supremo Tribunal Federal reconhece união estável homoafetiva. **Conjur**, 5 mai. 2011. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2011-mai-05/supremo-tribunal-federal-reconhece-uniao-estavel-homoafetiva>. Acesso em: 20 fev. 2021.

IGREJA MANGUE. **O mangue e os resuminhos**. Disponível em: <https://medium.com/@igrejamangue/o-mangue-e-os-resuminhos-8b5296b78973>. Acesso em: 14 fev. 2020.

IGREJA PREBITERIANA DO BRASIL. **BRASIL PRESBITERIANO**. Edição Especial: Resoluções do Supremo Concílio. São Paulo, ago. 2010.

IGREJA PREBITERIANA DO BRASIL. **JULGAI TODAS AS COISAS**: uma Avaliação das Principais Crenças e Práticas da Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: [http://www.executivaipb.com.br/site/decisoes\\_importantes/IURD-2007.pdf](http://www.executivaipb.com.br/site/decisoes_importantes/IURD-2007.pdf). Acesso em 20 set. 2020.

IGREJA PREBITERIANA DO BRASIL. **Manual Presbiteriano**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

IGREJA PREBITERIANA DO BRASIL. Secretaria Executiva. Relatório da Subcomissão: Subcomissão IX, Consultas e Outros Papéis II. **CE/SC – 2012**, Doc. 043, Barueri, 26-31 mar. 2012. Disponível em: [http://www.executivaipb.com.br/Atas\\_CE\\_SC/CE/CE%202012/doc9\\_043.pdf](http://www.executivaipb.com.br/Atas_CE_SC/CE/CE%202012/doc9_043.pdf). Acesso em: 20 set. 2020.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. CE-SC/IPB 2012, Doc. CLXII. **Supremo Concílio**, Natal, 19 a 26 jul. 2014.

LOPES, A. N. Conselhos a Um Jovem Pastor Sobre o Grupo de Louvor de Sua Igreja. **O tempora, o mores**, 10 jul. 2006. Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com/2006/07/conselhos-um-jovem-pastor-sobre-o.html>. Acesso em: 20 set. 2021.

LOPES, A. N. Entrevista a Anna Virginia Baloussier. **Folha de S. Paulo**, 06 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/templo-aberto-e-direito-constitucional-mas-tem-igreja-que-so-liga-para-dizimo-diz-pastor.shtml>. Acesso em: 06 abr. 2021.

MAZZA, L. No reino do poder: o lobby discreto – e cada vez mais eficaz – dos juristas evangélicos. **Piauí**, ed. 169, out. 2020.

MELLO, W. As 5 Regras Básicas de Interpretação Bíblica: a terceira é essencial. **Seja pregador**, s. d. Disponível em: <https://sejapregador.com/5-regras-de-interpretacao-que-o-pregador-deve-saber/>. Acesso em: 30 out. 2021.

MELO, I. Cristão de esquerda. **Hoje em dia**, 15 out. 2021. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/irlan-melo-1.540331/crist%C3%A3os-de-esquerda-1.858585>. Acesso em: 06 dez. 2021.

NEVES, R. Aborto e ensino de gênero estarão na mira dos evangélicos no STF em 2022. **Uol**, Brasília, 05jan. 2022. Disponível em: <https://abre.ai/evangelicos-stf-2022>. Acesso em: 02 mar. 2022.

OPPENHEIMER, M. Evangelicals Find Themselves in the Midst of a Calvinist Revival. **The New York Times**, 03 jan. 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/01/04/us/a-calvinist-revival-for-evangelicals.html>. Acesso em: 17 mar. 2017.

PACHECO, R. Anajure, evangélicos e voto impresso: o que resta a Bolsonaro. **Uol**, 03 jul. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/ronilso-pacheco/2021/07/03/anajure-evangelicos-e-voto-impresso-o-que-resta-a-bolsonaro.htm>. Acesso em: 03 jul. 2021.

PACHECO, R. Quem são os evangélicos calvinistas que avançam silenciosamente no governo Bolsonaro. **The Intercept Brasil**, 04 fev. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/02/04/evangelicos-calvinistas-bolsonaro/>. Acesso em: 03 jul. 2021.

PASSARINHO, N.; COSTA, F. Milhares protestam em Brasília contra aborto e casamento gay. **Portal G1**, 05 jun. 2013.

PENNAFORT, R. 'A polícia vai mirar na cabecinha e... fogo', diz novo governador do Rio. **Estadão**, 01 nov. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo-diz-novo-governador-do-rio,70002578109>. Acesso em: 30 out. 2021.

SINGER, A. Novas expressões do conservadorismo brasileiro. Entrevista conduzida por Luis Brasilino. **Le Monde Diplomatique Brasil**, v. 6, 02 out. 2012.

SOUZA, J. Aras insinua que Bolsonaro pode decretar estado de defesa em plena pandemia. **UOL**, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/josias-de-souza/2021/01/20/aras-insinua-que-bolsonaro-pode-decretar-estado-de-defesa-em-plena-pandemia.htm>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ZIBORDI, C. S. Pentecostais rumo à igreja reformada?. **CPAD News**, 19 dez. 2019. Disponível em: <https://abre.ai/zibordi>. Acesso em: 20 jan. 2022.

## Vídeos

FERREIRA, F. É possível ser cristão e ser de esquerda? com Franklin Ferreira. **Burke Instituto Conservador**, 24 abr. 2018 Disponível em: <https://youtu.be/ouBp-BKJrNs>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MADUREIRA, J. O marxismo cultural é uma visão apenas econômica e política?. **Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia**, 23 jul. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/btBG3mbWtXw>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MALAFAIA, S. **Pr Silas Malafaia comenta: Alerta importantíssimo ao povo pentecostal!**. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=m\\_hsFljmf2s&t=56s](https://www.youtube.com/watch?v=m_hsFljmf2s&t=56s). acesso em: 23 fev. 2022.

MARTINS, Y. Entenda o que é marxismo cultural. **Dois dedos de teologia**, 14 ago. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/nrCiTRznn3Q>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MARTIS, Y. NÃO VOTEM NO HITLER. Disponível em:

<https://youtu.be/jluL5ET5Y5w>. Acesso em: 03 mar. 2022.

MCALISTER, W. É possível ser cristão e marxista?. **Catedral da Igreja Cristã Nova Vida**, 09 mai. 2014. Disponível em: <https://youtu.be/LjYatPD7Rvc>. Acesso em: 20 ago. 2017.

MENDONÇA, A. ADPF 811 (Abertura Templos Religiosos) - Ministro André Mendonça. **Advocacia Geral da União (AGU)**. Disponível em:

[https://youtu.be/UrB\\_3jh7pX4](https://youtu.be/UrB_3jh7pX4). Acesso em: 07 abr. 2021.

NODA, J. Esquerda ou direita?: cosmovisão cristã: sociedade. **Consciência Cristã**, 05 set. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/H44gE3gcgRs>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SMITH, A. E. Religion and Democracy: How Partisanship and Religious Affiliation Impact Democratic Participation. **Woodrow Wilson Center**, 25 fev. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/KiVgT6xtsOQ>. Acesso em: 10 jul. 2020.

VALADÃO, A. P. **Clamor pelo Brasil**. Disponível em: [https://youtu.be/D2\\_ctc5SxaA](https://youtu.be/D2_ctc5SxaA). Acesso em: 20 set. 2021.